LUIZ EDUARDO V. BERNI
organizador

SABERES TRADICIONAIS & TEORIAS INTEGRATIVAS
Coaching Transpessoal



Série Pesquisa Transpessoal

Saberes Tradicionais & Teorias Integrativas

COACHING TRANSPESSOAL

© Copyright Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (SP) – **2019**

Direitos reservados
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Foto de Capa: levb
Projeto gráfico: Luiz Eduardo V. Berni
Suporte Técnico: Juliana Marques
Apoio logístico: Avelino e Celi Claro
Fotos: Juliana Marques, Marco Antônio Ferreira e Cameni Silveira, alunos e professores
Revisão: Paulo Paranhos

Coaching Transpessoal: Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas
BERNI, Luiz Eduardo Valiengo (org.);

São Paulo: Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar – APTD, 2019.
368 f.: Il. (Série Pesquisa Transpessoal – vol. 1)
Contém bibliografia.

ISBN: 978-65-80507-00-9

1. Coaching. 2 Psicologia Transpessoal. 3. Saberes Tradicionais. 4. Teorias Integrativas. 5. Transdisciplinaridade I., – Título.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-65-80507-00-9
9 786580 507009
CDU

Luiz Eduardo V. Berni
Organizador

Autores

Adelia Schlumpf
Adriana Nasciutti Abdala
Ana Maria de Queiroz
Celine Daniele Claro
José Carlos Carneiro Ribeiro
Kátia Elisabete Freitas de Lima
Luiz Eduardo V. Berni
Nelson Rodrigues de Carvalho
Paulo César Grandi
Ricardo Barbosa

Saberes Tradicionais & Teorias Integrativas

COACHING TRANSPESSOAL

Curso de Especialização Lato Sensu

Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal (2017/2019)

Parceiro veiculador de conteúdo:
Universidade Rose-Croix Internacional (URCI)

Parceiro credenciador:
Faculdade Vicentina (FAVI)

Produção de Conteúdo e Gestão Pedagógica-Educacional:



https://www.cursocoachingtranspessoal.com.br

RESPEITO AO ESPAÇO SAGRADO

Grande Mistério, ensina-me a honrar

As leis do Espaço Sagrado,

Os costumes e Tradições

De todos os credos e raças.

Grande Mistério, ensina-me a desenvolver

Os talentos que possuo

E a me comportar com respeito

Na casa dos outros

Grande Mistério, ensina a criança que há em mim

A aceitar com graça

A parte do Mistério Sagrado

Encontrada em todos os espaços

J. Sams

(Sabedoria da Nação Seneca)



COMITÊ EDITORIAL

Prof. Ms. Alfredo dos Santos Junior (FIA/URCI) Mestre em Filosofia pela Faculdade de São Bento de São Paulo, com ênfase em Ética. Consultor independente, atuando nas áreas de consultoria em gestão, desenvolvimento de pessoal, processo de construção de estratégias para empresas e organizações da sociedade civil (Terceiro Setor). Professor convidado da Faculdade FIA de Administração de Negócios, nos cursos de Coaching e Gestão de Carreira (MBA) e Sustentabilidade e Responsabilidade Social (Mestrado Profissional). Coordenador do Programa de Treinamento em Consultoria Social, do Alumni – FIA e do Instituto GESC, do qual é Diretor Executivo. Pesquisador e Conselheiro da URCI

Prof. Dr. Carlos Alberto Ferrari (UNICAMP/URCI) Graduado em Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; mestrado em Física pela Universidade de São Paulo e doutorado em Física pela Universidade Estadual de Campinas. Docente sênior da UNICAMP e Conselheiro URCI.

Prof. Dr. Fábio Mendia (NEO-PUCSP/URCI) Pós-graduação em Administração de Empresas e mestrado em Marketing pela Escola de Administração de Empresas de SP FGV; Doutor em Ciências da Religião pela PUC SP, tendo participado do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior patrocinado pela CAPES na Universidade Católica Portuguesa em Braga. Foi professor de Marketing no Curso de Administração de Empresas da FAAP, em São Paulo e na Pós-Graduação da ESPM, em São Paulo. Tem experiência na área de Administração, Direção e Consultoria Empresarial, com ênfase em Administração Geral e Estratégias Empresariais. Atualmente é Pesquisador e Conselheiro da URCI; participa do Grupo de Estudos sobre Novas Espiritualidades NEO, da PUC SP.

Prof. Ms. Gustavo Boog (Sistema Boog de Consultoria/USP)
Fundador da Boog & Associados; consultor e terapeuta organizacional, especialista na dimensão humana nas organizações: gestão de pessoas e equipes, competência e inovação empresarial, recursos humanos e counseling individual. Engenheiro de Produção pela Escola Politécnica da USP e Mestre em Administração de Empresas, em Teoria e Comportamento Organizacional, na EAESP/FGV. É Professor no MBA de RH da FEA/ USP. Foi também professor em Cursos de Especialização na EAESP/FGV, na Mauá, na Fundação Vanzolini, no ISAD da PUC – Paraná, entre outras. Foi também "Counterpart" de Comportamento Organizacional da Universidade de Western Ontario, do Canadá. Foi Conselheiro da APARH, Diretor da ABRH e ABTD, membro do CRI – Comitê de Relações Industriais e do Institute of Noetic Sciences. Autor e coordenador de diversos livros e séries.

Prof. Dr. Jeverson Reichow (INTERPSI-USP/UNESC) Psicólogo graduado pela Universidade Católica de Pelotas (1993) e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Doutorado em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Membro do InterPsi – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais do Instituto de Psicologia da USP. Coordena o GRUPPA – Grupo de Pesquisa em Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais da UNESC.

Prof. Dr. José Eliezer Mikosz (UNESPAR/URCI) Artista transmídia, pesquisador em arte visionária e cultura psicodélica, professor Adjunto da UNESPAR. Editor da Revista Internacional Interdisciplinar Art&Sensorium da mesma instituição. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UFSC). Membro do CIEBA (Centro de Investigações em Belas Artes da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa). Faz parte da equipe de organização do Research Centre for the Study of Psycointegrator Plants, Visionary Art and Consciousness (WASIWASKA). É associado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).. Conselheiro da URCI

Prof. Dr. José Jorge de Morais Zacharias (AJB) psicólogo, doutor em Psicologia Social e mestre em Psicologia da Escolar, ambos pelo Inst. Psic. USP. Especialização em Psicoterapia Junguiana pela Fac. de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, e é membro analista da Associação Junguiana do Brasil e International *Association for Analytical Psychology*- IAAP. Foi docente convidado na PUCMG e titular na UNICID e USJT, onde desenvolveu docência, supervisão de estágio, atendimento clínico, e orientação de mestrado. É autor do Teste de Avaliação Tipológica QUATI e DTO (Ed. Vetor). Atua em docência, clínica, supervisão de base analítica e consultoria.

Prof. Ms. Manoel Simão (ALUBRAT/UNIPAZ) Possui graduação em psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo; mestrado em Neurociências e Comportamento – IP/NEC pela Universidade de São Paulo. Colaborador do PROSER (HCFMUSP) e professor curso de AT Acompanhamento Terapêutico – AMBAN do Instituto de Psiquiatria (HCFMUSP). Psicólogo, educador, pós-graduações: Psicologia Transpessoal (ALUBRAT/ICPG); Transdisciplinaridade e educação para a paz (UNIPAZ/CESBLU); Psicologia da Saúde (UNIMARCO). Especialização em terapia comportamental-cognitiva; Terapia Regressiva Vivencial Peres; EMDR; Hipnose Ericksoniana; Membro da diretoria da UNIPAZ – SP e ALUBRAT Brasil. Coordenador da pós-graduação em Psicologia Transpessoal da ALUBRAT – SP.

Prof. Dr. Moacir Fernandes de Godoy (FAMERP/URCI) Graduado em Medicina pela UNIFESP (SP) Doutor em Cirurgia Cardiovascular pela UNIFESP. Professor Adjunto da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) no Departamento de Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular. Livre-Docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP). Ex Vice-Diretor e Ex Diretor-Adjunto de Ensino da FAMERP. Conselheiro da Universidade Rose-Croix Internacional (URCI).

Profa. Dra. Pamela Siegel (LAPACIS-UNICAMP), Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho, mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas, doutora e pós-doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. É membro do LAPACIS (Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde) e do LPQS (Laboratório de Pesquisa Qualitativa em Saúde) ambos do Departamento de Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP.

Profa. Dra. Ronilda Iyakemi Ribeiro (USP/UNIP) Etnopsicóloga. Doutora em Psicologia e em Antropologia da África Negra (USP). Pesquisadora da UNIP e Prof. Sênior da USP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos Transdisciplinares da Herança Africana (CNPq-UNIP). Membro do Grupo de Trabalho Psicologia e Religião (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) e do Coletivo Coalizão InterFé em Saúde e Espiritualidade. Representante da UNIP no Fórum Inter-religioso para uma Cultura de Paz e Liberdade de Crença (SJDC-SP) e no Fórum Brasileiro Ciência, Laicidade, Religião-Espiritualidade, Saberes Tradicionais e Novas Epistemologias (LAICRES). Patronesse do Egbé Omó Oduduwa no Brasil. Ialorixá (Religião Tradicional Iorubá

Prof. Dr. Rui Ferreira Afonso (H. Albert Einstein) Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa, mestrado em Psicobiologia pela Universidade Federal de São Paulo e doutorado em Neurociências no Hospital Albert Einstein em São Paulo. Especialista em Atividade física e qualidade de vida pela UNICAMP, Fisiologia do Exercício e Medicina Comportamental pela UNIFESP. Estuda os efeitos do Yoga e Meditação.

SUMÁRIO

PROLEGÔMENOS

Prefácio – *Aurino Lima* 15

Apresentação – *Luiz Eduardo V. Berni* 17

Eixos da Pesquisa no Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD) 36

PESQUISAS I – Orientação Luiz Eduardo V. Berni

1 Transdisciplinaridade na Biografia de Jung: Um estudo comparativo entre a dimensão biográfica de Jung e os principais conceitos da transdisciplinaridade de base Nicolesquiana – *Paulo Cesar Grandi & Adelia Schlumpf* **(Eixo – Teorias Integrativa)** 40

2 Pós *Lato Sensu* em Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal e sua influência na Qualidade de Vida de Alunos – *Ricardo Barbosa* **(Eixo - Técnicas Transpessoais)** 76

3 O Jogo do Autoconhecimento por Meio de Mandalas Cromáticas: Relato de Experiência – *Celine Daniele Claro e José Carlos Carneiro Ribeiro* **(Eixo – Técnicas Transpessoais)** 108

4 Oficinas de Desenhos de Mandalas como Coadjuvantes na Recuperação de Dependência Química em Adolescentes: Um Estudo de Caso – *Ana Maria de Queiroz e Adriana Nasciutti Abdala* **(Eixo – Técnicas Transpessoais)** 158

5 A formação em C*oaching* no Brasil: Cenário de uma Prática Profissional não Regulamentada – *Nelson R. Carvalho* **(Eixo técnicas transpessoais)** 210

6 BOZZELLI, C. - O Código do Tarot: Revelação de uma Inteligência Milenar (RESENHA) - *Kátia Elizabete. Freitas de Lima* **(Eixo – Saberes Tradicionais)** 250

PESQUISAS II – Trabalhos apresentados em Congressos

7 *Coaching* e Saberes Tradicionais: Uma perspectiva Transpessoal – *Luiz Eduardo V. Berni* 289

8 Limites do *Coaching*: Aspectos Éticos e Técnicos – *Luiz Eduardo V. Berni* 301

9 O Círculo da Palavra: Uma Ferramenta Transpessoal para a Escuta Ativa e o Autoconhecimento – *Luiz Eduardo V. Berni* 311

10 O Artigo Científico como Trabalho de Conclusão em Cursos de Especialização *Lato Sensu – Luiz Eduardo V. Berni* 331

APÊNDICES

I Roteiros de Meditação dos Aprendizes 343

II Síntese das Ferramentas do *Coaching* Transpessoal 357

III Síntese da Mediação Ativa Transdisciplinar (MAT) 359

VOLUMES DA SÉRIE PESQUISA TRANSPESSOAL 363



PROLEGÔMENOS


Croix-Croix Internacional
(UBCI)
Uma Breve História













PREFÁCIO

O campo dos estudos *psi* vem continuadamente expandindo suas fronteiras no intuito de contemplar a complexidade do fenômeno humano. Como herdeiros diretos da odisseia de Ulisses, continuamos almejando experimentar o mundo e seus cantos insondáveis de sereias, sem, contudo, precisarmos correr o risco de perdermo-nos no mundo vivido da experiência. Como Ulisses, desejamos sentir, daí criamos experimentos, permitimo-nos ser amarrados no mastro de um barco para que, de maneira segura, porém não vivida, atravessarmos as adversidades de voltar para casa. Almejamos vida, contudo estamos cheios de simulacros de vida, repletos de coisas, mas vazios de sentido.

O livro *Coaching Transpessoal: Saberes Tradicionais & Teorias Integrativas* surge na linha de escritos que retomam o desafio de experienciar a vida, sem as telas protetoras artificiais que marcam os discursos de autoajuda do *Coaching* Marketing e sua ortopedia do ego. Bebendo de forma magistral nas fontes dos saberes tradicionais e das teorias integrativas, os autores e autoras, com a coordenação de Luiz Eduardo Berni, navegam de forma transdisciplinar no mar revolto da condição humana. Criam e recriam dispositivos de cuidado capazes de oferecer abrigos, não fixos e permanentes, à complexidade do "*pathos*".

Retomam o transpessoal como elemento norteador para prática de cuidado, suscitando questionamentos de visões de mundo e concepções de sujeito, superando ansiedades cartesianas e resistindo às tentações doutrinadoras e totalitárias. Partem do princípio de que a promoção do ato de cuidar, *Coaching* Transpessoal, almeja uma reconciliação do humano consigo mesmo, na constituição de sua própria natureza multidimensional, promovendo um modo de vida que afeta a si mesmo e compromete-o internamente a unificar-se, alterando a sua consciência para sentir, pensar e agir em benefício de si e do mundo.

O texto é marcado pelos saberes de cocriação intra, inter e transpessoal. Sendo a cocriação intrapessoal expressa pela importância de se enraizar o espírito dentro, ou seja, na dimensão imanente do mistério,

essencialmente integral, participativa e incorporada. A cocriação interpessoal emerge das relações cooperativas entre os seres humanos crescendo como pares no espírito de solidariedade, respeito mútuo e confronto construtivo. Rompendo com o racionalismo dominante, a cocriação interpessoal inclui contato com forças arquetípicas que podem ser incorporadas na psique, natureza ou cosmos. A cocriação transpessoal apresenta-se na interação dinâmica entre seres humanos incorporados e a transcendência no surgimento de insights, práticas, estados de consciência e modos de vida além do ego.

A forma de construção do livro revela um modo de produzir conhecimento participativo e transformador de si e do mundo, compreendendo ser essa uma possibilidade de repensarmos nossa prática profissional pela qual assumimos que não há ninguém que detenha todo o saber, nem mesmo o professor. Coloca-se a práxis em consonância com um desenvolvimento fundamentalmente humanizador e, como tal, agregador, constantemente crítico e autorreflexivo, promotor do autoconhecimento das múltiplas dimensões humanas.

Por fim, o conjunto da obra destaca a participação cocriativa humana no mistério indeterminado ou poder gerador de vida, o cosmos ou a realidade. E nos convida a compreender, vivenciar e experienciar a participação criativa da mente, do corpo, do coração e da essência mais vital do sujeito multidimensional no ambiente em que vive, pela qual ele consegue transformar-se individual e socialmente na intenção de concatenar capacidades que possam contribuir para um exercício libertário de entendimentos egocêntricos da realidade.

O livro é um presente, uma dádiva para o meio acadêmico, movimento transpessoal e de cuidado de maneira geral. Que o leitor desfrute o canto dos autores e autoras e mergulhem profundamente no desafio de SER.

Aurino Lima Ferreira
Coordenador do Núcleo de Educação e Espiritualidade
do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE/
Coordenador da Associação Brasileira e
Ensino e Pesquisa em Psicologia Transpessoal

APRESENTAÇÃO[1]

Coaching Transpessoal: Saberes Tradicionais & Teorias Integrativas é, sem dúvida, algo novo. Uma proposta que reúne, de forma integrada, conteúdos inovadores e tradicionais.

O *Coaching* é uma abordagem contemporânea de desenvolvimento humano. Uma prática profissional – campo de atuação, uma ocupação; e um processo aplicado, permeado por métodos e técnicas, vinculados, a princípio, ao mundo do trabalho.

De um lado temos um mercado, as organizações, cada vez mais exigentes procurando por profissionais especializados, competentes, que possam aumentar sua produtividade, seu lucro; e de outro, temos profissionais cada vez insatisfeitos, adoecidos, desmotivados com o mundo do trabalho cada vez mais competitivo, que não os valorizam, quando não os pressionam de forma pouco ética.

Nesse embate, mercado x profissionais, um elemento parece estar claro: que as relações de produção e do trabalho não mais respondem às necessidades humanas, ao contrário, as necessidades humanas estão subordinadas a um modelo econômico cada vez mais desumano. Neste cenário de insatisfações surge o *Coaching* como uma grande promessa.

O *Coaching,* como processo, se serve de *métodos e técnicas,* estas últimas muitas vezes chamadas de ferramentas, que não lhe são exclusivos. Existindo, portanto, várias propostas com diferentes referenciais teóricos e práticos. Ainda que possam variar entre si, inclusive nos tempos, os processos de *Coaching* são normalmente breves e envolvem três etapas: Numa primeira etapa se avaliam as razões pela procura do processo e se estabelece um foco. A partir desse foco se faz um levantamento de competências e incompetências (forças e fraquezas) e, por fim, se desenvolve um plano de ação para o aprimoramento das competências existentes e desenvolvimento

[1] Um embrião deste texto foi apresentado no Grupo de Trabalho Saúde, Espiritualidade e Religião: Interfaces no Processo de Cura no *3º Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das Religiões* (UFSC) Florianópolis, novembro de 2018.

de novas, ou para que se possam atingir objetivos e metas alinhados ao foco inicialmente estabelecido. Assim, o *Coaching* se assemelha muito a um processo de (re)orientação profissional.

Enquanto *campo de atuação profissional*, é um campo não regulamentado. Não há lei que normatize[2] os processos de formação ou que controle o campo de atuação profissional, portanto, encontramos literalmente de tudo.

Neste cenário, profissionais de diferentes áreas de atuação, desencantados com o mercado de trabalho onde estão inseridos, ou em busca de novas oportunidades, veem no *Coaching* uma possibilidade, quer como campo de atuação profissional, quer como método que os ajude a se reencantar com um fazer profissional.

Se olharmos o *Coaching* pelo prisma científico, a prática se situa num campo entre as Ciências Humanas onde se situam a Psicologia, especificamente a Psicologia do Desenvolvimento Humano; a Educação, especificamente as questões de Ensino-Aprendizagem, Orientação e Aconselhamento, bem como Orientação Vocacional; e as Ciências Sociais Aplicadas, marcadamente a Administração de Recursos Humanos. Trata-se, portanto, de uma abordagem interdisciplinar.

Nossa proposta, entretanto, se situa num campo mais abrangente que possibilita o diálogo com os Saberes Tradicionais.

Entende-se por *Saber Tradicional* um conhecimento antigo, muitas vezes local, cuja origem se perde em tempos imemoriais, mas cuja presença na contemporaneidade mostra que estão ainda vivos, pujantes. Tais saberes têm características holísticas, desenvolvidos ao longo de séculos, centrados em métodos de ensaio e erro, que com o passar do tempo vão se notabilizando em sistemáticas que apresentam eficácia social. São particularizados muitas

[2] O *Coaching* não é uma profissão regulamentada por lei, apenas uma ocupação, um campo de atuação. Isso se justifica, pois não há nada no *Coaching* que lhe seja exclusivo, todas as práticas são compartilhadas com práticas existentes em outras profissões.

vezes pela transmissão oral, individual, de mestre a discípulo, portanto, carregados de subjetividade e de um viés cultural.

Os Saberes Científicos, ao contrário, são bastante recentes, sua origem remonta à modernidade, seu caráter é global, estão centrados em métodos rigorosos que pressupõem a replicabilidade. Tais saberes têm caráter fugaz, atuam por redução e aprofundamento. Fragmentam a realidade em objetos de estudo que são investigados em profundidade, por meio de métodos e técnicas rigorosos.

A princípio, esse posicionamento epistêmico entre os saberes os coloca em oposição entre si. E assim foi por muito tempo. Todavia, ao longo da pós-modernidade, autores como Carl Jung, Edgar Morin, Ken Wilber, Boaventura de Souza Santos, Basarab Nicolescu, entre outros, passaram a indagar se havia uma forma de construir pontes entre esses conhecimentos. Desse movimento surgiram perspectivas transdisciplinares, teorias integrativas que possibilitam um olhar de complementariedade entre os Saberes Tradicionais e os Saberes Científicos. Tal proposta, a Transdisciplinaridade, com suas Teorias Integrativas, vem possibilitando a criação dessas pontes. Este é o lugar epistêmico onde se situa esta formação, que redundou nesta publicação.

A proposta, entretanto, tem longa história, muito anterior aos anos de 2017-2019 quando foi realizada a primeira turma, ou mesmo a 2016, quando foi estruturada. Difere totalmente dos cursos convencionais de *Coaching,* que são oferecidos pelas grandes escolas de formação no mercado. Primeiramente por apresentar um viés acadêmico, cuja proposta final é a produção de conhecimento, apresentada nesta publicação. Segundo, sempre esteve vinculada ao mundo acadêmico cujo histórico apresentamos a seguir.

Entre os anos de 2003 e 2006, quando coordenei o Departamento de Desenvolvimento Educacional/Pedagógico, da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, éramos responsáveis pelos processos de capacitação de docentes e discentes.

No âmbito discente, desenvolvemos programas para ajudar os alunos a se estruturarem frente às exigências do mundo acadêmico, entre eles o *Projeto Ampliando Fronteiras: Autoliderança no saber*[3]*,* dentro do qual se situava o *Planejamento Estratégico Pessoal* (PEP) que ajudava o aluno no direcionamento de sua carreira, a partir do curso de graduação escolhido. Era o embrião do *Coaching* que começava a se popularizar no Brasil.

Para os docentes foram criados programas integrados de capacitação que envolviam palestras regulares num *Fórum Permanente sobre Educação Superior*, onde realizamos encontros regulares com grandes nomes da cultura brasileira, dentre os quais se destacaram Rubem Alves e Mario Sérgio Cortella, para mencionar apenas dois; um Curso *lato sensu* em *Didática do Ensino Superior*, além de uma Revista Acadêmica para produção de Conhecimentos, com diferentes indexadores nacionais e internacionais.

Como psicólogo, a partir dessas ações institucionais, no âmbito da clínica privada, a partir de 2006 desenvolvi um método de *Coaching* transpessoal denominado *Self-Empowerment – Jornada de Transformação,* que teve boa aceitação junto aos meus clientes. Os resultados positivos e a necessidade de aprofundamento fizeram com que eu procurasse a academia, a fim de compreender em profundidade o que estava sendo feito. Foi assim que desenvolvi um projeto de pesquisa no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, concluído com a aprovação de minha tese de doutorado em 2008, que enfocou tais questões. É nesta produção científica (BERNI, 2008) que se encontram as bases da presente proposta.

Embora a proposta de *Coaching Transpessoal* tenha encontrado boa aceitação no âmbito da academia, que atestou seu reconhecimento, no âmbito da Psicologia como profissão sempre houve muita resistência, tanto ao *Coaching*, quanto à Psicologia Transpessoal. No caso desta última dada à proximidade com os Saberes Tradicionais, e destes com o universo religioso.

Uma longa trajetória de militância política foi, então, realizada junto ao Sistema Conselhos de Psicologia, com o qual passei a colaborar, que levou

[3] Projeto ainda vigente naquela instituição, que visa ampliar o universo cultural dos discentes.

a mim e a outros colegas, docentes e pesquisadores de áreas não-hegemônicas na Psicologia, como as Psicologias Transpessoais, Psicologia Anomalísticas, Psicologia da Religião, a realizarmos ações coordenadas que pudessem demonstrar a seriedade deste Campo não-hegemônico.

Essa militância que se iniciou em 2005, com questões ligadas aos Povos Indígenas, teve seu ápice em 2015/2016 com a realização de eventos e publicações que demonstraram, mediante criterioso processo de diálogo entre pares, servindo-se, portanto, das melhores práticas científicas, que existia um campo contra hegemônico que merecia o respeito; tratava-se deste campo transdisciplinar, transpessoal.

Nesse contexto, surgiu o *Projeto Diversidade Epistemológica Não-Hegemônica, Laicidade e o Diálogo com os Saberes Tradicionais* (DIVERPSI[4]). Foram envolvidos vários Conselhos Regionais, marcadamente o de São Paulo, e diversos grupos de pesquisa situados nas universidades públicas mais conceituadas do Brasil. O produto final foi a publicação de uma coleção de livros em três volumes disponibilizados gratuitamente pela internet e na Livraria Saraiva (*on-line*), *Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade*[5] (CRPSP, 2016)[6].

Ainda no âmbito do Sistema Conselhos de Psicologia em 2017 e, marcadamente em 2018/2019, atuei como consultor *ad hoc* do Grupo de Trabalho sobre *Coaching*, da Assembleia das Políticas, Administração e das Finanças (APAF) que reunia representantes de diversos Regionais. Desse trabalho redundou a construção de Nota de Orientação à categoria, publicada em março de 2019[7].

Em paralelo a tudo isso, a partir de 2008 a Universidade Rose-Croix Internacional (URCI), ligada à Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz (AMORC)

[4] http://www.crpsp.org.br/diverpsi/
[5] Disponível no site acima.
[6] Vários dos docentes convidados no curso estiveram envolvidos neste projeto.
[7] Em março de 2019, quando eu estava preparando esta apresentação, fui convidado pelo CFP a participar do *Programa Diálogos Digitais,* com Aluísio Brito, sob a coordenação de Junia Lara, para o lançamento da Nota de Orientação à categoria profissional.

ganhou um novo impulso, sob a coordenação do Prof. Hélio de Moraes e Marques, que assumiu a reitoria naquele ano. Convidado a contribuir com a instituição, e, ao longo do tempo ocupando diferentes posições, entre os anos de 2008 e 2018, coordenei vários trabalhos, entre seminários, congressos e publicações, também em colaboração com muitos dos docentes que fizeram parte do curso, que deu origem a este livro.

Fruto dessa participação surgiu um grupo de pesquisa denominado *Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar*[8] (*APTD*), lotado no Núcleo São Paulo daquela instituição. Apesar de tratar-se de um grupo de pesquisa livre, seu funcionamento e desenvolvimento foram alicerçados nas melhores práticas da academia com a qual, aliás, sempre se cooperou.

Nessa mesma época, eu atuava como docente em cursos de Especialização tanto na URCI, quanto na Universidade Holística Internacional (UNIPAZ), de onde sou docente desde 2001 e na Associação Luso-Brasileira de Psicologia Transpessoal (ALUBRAT), amparado por longa experiência na pesquisa em transdisciplinaridade junto Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS), do qual sou membro fundador. Assim, passei a experimentar em minhas aulas, focadas nos seminários de pesquisa, um novo método que passei a estruturar denominado *Mediação Ativa Transdisciplinar - MAT* (Berni, 2016). Sendo essa a metodologia adotada tanto na produção de conhecimento aqui sistematizado, quanto na estruturação pedagógica do curso que lhe dá origem.

No que concerne ao *Coaching* e à Psicologia Transpessoal, em 2011 desenvolvi junto à UNIPAZ-SP uma capacitação no processo no processo de *Coaching Self-Empowerment* e, em 2012, realizamos na URCI o curso de extensão *Novas Perspectivas em Educação e Saúde: o profissional transdisciplinar,* formatado em 80 horas, em 10 dias de imersão total, ambos bem recebidos pelo público.

[8] A partir de 2018 o APTD torna-se uma entidade independente, atuando como parceiro no programa URCI-FAVI, sendo esta sua primeira publicação.

Todos esses elementos históricos confluíram para a estruturação cuidadosa do *Curso de Especialização Lato Sensu Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal*[9] (STTICT) 2017/2019, realizado numa parceria entre a URCI e as Faculdades Vicentinas do Paraná (FAVI).

Recorrendo a um formato de imersão total, o *Coaching* transpessoal foi abordado em mais de 400 horas presenciais. Estruturado em 20 módulos presenciais de 20 horas cada um, sendo que destas, 15 horas eram dedicadas ao conteúdo específico conduzido pelo docente convidado; e 5 horas eram dedicadas às tutorias grupais e individuais.

Os trabalhos presenciais aconteciam uma vez por mês, sexta-feira (tarde-noite), sábado (manhã-tarde-noite) e domingo (manhã); complementados por atendimentos individuais de tutoria a distância do qual se somaram muitas outras horas.

Na proposta metodológica transdisciplinar que adotamos para o funcionamento do curso, alternaram-se elementos com enfoque dedutivo, previamente acordados entre todos (alunos, coordenador e docentes), e outros com enfoque indutivo, portanto, que se assemelhavam ao processo iniciático onde era exigida a coerência com os princípios normativos combinados com todos os envolvidos. Esse processo será detalhado a seguir.

As jornadas foram sempre iniciadas no Campus Metropolitano da URCI, em Curitiba, às sextas-feiras, no período da tarde. Esse local foi devidamente preparado para acolher os alunos que vinham de longe e muitas vezes chegavam ao longo da manhã.

Jiuliana Marques, secretária de pós-graduação da URCI, era a responsável pelos preparativos. Sempre disponível e de forma competente, foi com seu apoio fundamental que tudo se desenrolou de maneira

[9] https://www.cursocoachingtranspessoal.com.br/ 1ª Turma (2017-2019).

absolutamente eficiente. Obviamente por trás de Jiuliana estavam a secretária geral da URCI, Beatriz Philippi, e o reitor Prof. Hélio de Moraes e Marques.

Após o final dos trabalhos na sexta-feira, nos deslocávamos para Campus avançado da URCI – Morada do Silêncio – situado numa reserva ambiental no alto da Serra da Graciosa, próximo a Curitiba. Lá, sob os cuidados de Avelino e Celi Claro e equipe, os alunos puderam vivenciar todo o acolhimento rosa-cruz, criado num clima de fraternidade, fundamental para o desenvolvimento de nossa proposta.

Atendendo a um imperativo integrativo transdisciplinar, decorrente da proposta metodológica adotada, conforme mencionado acima, atuei em diferentes papéis no curso. Como tutor, centrei-me no papel do *Coach* Transpessoal[10] acompanhando os alunos em seu desenvolvimento pessoal; como orientador, atuei procurando capacitar a turma, individualmente e coletivamente nas competências acadêmicas; como coordenador, fiz a ponte entre os docentes e o curso, e entre o curso e a instituição, e ainda procurando garantir o alinhamento da práxis e a colocação dos limites; como docente empenhei-me no papel de facilitador da aprendizagem dos conteúdos específicos a mim destinados.

Assim, como *tutor-coach,* coube a mim grande parte do processo de acolhimento, visto que cada detalhe mereceu atenção. Desta forma, todas as manhãs, tanto no sábado, quanto no domingo, os alunos eram despertados por volta de 7h30, com o som da *quena* (flauta andina) que ecoava pelos corredores da Morada, ao invés dos estridentes sinos, normalmente usados para o despertar. Nos primeiros módulos, o fato promoveu surpresa entre os alunos. Então, quando passava pelos corredores eram comuns algumas portas se abrirem.

> "Logo de manhã, somos convidados a despertar ao som maravilhoso daquela flauta tocada pelo professor Berni e a

[10] Embora o *Coaching* seja definido como um processo breve, a formação do *Coach* não deve sê-lo, pois exige um cuidadoso desenvolvimento de competências.

> participar da meditação; isto, por si só, inspira-me, fortalece-me, desperta-me... abre-me literalmente o apetite[11].”

O dia sempre era iniciado com a prática da meditação, que conduzi até a metade do curso. Logo que os alunos passaram a dominar a técnica, que faz parte do cabedal de ferramentas para o *Coaching transpessoal,* eles próprios passaram a conduzir esse processo. Alguns roteiros preparados pelos alunos podem ser vistos no apêndice específico.

Recebemos alunos de todo o Brasil, 70% dos alunos vinham de fora de Curitiba, em viagens que levavam, não raro, mais de 8 horas, às vezes 12 horas. Alguns se deslocavam de ônibus, mas, mesmo os que viessem de avião, do Sul, Norte, Nordeste ou do Sudeste, a maioria deles viajava por muito tempo. Uma minoria morava na localidade, ou seja, na região de Curitiba.

Nem todos conseguiram finalizar o curso. Alguns porque não encontram em nossa proposta aquilo que procuravam, outros, com tristeza, pararam por questões pessoais, ou porque nossas propostas foram consideradas por demais exigentes, pois além das aulas oferecidas nos módulos, fora exigida uma série de práticas realizadas em casa.

Obviamente existiram falhas organizacionais e pedagógicas que também contribuíram para a desistência dos alunos. Mas, de maneira geral, o processo foi muito bem avaliado pelos alunos e equipe. Para isso foi desenvolvido em diálogo com os aprendizes um intrincado *sistema transdisciplinar de avaliação*. A proposta envolvia dimensões quantitativas e qualitativas abarcando, simultaneamente, os discentes, docentes e equipe. Todo o processo foi amplamente monitorado e reportado às diferentes instâncias, tanto aos alunos, aos professores e administradores que tiveram acesso ao processo de avaliação reportado em minuciosos relatórios, apresentados mensalmente aos alunos, docentes e à reitoria.

[11] Relato de aluna a partir de autoavaliação (uso com autorização).

No *Coaching* transpessoal desenvolvido junto aos alunos, em forma de tutoria *desenvolvimento pessoal*, o foco foi o autoconhecimento. A cada módulo os alunos eram convidados a realizarem por escrito uma Autoavaliação de seu processo de aprendizagem que, não raro, não se limitavam ao curso, pois a vida é um todo indissociável. Esse material era encaminhado por e-mail ao tutor, que lançava sobre ele um olhar à luz da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers e oferecia-lhes, em retorno, uma devolutiva, também por escrito, enviada igualmente por e-mail. O parâmetro de desenvolvimento humano adotado era a trajetória própria aluno. Desta forma, ao longo desse processo os alunos receberam devolutivas que eram dadas a partir da leitura atenta de sua evolução ao longo desses dois anos, onde se desenvolveu um acompanhamento longitudinal[12]. Vejamos essa tréplica de um aluno após uma dessas devolutivas por escrito oferecida pelo tutor:

> "Muito obrigado pelo seu retorno. É realmente tocante a atenção que você consegue dedicar a cada um de nós. Nesse momento, o curso já superou as minhas expectativas e tenho certeza de que os meus objetivos serão alcançados, além de muitos outros que eu nem imaginava. O próximo ano será de muita superação[13]".

Também foram oferecidas tutorias individuais presenciais que, muitas vezes, se estenderam até tarde nas noites de sábado.

O *desenvolvimento acadêmico* do aluno também foi objeto de minucioso acompanhamento de orientação. Tratou-se de um trabalho de orientação fundamental e preparatório que possibilitou atingirmos com sucesso o objetivo de produção de conhecimento materializado nesta publicação.

Ao longo do curso, para cada um dos módulos foram solicitados trabalhos acadêmicos que pressupunham leitura e a produção de um texto

[12] A esse trabalho somou-se uma autobiografia que cada aluno deve produzir, que foi trabalhada num módulo específico. Sendo que a biografia é a ferramenta chave do *coaching* transpessoal como proposto. Ver BERNI (2008).
[13] Utilizado mediante autorização.

(resumos, resenhas e dissertações) por escrito. Para cada trabalho solicitado os critérios de avaliação foram claramente expostos para os alunos, por escrito. Todos os trabalhos apresentados foram lidos e avaliados à luz desses critérios, e cada aluno recebeu uma devolutiva individual, por escrito, para cada trabalho apresentado, à semelhança do que se ofereceu aos alunos nas Autoavaliações. Vejamos o que disse uma das aprendizes a esse respeito:

> "O que mais me surpreendeu nesse encontro foi a devolutiva dos trabalhos. Quase me emocionei. Desde que terminei minha segunda graduação, já fiz várias pós e, em nenhuma, nem mesmo no mestrado, os professores leram as coisas que escrevi. Você leu atenciosamente e me deu orientações preciosas, para eu melhorar. Deus te abençoe por isso[14]".

As falhas acadêmicas percebidas no grupo de alunos, sobretudo no que dizia respeito às normas da escrita científica, foram supridas com uma série de textos de apoio complementar denominados *Orientações ao Trabalho Acadêmico* (OTA). Esses textos foram trabalhados com os alunos em tutorias grupais.

Na função de coordenador pedagógico, convidei, orientei e acompanhei os docentes em todos os módulos, a fim de situá-los no *ethos* do curso e do grupo. Durante as aulas, coube-me fazer os links necessários com os módulos pregressos e vindouros.

Como se tratou de processo novo no âmbito da URCI, orientei também a secretaria em suas atribuições básicas, e mantive a reitoria totalmente ciente do processo educacional e pedagógico realizado, bem como de todas as intercorrências ocorridas durante o processo educacional do curso. Sempre preservando identidades dos envolvidos, as intercorrências foram reportadas em relatórios complementares enviados à reitoria.

Nessa função, coube a mim, também, a colocação de limites junto aos alunos, garantindo um direcionamento ético que foi ancorado nos princípios de avaliação transdisciplinar adotados, bem como estavam

[14] Relato de aluna a partir de autoavaliação (uso com autorização).

claramente delineados nos objetivos do curso que foram: 1) Capacitar profissionais de diferentes áreas, a partir de uma metodologia transdisciplinar, para compreender e utilizar de forma integrativa e ética conhecimentos de diferentes racionalidades, tais como saberes tradicionais e científicos, sobretudo no campo da Psicologia Transpessoal, para atuações grupais e/ou individuais de desenvolvimento humano; 2) Desenvolver competências de autoconhecimento, espiritualidade numa perspectiva laica, e de acolhimento do outro, para uma compreensão ampliada do fenômeno humano, possibilitando o desenvolvimento e atualização de competências; 3) Ajudar pessoas em transição de carreira a refletirem sobre seu momento de vida, de modo que possam avaliar conhecimentos, habilidades e atitudes para o desenvolvimento de novas perspectivas de empreendedorismo no campo da Saúde Complementar e Organizacional; 4) Fomentar a produção de conhecimentos em transdisciplinaridade no campo da Saúde, Educação e Gestão, para o desenvolvimento de perspectivas de sustentabilidade na atuação profissional.

Por fim, atuei também como docente.

Como se pode observar neste relato, não foi simples o desafio de gerir uma proposta intrincada dessa natureza. Para cumprir esse papel, que muitas vezes brinquei com os alunos tratar-se da "Santíssima Trindade", busquei amparo na supervisão competente que me foi oferecida por Raquel Wrona, experiente psicóloga, histórica da Abordagem Centrada na Pessoa, que me acolheu para que eu pudesse manter a orientação, a objetividade e a necessária serenidade aos processos de acolhimento desenvolvidos[15].

Além de Raquel, dois docentes foram particularmente importantes interlocutores nesse processo, com quem também pude me aconselhar

[15] Esse processo envolveu, também, as meditações, os desenhos e a consulta oracular ao Self (BERNI, 2008) na busca pela orientação necessária à conduta.

dialogar, são eles: a Prof.ª Ronilda Iyakemi Ribeiro e o Prof. Alfredo dos Santos Junior, ambos parceiros de longa data.

Neste sentido, cabe destacar que os docentes convidados foram também grandes parceiros. Um grupo altamente qualificado que garantiu ao curso seu perfil acadêmico, superando, em muito, as exigências básicas do MEC. Tratou-se, portanto, de um corpo docente 100% titulado, com grande experiência na área. Todos entusiastas do campo fronteiriço entre os Saberes Tradicionais e as Teorias Integrativas, portanto, do campo da Transdisciplinaridade e da Psicologia Transpessoal, conectado, também, às Práticas Integrativas e Complementares. Além da docência se engajaram também no processo de qualificação acadêmico, como membros do Comitê Editorial desta publicação.

A partir deste histórico, passo agora a presentar o conteúdo específico desta publicação. Inicio com os textos preparados para dar suporte ao campo e ao aprendiz, ao longo da trajetória do curso, para depois apresentar-lhes as pesquisas realizadas pelos aprendizes-pesquisadores.

No curso em tela (STTICT), tomamos um rumo completamente diferente do que é oferecido no mercado do *Coaching* atualmente. Assim, não se fez distinção entre os processos de *coaching*, *mentoring* e *counseling,* ao contrário, estes foram tratados de forma unificada. Investiu-se, como já se afirmou, no desenvolvimento das pessoas, a partir de estratégias de ensino que favorecem o autoconhecimento e o desenvolvimento daquela que é, certamente, a competência mais fundamental para os profissionais de ajuda, dentre eles o *Coach*, qual seja, a Escuta Ativa.

Para o desenvolvimento desta importante competência de escuta utilizou-se uma estratégia baseada no diálogo entre os Saberes Tradicionais Indígenas e a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, que pode ser vista no capítulo ***O Círculo da Palavra: uma ferramenta transpessoal para o desenvolvimento da Escuta Ativa e do Autoconhecimento em Contexto Multiprofissional,*** trabalho apresentando no V Congresso Brasileiro de Psicologia em 2018.

A conexão entre o *Coaching* e os Saberes Tradicionais foi estabelecida logo no primeiro módulo, constituindo elemento básico, que atravessou todos os módulos e que pode ser encontrada no capítulo ***Coaching e Saberes Tradicionais: Uma Perspectiva Transpessoal****,* trabalho oriundo de minha tese, e publicado originalmente na Rede Psi, de onde fui articulista.

Ao longo desse relato de 17 anos de trajetória, o *Coaching* ganhou muitas expressões na sociedade brasileira, surgiram grandes institutos que oferecem formação, e o *Coaching* tornou-se um filão milionário a ser explorado no mercado. Em muitos casos, a prática tornou-se uma panaceia sem sentido, onde se prometem mundos e fundos. Neste sentido, a partir de deturpações apresentadas em veículos de comunicação, escrevi incialmente para o *Observatório da Imprensa* uma matéria que procurou recuperar o cenário do *Coaching* estabelecendo os limites de atuação. Esse material pode ser visto no Capítulo ***Limites do Coaching: Aspectos Éticos e Técnicos***.

Finalmente chegamos ao elemento central deste livro, que é o conhecimento produzido pelos discentes nas pesquisas que foram realizadas para o trabalho de conclusão. A estrutura proposta para este trabalho pode ser vista no capítulo ***O Artigo Científico como Trabalho de Conclusão de Curso***, que foi apresentado aos alunos no Seminário sobre o TCC e que embasou a produção final do conhecimento aqui apresenado.

Como já se afirmou, o método utilizado para todo este processo, Mediação Ativa Transdisciplinar, MAT (BERNI, 2016), venho desenvolvendo ao longo de minha trajetória como orientador de pesquisas na URCI e como docente em cursos de Psicologia Transpessoal na UNIPAZ, e na ALUBRAT. Na URCI, a partir do Núcleo São Paulo que coordenei por 10 anos (2008-2018). Essa perspectiva teve seu ápice entre 2017 e 2018 no *Programa de Formação do Pesquisador (PFP)*[16].

[16] O PFP foi desenvolvido e coordenado por mim no Núcleo São Paulo URCI entre 2017 e 2018; tratou de um programa de 50 horas que ofereceu 3 disciplinas: Pesquisa e Transdisciplinaridade, Filosofia do Rosacrucianismo, ministrada pelo Prof. Alfredo Santos Junior, e Introdução ao Esoterismo Ocidental, ministrada pelo Prof. Fábio Mendia, todas essas disciplinas foram integradas no STTICT, e hoje fazem parte no novo programa da URCI (2019) sobre Esoterismo Ocidental.

Até onde sabemos o processo que nos possibilita esta publicação é inovador. Os alunos compraram a ideia de produzirmos os TCCs ao longo do curso, chegando ao final do processo com uma publicação[17]. Isso envolveu muito comprometimento, agilidade e parceria entre os orientandos e o orientador. Tratou-se de um processo desenvolvimento praticamente à distância, com intensa troca de e-mails. Envolveu, também, orientações individuais, presencias, orientações coletivas, além de orientações a distância feitas por Skype. A dedicação foi intensa de ambas as partes. Os trabalhos foram lidos, corrigidos, criticados. Os alunos revisavam em azul, o orientador em vermelho, o texto ia sendo aprovado por ambas as partes e era passado para o preto. Muitos foram os textos e áudios por WhatsApp. Todas tecnologias que foram muito bem aplicadas neste processo.

O processo de qualificação dos trabalhos que estão aqui publicados se deu em três etapas: primeiramente, durante o Seminário de Pesquisa, realizado no meio do curso, os alunos foram estimulados na etapa fundante de um processo de pesquisa, qual seja, chegar a um tema, e a um objeto de um problema de pesquisa. A partir dessa estimulação que segue todo um caminho emocional-motivacional-intelectual, de acordo com MAT, e que está sintetizado no **Círculo da Pesquisa,** disponível como apêndice, os alunos chegaram a um pré-projeto. Esse esqueleto foi avaliado pelo orientador e quando se chegou a uma proposta minimamente consistente foi submetido a um Parecerista, que de forma anônima contribuiu com comentários e sugestões para o aprimoramento do trabalho.

Esse parecer foi apresentado aos alunos, também de forma anônima, como manda o trâmite acadêmico. As correções e acréscimos sugeridos foram feitas e seguiu-se a segunda fase de processo, qual seja, a da pesquisa propriamente dita. Esse processo foi acompanhado presencialmente a partir

[17] Alguns alunos não conseguiram finalizar o processo, basicamente porque mudaram de projeto ao longo do trabalho. Eles puderam apresentar suas pesquisas ao final do curso, como acontece normalmente nos cursos *Lato Sensu*.

de tutorias grupais e individuais. Também por meio do Ambiente Virtual de Pesquisa, desenvolvido no APTD para esse fim.

No início do processo foi criado um *Boletim do TCC*, onde de forma humorística o orientador apresentava aos alunos por *Podcast* quinzenal, enviado via WhatsApp, com um resumo da evolução e das dificuldades com os trabalhos. Vejamos um excerto da reação de uma aluna a um dos áudios enviados:

> "Isto foi demais! Nosso orientador é único, é muito criativo! Amei isto! Haaa! Estava já me preparando para rir mais um pouco...muito bom mesmo para sair da tensão. Obrigada. Abraço a todos![18]".

Ao aproximar-se do *deadline* para finalização das pesquisas enfatizaram-se as tutorias individuais realizadas à distância e presenciais durante os módulos, e passou-se a oferecer aos alunos um gráfico da evolução dos trabalhos com as seguintes categorias: a) Trabalhos Aprovados por Parecerista; b) Trabalhos Finalizados com o Orientador; c) Trabalhos em fase de finalização com Orientador; d) Trabalhos no prazo previsto; e) Trabalhos em atraso; f) Trabalhos não iniciados. Assim, cada um podia se situar no cenário sem haver exposição das particularidades.

Por fim, a redação final do artigo, terceira fase, envolveu, como já se afirmou, intensa troca de mensagens entre os orientados e o orientador. Ao final dessa etapa, quando um trabalho era considerado aprovado pelo orientador, passava por uma revisão de português, sendo apresentado novamente a um pareceristas para uma avaliação final. Houve trabalhos que foram aprovados sem exigência, outros só foram aprovados após terem sido cumpridas as exigências, e outros ainda tiveram sugestões não obrigatórias. Assim, o que temos nesta publicação é o fruto desse longo processo de qualificação, esperando tratar-se de uma contribuição para o campo da pesquisa em Psicologia e *Coaching* Transpessoal.

[18] Publicado com autorização.

Trabalhamos com três eixos ou linhas de pesquisa: 1ª) Saberes Tradicionais; 2ª) Teorias Integrativas e 3ª) Técnicas Transpessoais (veja detalhamento a seguir).

O capítulo que abre esta publicação teve relatoria de *Paulo César Grandi*, e a participação de *Adelia Schlumpf*. Trata-se de **Transdisciplinaridade na Biografia de Jung.** Todos nós temos uma noção de que Jung seria um cientista transdisciplinar, mas sem um estudo adequado, trata-se de uma afirmação de senso comum. Assim, os autores se debruçaram em duas biografias de Jung, uma mais recente de 2010 de autoria de Gary Lachman, e a tradicional autobiografia de 1961 e, à luz de conceitos transdisciplinares levantados em Basarab Nicolescu, traçaram um caminho entre o perfil místico e o perfil cientista autodeclarado por Jung, na busca pela "transdisciplinaridade na obra do mestre". O trabalho situa-se na linha de pesquisa, *teorias integrativas*. O parecerista que avaliou o trabalho destacou tratar-se de um "trabalho muito bem desenvolvido [que apresenta] clareza nas informações e no levantamento de dados, deixando o leitor muito à vontade com o desenvolvimento das ideias".

Ricardo Barbosa, intrigado com os relatos de colegas, a partir de depoimentos feitos no *Círculo da Palavra,* realiza uma pesquisa-participante situada no eixo de pesquisa *técnicas transpessoais*, onde procurou compreender como o processo de *Coaching* oferecido no curso atuou na vida dos alunos. Os resultados são apresentados em **Pós *Lato Sensu* em Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal e sua Influência na Qualidade de Vida de Alunos.** A investigação se deu a partir de entrevistas e análise documental, o que lhe possibilitou chegar a importantes conclusões. O parecerista afirmou tratar-se de "um estudo original e relevante, tendo registrado com clareza e concisão os elementos de investigação".

O desenho, com sua simplicidade e poder, foi uma das técnicas transpessoais mais utilizadas ao longo do curso. Jung afirmou que o desenho espontâneo seria como uma fotografia do inconsciente. Dois trabalhos se

focaram nesta perspectiva, situados, portanto, no eixo de pesquisa *técnicas transpessoais*.

Primeiro com relatoria de *Celine Claro* e participação de *José Carlos Carneiro Ribeiro* temos a apresentação de um estudo experimental, onde os autores apresentam uma *proto-técnica* de autoconhecimento de inspiração juguiana. A partir do desenho de mandalas em Joan Fincher e as perspectivas cromáticas do *Insight Discovery* surgiu **O Jogo do Autoconhecimento por Meio de Mandalas Cromáticas: Relato de Experiência,** desenvolvido a partir da experiência dos autores em estudo piloto, cujo parecerista destacou tratar-se de "proposta inovadora de avaliação do autoconhecimento, sem pretender ser um modelo de avaliação psicológica".

Ainda abordando o desenho, e retomando uma intervenção realizada no IPq-USP, sob a relatoria de *Ana Maria Queiroz*, e trabalhos de campo de *Adriana N. Abdala*, temos **Oficinas de Desenhos de Mandalas como Coadjuvantes na Recuperação de Dependência Química em Adolescentes: Um Estudo de Caso.** Destaca o parecerista tratar-se de trabalho de "qualidade, que contribui para o conhecimento científico e tem grande aplicabilidade".

Nelson Rodrigues de Carvalho realizou uma investigação situada no eixo técnicas transpessoais; tratou de **A formação em *Coaching* no Brasil: Cenário de uma Prática Profissional não Regulamentada** onde o pesquisador apresenta um estudo abrangente situando, ao final, o curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal nesse contexto. O parecerista destacou que "o autor seguiu uma narrativa coerente aos objetivos propostos, seus resultados [são apresentados] de forma coerente e clara."

Por fim, na linha de pesquisa *Saberes Tradicionais* temos uma resenha de livro inédito em português, cuja resenhista, *Kátia de Lima Freitas*, detém os direitos de publicação da obra. Tratou-se de ***Il Codice dei Tarocchi - rivelazione di un'intelligenza millenaria*** (O Código do Tarot: Revelação de uma Inteligência Milenar), de **Carlo Bozzelli**. Optou-se por um caminho

intermediário entre a *resenha crítica* e *descritiva*. Essa opção se deu em função da importância de serem descritos em detalhes alguns elementos dessa nova abordagem do Tarot, sem ser perdida uma dimensão crítica que foi adotada num breve texto de abertura e nas considerações finais. O parecerista destacou que "a resenha desse livro, considerando as características do tema e sua importância, é muito oportuna, tanto para estimular reflexões de caráter transpessoal, quanto para ressaltar a característica transdisciplinar do Tarô em todos os seus aspectos".

Está publicação é, por fim, um marco onde se (re)funda o Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD), parceiro produtor do conteúdo neste curso URCI-FAVI, como uma entidade independente.

Assim, esperamos que o leitor possa encontrar nestas páginas contribuições que compreendemos são bastante relevantes para fundamentar o Campo Transpessoal e Transdisciplinar, bem como elucidar uma perspectiva mais acadêmica do *Coaching* Transpessoal.

Luiz Eduardo V. Berni

REFERÊNCIAS

BERNI, LEV. Mediação Ativa Transdisciplinar (MAT) para o diálogo entre a Ciência e os Saberes Tradicionais. In: ECCO, C.; SILVA, R.F.N.; QUADROS, E.G. e SIGNATES, L. **Religião, Saúde e Terapias Integrativas**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. v. II.

_____. ***Self-Empowerment*: jornada de transformação: um método de *personal Coaching*, via Internet.** São Paulo, 2008**.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRPSP). São Paulo: CRPSP, 2016. (**Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade**, 3v.).

EIXO 1: SABERES TRADICIONAIS

Campo holístico do conhecimento (prático-teórico-espiritual) muitas vezes ligados aos povos originários. De caráter regional (cultural), transgeracional (passado de geração-a-geração), iniciático (de mestre à discípulo, podendo ser oral) possuem racionalidades complexas; e/ou Práticas Tradicionais, quando estas estão desvinculadas de uma estrutura holística.

EIXO 2: TEORIAS INTEGRATIVAS

É um campo teórico do conhecimento científico cuja base epistemológica transdisciplinar possibilita o diálogo entre racionalidades complexas e suas práticas e um conhecimento científico convencional.

EIXO 3: TÉCNICA TRANSPESSOAIS

Procedimentos interdisciplinares ou interculturais, multiprofissionais, muitas vezes oriundos de práticas tradicionais, que são lastreados por teorias integrativas, e visam o desenvolvimento humano.



PESQUISAS I















PESQUISAS DOS APRENDIZES

Orientação – Luiz Eduardo V. Berni



PAULO CÉSAR GRANDI

Administrador de Empresas; com pós-graduação em Docência do Ensino Superior e MBA em Liderança e Coaching (UNOPAR). Atuou como gestor e nos setores de estudo do trabalho (S.E.T.) por mais de 30 anos em indústrias calçadista da região sul e nordeste. **pc-grandi@bol.com.br**



ADELIA SCHLUMPF

Educadora com habilitação em Agricultura e Zootecnia (UFSM), foi docente em Escolas Agrícolas, atuando na 11ª Coordenadoria Regional de Educação da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. **adeliaschlumpf@gmail.com**

TRANSDISCIPLINARITY IN JUNG'S BIOGRAPHY - A comparative study between the biographical dimension of Jung and the main concepts of the transdisciplinarity in Nicolescu.

ABSTRACT:

Theme: Transdisciplinarity and biography. **Aim**: Demonstrate transdiciplinarity in the Jung thought **Method**: Biographic, crossing data of two biographies: the traditional self-biograph of Jung compilate by Aniela Jaffé (1961), and new Gary Lachman Jung biography (2010). **Results**: We found many transdisciplinary elements in Jung's biography. **Conclusion**: It is safe to say that Jung's thought expressed in his biographies makes clear the transdisciplinary concepts in his work, therefore it is safe to say that Jung was a transdisciplinary scientist.

Keywords: Biography of Jung, Analytical Psychology, Transdisciplinarity, Integrative Theories, Levels and Reality

1

TRANSDISCIPLINARIDADE NA BIOGRAFIA DE JUNG
Um estudo comparativo entre a dimensão biográfica de Jung e os principais conceitos da transdisciplinaridade de base Nicolesquiana

---

RESUMO

Tema: Transdisciplinaridade e Psicologia Junguiana. **Objetivo:** localizar elementos transdisciplinares na biografia de Jung. **Método:** bibliográfico com cruzamento de dados a partir do levantamento biográfico feito em duas biografias, uma tradicional (1961) A. Jaffé e outra contemporânea (2010) G. Lachman, com a Transdisciplinaridade a partir da Carta da Transdisciplinaridade (UNESCO, 1994) e *O Manifesto da Transdisciplinaridade* (NICOLESCU, 1996); **Resultado:** Foram encontrados vários elementos transdisciplinares nos relatos biográficos de Jung; **Conclusões:** O pensamento de Jung, expresso em sua biografia possibilita uma visão transdisciplinar de sua obra, portanto pode-se afirmar que Jung era um cientista transdisciplinar.

Palavras-chaves: Jung, Psicologia Analítica, Transdisciplinaridade, Teorias Integrativas, Níveis de Realidade

INTRODUÇÃO

O curso de Especialização em Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal enfoca, como sugere o nome, saberes tradicionais, teorias integrativas e práticas transpessoais. Dentre as teorias integrativas utilizadas no curso duas abordagens encontram lugar central, são elas: A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e a Transdisciplinaridade de Basarab Nicolescu.

O presente trabalho, com ênfase nas teorias integrativas, buscou o estabelecimento de um diálogo entre a biografia de Jung e a abordagem transdisciplinar, com o objetivo de encontrar elementos transdisciplinares nas

posturas de Jung, a fim de demonstrar que o mestre, em arrojada postura, revelava uma dimensão transdisciplinar, quando ainda nem se abordavam tais elementos nos meios acadêmicos.

Como método utilizou-se o estudo bibliográfico, sendo selecionadas duas biografias de Jung, a tradicional autobiografia compilada por Aniela Jaffé, *Memórias, Sonhos e reflexões*, publicada em 1961, no mesmo ano da morte de Jung; e a recente *Jung, o místico: As dimensões esotéricas da vida e dos ensinamentos de C.G. Jung*, do jornalista Gary Lachman, publicado em 2010, logo após a publicação do *Livro Vermelho* (2009). O levantamento transdisciplinar se deu por meio da Carta da Transdisciplinaridade adotada pela UNESCO em 1994, e do *Manifesto da Transdisciplinaridade,* de Basarab Nicolescu, publicado pela primeira vez em 1996.

A análise biográfica se fez por meio do levantamento das falas/posturas de Jung encontradas nas biografias, em relação à dimensão "número um" (cientista) e "número dois" (místico). Para tanto foram criadas duas tabelas, uma para cada biografia. Na primeira coluna foram apresentados os trechos concernentes aos elementos biográficos (Nº 1 e Nº 2), para cada trecho buscaram-se palavras-chaves, apresentadas na coluna dois; por fim, na coluna três, para os elementos encontrados na seleção biográfica procurou-se encontrar conceitos transdisciplinares correspondentes.

Primeiramente apresentamos uma síntese cronológica da biografia de Jung, para, por fim, apresentarmos a síntese dos elementos transdisciplinares encontrados na biografia de Jung; na sequência a transdisciplinaridade e seus principais conceitos, para, por fim, apresentarmos a síntese dos elementos transdisciplinares encontrados na biografia de Jung. Não foram incluídas nesta apresentação as tabelas compiladas, pois se tratou de um volume considerável de informação que ocuparia muito espaço para um artigo, optando-se por apresentar quadros sinóticos simplificados.

1. BREVE BIOGRAFIA DE CARL GUSTAV JUNG

Jung nasceu em 1875 na cidade de Kesswil, na Suíça, filho de Paul Jung e de Emilie Preiswerk. Seu pai era um pastor protestante e sua mãe uma dona de casa, estudante de esoterismo e dotada e poderes mediúnicos. Teve uma infância solitária, sendo criado como filho único até os nove anos, por ocasião do nascimento de sua irmã Gertrude.

Com quatro anos a família mudou-se para Klein Hüningen, um vilarejo perto de Basileia. Ingressou na faculdade de Basileia por volta dos vinte anos, onde teve um estudo aprofundado sobre anatomia, fisiologia e medicina interna, formando-se ao final em psiquiatria.

Jung desde cedo vivenciou experiências místicas: na época da universidade mantinha com sua prima um local para encontro de sessões espíritas. Trabalhou no Hospital Mental Burghölzli na cidade de Zurique, onde iniciou a estruturação de sua teoria não limitando seus pacientes apenas nos sintomas, propondo uma abordagem mais humanista, holística e integral.

Conheceu Emma quando ela tinha apenas quatorze anos e sentenciou que essa bela jovem seria sua futura esposa, fato que ocorreu oito anos após. Herdeira de uma das maiores fortunas suíças, o casamento com Emma fez sua condição financeira mudar, o que lhe possibilitou montar seu próprio consultório particular e se dedicar aos estudos, viagens e escrever seus livros.

Em 1907, teve seu primeiro contato com Freud, conversando por treze horas consecutivas, virando seu principal colaborador. Rompeu com Freud seis anos após, por divergências ideológicas irreconciliáveis.

Entre 1911 e 1912 Jung lança o livro “Metamorfoses e Símbolos da Libido”. “Símbolos de Transformação”[19], o colocando em seu próprio caminho solo. Trata-se de uma obra importante na história da psicologia

[19] Em 1950 Jung fez uma ampla revisão e ampliação e rebatizou o título.

analítica; é aqui que Jung começa a exploração dos "arquétipos do inconsciente coletivo".

Em 1920, Jung deu início a uma série de viagens para adquirir experiências diretas com psiques não ocidentais. Teve passagem pela África do Norte e África Central. Em 1925, pelo sudoeste norte-americano no Novo México, com os pueblos indígenas do Taos. A atração pelo "homem Arcaico" se tornaria o tema central de sua obra.

Fez inúmeras interlocuções culturais com intelectuais da época, do sinólogo Richard Wilhelm com o esoterismo alquímico oriental até as colaborações e teorias acerca dos fenômenos sincrônicos com o físico quântico Wolfgang Pauli.

Um de seus muitos talentos artísticos era a pintura, alguns de seus quadros foram expostos em conjunto com um grupo de expressionistas suíços. Contudo, Jung não admitia que suas obras eram arte por quase toda a sua vida. Podendo estar inconscientemente seguindo a visão Platônica de Mímesis[20], sabiamente intuía que ao tratá-las como símbolos as figuras manteriam seu papel de unir o racional e o irracional ativando a função transcendente.

Dez dias após finalizar o livro *O Homem e Seus Símbolos,* ocorre a morte serena de Jung no dia 6 de junho de 1961.

Sua obra tem dezoito volumes[21] e foi denominada Psicologia Analítica, também conhecida como Psicologia Junguiana ou Psicologia complexa, distinguindo-se da psicanálise Freudiana, por ter uma noção mais abrangente e diferenciada da libido e por introduzir a função transcendente.

[20] Na teoria de Platão, uma obra só é arte se for imitação ou representação da natureza, excluindo a arte abstrata.

[21] A tradução para a língua portuguesa foi publicada pela Editora Vozes em um total de 19 volumes, que correspondem aos 18 volumes do original em alemão e mais um volume de Índice Geral.

Sua obra póstuma, intitulada de *O Livro Vermelho* ou *Liber Novus,* só foi publicada em 2009, após ficar guardada por 48 anos em um cofre de banco na Suíça. Os motivos para tanto sigilo são percebidos nas imagens e textos de linguagem simbólica e de difícil interpretação. A obra testemunha em imagens e textos as visões e diálogos do confronto de Jung com o inconsciente.

Sendo o "cadinho" de seu laboratório alquímico, seu confronto com o inconsciente decompôs a psique, originando termos, entre outros, como Persona, Sombra, anima, animus, arquétipos, complexos, inconsciente coletivo, centro transcendente, self, entre outros, que são explicados com grande clareza no livro de Murray Stein, *Jung – o mapa da alma,* Editora Cultrix.

2. BREVE BIOGRAFIA CRONOLÓGICA DE JUNG

1875 – Nascimento em 26 de julho;
1881 – Ingressou na escola primária e estudou Latim com o pai;
1882 – Acometido da doença de Crupe;
1887 – Bate a cabeça e fica afastado seis meses das aulas;
1891 – Lê o "Fausto", de Goethe;
1895 - 1900 – Estudante de medicina na Universidade de Basileia;
1896 – Conhece Emma Rauschenbach; morte do Pai;
1898 – Começa a participar de sessões espíritas com sua prima Hélène Preiswerk;
1900 - Aceito no hospital psiquiátrico Burghölzli em Zurique;
1902 – Tese de doutorado: "Psicologia e a patologia dos fenômenos ditos ocultos";
1903 - Casa-se com Emma, teve cinco filhos (Agathe, Gret, Franz, Marianne e Hélène);
1904 – Organiza um "Laboratório de Psicopatologia Experimental" no Burghölzli;
1905 - 1909 - chefe de clínica no Burghölzli;
1905 - 1913 - Prof. na Faculdade de Medicina; aulas de psicologia e psiconeuroses;
1907 - Primeiro encontro com Freud;
1908 - I Congresso Internac. de Psicanálise; Inicia romance com Sabina Spilrein; compra terreno e constrói sua casa nas margens do lago de Zurique;
1909 - Abertura de clínica particular; estuda mitologia e gnosticismo;
1910 - 1914 - Primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional;
1911 – 1912 – Metamorfoses e Símbolos da Libido; inicia romance com Tony Wolff;
1913 - Rompimento com Freud, nomeia à sua psicologia de "Psicologia Analítica"; começa a escrever o "Livro Vermelho" (Liber Novus);

1914 - Conferências em Londres e Aberdeen; estuda a “Divina Comédia”, de Dante, e “Assim falava Zaratustra”, de Nietzsche;
1915 – 1926 – Estuda com aprofundamento a gnose;
1916 -1917 - "Sete Sermões aos Mortos" e "A Função Transcendente"; pinta o 1º mandala; presta serviço militar;
1918 - 1919 - Comandante do campo de internação de soldados ingleses; ensaio “Sobre o inconsciente”; pintura de mandalas;
1921 - "Tipos Psicológicos";
1923 - Construção da torre de bollingen (durou até 1955), no lago de Zurique e início de seu auto experimento; falece sua mãe;
1924 - 1925 - Visita aos índios do Novo México (Estados Unidos);
1926 - Expedição a Uganda, ao Quênia, às margens do Nilo, Elgonys no Monte Elgon;
1928 – Livro "O Eu e o Inconsciente";
1929 - Comentário no livro "O Segredo da Flor de Ouro";
1932 - Prêmio de Literatura em Zurique;
1933 - Viagem ao Egito e Palestina; conhece Marie-Louise Von Franz;
1934 - Presidente da Sociedade Médica Geral para Psicoterapia;
1936 - Doutor “honoris causa” em Harvard;
1938 - Viagem à Índia, recebendo o título de doutor “honoris causa” em Calcutá, Benares e Allahabad; presidente do Congresso Internacional de Psicoterapia, em Oxford onde recebe título de doutor honoris causa; membro da Real Sociedade de Medicina;
1940 – Livro "Psicologia e Religião";
1944 - Nomeação para a cátedra de Psicologia da Faculdade de Medicina de Basileia; sofre uma parada cardíaca e tem uma EQM; Livro “Psicologia e Alquimia”;
1945 - Doutor "honoris causa" da Universidade de Genebra
1946 – Sofre o segundo enfarte;
1948 - Inauguração do Instituto C. G. Jung em Zurique; estuda William Blake;
1951 – Livro "Aion";
1952 – Estudos com Pauli sobre "Sincronicidade" e Livro "Resposta a Jó";
1955 - Morte de sua mulher a 27 de novembro; Livro "Mysterium Conjunctionis";
1957 - Começo da redação de "Memórias, Sonhos e Reflexões", com Aniela Jaffé; entrevista na TV para a BBC;
1960-1961 - 1960 – Sofre o terceiro enfarte; eleito cidadão honorário de Küsnacht; termina, dez dias antes de morrer, um ensaio para "O Homem e Seus Símbolos"; morre a 6 de junho de 1961.

3. MÉTODO

Os objetivos do trabalho definem a abordagem qualitativa de natureza básica e exploratória como a mais adequada, utilizando como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica (SILVA E MENEZES, 2005).

Assim fez-se um levantamento das biografias a serem utilizadas chegando-se a duas compreendidas como fundamentais. a) a autobiografia de Jung, em colaboração com Jaffé (1961), onde o autor(a) centra-se em relatos de experiência focando-se mais em seu lado cientista; b) e Lachman (2010), a biografia mais recente que se foca mais no lado místico e humano de Jung.

Jung percebeu em si mesmo as duas características de personalidade: a) Cientista, a qual denominava de número 1; e b) Místico, a qual denominava de número 2. Essas características foram mapeadas nas obras selecionadas.

A análise transdisciplinar centrou-se em dois documentos: a) Carta da Transdisciplinaridade como principal documento síntese adotado pela UNESCO em 1994 e; b) no *Manifesto da Transdisciplinaridade* de Basarab Nicolescu (1996), autor que atuou, também, como relator da Carta. Ambos fundamentam o enfoque dado ao Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal (2017-2019), sendo utilizado, portanto, nesta investigação.

A fim de localizar os conceitos transdisciplinares na biografia de Jung, criaram-se quatro tabelas de dupla entrada. Desta forma, cada uma das biografias foi lida procurando-se localizar as falas relativas aos números "1 e 2"; para cada um desses trechos procurou-se encontrar palavras-chaves que pudessem sintetizá-los. Esse primeiro levantamento foi feito numa planilha Excel.

Os conteúdos transdisciplinares foram lidos e sintetizados em busca dos principais conceitos. Esta síntese foi utilizada na busca de enquadrar as palavras-chaves em tais conceitos.

Por fim, foram organizados quatro quadros sinóticos apresentados neste artigo onde foi transcrito o trecho selecionado e fez-se, então, o enquadramento transdisciplinar de acordo com as categorias transdisciplinares levantadas.

A classificação se deu em três etapas: 1º) Classificação pelos pesquisadores; 2º) Checagem por profissional da psicologia; 3º) Nova verificação pelos pesquisadores.

4. A TRANSDISCIPLINARIDADE E SEUS PRINCIPAIS CONCEITOS

Este tópico é dedicado a uma apresentação das linhas gerais da transdisciplinaridade e uma apresentação sintética de tais conceitos.

A transdisciplinaridade propõe uma nova abordagem científica no que diz respeito às relações entre diferentes tipos de conhecimento. Visa ampliar os espaços de intercâmbio dinâmico e inovar com experiências e abordagens pedagógicas.

Tem seus alicerces fundados na aplicação de uma metodologia que une e transcende as áreas do saber, proporcionando uma visão global resgatando a integralidade das complexas estruturas que formam os seres e suas conectividades e inter-relações com o todo.

Objetiva encontrar e aplicar os princípios que convirjam entre as culturas, para que haja entre elas um diálogo transcultural, transnacional e transreligioso.

A definição de transdisciplinaridade supera sua etimologia, pois o sentido do termo *trans é* para o que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de todas as disciplinas, transcendendo sua abrangência, para outras racionalidades e conhecimentos.

Historicamente, o primeiro documento internacional que faz referências explícitas à transdisciplinaridade foi "A declaração de Veneza", comunicado final do colóquio "A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento", organizado pela UNESCO em Veneza no ano de 1986.

Com a formulação da Carta da Transdisciplinaridade, por ocasião do I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, realizado em Arrábida,

Portugal, em 1994, e, em 1997, do I Congresso Internacional, realizado em Locarno, Suíça, ambos organizados pelo CIRET - *Centre International de Recherches et Etudes Transdisciplianaires* de Paris e pela UNESCO; foram definidos os três pilares da metodologia transdisciplinar: a **Complexidade**, a **Lógica do Terceiro Incluído** e os **Níveis de Realidade**.

De acordo com Nicolescu (1999, p.12), a **Complexidade** se "nutre" e está intimamente ligada com a profundidade com que a exploração científica disseca e fatia uma disciplina em uma verdadeira explosão fragmentária, determinando ao mesmo tempo a aceleração da multiplicação de novas disciplinas oriundas da disciplina-mãe. Como consequência, é possível deduzir que ocorre o isolamento causal, cessando a comunicação entre as "disciplinas-irmãs-univitelinas", ignorando-se os laços de significação que originalmente compactuavam. Assim, caberia à transdisciplinaridade, com sua metodologia, resgatar a integralidade desses aspectos inter-relacionais, numa abordagem multidimensional e multirreferencial.

Na **Lógica do Terceiro Incluído,** assim como na maioria das lógicas não clássicas, de acordo com Berni (2014, apud NICOLESCU, 2008), há o questionamento do segundo axioma lógico da não contradição, implicando na revisão do terceiro axioma (terceiro excluído). Berni explica que a lógica do terceiro incluído admite a inclusão de um terceiro termo, para conciliar os pares contraditórios, contudo, não os negando, ocorrendo em outro nível de realidade. Com isso, o terceiro incluído serve como um termo mediador, a fim de que os três termos possam coexistir ao mesmo tempo (**A, não-A e T**)[22].

[22] Apenas lembrando, a lógica clássica está baseada em três axiomas. Exemplificado, Direita é Direita (primeiro axioma da identidade **A é A**), Direita não pode ser "Não Direita ou Esquerda" (segundo axioma da não-contradição **A** não **é não-A**) e Direita não pode ser Direita e não-Direita ou Esquerda ao mesmo tempo [(axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo **T** (T de "terceiro incluído") que é ao **mesmo tempo A e não-A**)]. Esta lógica é fundamental para definir e organizar macrossituações, como, por exemplo, o sentido de tráfego. Imagine por um instante, uma via rodoviária única que permitisse sentido único e contramão ao mesmo tempo.

Por **Níveis de Realidade**, segundo Nicolescu, devemos entender como:

> Um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão radicalmente separadas das leis do mundo microfísico. Isto quer dizer que dois níveis de Realidade são *diferentes* se, passando de um ao outro, houver ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade) (Nicolescu,1999).

A mecânica quântica está revolucionando e colocando as teorias dogmáticas da física clássica em xeque, principalmente a crença da existência de um único nível de realidade. Nicolescu, explica como o mundo quântico, com suas características de não continuidade, não localidade e de não separatividade, nos apresenta a possibilidade de múltiplos níveis de realidade, estando em ressonância com a visão transdisciplinar. (NICOLESCU,1999, p.6-p.21).

Ainda no mesmo capítulo, infere-se que enquanto a disciplina se aprofunda em um objeto ou parte isolada do todo, a multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade estuda o mesmo objeto sob a ótica de várias disciplinas sincronicamente e a interdisciplinaridade procura transferir a metodologia de pesquisa de uma disciplina para outra. Contudo, não haveria ainda alguma coisa que estaria entre, através e além delas? Apenas a visão reducionista do pensamento clássico ainda deduz empiricamente que não, por não localizar o objeto de estudo (NICOLESCU,1999, p.6-p.21).

Objetivando inserir a abordagem transdisciplinar na educação, em 1996 foi elaborado por Jacques Delors, e publicado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, um relatório para UNESCO. Nele constavam os quatro pilares para educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser), que foram

---

Porém, para os níveis microfísicos quânticos e para a dualidade subjetiva dos opostos, ela deixa de ter a eficácia lógica.

acrescidos posteriormente com seus pilares complementares (aprender a participar e aprender a antecipar).

Para sua implantação, que como uma proposta visionária está muito à frente do seu tempo, encontra muitos desafios. Um deles é a formação de formadores transdisciplinares que necessitam passar por um longo e contínuo processo e contemplar, conforme enunciou Pineau, uma tríplice base: autoformação (formação na relação consigo mesmo), heteroformação (formação na relação com os outros) e ecoformação (formação na relação com o ambiente).

Além disso, conforme enalteceu Nicolescu (1999): "É fundamental que essa formação tripolar inclua um olhar multidimensional sobre o sujeito e o objeto, implícita na transdisciplinaridade, remetendo-nos assim aos diferentes níveis de percepção do sujeito e aos diferentes níveis de realidade do objeto".

Destacam-se no cenário brasileiro os trabalhos do grupo de Estudo para Escola do Futuro da USP, que deu origem ao Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS), fundado em 1998. O centro tem por finalidade desenvolver atividade de pesquisa e prática reflexiva sobre a epistemologia transdisciplinar e a subsequente geração de projetos que visem a sua implementação nas áreas correntes do conhecimento, do ensino, do trabalho considerando as inter-relações existentes entre elas.

Para sua primeira formação, foram contatadas mais de duzentas pessoas das mais diferentes áreas do conhecimento, contudo, grande parte considerou prematura e utópica a proposta, entretanto, quarenta visionários e destemidos desbravadores do amanhã se identificaram com a causa e aceitaram o chamado. A conceituação de transdisciplinaridade é inspiradamente assim definida na página inicial no site do CETRANS (www.cetrans.com.br):

> Ali, onde o homem busca se aproximar de sua essência e melhor compreender a realidade da condição humana está a Transdisciplinaridade, para apoiá-lo rumo a uma condição mais

> livre, aberta e apta a receber o vigor essencial da existência. Penetrar o universo transdisciplinar é experimentar um caminho que evoca, invoca, provoca sensações, sentimentos, presença e convoca a um ser-fazer mais lúcido e nobre, no sentido de *nous* — conhecimento, sabedoria.

O CETRANS é gerido por cinco unidades de ação (UAs), a saber, Comunicação, Comunidade, Formação, Gestão e Publicação, assim zelando pela manutenção de sua identidade. Na unidade de Publicação, o centro já conta com um considerável acervo de obras, destacando-se, entre outras, O *Manifesto da Transdisciplinaridade*, Basarab Nicolescu (São Paulo: Triom,1999) e *O Homem do Futuro – um ser em construção* (São Paulo: Triom, 2002). Contém artigos de membros do CIRET (Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares – Paris): Adonis, Basarab Nicolescu, Michel Camus, Michel Random, Patrick Paul, René Barbier e outros, sobre suas perspectivas no que diz respeito à sociedade e ao homem do século XXI.

A transdisciplinaridade não busca ter o monopólio do saber ou ser uma nova disciplina ou hiperdisciplina. Não pretende se transformar em uma nova ciência, ideologia política, filosófica ou metafísica, mas realçar sua importância catalizadora e complementar, sendo harmonicamente, "em conjunto com a disciplinaridade, interdisciplinaridade e pluridisciplinaridade uma das quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento" (Nicolescu,1999).

Em síntese os princípios transdisciplinares são:

a) Não reduzir o ser humano a uma definição ou dissolvê-lo em estruturas formais;
b) Existência de diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes;
c) Abertura de todas as disciplinas ao que as une e ultrapassa;
d) Unificação semântica e operativa através e além das disciplinas;
e) Diálogo entre as ciências exatas, humanas, arte, literatura, poesia e experiência interior;

f) Concepção do tempo e da história de forma multirreferencial e multidimensional;
g) Não se constituir em nova religião, filosofia, metafísica ou ciência da ciência;
h) Direito a todo ser humano de pertencer transnacionalmente a uma nação e ao planeta Terra;
i) Atitude aberta quanto aos mitos, religiões e temas afins;
j) Enfoque transcultural sem privilegiar ou julgar alguma cultura;
k) Educação voltada para contextualizar, concretizar e globalizar utilizando a intuição, imaginação, sensibilidade e linguagem corporal na transmissão do conhecimento;
l) Economia voltada para o ser humano;
m) Recusa a atitude de rejeição ao diálogo e à discussão de qualquer ideologia;
n) Rigor de argumentação; abertura à aceitação do desconhecido e tolerância às opiniões contrárias.

5. EM BUSCA DOS ELEMENTOS TRANSDISCIPLINARES NA BIOGRAFIA DE JUNG

A partir dos quatorze princípios transdisciplinares levantados acima, identificados pelas letras de "a" a "n", este tópico destina-se a uma busca desses elementos na biografia de Jung. Primeiramente apresentam-se as biografias utilizadas; depois apresentam-se as características da personalidade de Jung, isto é, o cientista e o místico; na sequência faz-se uma análise de tais características por biografia, procurando localizar o percentual de presença de cada conceito, em cada uma das obras. Esta análise será apresentada em tabelas e gráficos.

5 .1 As Biografias Utilizadas

Duas foram as obras utilizadas para captar os elementos chave que possam ser colocados em diálogo com os principais aspectos da transdisciplinaridade, sua autobiografia, e a mais recente biografia publicada sobre Jung. Assim, selecionamos o Livro *Memórias, Sonhos e Reflexões* da

estudante e assistente pessoal Aniela Jaffé (1961), publicado no mesmo ano da morte de Jung. Tratando-se de uma compilação das principais recordações resgatadas, ditadas e na maioria das vezes redigidas pelo próprio Jung, quatro anos antes de sua morte. É praticamente uma autoanálise de um dos grandes pensadores da psique humana. Muito discreto com relação aos ancestrais e familiares[23], o livro centra-se nas próprias vivências de Jung, que ocupam praticamente todas as mais de 360 páginas da obra, onde se expõem com riqueza de detalhes suas reflexões quanto as suas experiências, o que é de suma importância para mapear sua personalidade. Nessa obra Jung procura manter uma abordagem autobiográfica mais centrada em seu lado cientista.

Como complemento, selecionamos o livro *Jung, o místico – as dimensões esotéricas da vida e dos ensinamentos de C.G. Jung – uma nova biografia,* do autor Gary Lachman[24]. Tratando-se da biografia mais recente de Jung (2010), publicada logo depois da publicação do *Livro Vermelho* (2009). Com a imparcialidade desenvolvida ao longo da vida em virtude de seu viés profissional, o jornalismo, Lachman analisa em farta documentação a vida e obra de Jung do ponto de vista da tradição esotérica ocidental, o colocando no mesmo contexto de outros grandes pensadores esotéricos como Rudolf Steiner entre outros. Nas mais de 250 páginas do livro, a personalidade de Jung é dissecada para preencher as lacunas que completam a compreensão desse pioneiro da Psicologia. Concentrando-se na dimensão ocultista e mística de sua vida, todas as suas influências e experiências pessoais são trazidas à tona. De marido infiel cercado de amantes, polígamo, pai ausente, beberrão[25] ou um ser humano no limiar entre a lucidez e a esquizofrenia. Assim, o livro ajuda a descrever o humano por trás do gênio, Lachman contribui de forma brilhante para desfazer os mitos e fantasias sobre Carl Gustav Jung, trazendo sua biografia o mais próximo possível da imperfeita natureza humana. O livro tem em seu final um pós-escrito, fazendo

[23] Só para se ter uma ideia, sua esposa é citada apenas uma vez e apenas para falar brevemente de sua morte.
[24] Gary Lachman é um crítico e jornalista nascido em Nova Jersey, EUA, e residente em Londres. Autor de vários livros sobre as relações entre consciência, cultura e a tradição esotérica ocidental.
[25] Seu apelido na faculdade era barril.

uma análise crítica do *Livro Vermelho* e uma breve história por trás de sua publicação.

5.2 - O Cientista (1) e o Místico (2)

Jung percebe que tinha duas tendências em sua personalidade, autonomeadas de Nº 1 para a personalidade cientista, e Nº 2 para a mística, que lhe proporcionaram grandes incompreensões pelos meios acadêmicos e científicos, geralmente mais céticos e empiristas. Em contrapartida, privilegiaram-no com uma visão abrangente e holística que lhe ampliou seus horizontes em relação ao campo epistêmico que estava construindo. Aprendeu a conviver com ambas e, nas suas teorias, concluiu que estava se individuando no caminho para o Self, sendo esta uma situação comum a qualquer pessoa. Ele assim refletiu sobre sua situação:

> O Jogo alternado das personalidades nº 1 e nº 2, que persistiu no decorrer de minha vida não tem nada de em comum com "dissociação", no sentido médico habitual. Pelo contrário, tal dinâmica se desenrola em todo o indivíduo (JAFFÉ, 1961, p.51).

Desde tenra infância, Jung tinha a autopercepção de que havia duas personalidades se manifestando em sua vida. Somente próximo à fase adulta conseguiu identificá-las e mapeá-las, conforme narrou em suas reflexões:

> Naquela época, como já disse, não era capaz de formular com clareza meus sentimentos e intuições: eles se desenrolavam em meu personagem nº 2. Meu eu ativo e compreensivo, o nº 1, permanecia passivo e absorvido na esfera do "homem velho", o nº 2, que pertencia aos séculos (...). Quando o eu que se tornava cada vez mais idêntico ao nº 1 ocupava o palco, o "homem arcaico" – se é que dele me lembrava – se transformava num sonho longínquo e irreal (JAFFÉ, 1961, p.70).

Nessa tarefa de automapeamento, percebeu que havia certo antagonismo, também, uma mente bicameral e esquizoide, que produzia duas percepções diferentes de si mesmo e da realidade. Por vezes achava muito

difícil controlá-las, pois se chocavam entrando em confronto direto. Lachman descreveu esta situação assim:

> Jung se sentia atraído por dois opostos. O Nº 1 tinha desenvolvido um interesse pela ciência, com sua busca de "fatos", preenchia os requisitos. Mas o Nº 2 tinha um profundo amor pela história, religião, filosofia e todo o mistério especulativo que as cerca (LACHMAN, 2010, p.47).

Ao decidir sua formação pela psiquiatria, Jung aliviou em muito esse conflito interno entre as personalidades, pois vislumbrou que a área escolhida abarcava as duas dimensões de seu ser. Seus conhecimentos eram ecléticos e abrangentes. Lachman o descreve da seguinte forma:

> O Nº 1 sabia que tinha de mergulhar nos estudos de medicina para estar pronto para uma carreira de médico, mas o Nº2 queria transcender o que via como limites artificiais da ciência e enfrentar os grandes mistérios: a vida, a morte, a alma, o tempo, o espaço, a eternidade (LACHMAN, 2010, p.63).

Jung procurava não deixar o seu lado místico interferir em sua imagem de cientista. Para preservá-la, registrava em forma de imagens e textos dotados de profundo simbolismo, em folhas separadas. Essas imagens e textos de seus autoexperimentos de confronto com o inconsciente ficavam arquivados em seu escritório. Posteriormente eram encadernados com capa preta e chamados de livros negros. Jung tinha o grande sonho de expor seus registros místicos em um único livro chamado de *Liber Novus*. Assim sendo, o esboço começou a se desenvolver com a compilação fiel de metade das fantasias dos Livros Negros, com suas iluminuras e ilustrações pintadas com uma tinta artesanal desenvolvida pelo próprio Jung, com várias citações em Latim e permeadas de comentários interpretativos. Infelizmente, traumatizado pelas distorções e mal compreendidos de suas teorias revolucionárias, nunca as publicou, e acabaram ficando guardadas por quase meio século, sendo publicadas recentemente, no ano de 2009, com o título de *Livro Vermelho*.

5.3 - Análise da Biografia de Jung x Transdisciplinaridade pela visão do Livro *Jung, o Místico*, de Gary Lachman

A partir da síntese dos conceitos transdisciplinares apresentada no tópico terceiro deste trabalho, onde foram encontradas 14 categorias elencadas de "a" a "n", procura-se, neste tópico, localizar a correspondência dessas categorias com a narrativa biográfica de Jung, nos perfis de personalidade autoidentificados como sendo *Cientista* (Nº 1) e *Místico* (Nº 2), primeiramente na obra de Gary Lachman.

Para isso foram elaboradas tabelas de dupla entrada, apresentadas no Quadro Sinótico Nº 1, onde se buscou o cruzamento desses conceitos do perfil Nº 1; e Quadro Sinótico Nº 2, onde se buscou o cruzamento com o perfil Nº 2.

Após esse primeiro nível de cruzamento de informações, os conceitos encontrados foram apresentados num gráfico de percentual de presença (Gráfico 1) e por fim analisados.

Foram encontrados 11 elementos biográficos correspondentes ao Nº 1 (cientista) e 18 correspondentes ao Nº 2 (místico), totalizando 29 elementos biográficos, que encontraram aderência aos conceitos transdisciplinares.

Tanto no perfil cientista (nº 1), quanto para no perfil místico (nº 2) aparecem 11 dos 14 conceitos transdisciplinares. Entretanto, a presença de indicadores transdisciplinares é mais consistente no perfil místico (nº 2) que conta com 35 aparições, contra apenas 22 no perfil cientista (nº 1).

Analisando o Gráfico 1, onde é possível observar de forma comparada a presença dos elementos transdisciplinares em ambos os perfis na obra de Lachman, é possível constatar, também, que nas 11 categorias presentes nos dois perfis há uma tendência similar de presença, exceção feita no perfil nº 2, o místico, onde se destacam de forma significativa dois elementos transdisciplinares: o elemento "(b) Existência de diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes" e "(i) Atitude aberta quanto aos mitos, religiões e temas afins".

QUADRO SINÓTICO 1
Classificação do Cientista (lado número 1) LACHMAN, G. (2010)

Nº	Trecho/ Indicador	Cat. TD
1	Lachman menciona que por volta dos três anos houve os primeiros contatos de Jung com os paradoxos do cristianismo. Testemunhar enterros no cemitério, onde lhe diziam que o Senhor Jesus os tinha levado, em contradição com as orações que diziam que ele era o seu protetor. Originando no futuro, sua controvertida obra, "Resposta a Jó" (LACHMAN,2010, p.30).	m
2	Na teoria Junguiana, a consciência sobrevive ao corpo, suas experiências instigaram para os diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes. Com quatro anos de idade a morte começou a intrigar a curiosa mente do futuro cientista Jung. Vários fatos ligados a ela, como presenciar a matança de um porco, os corpos resgatados dias após o rompimento de uma represa e até o corpo de um garoto afogado, colocado na lavanderia de sua casa, o fariam refletir profundamente (LACHMAN,2010, p.30-31).	b
3	Até os nove anos, Jung foi filho único, com o nascimento de sua irmã Gertrude, Lachman explica que ele não aceitou sem questionamento a explicação de que a cegonha a trouxera. Sabia interiormente que queriam manter a verdade longe dele. Conclui que havia algo que não podia ser mensurado. Era o raciocínio empírico já fazendo parte de suas abordagens (LACHMAN,2010, p.35).	m n
4	O desenho serviu muito para desenvolver a capacidade de abrir as disciplinas ao que as une e ultrapassa. Lachman menciona que Jung por volta dos onze anos começa os estudos no ginásio da Basileia. Matemática e Álgebra eram muito tediosas e difíceis de assimilar por sua mente criativa. Pintura e litografia eram seus dons, contudo, o desenho só se desenvolvia bem quando sua imaginação era estimulada. Ginástica. Nem pensar! (LACHMAN,2010, p.36-37).	c d
5	Mostrando uma atitude aberta e um olhar holístico, Jung decide sobre seu futuro profissional. Lachman narra que por volta dos vinte e cinco anos, o quase Dr. Jung prestes a fazer o exame público e obter o sonhado diploma, ainda precisa escolher a área de atuação. Após fazer dois cursos de psiquiatria, que não lhes despertaram interesse, surpreendeu a todos, na última hora com a escolha de um texto clássico da psiquiatria. O Livro era acerca de temas tabus para época, como sadismo e masoquismo, logo percebidas por Jung como sintomas de uma personalidade enferma. Jung ficou entusiasmado ao poder unir seu lado empírico com o metafísico. Passou brilhantemente no exame (LACHMAN,2010, p.63 p.65).	c d e i k
6	Corroborando com o rigor de argumentação e a tolerância as opiniões contrárias, a primeira visita entre Freud e Jung ocorreu em 1907. Lachman destaca a longa conversa por mais de treze horas seguidas entre os dois. Uma forte relação estava se iniciando. Mútua era a admiração e os interesses (LACHMAN,2010, p.82).	n
7	Os mesmos conceitos transdisciplinares que os uniu, também pôs fim à relação. Mostrando rigor de argumentação e não fugindo ao diálogo. A relação de Jung com Freud teve seu o início em 1907, o apogeu com as palestras nos Estados Unidos e o rompimento no início de 1913. Lachman, relata a não aceitação de Freud do lado místico de Jung e a não aceitação de Jung para a teoria da libido apenas como energia puramente sexual a estar por trás de todas outras causas. Com o rompimento a carreira solo de Jung estava aberta (LACHMAN,2010, p.94p.116)	m n

8	Dando um passo a mais, no que abre, unifica e vai além das disciplinas, proporcionando um diálogo e consequentemente acessando outros níveis de realidade, Lachman registra que entre 1911 e 1912 Jung lança o livro "Metamorfoses e Símbolos da Libido". "Símbolos de Transformação" coloca Jung em seu próprio caminho e é uma obra importante na história da psicologia analítica; é aqui que Jung começa a exploração dos "arquétipos do inconsciente coletivo" (...) (LACHMAN,2010, p.109)	b c d e
9	A noção do homem como um ser planetário e o enfoque transcultural são percebidos em 1920, quando Jung deu início a uma série de viagens para adquirir experiências diretas com psiques não ocidentais. Lachman menciona, entre outras, sua passagem pela África do Norte e África Central. Em 1925, pelo sudoeste norte-americano no Novo México, com os pueblos indígenas do Taos. A atração pelo "homem Arcaico" se tornaria o tema central de sua obra (LACHMAN,2010, p.152 p.164).	h j
10	Acessando níveis diferentes de realidade é narrado o alívio de Jung durante a eclosão da primeira grande guerra mundial, que foram por ele antecipadas em suas visões. A guerra desfez o sentimento de que estava ficando louco. Lachman descreve que as visões e pressões internas não cessaram, apesar dos exercícios de Yoga. Assim ele opta por se entregar e deixar as coisas seguirem o seu curso. Enfrentar sua situação o colocaria numa categoria diferente dos outros terapeutas. Seria um "curador Ferido" (LACHMAN,2010, p.120-122).	b
11	Lachman destaca que apesar da insistência de que era um cientista, Jung sentiu a necessidade de passar suas ideias para um público amplo. A entrevista para BBC e os Livros "O Homem e seus Símbolos" e principalmente "Memórias, Sonhos e Reflexões", tinham esse objetivo (LACHMAN,2010, p.221).	d
	PRESENÇA DO INDICADOR TRANSDISCIPLINAR	**22**

QUADRO SINÓTICO 2
Classificação Do Místico (Lado Número 2) LACHMAN, G. (2010)

Nº	Trecho/ Indicador	Cat. TD
1	Muitas vezes transitando em realidades diferentes regidas por lógicas diferentes, Lachman lembra que Jung por volta dos cinco anos teve sonhos muito simbólicos, como o de um falo ritual gigante e muitas alucinações com imagens fantasmagóricas e visões de objetos desproporcionais que ocorriam quando estava no estado hipnagógico (LACHMAN,2010, p.31-32).	b
2	Jung passou os primeiros anos de vida solitário, desenvolvendo uma personalidade mística, poética e introvertida, não dando atenção aos outros e sempre brincando sozinho. Sua introspecção desenvolveu sua imaginação e sensibilidade (LACHMAN,2010, p.26).	i
3	Lachman descreve que o jovem Jung criava seus primeiros rituais, ao fazer mini fogueiras entre os vãos dos blocos de pedra e ficar de guardião da chama. Outro ritual era sentar em uma enorme pedra e cair em um devaneio metafísico: ele pensava que estava sentado na pedra ou era a pedra que podia estar pensando que um garoto sentava nela? Quem era a pedra e quem era o garoto? (LACHMAN,2010, p.33).	b i
4	O caráter simbólico e transcendente das mandalas contribuiu para Jung extrapolar os níveis de realidade e desvelar o que está entre, através e além das disciplinas. Lachman descreve que aos sete anos Jung teve a primeira experiência visionária com respeito ao simbolismo da mandala tibetana. Após acessos sufocantes em consequência de uma laringite subglótica, teve a visão de um círculo azul brilhante, em cujo interior se moviam anjos dourados, que o acalmaram (LACHMAN,2010, p.32).	b c d e i
5	Os sonhos foram uma das maneiras em que Jung transitou pelos diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes. Lachman aponta que por volta dos vinte anos, a indecisão de Jung para decidir em qual carreira iria se dedicar. Novamente em dois sonhos vem a resposta. O Nº 2 ajudava a decidir, e a opção era fazer o que correspondia ao perfil do Nº 1 (LACHMAN,2010, p.48 p.51).	b
6	A atitude aberta quanto aos mitos, religiões e temas afins e o acesso aos níveis diferentes de realidade, conviviam em paralelo a vida acadêmica. Lachman relata as sessões e a continuidade dos fenômenos Poltergeist. Facas sólidas que se quebravam em várias partes, mesas que rachavam, mexiam com a curiosidade do Nº 1. A tese doutoral, "A Psicologia e a Patologia dos chamados fenômenos ocultos", teve sua inspiração nesses acontecimentos (LACHMAN,2010, p.60 p.65)	b i
7	Como seu mentor era cético e se recusava ao diálogo quanto a teoria da existência de diversos níveis de realidade, Lachman, enaltece como era cômico Jung tentar convencer Freud dos "fenômenos ocultos ou de assombração". Freud relutava, com Jung presente ele até era persuadido, porém, ao analisar pela lógica e com o tempo se desfazia a influência sugestionável. Mesmo com a estante fazendo estalos, sendo segundo previsto sincronicamente por Jung, o "pai Freud não aceitava esse lado do filho" (LACHMAN,2010, p.90-91).	b m
8	Em todas as fases da vida, Jung transitava pelos diversos níveis de realidade, em meio a uma crise de valores existências, cunhada de crise da meia idade, Lachman narra a série de visões que beiravam a alucinação, ocorridas com Jung. Mares de sangue, escombros e corpos flutuando nas ondas. A menina com pombo que lhe disse que ele só viraria	b

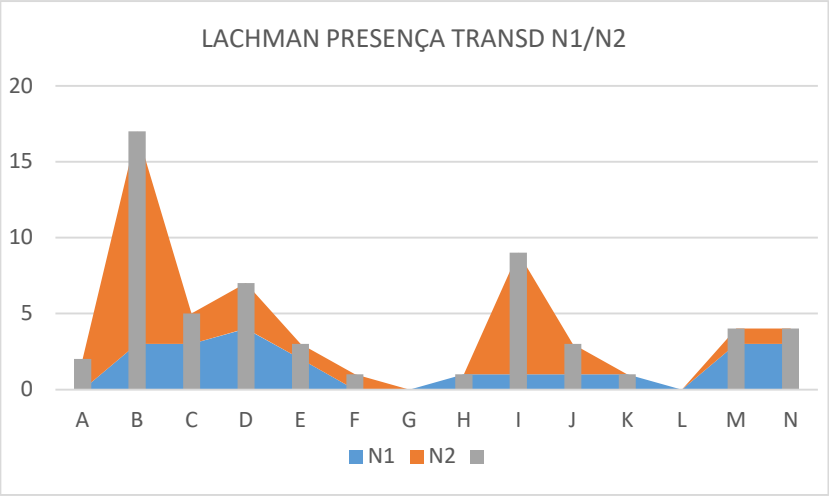
	menina quando o pombo macho estivesse ocupado com os doze pombos mortos. Estaria ele à beira da loucura ou seriam presságios de uma catástrofe externa eminente? (LACHMAN,2010, p.118- p.120).	
9	Acessando níveis diferentes de realidade, rumo ao desconhecido, Jung tem os primeiros contatos com as mandalas. Com quarenta e três anos a confrontação de Jung com o inconsciente terminou, sincronicamente, com o final da guerra. Lachman, menciona que toda manhã quando prestava serviço no exército, Jung representava seu estado psíquico, rascunhando um desenho circular. Sua primeira mandala foi criada em 1916, a chamou de Systema Mundi Totius (O sistema de todos os mundos) (LACHMAN,2010, p.137).	b i
10	Manter o pé neste nível de realidade era uma tarefa muito difícil para Jung, mas ele mantinha uma mente aberta quanto aos mitos. Ao retornar de palestras na Inglaterra, onde o Nº 1 abordava os espíritos como crença, é mencionado por Lachman a experiência em um quarto de chalé com a fama de mal-assombrado. A visão de um rosto pela metade de uma mulher velha no travesseiro ao seu lado e outras ocorrências lhe tiraram o sono. (LACHMAN,2010, p.151).	b i
11	Mantendo uma mente aberta e uma visão transcultural, em 1923, Jung se impressiona com as palestras de Richard Wilhelm sobre o I Ching e sabedoria chinesa. Lachman menciona a ênfase na utilização do oráculo, que já era de conhecimento de Jung com seus pacientes. Mais tarde, em 1928, Jung pintaria um mandala, representando um castelo dourado. Sincronicamente recebe um tratado alquímico intitulado de "O segredo da flor de Ouro". O profeta vai se transformar no alquimista (LACHMAN,2010, p.155 p.164).	b i j
12	Os diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes eram muito evidentes durante a vida de Jung, porém uma experiência foi muito marcante. Lachman menciona que em 1944, após uma queda no gelo, Jung vai para o hospital e após dez dias sofre um infarto que o faz ter uma experiência de EQM[26]. Jung se via flutuando e teve várias visões. Previu que o médico que o salvara, tinha trocado sua vida pela dele. No dia 4. 4.1944, Jung levanta da cama e o médico é acometido de uma septicemia fatal (LACHMAN,2010, p.201-202).	b
13	A atitude aberta, o enfoque transcultural, a concepção multirreferencial e multidimensional, fizeram Jung transitar por várias áreas e possibilitaram a abertura as disciplinas ao que está entre, através e além delas. Lachman ressalta que após se dedicar a ser alquimista e místico, protegido em sua torre, Jung sai e de vez se coloca na luz do mundo. O "sábio de Küsnacht" havia chegado. E com ele os prenúncios da nova era "A era de Aquário", resgatada de seus estudos sobre o mês platônico (LACHMAN,2010, p.204-205)	c d f i j
14	Lachman resgata que ao se sentir dividido e com uma profunda alteração de identidade na escola, Jung de criança solitária, se viu cercado de companhia. Gostou, mas, sentiu-se dividido, com uma profunda alteração de identidade, o que nas suas futuras teorias, caracterizariam como conflito entre o self e a persona (LACHMAN,2010, p.32-33).	a b
15	Lachman menciona que na adolescência houve uma atração de Jung para os pré-socráticos. Porém, foi com Schopenhauer, em virtude de ser de agradável leitura e por sua abordagem realista quanto ao Mal, que Jung se identificou. Foi a ponte para o contato com a obra de Immanuel Kant (LACHMAN,2010, p.43)	c d

[26] Experiência de Quase Morte.

16	Lachman menciona duas técnicas desenvolvidas por Jung que remetem ao conceito transdisciplinar que trata dos diversos níveis realidade regidos por lógicas diferentes, ao fazer uso da imaginação ativa, que em conjunto com a função transcendente, que são as suas mais importantes descobertas. Na imaginação ativa, no estado hipnagógico os cenários e os personagens são criados e tem-se início ao diálogo, que seria em última análise uma conversa interior consigo mesmo. Ganham realidade, através dos registros dos diálogos e de suas representações em desenho pintado, que ilustram seu Livro Vermelho (LACHMAN,2010, p.120 p.134).	b
17	Jung, ao desenvolver a teoria do Self, concebe que haveria uma totalidade psíquica mais ampla, e diferenciada do ego, sendo este apenas uma parte do todo. Lachman menciona como Jung comparava a harmonia e simetria dos mandalas quando o estado psíquico estava bem e a desarmonia quando estava mal. Intuiu que o processo de individuação era um mandala interior (LACHMAN,2010, p.138).	a b
18	O rigor de argumentação e aceitação do desconhecido são colocados em prática, pelas previsões e presságios feitos no Livro de Aion (1951), com relação à transição para nova era. Praticamente estavam transformando Jung numa espécie de Nostradamus moderno. Lachamn aponta para a coragem do Nº 1 em assumir os riscos, para ajudar aqueles que não estavam preparados. Ele a chama de "tarefa ingrata" (LACHMAN,2010, p.206).	n
	PRESENÇA DO INDICADOR TRANSDISCIPLINAR	**35**

A distribuição dos conceitos na obra de Lachman pode ser visualizada no gráfico1

GRÁFICO 1



5.4 Análise da Biografia de Jung x Transdisciplinaridade pela visão do livro *Memórias, Sonhos e Reflexões,* de Aniela Jaffé

Seguindo os mesmos critérios e procedimentos utilizados nos quadros 1 e 2 analisados da obra de Lachman, analisar-se-á agora a obra de Aniela Jaffé. Os quadros 3 e 4 foram compostos a partir da síntese dos conceitos transdisciplinares apresentada no tópico terceiro deste trabalho, onde foram encontradas 14 categorias elencadas de "a" a "n"; procura-se, assim, neste tópico, localizar a correspondência dessas categorias com a narrativa biográfica de Jung, nos perfis de personalidade autoidentificados como sendo *Cientista* (Nº 1) e *Místico* (Nº 2).

Para isso foram elaboradas tabelas de dupla entrada, apresentadas no Quadro Sinótico Nº 3, onde se buscou o cruzamento desses conceitos do perfil Nº 1; e Quadro Sinótico Nº 4, onde se buscou o cruzamento com o perfil Nº 2.

Após esse primeiro nível de cruzamento de informações, os conceitos encontrados foram apresentados num gráfico de percentual de presença (Gráfico 1) e por fim analisados. Foram encontrados 23 elementos biográficos correspondentes ao Nº 1 (cientista) e 22 correspondentes ao Nº 2 (místico), totalizando 45 elementos biográficos, que encontraram aderência aos conceitos transdisciplinares.

No perfil cientista (nº 1) aparecem 12 dos 14 conceitos transdisciplinares, enquanto que no perfil místico (nº 2) aparecem 9 dos 14 conceitos transdisciplinares. Na presença de indicadores transdisciplinares se mantém a supremacia no perfil cientista (nº 1) que conta com 60 aparições, contra 47 no perfil místico (nº 2).

Analisando o Gráfico 2, observa-se de forma comparada na obra de Jaffé a presença dos elementos transdisciplinares com maior incidência no perfil cientista em relação ao perfil místico. Igualmente como na obra de Lachman se destaca o conceito transdisciplinar: "b) Existência de diferentes níveis de realidade regidos por lógicas diferentes" e diferentemente da

primeira obra é seguido do elemento "f) Concepção do tempo e da história de forma multirreferencial e multidimensional"; "c) Abertura de todas as disciplinas ao que as une e ultrapassa"; "i) Atitude aberta quanto aos mitos, religiões e temas afins" e "j) Enfoque transcultural sem privilegiar ou julgar alguma cultura".

QUADRO SINÓTICO 3
Classificação do Cientista (Lado Número 1) JAFFÉ, A. (1961)

Nº	Trecho/ Indicador	Cat. TD
1	Ao descrever e definir os Tipos Psicológicos, parece que Jung foi contra o primeiro conceito transdisciplinar, mas ao lhes atribuir funções psíquicas, mesmo parecendo paradoxal, o conduziu para as teorias do inconsciente coletivo e do self, dando uma dimensão que está além das definições formais e extrapolando a concepção de um único nível de realidade. Ele assim concebeu: "Meu livro sobre os tipos psicológicos conclui que todo o julgamento de um homem é limitado pelo seu tipo de personalidade e que toda maneira de ver é relativa. (...) Cheguei muito perto da noção chinesa do tao. (...) As minhas reflexões e pesquisas atingiram então o ponto central de minha psicologia, isto é, a ideia do Self" (JAFFÉ,1961, p.183)	a b j
2	Ao visitar uma tribo na savana africana, Jung percebeu que "esse mundo" o colocava em uma dimensão muito além das suas concepções sobre o homem, assim descreveu: "Tornou-se então extraordinariamente claro para mim o valor cósmico da consciência (...) Esse fato foi atribuído unicamente ao criador, sem perceber que nesse caso se rebaixa a vida e o ser, inclusive a alma humana, a uma máquina calculadora em seus mínimos detalhes, que continua a funcionar desprovida de sentido, adaptando-se a regras predeterminadas e conhecidas a priori. Na desolação de um tal mecanismo de relojoaria, não há lugar para o drama do homem, do mundo e de Deus" (JAFFÉ,1961, p.225-226).	a b j
3	Discorrendo sobre a soma de conhecimentos que a psiquiatria lhe incitava para poder atender melhor seus pacientes, Jung reafirmou a necessidade de abrir as disciplinas, unificá-las e explorar o que está entre, através e além delas, proporcionando uma visão multidimensional e multirrefencial no tempo. Sobre isso ele sentenciou: "Pois descobertas são feitas quando se transferem conhecimentos de um domínio para outro, a fim de empregá-los de maneira prática. (...) Quando uso, por exemplo, conhecimentos históricos ou teológicos no domínio da psicoterapia, eles aparecem naturalmente sob uma nova luz e levam a outras conclusões que não aqueles limitados domínios de suas especialidades, onde servem para outros fins" (JAFFÉ,1961, p.301-302).	c d e f i

4	Muito em sintonia com os principais conceitos transdisciplinares, principalmente os que fazem uma abertura nas disciplinas as unindo operativamente, Jung pode ir além e vislumbrá-las sem as limitações do tempo e do espaço. Clarifica-se isso, nesta breve e profunda reflexão: "Vi logo que a psicologia analítica concordava singularmente com a alquimia. (...) Para mim, isso foi naturalmente uma descoberta ideal, uma vez que percebi a conexão histórica da psicologia do inconsciente" (JAFFÉ,1961, p.181).	c d e f i
5	Em concordância com os conceitos transdisciplinares que tratam da atitude aberta aos mitos, religiões e afins e com enfoque transcultural, Jung assim narrou ao descrever sua forma de tratar seus clientes no consultório: "Nunca tento converter (...) Um pagão continuará um pagão; um cristão, cristão, um judeu, judeu, se for assim que exigir seu destino" (JAFFÉ,1961, p.126).	g i j
6	Ao mensurar o começo de sua jornada na universidade, Jung deixa claro novamente em vários trechos sua atitude aberta, enfoque transcultural e discussão de qualquer ideologia. Ele assim descreve: "Durante a minha vida (...) recebi muitos estímulos no tocante ao problema religioso. (...) conversar com um teólogo(...) era um grande erudito (...) devo a ele minha instrução no que se refere a patrística e a história dos dogmas. (...) (JAFFÉ,1961, p.95).	i j m n
7	Discorrendo sobre suas percepções extrassensoriais em uma noite, ao escutar passos, conversas e risos no lado de fora da sua torre, Jung busca uma explicação, ele assim se posicionou: "Poder-se-ia também explicá-lo como um fenômeno de sincronicidade. Esses fenômenos mostram como os acontecimentos que acreditamos conhecer (pois os percebemos ou supomos por meio de um sentido interior, têm muitas vezes correspondências na realidade exterior (...)" (JAFFÉ,1961, p.206).	b f
8	Refletindo sobre suas viagens, Jung sai do tempo e do espaço, mantendo um enfoque transcultural e integração planetária, ele assim refletiu: "Quando viajo pela África, a fim de encontrar um lugar psíquico exterior ao europeu, meu desejo inconsciente é encontrar em mim essa parte da personalidade, tornada invisível sob a influência e pressão que sou, porque não lhe concedo lugar" (JAFFÉ,1961, p.217).	b f j
9	Discorrendo sobre o numinoso, Jung teoriza que na dimensão psicológica muito pouco é conhecido, fica subentendido os conceitos que tratam de não reduzir o ser humano a uma definição e dos vários níveis de realidade. Assim ele menciona: "Tudo passa: o que ontem era verdade, hoje é erro, e o que antes de ontem era considerado um erro será considerado talvez uma revelação amanhã... e isso é ainda mais válido na dimensão psicológica, acerca da qual, na realidade, sabemos pouquíssimo" (JAFFÉ,1961, p.139).	a b f
10	Descrevendo suas experiências com os índios, novamente Jung menciona um mundo paralelo à nossa realidade e à visão planetária. Sobre isso ele assim narrou: "Precisamos sorrir, ainda que de puro ciúme, da ingenuidade dos índios (...) O saber não nos enriquece; pelo contrário, afasta-nos cada vez mais do mundo mítico, no qual, outrora, tínhamos direito da cidadania" (JAFFÉ,1961, p.223).	b j

11	Refletindo sobre o sentido e ressignificação da vida, Jung em seus relatos discorreu sobre a complementariedade entre o mito e a ciência, sua atitude aberta deixa transparecer que um existe em razão do outro, ele assim refletiu: “A carência do sentido impede a plenitude da vida e significa, portanto, doença. (...) Jamais alguma ciência substituíra um mito e jamais o mito poderá nascer de alguma ciência” (JAFFÉ,1961, p.294).	b c d g i
12	Em suas memórias, Jung relembra suas experiências com os povos indígenas, sua atitude aberta e visão transcultural lhe transportavam para uma nova realidade; sobre isso ele assim manifestou-se: “Tal comoção indicava que a colina de Sânchi representava algo para mim algo de central. Lá, o budismo revelou-se para mim numa nova realidade do si-mesmo que penetrara uma vida pessoal e a reivindicará. Para o Buda, o si-mesmo está acima de todos os deuses. (...) Cristo também – como o Buda – é uma encarnação do si-mesmo num sentido muito diferente” (JAFFÉ,1961, p.245).	b i j
13	Expondo em suas memórias as “forças exteriores” que o levaram a escrever *Aio*n, Jung de forma explícita declara que não tem o propósito de conceber verdades eternas e absoluta: “Fiz isso sob a forma que o problema se impusera a mim, a de uma experiência vivida, cujas emoções eu não reprimia. (...) Procurei evitar o tom que desse a impressão de anunciar uma “verdade eterna”. Minha obra não pretendia ser mais do que a voz e a interrogação de um ser isolado, que se entrega à meditação (...) Quando o físico diz que o átomo é desta ou daquela constituição e dele constrói um modelo, não tem em mira exprimir uma verdade eterna” (JAFFÉ,1961, p.190).	g n
14	Refletindo sobre o quanto essencial é a visão do ilimitado e a perda de tempo com futilidades, indiretamente se deduz o quanto a economia não está voltada para o ser humano, a “falsa posse” é consumismo escravizador que afasta o homem de sua realidade divina, sobre isso ele assim declarou: “Quanto mais o homem acentua uma falsa posse (...). Sente-se limitado porque suas intenções são cerceadas e disso resulta inveja e ciúme. Se compreendermos e sentirmos que já nesta vida estamos relacionados com o infinito, os desejos e atitudes se modificam. Finalmente, só valemos pelo essencial e se não ascendemos a ele a vida foi desperdiçada” (JAFFÉ,1961, p.281).	f l
15	Ao apresentar um trabalho e este ser avaliado por seu professor como “improvisado” e sem esforço pessoal, Jung internamente sabia que a fluência do trabalho era resultado do diálogo entre seus saberes e seu mundo lúdico. Ele assim relembrou os fatos: “Protestei contra suas censuras, mas fui silenciado por esta observação – Segundo a Ars Poética, o melhor poema é certamente aquele no qual não se sente o esforço da criação (...). Eu sabia, no entanto, que desenvolvera algumas ideias interessantes; o professor, porém, não se deteve neste ponto. (...) A partir desse momento evitei mencionar qualquer tema “esotérico” na presença de meus colegas; (...)” (JAFFÉ,1961, p.72-73).	e
16	Interessado pela psicologia pessoal de Freud, Jung precisava estar aberto ao diálogo, tolerante às opiniões contrárias, mas ao mesmo tempo ter rigor de argumentação, ele assim se posicionou: “Nessa época ele (Freud) me ensinara que todos são algo neuróticos, e que é preciso, portanto, ser tolerante. Entretanto, esta afirmação não me contentava. (...) Quando ele manifestou a intenção de identificar teoria e método para fazer disso uma série de dogmas, senti que não poderia continuar a colaborar com ele. Nada podia fazer senão me afastar” (JAFFÉ,1961, p.149).	m n
17	Rememorando as experiências com os índios pueblos, Jung demonstrava estar aberto às novas culturas e suas liturgias e rituais; em um contato direto com um indígena, ele	j

	assim relatou sua experiência: "Perguntei-lhe se não pensava que o sol era uma bola de fogo, formada por um deus invisível. Minha pergunta não suscitou espanto e muito menos desagrado. (...). A única resposta que obtive foi: "O sol é Deus; Todos podem ver isso!" (...) foi para mim uma experiência nova, que me tocou profundamente" (JAFFÉ,1961, p.221-222).	
18	Refletindo sobre o afastamento do homem atual do sentido do ilimitado, Jung toca indiretamente na economia que não está a serviço dos seres humanos, os prendendo em um nível de realidade miserável, ele assim ponderou: "Nossa época colocou a tônica no homem daqui (...). A aparição dos ditadores e de todas as misérias que eles trouxeram provém de que os homens foram despojados de todo o sentido do além, pela visão curta de seres que se acreditavam muito inteligentes" (JAFFÉ,1961, p.282).	l
19	Discorrendo sobre os fenômenos das premonições, Jung formula suas teorias, e nelas a possibilidade de níveis diferentes de realidade e a concepção do tempo de forma multidimensional e multirreferencial. Sobre isso, ele assim refletiu: "Então a possibilidade de outra realidade, atrás das aparências, com outras referências, torna-se um problema intransponível e ficamos constrangidos em abrir os olhos para o fato de que nosso mundo de tempo, espaço e causalidade está relacionado com uma outra ordem de coisas (...)" (JAFFÉ,1961, p.264).	b f
20	Em defesa à Freud, contra a rejeição que este tivera pela comunidade científica: demonstrando rigor de argumentação, ao mesmo tempo em que não fugia ao diálogo, Jung assim relatou os acontecimentos: "(...) escreveram-me cartas de advertência: se eu continuasse ao lado de Freud e defendê-lo, meu futuro universitário estaria em perigo. (...) Mas de qualquer maneira, Freud abrira um novo caminho de pesquisa e a indignação do ambiente de então contra ele me parecia absurda" (JAFFÉ,1961, p.135).	m n
21	Na sua relação com Freud, Jung demonstrava uma atitude aberta e tolerante para opiniões contrárias, porém o rigor de argumentação e não fugir ao diálogo eram suas marcas registradas, ele assim relembrava seus posicionamentos: "No que concerne ao conteúdo do recalque eu não concordava com Freud. Como causa do recalque, ele apontava o trauma sexual, e eu achava isso insatisfatório. (...) Mais tarde, apresentei a Freud casos deste gênero, mas ele não quis admitir como causa qualquer outro fator que não fosse a sexualidade. Isso me parecia altamente insatisfatório" (JAFFÉ,1961, p.134).	c n
22	Questionando a validade das afirmações do pai que era pastor, ao mesmo tempo que demonstrava uma atitude aberta quanto aos mitos e religiões, Jung assim se posicionava: "Quando ouvia seus sermões, pensava em minha própria experiência. Suas palavras eram insípidas e vazias (...), contadas por alguém que nela não crê (...) mantive inúmeras discussões com meu pai (...). Ele se erguia e ao afastar-se encolhia os ombros, resignado" (JAFFÉ,1961, p.50).	i n
23	Disposto a abrir e unificar as diversas áreas do saber, Jung, mesmo tendo uma tendência para assuntos esotéricos, estudava com determinação os livros científicos, isso fica claro na seguinte passagem de suas memórias: "Li, então, os cinquenta volumes do *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie* (...)" (JAFFÉ,1961, p.107).	c d
	PRESENÇA DO INDICADOR TRANSDISCIPLINAR	60

QUADRO SINÓTICO 4
Classificação Do Místico (Lado Número 2) JAFFÉ, A. (1961)

Nº	Trecho/ Indicador	Cat. TD
1	Em suas memórias, Jung ressalta o quanto o seu contato com seu mundo interior contribuiu para sua formação pessoal e profissional. Ele descreveu sobre isso com as seguintes palavras: "Mas os encontros com a outra realidade, o embate com o inconsciente, se impregnaram de maneira indelével em minha memória. (...) "Por isso falo (...) Entre elas figuram meus sonhos e fantasias que constituíram a matéria original de meu trabalho científico (...) (JAFFÉ,1961, p.20).	b f
2	Em várias partes de sua biografia, Jung relata todas as áreas do saber em que buscou conhecimento, sempre com o intuito de traspor o que está entre e através das disciplinas. Ele assim descrevia sua busca: "Li uma pequena introdução à história da filosofia (...). Amei acima de tudo as ideias de Pitágoras, de Heráclito, de Empédocles, e de Platão, (...). Em Meister Eckhart (...). Hegel me espantou (...). O grande achado (...) foi Schopenhauer. (...) com Kant pareceu-me mais evidente(...)" (JAFFÉ,1961, p.70-71).	c d
3	Narrando o quanto seus amigos mais próximos tinham medo das suas experiências com o nº 2, Jung procurava explicações para os fatos, e os encontrava em outra realidade onde funcionariam outras lógicas. Sobre isso, ele narrou: "Afinal de contas, a ideia de que talvez certos acontecimentos escapassem às limitações das categorias de espaço, tempo e causalidade (...) não era algo de inaudito" (JAFFÉ,1961, p.97).	b f
4	Jung, em uma noite enquanto dormia, sentiu um estrondo em sua fronte e acordou, na mesma hora em que o tiro foi dado por uma paciente que cometeu suicídio; ele assim descreveu esse fenômeno sincrônico: "(...) é possível que eu tenha percebido o que se passara, em realidade em outro lugar. O inconsciente coletivo é comum a todos os homens. (...)" (JAFFÉ,1961, p.126).	b f
5	Jung relembra suas dúvidas e angústias para saber de onde viriam as imagens e sons que lhe surgiam desde tenra infância; muito cedo percebeu que aquilo pertencia a outra realidade não subordinada ao tempo e ao espaço, ele assim relembrava: "Em todas as circunstâncias decisivas isto sempre me deu a impressão de não estar entre os homens (...). Sempre que estava "lá", e, portanto, não mais a sós, me sentia fora do tempo, nos séculos (...) (JAFFÉ,1961, p.54).	b f
6	Em suas viagens artísticas para a cidade de Ravena, Jung percebia que as características mais sensíveis da parte de sua personalidade inconsciente, que na sua teoria chamou de anima, se pronunciavam com maior intensidade. Sobre este caráter multirreferencial e multidimensional do tempo e da história, ele assim descreveu: "A anima no homem é carregada de um caráter eminentemente histórico. Como personificação do inconsciente é embebida de história e pré-história. Encerra os	f

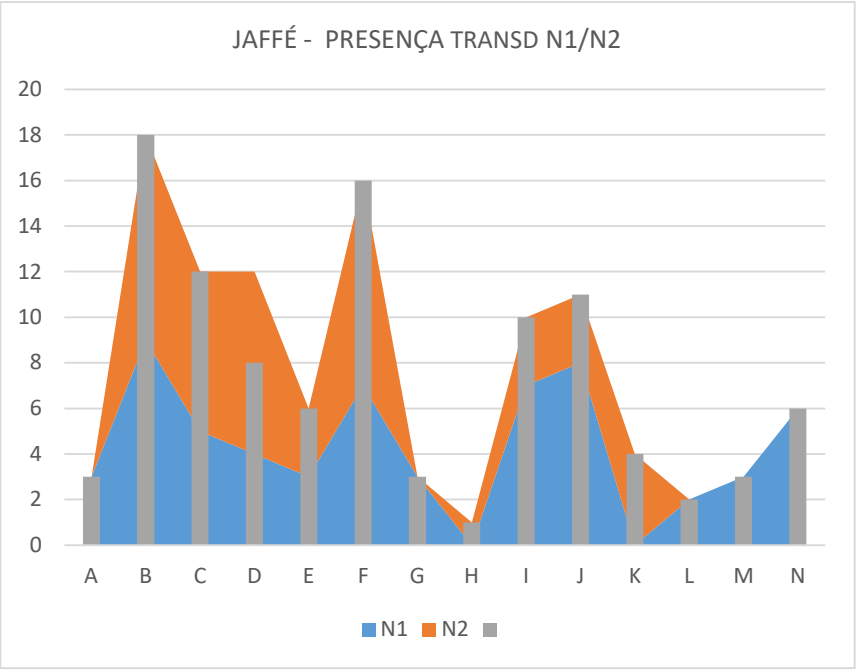
	conteúdos do passado (...) Toda a vida que foi no passado e que nele ainda vive constitui a anima" (JAFFÉ,1961, p.251).	
7	Jung narra no início de suas memórias, o autoconhecimento de cada uma de suas personalidades e como procurou descrever cada uma, para poder ter um melhor autocontrole, ele assim narrou sobre a situação: "O único aspecto claro do N° 2 era seu caráter histórico, sua extensão no tempo, ou melhor sua intemporalidade" (JAFFÉ,1961, p.87).	f
8	Sobre os fatos passados armazenados no inconsciente que muitas vezes influenciam nossa vida presente, Jung percebia que de certa forma influenciavam os níveis de realidade e continham uma dimensão histórica multidimensional e multirreferencial, ele assim refletiu: "Assim, pois, pelo menos uma parte de nosso ser vive nos séculos e essa parte é aquela que para meu uso pessoal chamei de Nº 2" (JAFFÉ,1961, p.89).	b f
9	Na época da universidade, na biblioteca do pai de um colega, Jung teve contato com um livro que tratava sobre a aparição de espíritos. De certa forma percebeu que muitas das histórias já eram suas conhecidas e também se repetiam em outras culturas. O caráter transcultural, multirreferencial e multidimensional dos fatos estavam lhe clarificando. Ele assim descreveu sobre o ocorrido: "De qualquer modo, constatei que, evidentemente, em todas as épocas nos mais diversos lugares da Terra as mesmas histórias eram contadas" (JAFFÉ,1961, p.96).	b f
10	Em sua viagem e visita aos índios pueblos, Jung relata a necessidade de buscar novos pontos de vista, demostrando ter uma personalidade planetária e um enfoque transcultural, ele assim se pronunciou: "Como, de fato, poderíamos tomar consciência de particularidades nacionais se nunca tivéssemos tido a ocasião de olhar de fora nossa própria nação? Olhar de fora significa olhar do ponto de vista de outra nação. Para isso, precisamos adquirir um conceito suficiente da alma coletiva estrangeira e, nesse processo de assimilação, chocamo-nos sempre com todas as incompatibilidades que constituem o preconceito nacional e a particularidade da nação. Tudo que me irrita nos outros pode ajudar-me no conhecimento de mim mesmo" (JAFFÉ,1961, p.218).	h j
11	De grande importância na formação de Jung na Universidade foram as diversas áreas do saber em que ele transitou, contudo, com sua visão holística, logo percebeu que não havia ligação e profundidade nelas. Ele assim relembrou os fatos: "Durante meus primeiros anos de estudo universitário, descobri que as ciências naturais veiculavam uma infinidade de conhecimentos, mas sem grande profundidade e apenas em campos específicos e em campos especializados. As leituras filosóficas haviam me ensinado que no fundo de tudo havia a realidade da psique" (JAFFÉ,1961, p.96).	c d
12	Nos exercícios de Yoga, Jung começou a perceber que poderia transformar as emoções inconscientes em imagens; foi o primeiro passo para as mandalas. Estava se educando para um aprendizado globalizado, onde a sensibilidade e a imaginação estão contextualizadas. Ele assim refletia sobre a experiência: "Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, encontrar as imagens que se	k

	ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. (...) Minha experiência, ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por detrás das emoções" (JAFFÉ,1961, p.158).	
13	Novamente Jung relata as diversas obras, nas mais variadas áreas do saber, tudo contribuiu para abrir as disciplinas e unificá-las de forma operante na busca do que as transpassa. Ele assim exemplificou: "Li Fausto que foi um bálsamo milagroso para minha alma" (JAFFÉ,1961, p.63). "(...) lia abertamente todos os romances de Gerstaecker e as traduções dos romances clássicos ingleses. Lia as obras da literatura alemã (...). Minhas leituras não obedeciam a qualquer plano; lia incansavelmente dramas, poesia lírica, história (...) e ciências naturais" (JAFFÉ,1961, p.66).	c d
14	Acessando o que nas suas futuras teorias seria chamado de inconsciente pessoal, Jung relata a experiência em que ao contar uma história inventada na hora, acessou o campo informacional de um advogado sentado à sua mesa. Sobre o ocorrido ele relatou: "Várias vezes em minha vida me inteirei subitamente de certos acontecimentos que não podia conhecer. Esse saber me assaltava a modo de uma ideia súbita. Ocorria o mesmo com minha mãe. (...) (JAFFÉ,1961, p.57).	b
15	Na infância, ao criar uma disciplina de levantar às três da manhã para estudar até as sete, antes de ir para o colégio, Jung corrobora que faltava algo para contextualizar e englobar sua educação. Ele assim descreveu sua experiência: "A natureza parecia-me cheia de maravilhas, nas quais eu queria mergulhar. Cada pedra, cada planta, tudo me afigurava animado e indescritível. (JAFFÉ,1961, p.42).	k
16	Com sua mente aberta, Jung estudou alquimia e encontrou nela uma forma de abrir os conhecimentos e testá-los em combinações diferentes, com o intuito de os transcender, sobre isso ele escreveu: "Só através do texto do Segredo da Flor de Ouro, que faz parte da alquimia chinesa (...) pude conhecer os alquimistas. (...) Descobri, finalmente, que os alquimistas falavam em símbolos, já velhos conhecidos meus" (JAFFÉ,1961, p.180).	c d i
17	Jung enfaticamente relata que tudo o que descobriu nas suas teorias foram frutos de suas fantasias. Muito em sintonia com os conceitos transdisciplinares que apontam para um enfoque holístico e educação globalizada, contextualizando para ir além delas, segundo suas reflexões: "Tudo o que fiz posteriormente em minha vida está contido nessas fantasias preliminares, ainda que sob a forma de emoções e de imagens. Minhas buscas científicas foram o meio e a única possibilidade de arrancar-me a esse caos de imagens" (JAFFÉ,1961, p.170-171).	d e k
18	Sobre as experiências de seu confronto com o inconsciente, Jung cita as imagens e textos que surgiam de sua imaginação ativa e consequente acesso a função transcendente. Sobre esse processo ele assim relatou: "As fantasias que nessa época me vieram ao espírito foram primeiro anotadas no Livro Negro e mais tarde as transcrevi no Livro Vermelho, que ornei de imagens. Este contém a maioria das mandalas que desenhei. (...) Compreendera que tanta imaginação necessitava de um	b c d e

	terreno sólido, e que eu devia voltar primeiro à realidade humana. Esta era para mim a compreensão científica" (JAFFÉ,1961, p.167)	k
19	Em conversa com um índio pueblo, Jung fica perplexo com a resposta que recebe sobre como o homem branco é percebido. Ele assim descreve sua experiência: "Caí numa profunda reflexão. Pela primeira vez na minha vida alguém me dera uma imagem do verdadeiro homem branco. Era como se, até então, só tivesse visto imagens coloridas" (JAFFÉ,1961, p.219).	j
20	Em várias partes de suas reflexões, Jung reforça sua dedicação ao estudo de todas as disciplinas, buscando uma abertura e união semântica e operativa ao que as une e ultrapassa; ele assim descreveu sua incansável busca por conhecimento: "Li também com ardor E. Von Hartmann; Nietzsche figurava em meu programa (...). Apesar de meus temores estava curioso (...) e li em seguida "Assim falava Zaratustra" (JAFFÉ,1961, p.98-99).	c d
21	Em uma viagem de trem, Jung avistou um homem apoiado em uma longa lança, em um lampejo que ultrapassa esse nível de realidade, teve o sentimento de pertencimento a todo o planeta; sobre essa experiência ele assim narrou: "Fiquei como que enfeitiçado por esse espetáculo: era um quadro que eu jamais vira, mas que me dava, no entanto, um intenso sentimento de *déja vu*. (...) Era como se eu voltasse ao país de minha juventude (...)" (JAFFÉ,1961, p.225).	b f j
22	Demonstrando uma visão holística, Jung estava aberto a todo conhecimento em busca de ir entre, através e além deles, ele assim descrevia seus interesses: "Meu interesse voltava-se para diversos campos de estudo: por um lado as ciências naturais me atraíam por seres fundadas em coisas reais; por outro, sentia-me fascinado por tudo o que se referisse à história comparada das religiões (...)" (JAFFÉ,1961, p.73).	c d e i j
	PRESENÇA DO INDICADOR TRANSDISCIPLINAR	47

A distribuição dos conceitos na obra de Jaffé pode ser visualizada no gráfico 2

GRÁFICO 2



5.5 - Presença de conceitos transdisciplinares no pensamento de Jung

Observa-se que há congruência entre as duas obras com referência à presença dos conceitos transdisciplinares. O conceito transdisciplinar **"b"**, que trata dos diversos níveis de realidade regidos por lógicas diferentes, se apresenta como o mais evidente na biografia de Lachman e Jaffé. Trata-se de um dos principais pilares conceituais transdisciplinares.

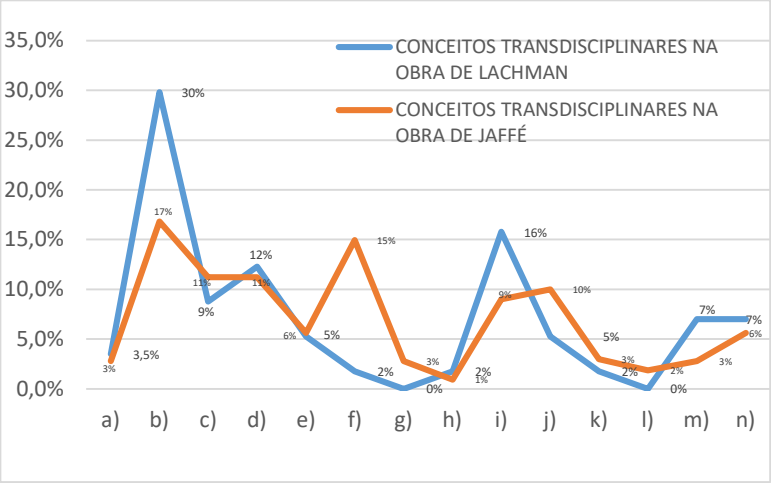
No Quadro 5 é apresentada uma síntese da presença dos conceitos transdisciplinares nos perfis N1 (cientista) e N2 (místico). Observa-se um equilíbrio exato na somatória final dos dois perfis nas duas obras (82), entretanto há uma inversão individual entre N1, que aparece com mais força na obra de Jaffé (60), e o N2 que aparece com mais força na obra de Lachman.

Talvez por que Lachman procurasse por “Jung, o místico”, enquanto o próprio Jung, em Jaffé, procurasse o cientista.

QUADRO 5
Síntese dos Conceitos e Perfis nas Duas Obras

	N1	N2	
L	22	35	57
J	60	47	107
	82	82	

GRÁFICO 3
Percentual de Presença de Conceitos Transdisciplinares Comparativos entre as Obras de LACHMAN e JAFFÉ



A comparação entre os conceitos transdisciplinares entre as obras de Lachman e Jaffé pode ser visualizada no gráfico 3. Há uma nítida semelhança

no traçado em ambas as obras, quando são comparados no gráfico 3 os percentuais de presença de conceitos transdisciplinares, havendo apenas no conceito transdisciplinar "f" um pronunciamento maior na obra de Jaffé. Destaca-se no traçado da linha da obra de Lachman o pico de 30% do conceito transdisciplinar "b" que trata dos diversos níveis de realidade, e do pico do conceito transdisciplinar "i" que aborda sobre a atitude aberta quanto aos mitos, religiões e temas afins. Esses dois conceitos transdisciplinares estão muito presentes na dimensão mística de Jung, o que pode ser justificado pelo objetivo de Lachman de explorar prioritariamente essa dimensão.

Já na obra de Jaffé, a relevância do conceito transdisciplinar "**f",** que trata da concepção do tempo e da história de forma multirreferencial e multidimensional, pode ser justificada pela forma como a obra foi composta. Por se tratar de um autorrelato de suas memórias, sonhos e reflexões, Jung transitou pelo tempo e pela história sem se preocupar com referenciais externos, o que transpareceu nas passagens relatadas no livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho realizou-se um estudo comparado entre os perfis autodeclarados por Carl Gustav Jung (Nº 1) Cientista e (Nº 2) Místico, em duas obras: Gary Lachman (2010), *Jung o Místico*; e Aniela Jaffé/ Carl Gustav Jung (1961), *Memórias, Sonhos e Reflexões.* A partir do levantamento desses perfis procurou-se classificá-los em relação aos principais conceitos da transdisciplinaridade. Houve expressiva aderência ao conceito transdisciplinar Níveis de Realidade, um dos pilares desta abordagem; desta forma, à frente de seu tempo, parece seguro poder-se afirmar que Carl Gustav Jung foi um cientista transdisciplinar, sua busca por uma visão teórica ampliada contribui para a construção de um novo paradigma integrativo na produção de conhecimentos, um paradigma transdisciplinar.

REFERÊNCIAS

BERNI, L.E.V.; BARROS, R.P. de**.** Racionalidades em diálogo pela Transdisciplinaridade: contribuições para as práticas integrativas e complementares. In: BERNI, L.E.V. (org.). ***Misticismo e Saúde numa perspectiva Transdisciplinar***. Curitiba: AMORC, 2016. (Coleção "O Homem: Alfa e Ômega da Criação", v. 6).

JAFFÉ, Aniela. ***Memórias, sonhos, reflexões.*** 5.ed**.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963. 361 p.

JUNG, C.G**.** ***O Livro Vermelho: Liber Novus***. 4.ed. 3. reimp. Petrópolis: Vozes, 2017. 516 p.

LACHMAN, G. ***Jung, o místico:*** *as dimensões esotéricas da vida e dos ensinamentos de C.G. Jung.* São Paulo: Cultrix, 2010. 280 p.

NICOLESCU, B. ***O Manifesto da Transdisciplinaridade.*** São Paulo: TRIOM, 1999. (Resenha).

_____. Fundamentos Metodológicos para o Estudo do Transcultural. In:

_____. Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade. In: NICOLESCU, B. *et al*. ***Educação e Transdisciplinaridade***. São Paulo: UNESCO/TRIOM, 1999. 165 p. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf

NICOLESCU, B. *et al*. ***Educação e Transdisciplinaridade II***. São Paulo: UNESCO/TRIOM, 2002. 211 p. Disponível em http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129707por.pdf

SILVA, E. L.; MENEZES, E.M. ***Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.*** 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

STEIN, Murray. ***Jung: o Mapa da Alma.*** 5.ed. São Paulo: Cultrix, 2010. 209 p.

www.cetrans.com.br – acessado em 30 ago. 2018.



RICARDO BARBOSA
Engenheiro Químico formado (UMC), MBA em Gestão da Qualidade (UFPR), Especialista em Ciência e Tecnologia Ambiental (UFMG) Mestre em Ciência e Tecnologia Ambiental formado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
ricardobarbosa@yahoo.com

Postgraduate *lato sensu Traditional Knowledge and Integrative Theories in Transpersonal Coaching* and its influence in the Quality of Life of the students.

ABSTRACT

Theme: Quality of Life **Aim** Evaluate how transpersonal coaching could influence the quality of life of a group of three students from the postgraduate course *Traditional Knowledge and Integrative Theories in Transpersonal Coaching*. **Method:** participant observation. Initially, analysis of the letters of intent and self-assessment were made. Then, the students were interviewed and they answered the WHOQOL questionnaire. **Results**: There was an increase in the perception of the quality of life and improvement of personal satisfaction for each student at different levels, which depended on individual personal aspects. **Conclusions**: It was concluded that the results occurred due to the student's opening to the coaching process, the practices and activities carried out, the organizational structure of the course and the role of the tutor.

Key words: quality of life, coaching, transpersonal psychology, professional achievement, postgraduate lato

2

PÓS *LATO SENSU* EM SABERES TRADICIONAIS E TEORIAS INTEGRATIVAS EM *COACHING* TRANSPESSOAL E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA DE ALUNOS

RESUMO

Tema: Qualidade de Vida. **Objetivo**: Avaliar a influência do *coaching* transpessoal sobre a qualidade de vida de um grupo de três alunos do curso de pós-graduação *lato se*nsu Saberes Tradicionais e Terapias Integrativas em *Coaching* Transpessoal. **Métodos:** Pesquisa participante. Foram analisadas as cartas de intenções e autoavaliações, seguidas de entrevistas e aplicação do questionário WHOQOL. **Resultado**: Houve aumento na percepção da qualidade de vida e melhoria na satisfação pessoal de cada aluno participante em diferentes níveis, em função dos aspectos pessoais individuais. **Conclusões**: Os resultados foram decorrentes da abertura do aluno ao processo de *coaching*, das práticas e atividades realizadas e da estrutura organizacional do curso e ao papel do tutor.

Palavras-chave: qualidade de vida, *coaching*, psicologia transpessoal, realização profissional, pós-graduação *lato sensu*

APRESENTAÇÃO

Satisfação no trabalho é um tema fundamental e recorrente na contemporaneidade. A promessa de realização profissional, compartilhada por muitos desde a universidade, nem sempre é factível como sonhada. Assim, profissionais que querem planejar suas carreiras de maneira minimamente coerente, com a perspectiva mencionada acima, recorrem a diferentes planos de ação buscando a tão esperada realização, que muitas vezes é postergada, e postergada em função de momentos macroeconômicos conturbados, e de outras conjunturas que retardam essa tão esperada realização.

Neste cenário encontram-se também profissionais que depois de longa trajetória profissional, bem-sucedida, se veem desempregados em busca de novas oportunidades, e outros que, apesar de estarem empregados e bem colocados, sentem-se insatisfeitos com as limitações que vivenciam no ambiente organizacional.

O *coaching* tem se apresentado como uma técnica que visa ajudar profissionais nessas condições a encontrarem um novo rumo profissional. Muitas pessoas recorrem aos cursos de formação em *coaching* buscando uma dupla inserção: ao passarem pelo processo formativo tornar-se-ão qualificadas para atuarem neste novo e promissor mercado; e/ou encontrarão novos rumos para sua atuação profissional.

Como aluno de um desses cursos de formação, observei em mim mesmo, e em colegas, um processo de transformação que julguei relevante ser apresentado, no processo de transformação, que ocorreu durante a imersão no Curso de Especialização Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal.

Essa investigação encontra respaldo científico nos fundamentos transdisciplinares do curso, que preconizam a não superatividade entre sujeito e objeto, bem como na perspectiva da pesquisa participante.

Este trabalho é apresentado em quatro partes. Inicio proporcionando uma visão geral sobre o contexto no qual se situa esta investigação. Assim, traço um panorama introdutório sobre as diferentes gerações que se encontram ativas no mercado de trabalho; a questão da qualidade de vida como indicador para aferir a satisfação ocupacional; sigo abordando questões de liderança e modelos de gestão e encerro o *coaching* e, especificamente, a proposta do *coaching* transpessoal preconizada no curso.

Depois apresento o contexto metodológico adotado para a investigação, onde se detalham as três etapas do processo de pesquisa, bem como suas fontes de informação que foram basicamente três: a) Cartas de Intenção dos alunos; b) Autoavaliações, realizadas mensalmente, e, por fim; c) Entrevista realizada a distância por Skype; na sequência discutem-se os resultados obtidos, para, por fim, retomar a qualidade de vida por meio do questionário WHOQOL e as conclusões.

1. CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO DA SATISFAÇÃO PROFISSIONAL E QUALIDADE DE VIDA

O mundo contemporâneo passa por uma série de profundas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. A globalização vem causando mudanças na forma como as pessoas sentem, agem e pensam. O paradigma do sonho profissional e da realização pessoal modificaram-se de modo que as aspirações comuns das pessoas nas décadas passadas, de alguma forma, foram reavaliadas e redimensionadas. O velho sonho da casa própria, do carro do ano, da construção de uma carreira sólida em uma mesma empresa até o momento da aposentadoria, divide hoje espaço com aspectos mais subjetivos como a felicidade, amor, e satisfação pessoal. O mercado de trabalho hoje é composto por profissionais de diferentes gerações, o que contrapõe diferentes ambições valores, costumes, linguagens e, consequentemente, grandes desafios (MACIEL, 2010).

Os nascidos a partir da segunda metade da década de 70 compõem a chamada geração Y, que é marcada por características que definem uma nova forma de ser e de agir na sociedade, com reflexos significativos no mundo do trabalho. Desde muito cedo essa geração convive com a tecnologia da informação e suas velozes transformações, e o que realmente importa para geração Y são as oportunidades e recompensas a curto prazo (MACIEL, 2010). Mais do que uma fonte econômica, o trabalho passa a ser fonte de satisfação e aprendizado. Esta mudança altera o entendimento de carreira, promoção, estabilidade e vínculo profissional, aspectos relativos à vida organizacional bastante valorizados pelas gerações antecessoras (VASCONCELOS *et al*, 2010).

A geração X, por sua vez, compreende as pessoas que hoje estão acima dos 40 anos e convive hoje com a Y no ambiente de trabalho e aspira para si melhores condições de vida e bem-estar. Para a geração X o salário é visto como um indicador do desempenho profissional, sendo bastante valorizado. No entanto, cresceu nessa geração o interesse no conceito de bem-estar e qualidade de vida; as pessoas continuam dispostas a prosperar e desenvolver-se economicamente, porém preocupando-se em ter tempo livre

para aproveitar os benefícios que o desenvolvimento profissional pode trazer (PANZINI *et al*, 2007).

A introdução do conceito de qualidade de vida (QV) surgiu a partir da década de 1970, quando o progresso da medicina proporcionou o gradual aumento na expectativa de vida. A partir do momento em que o tempo de vida foi prolongado, as pessoas passaram a preocupar-se com a qualidade que teriam para viver esse prolongamento. O conceito de qualidade de vida desenvolveu-se a partir de seis grandes vertentes: 1) os estudos de base epidemiológica sobre felicidade e bem-estar; 2) a busca de indicadores sociais; 3) a insuficiência das medidas objetivas de desfecho em saúde; 4) a "satisfação do cliente"; 5) o movimento de humanização da medicina; e, 6) a psicologia positiva (PANZINI *et al*, 2007).

Embora não exista consenso definitivo sobre o conceito de qualidade de vida, o Grupo de Avaliação da Qualidade de Vida da Divisão de Saúde Mental da OMS (Grupo WHOQOL) propôs que essas percepções se originam na cultura à qual a pessoa pertence. Esse grupo, fruto de uma colaboração entre pesquisadores, clínicos e cientistas, que vêm trabalhando com base em protocolos internacionais consensuais, a partir da perspectiva transcultural, definiu qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações", uma das definições mais utilizadas atualmente (PANZINI et al., 2007).

A crescente relevância e interesse pelo conceito de qualidade de vida, aliados à constatação da inexistência de um instrumento de avaliação de qualidade de vida que privilegiasse uma perspectiva transcultural e subjetiva, conduziu a Organização Mundial de Saúde (OMS) a desenvolver um instrumento para a sua avaliação: o WHOQOL-100. Essa construção foi realizada partindo-se de três pressupostos: a essência abrangente do conceito de qualidade de vida; a possibilidade de construção e aplicação de uma medida quantitativa, fiável e válida a diversas populações; e que qualquer fator que afete a qualidade de vida influencia um largo espectro de componentes incorporados no instrumento. Desde a criação do grupo de qualidade de vida da OMS, em 1991, e a formalização do instrumento, o

projeto estendeu-se a praticamente todo o mundo, estando disponível em diversos idiomas nas versões longa e abreviada (CANAVARRO et al., 2010).

Diante de uma nova realidade social formada pelo aumento da expectativa de vida, maior tempo de vida trabalhando em atividades produtivas, maior consciência do direito à saúde, apelos a novos hábitos e estilos comportamentais, responsabilidade social e consolidação do compromisso de desenvolvimento sustentável, as organizações viram-se diante da necessidade de lidar com o novo perfil dos profissionais que ingressavam no mercado de trabalho e surgiu então o conceito de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), que relaciona a qualidade de vida e a satisfação com o trabalho.

Assim como a qualidade de vida, definir a satisfação no trabalho também não é tarefa simples, pois é um conceito subjetivo que varia de pessoa para pessoa. Existem várias divergências e interpretações por grande parte dos autores; enquanto alguns a consideram como um estado emocional e sentimental, outros a consideram como uma atitude. Em qualquer um dos casos, trata-se de um estado emocional positivo ou de uma atitude positiva perante as situações e experiências no contexto do trabalho (MARQUESE, CASTRO MORENO, 2005).

Ressalta-se que o simples fato de uma pessoa estar satisfeita não implica que a mesma esteja motivada e comprometida com os objetivos da empresa. A motivação é tudo aquilo que está relacionado com os processos responsáveis pela ativação de comportamentos positivos como: objetivos, direcionamento, foco, intensidade e persistência. Desse modo é extremamente importante conseguir que os trabalhadores de uma empresa estejam motivados, o que obrigatoriamente depende da satisfação com o trabalho (SANTOS, 2012).

As empresas foram sendo levadas a promover melhorias e inovações gerenciais, tecnológicas e estruturais no ambiente de trabalho, pois passaram a ter que se preocupar com a existência da relação entre um ambiente favorável para a realização do trabalho e produtividade, ou seja, se a empresa não oferecer boas condições de trabalho, certamente terá colaboradores desmotivados e, como consequência, não conseguirá atingir os seus

objetivos. Profissionais mais bem preparados para o mercado de trabalho são mais exigentes e sabem exatamente o que precisam para se satisfazer dentro do ambiente organizacional, exigindo, assim, um modelo de gestão mais focado em liderança (ALVES, 2012).

Nesse novo modelo de gestão, saem de cena os chefes tradicionais, que até então davam ordens, controlavam e supervisionavam, e surgem os líderes, cuja tarefa é expandir constantemente o potencial de desempenho da organização, usando a capacitação daqueles que trabalham sob sua responsabilidade. Para tanto, os executivos, que antes sabiam tudo, são desafiados a se tornar líderes e passam a ser catalisadores do desenvolvimento dos demais. No entanto, enfrentar desafios implica na adoção de novas perspectivas de trabalho através de novos conhecimentos e habilidades (ALVES, 2012).

A liderança deixa de ser exclusiva de alguns altos funcionários. O líder trata as pessoas como adultas responsáveis, confia nelas e as encoraja a agirem no interesse do sucesso mútuo. Através da promoção do senso de valor individual e de comunidade, direciona as atividades, fazendo o negócio progredir, respeitando valores organizacionais e crenças fundamentais. O líder passa a atuar como se fosse um treinador (*coach*) da equipe e, como tal, tem a missão de replicar seus melhores comportamentos de liderança naqueles que o cercam (ALVES, 2012).

Ressalta-se que a palavra *coach*, quando traduzida literalmente do inglês para o português, significa treinador. Entretanto, o *coach* não é um treinador porque não treina, não dirige e nem dá instruções. O seu papel é estabelecer um processo individualizado que possibilite ajudar a outra pessoa (*coachee*) a ver seus problemas e desafios sob vários ângulos diferentes, entender sua realidade, analisar seus comportamentos fazer suas escolhas e tomar suas atitudes que promovam o seu sucesso (CABECEIRO, 2013).

Surge, então, como parte da solução para viabilizar a mudança do paradigma organizacional, um novo estilo de liderança baseada no processo de *coaching*. Nesse processo, o antigo chefe deve desenvolver suas habilidades para tornar-se líder e *coach* de sua equipe. Além de ser uma grande ajuda nas escolhas individuais e organizacionais, grandes empresas

têm visto no *coaching* uma saída eficiente para o desenvolvimento de liderança, para o foco nos resultados.

Existem variados entendimentos para o *coaching*, que dizem respeito ao desenvolvimento pessoal individual com apoio conduzido por um *coach*. Esse, por sua vez, pode ser designado como o profissional especializado nas técnicas de *coaching* que irá atender o cliente (*coachee*) de acordo com suas necessidades. No âmbito motivacional, o *coaching* visa oferecer companheirismo unido ao desafio de sua conquista, ajudando as pessoas a cumprir suas metas e objetivos (LIMA, 2013).

Independentemente dos conceitos, as organizações reconhecem no *coaching* uma saída eficiente para o desenvolvimento de liderança com foco nos resultados e ajuda motivacional. Existem vários tipos de *coaching*, cada um diferenciando-se em função do tipo de serviço solicitado, a formação do profissional e a intervenção a ser praticada. É importante observar que não há um consenso em relação aos tipos de *coaching* devido ao mesmo ser uma prática recente, podendo-se citar como exemplos o *coaching* executivo, empresarial ou pessoal (CABECEIRO, 2013).

O *coaching* executivo é direcionado para o nível superior de administração, e o seu principal objetivo é a melhoria do desempenho individual, focando assuntos relacionados com o negócio e o desenvolvimento pessoal, sendo hoje o tipo mais desenvolvido. O *coaching* empresarial, ou *business coaching,* é dirigido a colaboradores em uma organização, de forma a conseguir melhorar o desempenho no negócio e/ou a eficiência operacional, enquanto o *coaching* pessoal ou de vida trabalha no campo dos objetivos pessoais, experiências de trabalho ou qualquer outra situação pessoal (CABECEIRO, 2013).

Propondo-se a incentivar o resgate de competências que retomem a visão integral dos seres humanos e visem à integralidade do ser, surge então o *coaching* transpessoal. Se por um lado a proliferação de conhecimentos em disciplinas fragmentadas levou à profundidade o estudo de aspectos específicos dos processos educacionais e psicológicos; por outro, fragmentou o sujeito em tais processos, de modo que os perderam, ao menos em parte, suas capacidades inerentes para a autonomia. Essa perda de autonomia fez

surgir no mercado de trabalho profissionais muito capacitados em áreas específicas, mas que têm dificuldade ao serem submetidos a processos de autoconhecimento.

O curso Saberes Tradicionais e Terapias Integrativas em *Coaching* Transpessoal é um curso de especialização *lato se*nsu, de caráter interdisciplinar com enfoque em Saúde e Educação. As disciplinas são organizadas em módulos de imersão total, em caráter residencial, uma vez ao mês, contando ainda com o apoio em EaD. Dentre as abordagens que buscam criar essa mediação de complementaridade, situam-se a Transdisciplinaridade e a Psicologia Transpessoal que, como técnica específica, o *Coaching*, se coloca num campo intermediário entre a atuação clínica e educacional. Os módulos nos quais as disciplinas são trabalhadas são estruturados em diversos momentos, conforme apresentado no quadro 1.

QUADRO 1
Momentos do Módulo

Momento	Descrição
Círculo da palavra	Realizado no início e fim do módulo, os alunos são convidados a falar como estão chegando e como estão saindo do módulo. No momento da fala não pode haver nenhum tipo de interrupção para que a pessoa possa expressar livremente o que sentir necessário.
Aula com o docente	Momento em que o docente ensina o conteúdo aos alunos, de acordo com a metodologia e recursos didáticos escolhidos por ele.
Tutoria individual	O tutor do curso dá orientações individualizadas a cada aluno em horários específicos previamente agendados. Nesse momento, podem ser conversadas quaisquer questões estudantis ou pessoais em que o aluno precise de orientação.
Tutoria grupal	O tutor dá orientações gerais a todo o grupo, sendo o momento para resolução de assuntos pertinentes ao curso e seu andamento.
Meditação	Realizadas no início das atividades, os alunos são guiados na meditação pelo tutor ou por outro aluno que se ofereça para conduzir o processo.
Avaliação do módulo	O aluno realiza por escrito a avaliação sobre o módulo de acordo com critérios previamente estabelecidos.
Autoavaliação	O aluno realiza a avaliação da sua conduta e postura diante das atividades propostas no módulo e diante do processo de *coaching* transpessoal que o curso propõe.

Cada módulo estrutura-se entre momentos coletivos e individuais. A abertura é feita com o círculo da palavra, seguidos de aula e tutoria. No dia seguinte é feita a abertura com a meditação, segue-se para as aulas, que contam com intervenções do tutor nos momentos em que se faz necessário evidenciar o elo de conexão entre o conteúdo ministrado e a proposta do curso. Existem os momentos de danças circulares, tutoria grupal e individual. No final do módulo é feito o círculo da palavra como fechamento das atividades.

2. CONTEXTO METODOLÓGICO

Esta investigação se situa no terceiro eixo de pesquisa do Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal: "Técnicas Transpessoais: Procedimento interdisciplinar (intercultural) lastreado por teoria integrativa, que visa o desenvolvimento humano; prática multiprofissional (atuam profissionais de diferentes áreas). Situam-se entre as técnicas transpessoais a meditação, práticas expressivas (desenho, pinturas, etc.), práticas corporais (meditação, danças, etc.), *coaching*".

2.1 - Objetivos

Aferir como a vivência educacional proporcionada pelo Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal (2017-2019) afetou a qualidade de vida dos alunos, relatando em profundidade o processo de transformação pessoal ocorrido em um grupo de participantes.

2.2 - Amostragem

Para amostragem, adotou-se um critério não-probabilístico do tipo acidental (SILVA e MENEZES, 2005). Assim, por ocasião da idealização deste estudo, o curso contava com 13 alunos. A proposta dessa investigação foi apresentada à turma, e três alunos se voluntariaram à participação. Ao

longo dos módulos, os alunos vinham dando numerosos testemunhos de como sua vida vinha se transformando em função da sua participação no curso, razão pela qual quiseram contribuir.

Para garantir a privacidade dos participantes, suas identidades foram preservadas. Desta forma apresentamos um perfil das pessoas que se voluntariam para participar desta intervenção:

M, 30 anos, do sexo feminino, formada em Ciências Biológicas que reside na Região Sul na casa de sua família. Ela nunca exerceu atividades diretamente ligadas à sua área de formação e buscava nova colocação no mercado de trabalho.

Q, 48 anos, divorciado, tem dois filhos. Exerceu carreira em cargos de chefia em indústrias; formado em Humanas; reside na Região Sul e busca novos rumos profissionais.

B, 54 anos, viúva; com uma filha. Reside atualmente na Região Sudeste, e formada na área de Saúde e prestes a se aposentar após fazer sua carreira na área pública; vem pesquisando novas alternativas de atuação profissional.

2.3 - **Método**

Este trabalho se insere num contexto da Pesquisa Participante, visto que pesquisador e pesquisados estão no mesmo contexto. Optou-se, também, por uma abordagem qualitativa descritiva (SILVA e MENEZES, 2005), pois o objeto de estudo encontra-se focado em um fenômeno contemporâneo inserido em um contexto da vida real, não existindo um controle preciso sobre as variáveis do comportamento humano diante do processo estudado.

Tomou-se especial cuidado ao delimitar o escopo do trabalho e as ferramentas utilizadas para obtenção das informações. Assim, do ponto de vista técnico, recorreu-se a elementos documentais, sendo analisados documentos produzidos pelos participantes ao longo do curso, quais sejam: a) Carta de Intenção, uma por aluno participante; b) Autoavaliações, quatorze para cada aluno participante; levantamento de opinião por meio de Entrevista Estruturada (MARCONI e LAKATOS, 2003).

A fim de alinhar os procedimentos aos objetivos da investigação, o trabalho foi alicerçado na definição do momento a ser analisado; em uma pergunta focal para cada etapa estabelecendo-se um link com a Qualidade de Vida, conforme Quadro 2.

QUADRO 2
Qualidade de Vida nas Etapas do Trabalho

ETAPAS	PERGUNTA FOCAL	FONTE
Ponto de partida	Como estava a satisfação no trabalho e com a qualidade de vida antes do processo de *coaching*?	Carta de intenções Entrevista
Caminho	Como está sendo o processo de transformação na percepção da satisfação com o trabalho e a qualidade de vida?	Autoavaliações Entrevista
Ponto de chegada	Como está a satisfação com o trabalho e a qualidade de vida agora?	Entrevista Teste WHOQOL

Embora o quadro 2 apresente as etapas bem delimitadas, cabe observar que a fronteira entre elas é tênue e sutil, sendo que muitas vezes as perguntas focais transitaram por todas as etapas. Reforça-se que as perguntas propostas serviram apenas como âncora, para que não se fosse perdido o foco (QV) daquele momento. Levou-se em conta que durante as entrevistas poderiam surgir informações espontâneas relevantes para os demais momentos analisados.

Antes de iniciar os trabalhos, todos os processos foram apresentados aos alunos e estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme critérios éticos exigidos para investigações científicas, descritos no próprio termo.

Inicialmente foram analisadas as Cartas de Intenções que os alunos apresentaram ao ingressar no curso. Nesse documento cada aluno descreveu o seu momento atual e quais eram as suas expectativas e motivações para entrar no curso e se submeter ao processo de *coaching* transpessoal. Nesse momento de definição do ponto de partida, o foco era definir como estava a percepção do aluno sobre a sua Qualidade de Vida e satisfação no trabalho naquele momento específico. A partir da definição do momento, foram

analisadas as expectativas, o que cada um aspirava em termos pessoais e profissionais e como o curso/processo poderia contribuir para o alcance dessas expectativas. Nessa etapa, ficou então definido o ponto de partida e projetado o ponto de chegada (expectativas).

Em seguida, foram analisadas as autoavaliações que os alunos apresentaram em cada módulo. As autoavaliações, apresentadas com frequência mensal, se mostraram como importantes indicadores da própria percepção de cada um sobre aquele momento. Buscou-se identificar no texto de cada uma delas as críticas feitas a si mesmo, satisfações e insatisfações. Nos casos em que estivesse suficientemente claro, identificaram-se também os sentimentos que estivessem expressos por escrito. Ressalta-se que nesse ponto a base do trabalho era o registro escrito feito pelo aluno e que a partir da entrevista, que seria realizada posteriormente, seriam identificados nos depoimentos os argumentos que poderiam reforçar – ou não – as impressões extraídas das autoavaliações.

Na sequência, os alunos foram convidados para a Entrevista, realizada virtualmente utilizando-se o Skype. Não foi estipulado um tempo limite para a entrevista, mas procurou-se manter a duração máxima de 1 hora. As entrevistas foram gravadas e utilizou-se um roteiro pré-estruturado de pontos a serem enfocados. Tal roteiro foi testado numa entrevista piloto entre o tutor do curso e o pesquisador. Os alunos foram convidados a falar livremente sobre o processo experimentado durante o curso, como percebiam a si mesmos e suas vidas, as transformações que perceberam e que mudanças os mesmos promoveram no seu cotidiano. Foram levados a refletir sobre a relação do curso com essas mudanças, como o mesmo pode tê-las influenciado. Foi utilizada pelo entrevistador a técnica de escuta ativa, não sendo feitos julgamentos, comentários ou opiniões pessoais. O papel do entrevistador nesse momento foi de conduzir para que o relato não se desviasse do foco da pesquisa.

Por fim, os alunos foram então convidados a responder ao questionário WHOQOL-bref para avaliar a sua qualidade de vida. O questionário se utiliza de 26 questões sobre os domínios físico, psicológico, social, ambiental e autoavaliativo da qualidade de vida. Cada pergunta é

respondida marcando-se a resposta cujo valor pode variar de 1 (menor frequência) a 5 (maior frequência) e obtém-se, assim, o percentual de satisfação observado para cada quesito perguntado e, consequentemente, para o domínio analisado.

3. RESULTADOS

3.1 - Análise das cartas de intenções

A análise das cartas de intenções dos três alunos permitiu identificar que todos tinham de certa forma objetivos em comum. Além de ampliar os seus conhecimentos e conseguir uma nova formação para atuação profissional, estavam dispostos a levar esses conhecimentos para sua vida pessoal. Enquanto *M*. e *Q*. deixam claramente expressa sua intenção de aprofundar-se no conhecimento de si mesmos, *B.* foca mais no exercício da profissão na área da saúde.

Em sua carta de intenções, a aluna *M*. expressa que se interessou pelo curso por entender que naquele momento a proposta coincidia exatamente com as suas aspirações na busca do seu propósito de vida. Ela objetivava trabalhar na área de *coaching* e esperava obter nesse curso o embasamento para isso. Ela citou que seu objetivo profissional seria aprofundar-se no autoconhecimento para posteriormente poder auxiliar pessoas que se encontrassem na indagação de um sentido maior para a sua vida e necessitando de orientação em suas vidas profissionais e pessoais.

O aluno *Q*. expressou que seu objetivo seria aprimorar os conhecimentos na atuação como gestor *coach*, e esperava que o curso pudesse proporcionar momentos de autoconhecimento e preparação para uma nova etapa de vida pessoal e profissional.

A aluna *B.* teve como intenção ao iniciar o curso ampliar seus conhecimentos e capacitar-se para a prática profissional em sua comunidade; ela acreditava que o curso pudesse ser um agregador de todos os conhecimentos já adquiridos ao longo de sua vida profissional.

Em síntese, as intenções relatadas pelos alunos expressam que os mesmos estavam em momentos de transformação em suas vidas e buscando novos caminhos que pudessem levar a uma maior satisfação tanto no campo pessoal como profissional. A proposta do curso naquele momento veio ao encontro das suas expectativas pessoais e aspirações profissionais

3.2 – Análise das Autoavaliações

A aluna *M.* conseguiu observar em si mesma a satisfação com as práticas e conteúdos, além de momentos de autorreflexão que conduziram a mudanças positivas em alguns hábitos e ao desenvolvimento de uma visão mais otimista sobre o futuro. É importante ressaltar que o conjunto de suas autoavaliações apresenta claramente o módulo sete como um ponto de inflexão da trajetória; após esse módulo ela começa a apontar com mais frequência percepções e aspectos construtivos em seu desenvolvimento.

Entretanto, ela não observou avanços no que diz respeito à pontualidade, uma vez que teve frequentes dificuldades em cumprir horários e prazos de entrega de trabalhos, sendo que em diversas falas a aluna ressalta sua conhecida tendência à procrastinação e falta de autodisciplina. Ela fala sobre a vontade e a necessidade de mudar nesse quesito, porém reconhece não estar tomando as atitudes necessárias. Ela cita que a prática dos desenhos foi importante, pois ajudou a lidar melhor com as próprias emoções e que a meditação tem efeitos benéficos imediatos no seu dia a dia, mesmo não conseguindo executá-las com a frequência que gostaria. Na autoavaliação do módulo nove a aluna cita:

> "Acredito que sempre temos o que melhorar ao longo de nossa jornada, mas ao conversar com o professor durante o atendimento do plantão, pude realmente perceber o tanto que já mudei e vejo uma enorme perspectiva de me tornar ainda melhor. Todo esse contato com nosso interior e esse caminho de autoconhecimento tem sido imprescindível para alcançar meus objetivos, e agradeço pelas conversas que, de fato, despertaram em mim algo além do que eu mesma tinha como intenção resolver".

A análise que o aluno *Q.* faz do seu processo é marcada pelo sentimento de transformação e percepção de uma força superior orientando sua trajetória. O aluno demonstra sempre muito otimismo e conseguiu realizar mudanças positivas nos hábitos cotidianos, quebrar bloqueios antigos e empenho em tornar melhor a vida.

Destaca-se que o aluno focaliza sempre os aspectos construtivos do seu processo e a cada vez que observa em si mesmo algo que seria problemático, essa observação vem seguida da intenção em transformar a situação. É citada a prática da meditação e desenhos frequentes e grande satisfação geral com o curso e as transformações que o mesmo trouxe para si. Com base nas observações feitas por ele, pode-se inferir que existe uma predisposição à mudança, em grande parte alicerçada na crença no misticismo, conforme pode-se observar em uma citação feita por ele logo no início do curso (módulo três):

> "Estou também sentindo que estou passando (como falei ao usar a palavra na nossa roda) por uma 'reengenharia pessoal', em alguns momentos me sinto meio perdido ou assustado com o novo 'campo de possibilidades', mas uma voz suave, segura e reconfortante que vem do meu interior que me diz que tudo isso será para evolução do novo ser que está sendo lapidado e trabalhado nas nossas atividades".

A aluna *B.* expressou em suas autoavaliações o sentimento de transformação e aumento da autoestima e autoconfiança; aponta mudanças positivas nos seus hábitos e resolução de pendências antigas. Conseguiu praticar a meditação e os desenhos com frequência; apesar de algumas dificuldades, identificou seus mecanismos de defesa e autossabotagem. De acordo com as suas citações, ainda continua com elevada cobrança sobre si mesma, o que muitas vezes gera frustrações, ansiedade e insegurança. Nas avaliações iniciais *B.* cita um processo depressivo em que se encontrava e sentia falta de sentido na vida, enquanto no fim do processo expressa um maior conhecimento e aceitação de si mesma e de suas supostas limitações. Na autoavaliação do módulo onze a aluna escreve:

> "O melhor de tudo é que não sinto mais com aquele peso de antes, me sentindo vitimizada e escrava das minhas emoções negativas. A cada dia, tento viver como me programei, fazendo a meditação e o desenho, porém nem sempre consigo, mas nem por isso perco o ânimo ou me sinto diminuída na autoestima por não ter conseguido".

Em síntese, observou-se que as autoavaliações dos três alunos apresentaram características distintas. No caso da *M.* foi evidenciado um momento de mudança nos módulos sete e oito, quando comportamentos que vinham prejudicando o seu desenvolvimento foram gradativamente diminuindo, como, por exemplo a capacidade de ouvir o outro. B. apresentou oscilações no seu desenvolvimento, alternando aspectos como ansiedade e autoconfiança, por exemplo. *Q.* apresenta desenvolvimento constante e gradual, pois mesmo quando detectava algum aspecto negativo em seu comportamento, já fazia colocações envolvendo um processo de transformação. Destaca-se que os três afirmaram terem mantido boa convivência com o grupo, satisfação com as atividades do curso e práticas regulares de meditação e desenho.

3.3 Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas com os três alunos são apresentadas a seguir.

De maneira geral, observa-se que cada um a seu modo está satisfeito com os resultados do processo de autoconhecimento e individuação. A análise dos dados se deu à luz do enfoque estruturado nas entrevistas

a) Avaliando a Qualidade de Vida no momento do início do curso e o despertar do interesse

Ao descrever o momento de início do curso, os três alunos alegaram estar passando por fases de mudança e transformação em suas vidas pessoais. *M.* disse estar meio perdida e passando por crises de existência e identidade. Sentia que tudo estava caótico, perdida e sem luz. Havia tomado coragem para deixar um trabalho que não a satisfazia e pretendia iniciar um curso de

mestrado, porém sem convicção. Ela já tinha interesses em fazer um curso de *coaching* e pretensões de atuar na área, quando por sugestão de um amigo conheceu a proposta do curso e prontamente identificou que a mesma atendia plenamente as suas expectativas.

Q. cita que estava em um abismo existencial e num momento em que tudo em sua vida havia desmoronado e não haveria mais razões para que continuasse. Ele entende que o curso surgiu como uma oportunidade de renascimento e tem certeza de ter ouvido um chamado interior. A partir desse chamado sentiu que o curso era feito para ele naquele momento, e o atendeu passando por cima da razão, seguindo a sua intuição e emoção.

B. disse que naquele momento sentia-se péssima. Estava deprimida, confusa, perdida, sentia-se mal emocionalmente e abalada pela perda do marido. No trabalho estava passando por dificuldades e se sentindo perdida. Já estava interessada em fazer *coaching* e já conhecia algo sobre a psicologia transpessoal, queria estudar algo nessa área. O filho apresentou o curso para ela e imediatamente sentiu que era exatamente o que ela procurava.

b) Avaliando a Qualidade de Vida diante das atividades propostas pelo curso

M. avalia que os seus momentos com os professores e o tutor dependeram do seu estado emocional e da afinidade que sentia com o tema que estava sendo trabalhado. Afirma que a meditação faz muito bem para ela e tem melhor aproveitamento quando a associa com mantras e sons. A sua maior dificuldade é estabelecer uma rotina diária, por não ter tempo e local disponíveis para a prática; sente também que seus hábitos noturnos de vida não favorecem, pois está constantemente insatisfeita com a qualidade do seu sono.

Ela reconhece que impõe uma barreira para as tarefas e trabalhos teóricos e, após vencida essa barreira e estabelecida uma conexão particular com o tema, os fazia sem maiores problemas. Sente-se mais à vontade para fazer a autoavaliação dos módulos com os quais se identificou melhor.

Aproveita bem a prática dos desenhos e tem projetos para desenvolver uma técnica própria para possivelmente trabalhar no futuro. Com o passar de tempo tudo foi ficando mais leve. No início do curso sentia que estava perturbada, passando por crises intensas, o que atrapalhou o seu processo. Alega ter uma personalidade de altos e baixos, e que tem um longo trabalho interno para fazer em busca de uma maior equanimidade. Afirma que essa percepção é fruto das transformações que o curso trouxe para sua vida.

Para *Q*., cada momento é saboreado, tudo vale a pena no curso e está plenamente satisfeito consigo mesmo nos momentos com os professores e com o tutor. Aproveita bem as meditações e sente que essa prática vem contribuindo para uma conexão maior consigo mesmo, no plano físico, emocional e racional, levando a uma maior consciência do momento presente da vida. Tem feito desenhos (mandalas) frequentemente e sente que, com isso, algo no seu inconsciente se agrega ao consciente e tudo parece ter mais significado. Não sabe explicar exatamente como, mas sente que essa prática melhora o seu dia a dia. Sente-se grato, à vontade e tranquilo no momento de se autoavaliar e procura sempre focalizar nos pontos positivos do processo experimentado. Com as tarefas teóricas teve dificuldades, pois não se sentia motivado e fazia coisas rápidas e não muito pensadas. Ele sente que ao longo do curso houve uma melhora em seu desempenho em relação a todas as suas atividades.

B. procura aproveitar ao máximo o momento com os professores. Sentia-se diminuída ao se comparar com outros alunos que supostamente eram mais bem preparados do que ela, mas isso foi diminuindo com o tempo e hoje sente-se mais segura e confiante para participar das aulas. Ela aponta que para essa melhora, um grande diferencial foi a forma de tratamento dos professores. Para ela, os momentos com o tutor foram muito difíceis pela mesma sensação de não se sentir valorizada, mas com o tempo foi ganhando segurança e tranquilidade para desconstruir essa ideia. As tarefas e trabalhos teóricos foram desafiadores, porque ela reconhece que tem um processo lento para conseguir organizar-se mentalmente e conseguir executar o trabalho. Deixou de entregar muitos trabalhos por causa disso; sente que a influência

de uma colega tem sido importante para realização do trabalho de conclusão de curso e afirma que terá que levar essa questão para ser resolvida num processo terapêutico.

B. ainda não conseguiu a disciplina necessária para a prática regular da meditação, e reconhece que meditar tem significativos efeitos na sensação de bem-estar do dia a dia. Sente certo bloqueio para fazer desenhos, mas que diminuíram após o módulo de artes. Não tem dificuldades com as autoavaliações, pois alega fazer isso diariamente; sempre se observou e se cobrou muito. Aumentou a frequência da meditação e os desenhos, mas não vê grande crescimento em seu processo. Percebe maior desenvolvimento na escrita e hoje consegue colocar no papel a expressão de sentimentos, sensações, sonhos e acontecimentos da sua vida.

c) Avaliando a Qualidade de Vida nos diferentes momentos do curso

M. acha importante o momento da tutoria grupal, pois passou a se colocar nas discussões e opinar livremente, o que para ela foi um ganho em relação à postura de evitar conflitos para não se indispor. Sobre o momento de meditação do módulo, gosta mais das técnicas que usam sons vocálicos e mantras e às vezes sente alguma dificuldade para realizar por ainda estar sonolenta no horário. Ela avalia que o círculo da palavra é mais importante do que consegue dimensionar. Sempre conseguiu se abrir e falar de si mesma, mas tem dificuldades em ouvir, o que acha que precisa ainda melhorar. No geral, avalia que seu desempenho foi bom desde o início, sem grande evolução. No entanto, ao avaliar a turma, vê um grande desenvolvimento, sobretudo na autopercepção.

Q. avalia que a tutoria grupal foi um dos seus pontos fracos no curso, pois não se sente à vontade nos momentos de discussão e exposição de opiniões, pois acredita que as pessoas têm que estar realmente dispostas a ouvir os *feedbacks*. Na opinião dele, para que essa atividade dê certo, as pessoas têm que estar muito amadurecidas e abertas. Sobre as meditações realizadas no módulo ele aponta algumas dificuldades relacionadas ao tempo disponível, pois nem sempre foi possível fazer o necessário aprofundamento.

Em relação ao círculo da palavra, considera que o processo é muito enriquecedor, pois o poder da palavra é muito grande. Ao analisar a postura do grupo, avalia que com o tempo todos amadureceram muito, à medida que foram aprendendo a usar a técnica, a dosar seus momentos e usar de forma mais eficaz a palavra.

B. acha que as orientações da tutoria grupal são muito importantes e ajudaram muito em sua autopercepção; aprendeu a não assumir todas as críticas para si mesma. Acha fantásticas a meditação e a contribuição do ambiente nesse processo. Quanto ao círculo da palavra, nessa atividade ela aprendeu a controlar a fala e ouvir mais; percebe uma diminuição na ansiedade na hora de falar e que a comunicação com as pessoas melhorou. Em relação ao grupo sente que no início havia menos acolhimento e por isso o desempenho não era satisfatório; ela avalia que hoje o grupo está mais coeso e sintonizado, o que resulta em um melhor desempenho geral.

De modo geral, os participantes avaliaram que todos os momentos foram muito importantes para os seus processos de transformação, destacando-se a prática da meditação, o círculo da palavra e o próprio ambiente onde os módulos são realizados em modelo de imersão.

d) Avaliação da Qualidade Vida antes do curso e no momento atual

M. avalia que sua qualidade de vida melhorou, mas ainda tem questões a resolver. Ela cita que em uma escala de zero a dez, teria ido de quatro para seis. Destaca a sua situação financeira como o ponto que ainda precisa ser melhorado.

> "Eu estava um pouco mais perdida. Hoje em dia ainda tenho algumas crises, tenho vontade de jogar tudo para longe e começar tudo de novo, mas sinto que isso diminuiu, o que acaba melhorando a minha qualidade de vida."

Q. avalia que sua qualidade de vida aumentou e que hoje vive um momento muito melhor do que no momento em que iniciou o curso:

> "Junto com o curso, renasceu uma estrutura muito boa, me sinto muito melhor em cada área da minha vida. Hoje me considero em

> paz com o meu passado, resolvi emaranhados familiares, estou completamente em paz com o meu ser do passado e reconstruindo o ser que eu quero para o futuro. Estou borbulhando e fervendo por dentro, me sentindo renovado, cheio de sonhos e perspectivas. Falar que minha qualidade de vida está em 100% não vai estar sendo justo. Estou fascinado com o que está sendo reconstruído".

B. vê grande melhora na sua qualidade de vida desde o início do curso até o momento atual.

> "É difícil até falar o quanto melhorou. Estava bem desestruturada, sem saber o que fazer da vida, sem sentido. Eu estava cumprindo papéis, mas não estava inteira. Antes de começar o curso, eu chegava do trabalho, nem me alimentava direito, ficava na frente da TV meio alienada. Hoje nem assisto TV, o tempo que tenho, quero estar lendo, houve uma reviravolta, em porcentagem, deve ter melhorado para 85%, porque ainda tem umas coisas atrapalhando."

f) Interesses iniciais e resultados conquistados

As motivações e os interesses iniciais de *M.* mudaram ao longo do processo. O curso proporcionou que ela olhasse para dentro de si mesma com maior profundidade e isso lhe permitiu discernir melhor seus objetivos reais. Ainda se interessa pelos assuntos iniciais citados em sua carta de intenções, porém hoje vê e reconhece a arte como algo muito importante a ser desenvolvido para seu crescimento pessoal e profissional. Apesar da intenção inicial de trabalhar na área de *coaching* não ter se mantido, ela cita que com certeza encontrou o que foi buscar e que precisou entrar numa pós-graduação da área da saúde para descobrir que, na verdade, ela é da arte.

Q. diz que seu grande objetivo no curso era o autoconhecimento, e isso foi o que mais teve e que está extremamente satisfeito com o que alcançou.

> "Poder participar dessa primeira turma é um privilégio que vou agradecer até o último momento dessa minha existência. É um marco sem precedentes nessa minha atual encarnação e para as próximas. Agradeço ao cósmico."

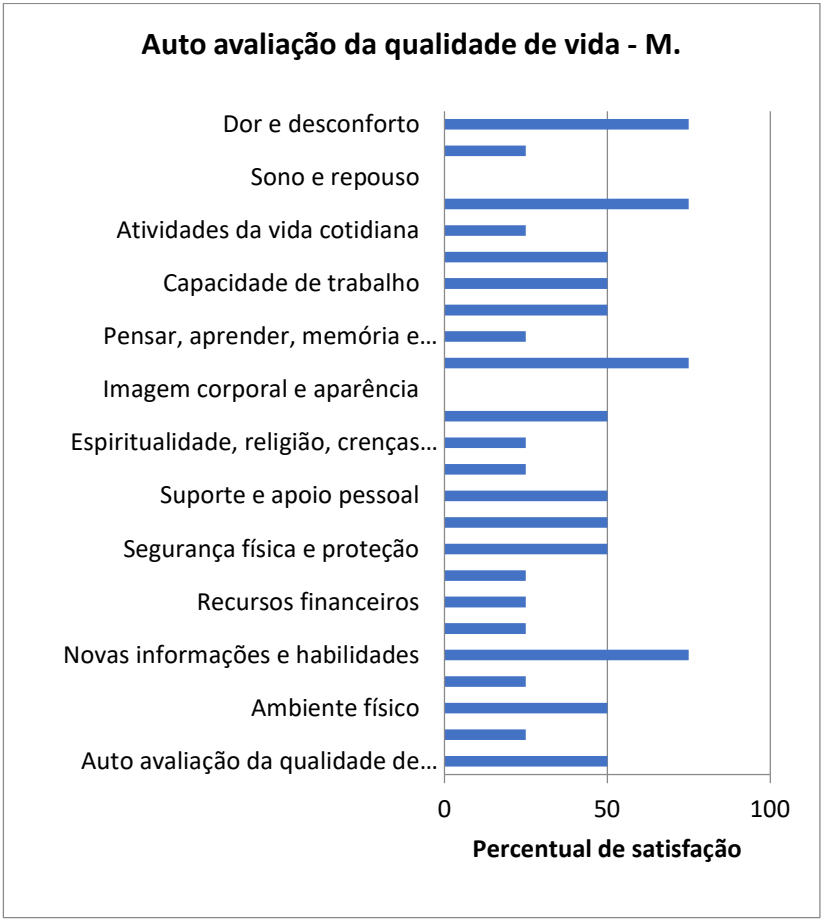
B. afirma que seus interesses iniciais estão sendo atingidos e que sente estar se estruturando para a construção de algo novo; sente que está no caminho certo para alcançar seu objetivo de realizar algo a favor da comunidade.

> "Estou quase para me aposentar, estou ainda sem saber o que fazer ou para onde vou, mas onde eu for, eu sei que eu tenho estrutura e sei como eu quero trabalhar, seja dentro da minha profissão de terapeuta ocupacional ou seja no *coaching*, hoje tenho certeza que eu consigo cumprir, pois estou mais íntegra."

4. QUALIDADE DE VIDA - QUESTIONÁRIO WHOQOL

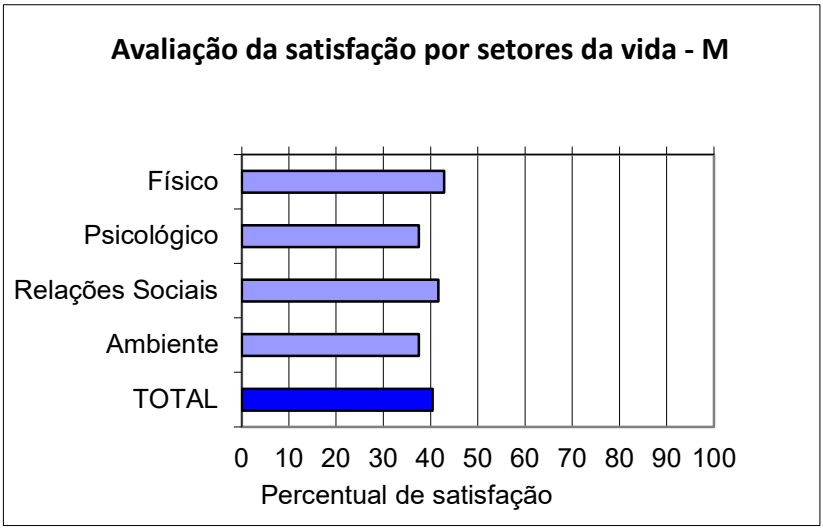
O gráfico 1 apresenta os resultados da autoavaliação da qualidade de vida feita pela aluna *M.* em dezembro de 2018 de acordo com questionário WHOQOL-brief. Destacam-se os maiores percentuais de satisfação relacionados com a ausência de dores e desconfortos, autoestima, mobilidade e possibilidade de aquisição de novas informações e habilidades. Ela aponta estar totalmente insatisfeita com a qualidade do seu sono e com sua própria imagem. A autoavaliação sobre a satisfação geral com sua qualidade de vida fica em 50%, o que, de acordo com a metodologia empregada, está indiferente.

GRÁFICO 1


Auto avaliação da qualidade de vida - M.
Dor e desconforto
Sono e repouso
Atividades da vida cotidiana
Capacidade de trabalho
Pensar, aprender, memória e...
Imagem corporal e aparência
Espiritualidade, religião, crenças...
Suporte e apoio pessoal
Segurança física e proteção
Recursos financeiros
Novas informações e habilidades
Ambiente físico
Auto avaliação da qualidade de...
0
50
100
Percentual de satisfação

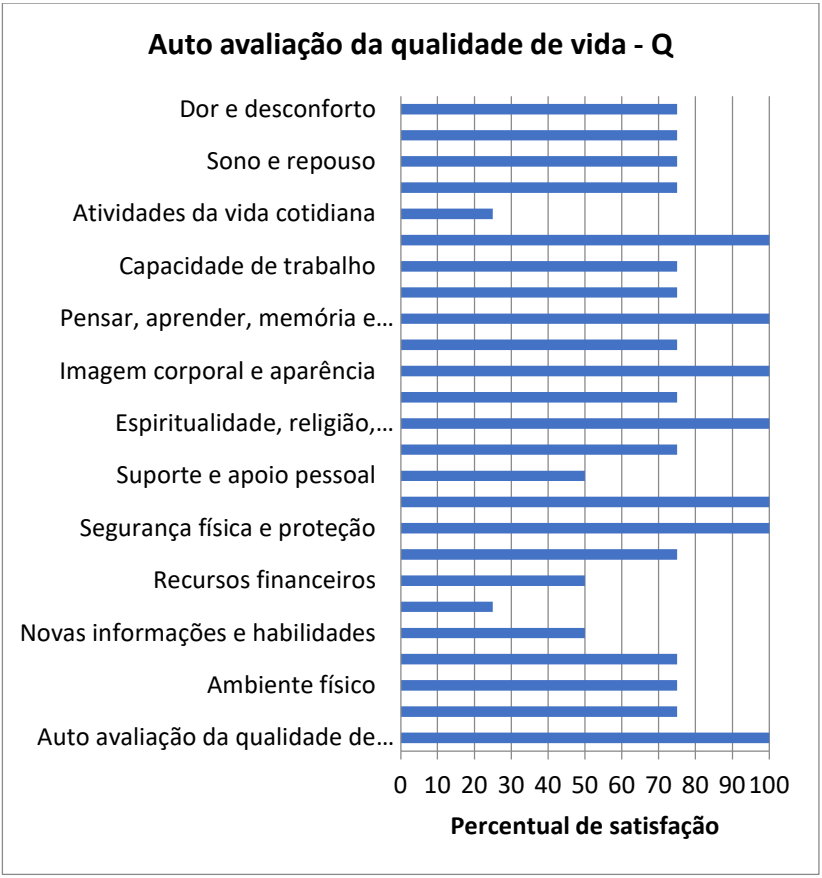
No gráfico 2 é apresentada a análise dos dados referentes à satisfação com os setores da vida; apresenta valores oscilando em torno dos 40%. No momento da sua entrevista, realizada em janeiro de 2019, *M.* afirmou que, numa escala de zero a dez, seu grau de satisfação com a vida estaria em 4.

GRÁFICO 2



O gráfico 3 apresenta a autoavaliação da qualidade de vida do aluno *Q*. O aluno expressa total satisfação em não depender de medicamentos ou tratamentos, oportunidades de pensar, aprender, memória e concentração; imagem corporal e aparência. O percentual de 75% indica que ele frequentemente está satisfeito com sua autoestima e, de forma geral, está totalmente satisfeito com sua qualidade de vida atual.

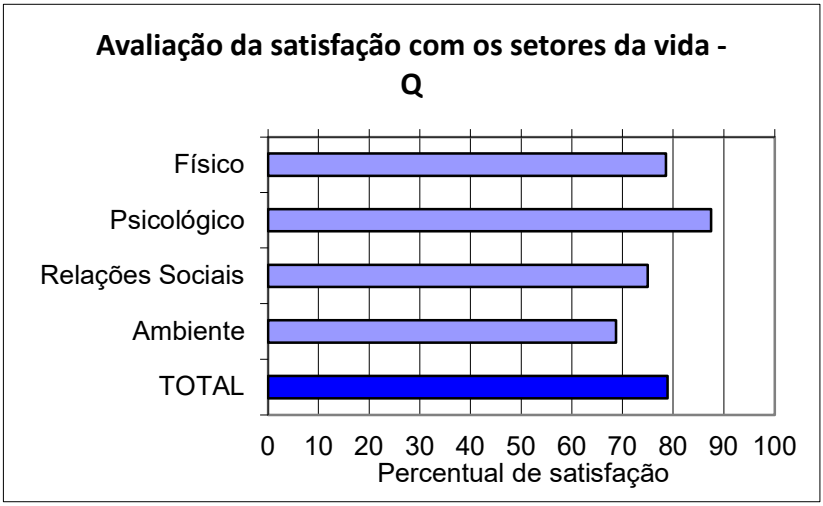
GRÁFICO 3



A avaliação com a satisfação com a qualidade de vida de acordo com os setores avaliados indica que *Q*. está satisfeito em quase 80% das situações, sendo que o setor psicológico despontou com maior intensidade, enquanto

que a satisfação com o setor do ambiente de vida ficou com o menor percentual.

GRÁFICO 4



A aluna *B.* apontou satisfação total em vários quesitos do questionário, como autoestima, imagem corporal e aparência, cuidados com a saúde, recreação e lazer. Seus menores índices de satisfação relacionam-se com a dependência de medicamentos ou tratamentos e sentimentos negativos. A percepção geral da qualidade de vida ficou em 75%, o que significa frequente satisfação. No conjunto de setores da vida *B.* afirma estar quase sempre satisfeita com seu ambiente; o setor de menor satisfação é com o próprio físico.

GRÁFICO 5

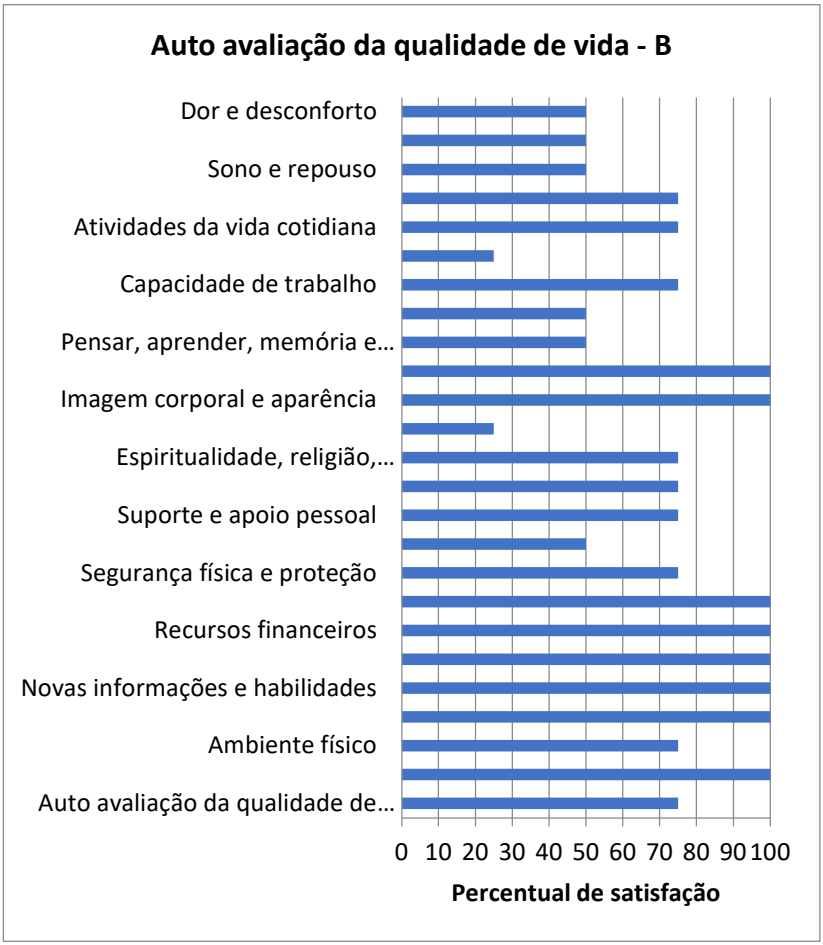
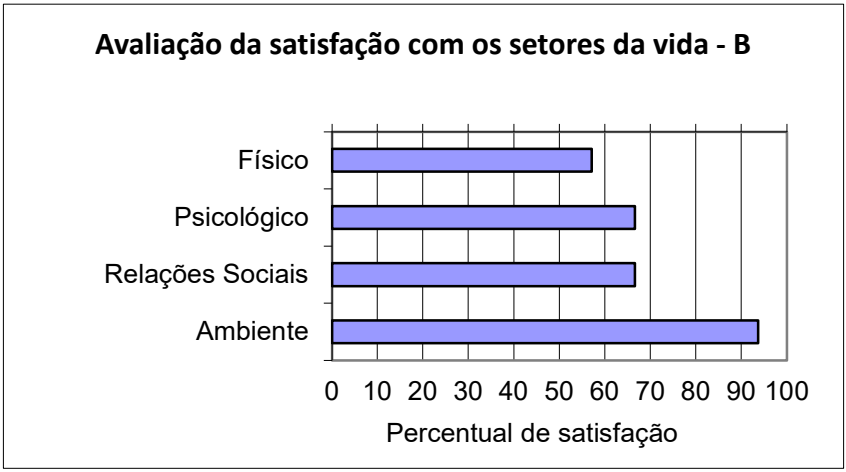

Auto avaliação da qualidade de vida - B
Dor e desconforto
Sono e repouso
Atividades da vida cotidiana
Capacidade de trabalho
Pensar, aprender, memória e...
Imagem corporal e aparência
Espiritualidade, religião,...
Suporte e apoio pessoal
Segurança física e proteção
Recursos financeiros
Novas informações e habilidades
Ambiente físico
Auto avaliação da qualidade de...
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
Percentual de satisfação

GRÁFICO 6



Ao iniciar o curso, *M.* buscava aprofundar-se no autoconhecimento e atuar como *coach*. Iniciou o curso seguindo uma perspectiva e, em um determinado momento, iniciou-se um processo de mudança e a aluna adotou uma nova visão sobre si mesma. Desde então, essas transformações a levaram a uma nova orientação. Ela conseguiu reconhecer sua inclinação para o trabalho na área de artes e sua pouca aptidão para trabalhar como *coach*. Sente que houve uma melhora na sua qualidade de vida, que foi cerceada pelas dificuldades financeiras enfrentadas. Por ainda não estar atuando numa área que gostaria, não encontrou a plena satisfação no trabalho. Segundo seus depoimentos, as transformações ocorridas proporcionaram a ela a visão de uma direção a seguir.

No começo do curso *Q*. objetivava aprimorar seus conhecimentos na área de *coach* e ter momentos de autoconhecimento que o preparassem para uma nova etapa de sua vida. Logo de início entregou-se integralmente ao processo, o que o manteve em uma constante transformação. Durante o processo *Q.* se divorciou, deixou o trabalho que não o satisfazia e começou a construir o novo caminho profissional que desejava. Sua percepção de qualidade de vida aumentou muito, o que foi confirmado pelos resultados da análise WHOQOL-brief.

Ao iniciar o curso, *B.* intencionava ampliar seus conhecimentos e capacitar-se para a prática profissional em sua comunidade e hoje sente-se preparada e estruturada para isso. Continua no mesmo trabalho, sente-se mais confiante e valoriza-se mais como profissional; despertou o interesse por aprender mais e continuar se desenvolvendo. Passou a ter um objetivo profissional e já está percorrendo o caminho para atingi-lo. Aponta áreas de insatisfação na sua vida, no entanto, avalia que teve uma grande melhora na sua qualidade de vida.

Q. e *B.*, que fazem parte da geração X, e por terem uma experiência de vida mais longa, mostraram-se mais confiantes no processo e nos resultados alcançados, enquanto *M.*, da geração Y, tem pressa por resultados, e se frustra quando não os alcança em curtos intervalos de tempo.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Analisando-se a Qualidade de Vida dos alunos do Curso STTICT pode-se observar que: a) o processo de *coaching* transpessoal foi capaz de iniciar transformações na vida pessoal dos participantes, as quais proporcionaram a saída do ponto em que se encontravam; b) o aumento na qualidade de vida dos participantes foi evidente; no entanto, a satisfação com o trabalho não se mostrou com a mesma intensidade; c) Os objetivos dos participantes quanto ao curso foram atingidos e todos sentem-se preparados para alcançar os resultados a que se propuseram; d) A intensidade das transformações foi diferente para cada participante e influenciada por suas características pessoais e emocionais, histórias de vida, abertura para o processo e espiritualidade; e) A didática e a metodologia dos professores e a atuação do tutor foram fundamentais para que o processo de transformação dos alunos fosse feita de forma segura, embasada e estruturada; f) A estrutura do curso contribui para o seu bom funcionamento e todos os momentos contribuíram para os processos de transformação pessoal aos quais os participantes se dispuseram; g) O trabalho de tutoria e o papel do tutor são de fundamental importância para o progresso individual do aluno; h) O modelo de imersão dos módulos e o ambiente onde os mesmos foram realizados são indispensáveis para o aprofundamento dos processos propostos; i) A prática

das atividades extraclasse mostrou-se tão importante quanto os momentos experimentados nos módulos presenciais; j) O círculo da palavra mostrou-se fundamental como ferramenta para promoção do autoconhecimento.

AGRADECIMENTOS

- À Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz, AMORC, e à Universidade Rose-Croix Internacional, pelo curso oferecido e pela possibilidade da realização deste trabalho.

- Ao professor e tutor, Luiz E. V. Berni, por seu incansável trabalho, incessante dedicação e empenho, sem os quais nada teria sido realizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.B.G. ***Liderança, coaching e qualidade de vida no trabalho:*** *existe mesmo uma relação?* 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Uniceub, Brasília.

CABECEIRO, S. F. V. ***Percepção do impacto de coaching na produtividade das empresas***. 2013. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Bragança, São Paulo.

CANAVARRO, M. C.; PEREIRA, M.; MOREIRA, H.; PAREDES, T**.** *Qualidade de vida e saúde: aplicações do WHOQOL*. ***Instituto Politécnico de Lisboa***, Lisboa, v. 3, p. 243-268, 2010.

LIMA, M. P. R. ***Uma análise dos principais tipos de coaching***. 2013. Trabalho de Curso. Uniceub - Brasília.

MACIEL, N. B. ***Valores que influenciam a retenção dos profissionais da geração Y nas organizações***. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS – Porto Alegre

MARCONI, M.A. e LAKATOS, E. M. ***Fundamentos da Metodologia Científica***. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUESE, E. C; CASTRO MORENO, C. R. **Satisfação no trabalho: uma breve revisão**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, São Paulo, v.30, n.112, p. 69-79, 2005.

PANZINI, R. G.; ROCHA, N. S.; BANDEIRA D. R.; FLECK, M. P. A. **Qualidade de vida e espiritualidade**. **Revista de Psiquiatria Clínica**, n. 34, supl. 1; p. 105-115, 2007.

SANTOS, B. ***Satisfação no trabalho:*** *o caso de um banco***.** 2012. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico Setúbal – Setúbal, Portugal.

SILVA, E. L. e MENEZES, E.M. ***Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.*** 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

VASCONCELOS, K. C. A.; MERHI, D. Q.; GOULART, V. M.; SILVA, A. R. L. *A* **Geração Y e suas âncoras de carreira**. Revista Gestão. Org – 8 (2): p. 226-244. mai/ago, 2010.



CELINE DANIELE CLARO – graduada em Ciências Sociais pela UFSCar; mestre em Ciências Sociais pela mesma universidade, com estágio na Universidade de Coimbra. Atuou no campo da sociologia do trabalho em empresas privadas em Portugal. Especialista do Sistema de Gestão de Qualidade ISO 9001. celine_claro@yahoo.com.br



JOSÉ CARLOS CARNEIRO RIBEIRO – Formação técnica em Shiatsu e Acupuntura pelo Instituto Sohaku-In (ABACO). Formação em Yoga pela Associação Brasileira de Professores de Yoga. Formação técnica em química (CRQ 03410738). e vários cursos de formação especializada: Terapia Corporal, Medicina Natural, Saúde e Alimentos Funcionais, Kanrenbui, Spiral Taping, Alchimia-Spagirica-Fitoterápica, Fisiologia Chinesa, Quiroprática. Desde 1996, atua com Shiatsu e Acupuntura na Zona Sul do Rio de Janeiro (CRT 26695). jcshiatsu@gmail.com

ABSTRACT

Theme: Transpersonal Technique. **Aim**: Establishing dialogue between two self-knowledge approaches inspired by Jung's theory: drawing of Mandalas in S. Fincher's perspective and *Insights Discovery* in V. Sánchez's perspective. In order to do that, a procedure or a prototyping technique in experimental phase was created, which was called *The Game of Self-Knowledge through Chromatic Mandalas*. **Method**: Qualitative research, self-exploratory, inspired by Jung's research methodology, characterized by its authors' subjectivity. **Results**: The conceptual survey on individuation process, psychological types, therapeutic mandala technique, and Insights Discovery technique were presented; an application and assessment protocol was designed, which was applied to an experimental group with results presented in synoptic tables. **Conclusions**: The prototyping technique application results suggest a positive correlation in using mandalas and understanding the psychological types, which can benefit the self-knowledge and individuation processes.

Keywords: Transpersonal Psychology; Self-knowledge; Mandalas; Insights Discovery; Psychological Types; Jung's Theo

3

O JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

RESUMO

Tema: Técnica Transpessoal. **Objetivo:** Colocar em diálogo duas abordagens de autoconhecimento inspiradas na teoria junguiana: o desenho de Mandalas na ótica de S. Fincher e os *Insights Discovery* na ótica de V. Sánchez. Para isso criou-se um procedimento, ou prototécnica em fase experimental, denominado *O Jogo do Autoconhecimento por meio de Mandalas Cromáticas.* **Método:** Pesquisa qualitativa, autoexploratória inspirada na metodologia de pesquisa de Jung, marcada pela subjetividade de seus autores. Resultado: Apresentam-se o levantamento conceitual do processo de individuação, dos tipos psicológicos, da técnica das mandala terapêuticas e da técnica do Sistema *Insights Discovery*; desenhou-se um protocolo de aplicação e avaliação; aplicou-se com grupo experimental com resultados apresentados em quadros sinóticos**. Conclusões:** Os resultados das aplicações da prototécnica sugerem uma correlação positiva no uso das mandalas e no entendimento dos tipos psicológicos que podem favorecer o processo de individuação e o autoconhecimento.

Palavras-chaves: Psicologia Transpessoal; Autoconhecimento; Mandalas; *Insights Discovery*; Tipos Psicológicos; Teoria Junguiana

APRESENTAÇÃO

Durante o Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal – Curso de Especialização *Lato Se*nsu – Universidade Rose-Croix Internacional (URCI), na Disciplina Fundamentos de Psicologia Transpessoal, no Módulo IX, Práticas Tradicionais Aplicadas à Saúde e Educação, houve uma Oficina de Mandalas e Processos de Individuação. Os alunos que escrevem este artigo, após esta atividade, intuitivamente, começaram a desenhar uma abordagem de aplicação da técnica numa atividade lúdica de autoconhecimento, que pareceu ampliar o escopo do que havia sido apresentado no módulo. Intrigados com os resultados obtidos, e estabelecendo conexões com outro módulo que tratou do assunto, quando se abordaram os Tipos Psicológicos de Jung, Módulo VII, passaram a estabelecer relações entre as Mandalas, que sondam aspectos do Inconsciente e os Tipos Psicológicos que se dirigem à consciência, ambos contribuindo para o processo de individuação.

O presente relato é fruto de uma pesquisa qualitativa, autoexploratória inspirada na metodologia de pesquisa de Jung (Penna, 2004), marcado, portanto, pela subjetividade de seus autores.

Fundamentado nos processos de individuação e tipos psicológicos de Carl Jung, propõe-se, por meio da auto-observação comparada, criar um "Jogo do Autoconhecimento", a fomentar o processo de individuação através das Mandalas, interpretadas à luz da técnica do Insights Discovery.

Assim a prototécnica[27] "Jogo do Autoconhecimento" é fruto de um diálogo da técnica das Mandalas terapêuticas proposta por Suzanne Fincher, uma arteterapeuta, e do Sistema de Cores *Insights Discovery* proposto por Andy Lothian, interpretado por Víctor Sanchez, *coaching* com formação em antropologia e psicologia.

[27] Proto indica "primeiro", em desenvolvimento.

1. O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E OS TIPOS PSICOLÓGICOS

Na visão de Jung, a psique é *a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes* (JUNG, 2008c, p. 388). E é composta por três níveis: consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

O **Consciente** é o que mantém contato com o mundo interior (processos psíquicos, internos) e exterior (meio ambiente e social) do sujeito. Na consciência, destacam-se fenômenos de percepção intrínseca e extrínseca, senso de identificação, atenção, raciocínio e memória, entre outras funções cognitivas e emocionais.

> Consciência é a percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe um "eu", o ego. O ego é um fator complexo com a qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa. O ego é um campo e aquilo que Jung chama de personalidade empírica é a nossa personalidade tal como a conhecemos e a vivenciamos diretamente. O termo ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação. O ego é uma espécie de espelho no qual a psique pode ver-se a si mesma e pode tornar-se consciente. Consciência é tudo aquilo que conhecemos (STEIN, 2006, p. 21, 23).

Jung define o **Inconsciente** como sendo "um conceito-limite psicológico que abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, isto é, que não estão relacionados com o eu de modo perceptível" (Jung, 2008b, p. 424). Dessa forma, tudo que podemos conhecer sobre o inconsciente fazemos por meio do nosso consciente.

> Tudo o que conhecemos a respeito do inconsciente foi-nos transmitido pelo próprio consciente. A psique inconsciente, cuja natureza é completamente desconhecida, sempre se exprime

> através de elementos conscientes e em termos de consciência, sendo esse o único elemento fornecedor de dados para a nossa ação (JUNG, 2008a, p. 3).

O **Inconsciente Pessoal** é a camada mais superficial do inconsciente. Nela permanecem os conteúdos inconscientes da vida do indivíduo, é representado pelos sentimentos e ideias reprimidas. Posteriormente, é possível acessá-los novamente.

Os conteúdos reprimidos são aqueles aspectos desagradáveis (por exemplo: memórias de dor, raiva, tristeza, desejos proibidos) que ao entrarem na consciência são rejeitados pelo ego, e passam a fazer parte do inconsciente.

Além dos conteúdos reprimidos, também fazem parte do Inconsciente Pessoal materiais psicológicos que não chegaram a ter importância suficiente para permanecerem na consciência, mas que foram apreendidos pelo indivíduo. As percepções subliminares, por exemplo, ficam registradas em nível inconsciente, mas muito próximas à consciência; para alguns autores trata-se de uma região "subconsciente"[28] sendo facilmente acessada pela consciência. Assim, é comum conseguirmos acessar tais informações que não sabíamos que estavam guardadas fora da consciência. Não só as percepções sensoriais, mas também pensamentos, sentimentos e intuições que passam à beira da consciência podem ser legados ao subconsciente por não terem importância suficiente, de sorte que sua presença posterior na consciência é uma forma de se constatar que não foram simplesmente descartados, mas ficaram adormecidas neste setor da psique.

Desta forma, o inconsciente pessoal seria formado por dois conteúdos, aqueles que foram reprimidos, por estarem em desacordo com o Ego, e aqueles que não tiveram força suficiente e/ou necessidade para permanecer no consciente, ficando disponíveis numa "membrana" do inconsciente pessoal aqui denominada de subconsciente. Nesta categoria

[28] Por exemplo, Joseph Murphy, "O Poder do Subconsciente", Rio de Janeiro: Record, 1963. No Esoterismo Ocidental, em escolas como a AMORC, a dimensão Subconsciente é muito comum, como é o caso de vários escritos de Harvey Spencer Lewis. Desta forma, embora não seja um termo comum na obra de Jung, optou-se pela inclusão deste termo neste trabalho. (BERNI, LEV "A Psicologia do Esoterismo Rosacruz da AMORC" In: ___. *O Conhecimento Rosacruz Rumo à Transdisciplinaridade.* Curitiba: AMORC, 2010)

estariam diversas informações, sentimentos, sensações e pensamentos que ocupam nossa consciência em determinadas situações, mas que são abandonados. Assim, o Inconsciente Pessoal "engloba as aquisições da existência pessoal: o esquecido, o reprimido, o subliminarmente percebido, pensado e sentido" (JUNG, 2008c, p. 426).

O **Inconsciente Coletivo**[29] pode ser entendido como uma herança a todos os seres humanos. É um conjunto de sentimentos, pensamentos, lembranças compartilhadas por toda uma humanidade, que inclui experiências humanas universais como o amor, o ódio, o perigo, o medo, e a dor. "O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, é herdado" (JUNG, 2008b, p. 54).

> Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo" (JUNG, 2008b, p. 15).

O Inconsciente Coletivo "é uma camada mais profunda da psique humana e o seu conteúdo uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes" (STEIN, 2006, p. 83), cujos produtos seriam constituídos de conteúdos que vão além da experiência pessoal de vida do indivíduo. Assim como cada célula do corpo humano é uma célula nova e seu DNA contém o resultado de toda a evolução que a espécie sofreu desde o início dos tempos, também a psique teria em sua constituição a habilidade de pensar de toda história da humanidade, herdada em forma de categorias e/ou possibilidades. Estes conteúdos foram chamados por Jung (2008b) de **Arquétipos**[30] e

[29] O conceito de Inconsciente Coletivo criado por Jung foi um dos principais motivos da discordância com Freud. Ao contrário de Freud, Jung acreditava que os sonhos não mostravam sempre os desejos sexuais que eram reprimidos, mas imagens simbólicas, que levavam a uma variedade de significados, não só no passado, mas também no futuro.

[30] **Arquétipos**: um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares. (STEIN, 2006, p. 205)

existem porque "nossa mente inconsciente, bem como nosso corpo, é um depositário de relíquias e memórias do passado. Um estudo da estrutura do inconsciente coletivo revelaria as mesmas descobertas que se fazem em anatomia comparada" (JUNG, 2008c, p. 36). Os arquétipos são percebidos em comportamentos externos, especialmente aqueles que se aglomeram em torno de experiências básicas e universais da vida, tais como nascimento, casamento, maternidade, morte e separação. São os arquétipos que ajudam a satisfazer as necessidades de realização, pertença, independência e estabilidade dos indivíduos (JUNG, 2008b). Na concepção de Jung, todos os seres humanos têm os mesmos arquétipos e **Instintos**[31] e a individualidade tem que ser procurada em outras áreas da personalidade.

Jung estava convencido de que os seres humanos devem tentar atingir níveis cada vez mais elevados de consciência. Em outras palavras, tentar absorver, trazer à consciência, incorporar no Ego, partes que estão escondidas no inconsciente pessoal.

> Quando a vida, por algum motivo, toma uma direção unilateral, produz-se no inconsciente, por razões de autorregulação do organismo, um acúmulo de todos aqueles fatores que na vida consciente não puderam ter suficiente voz nem vez" (JUNG, 2007, p. 19).

Assim, quanto mais o rumo da vida do indivíduo se torna de alguma forma unilateral, mais progressivamente os conteúdos emergidos do inconsciente vão ganhando autonomia, e aparecem em evidente oposição à sua atitude consciente.

Ao estudar a dinâmica do inconsciente, Jung descobriu as unidades funcionais as quais chamou de **complexos**[32]. Os complexos são constelações[33] de elementos psíquicos – ideias, opiniões, atitudes e

[31] **Instinto**: Uma fonte inata, fisicamente baseada, de energia psíquica que é formada e estruturada na psique por uma imagem arquetípica. (STEIN, 2006, p. 206)
[32] **Complexo**: conteúdo autônomo do inconsciente pessoal cuja expressão sensível é usualmente formada através de lesão ou trauma psíquico. (STEIN, 2006, p. 205)
[33] **Constelação:** no léxico Junguiano, refere-se à criação de um momento psicologicamente carregado, um momento em que a consciência já está ou está prestes a ficar perturbada por um complexo. (STEIN, 2006, p. 47)

convicções – associados com sensações diversas e que se juntam ao redor de um tema nuclear. Quando entram em ação (se constelam), podem forçar um comportamento indesejado pelo ego. Podemos dizer que um complexo é um elemento paralelo da personalidade (uma personalidade paralela) que vive no inconsciente, que tem energia psíquica própria, e que, quando provocada por uma circunstância exterior, assume o comando de nossas ações, desafiando o controle do Ego e perturbando o indivíduo.

> Os humanos nem sempre agem racionalmente e comportam-se de acordo com avaliações claras do interesse pessoal (...). São impelidos por forças psíquicas, motivados por pensamentos que não se baseiam em processos racionais, e sujeitos a imagens e influências para além daquelas que podem ser medidas no ambiente observável. Em resumo, somos criaturas impulsionadas por emoções e imagens, tanto quanto somos racionais e ambientalmente adaptadas. Sonhamos tanto quanto ponderamos, e sentimos provavelmente muito mais do que pensamos (STEIN, 2006, p. 41).

Os complexos não devem ser entendidos como patológicos, e sim como possibilidades de crescimento e desenvolvimento da psique. De acordo com Jung, os complexos podem nos ter e podem assumir o controle de nosso corpo e de vontades contrariando os desejos do Ego.

> Os complexos têm energia e manifestam uma espécie de 'rodopio'. Quando são estimulados por uma situação ou evento, soltam uma rajada de energia e pulsam sucessíveis níveis até chegarem à consciência. Essa energia penetra na concha da consciência do ego e inunda-a, influenciando-a assim para rodopiar na mesma direção e descarregar parte da energia emocional que foi liberada por essa colisão. Quando isso acontece, o ego perde por completo o controle da consciência ou do próprio corpo. A pessoa fica sujeita a descargas de energia que não estão sob o controle do ego" (STEIN, 2006, p. 48).

Para Jung, cada pessoa nasce integrada como um todo trazendo sua essência que deve/pode ser desenvolvida no decorrer de sua vida.

> No começo da vida, a personalidade é uma simples unidade indiferenciada. Amorfa e mais potencial do que real, ela constitui um todo. Iniciado o processo de desenvolvimento, essa totalidade diferencia-se e separa-se em várias partes. Nasce a consciência do ego e, ao crescer, deixa para trás boa parte da totalidade de si mesmo no que é agora o inconsciente (STEIN, 2006, p. 98).

O que significa que não nos desenvolvemos de forma isolada do resto da sociedade, sem que o contexto cultural e histórico nos influencie intimamente, transmitindo padrões de pensamento e de experimentação da realidade.

> Jung estava interessado em apurar como as pessoas chegam a desempenhar determinados papéis, a adotar atitudes coletivas convencionais e representar estereótipos sociais e culturais, em vez de assumirem e viverem sua própria unicidade. Isto constitui, por certo, um traço humano bem conhecido (STEIN, 2006, p. 102, 103).

Jung percebeu em suas análises que o indivíduo age de maneira diferente em cada ambiente social, para ser aceito e pertencer ao grupo, adaptando-se dependendo da circunstância. Identificando, assim, quatro grupos de arquétipos: **Persona, Sombra, Anima ou Animus e Self.**

É natural que quando queremos nos apresentar a alguém ou à determinada ocasião, escolhemos trajes que consigam passar a imagem que queremos. Este recurso é também usado diariamente quando queremos nos adequar às situações cotidianas. Este recurso é chamado de ***Persona*** – em latim, significa máscara de um ator, que, por sua vez, representa o papel dele dentro de uma peça; já o significado psicológico dado por Jung é um recurso da personalidade desenvolvida e usada para a interação com o mundo exterior, podendo ser chamada de máscara social.

> A palavra persona é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar. Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não

> passa de um papel, no qual fala a psique coletiva" (JUNG, 1988, p. 133).

"A Persona é a pessoa tal como apresentada, não a pessoa como real. É um construto psicológico e social adotado para um fim específico, a qual está mais ou menos identificada com a consciência do ego" (STEIN, 2006, p. 100,102**).**

O que a consciência do ego[34] rejeita torna-se Sombra[35].

> Quaisquer partes da personalidade que normalmente pertenceriam ao ego se estivessem integradas, mas foram suprimidas por causa de dissonância cognitiva ou emocional, caem na sombra. (...) Todo ego tem uma sombra. Isso é inevitável. Ao adaptar-se e enfrentar-se com o mundo, o ego, de um modo inteiramente involuntário, emprega a sombra para executar operações desagradáveis que ele não poderia realizar sem cair num conflito moral. Sem o conhecimento do ego, essas atividades protetoras e autônomas são levadas a efeito no escuro (STEIN, 2006, p. 98).

A **Sombra** é um conceito muito importante na psicologia de Jung. O ser humano nasce completo, não distingue o bem e o mal. Ao começar o seu processo de formação do ego, adota[36] certas características que julga necessárias para a sua pessoa e reprime as outras que considera indesejáveis. *A sombra é uma espécie de contra-pessoa. Pode ser pensada como uma subpersonalidade que quer o que a persona não permitirá.* (STEIN, 2006, p. 101).

Jung teve a percepção de que carregamos em nossa psique a contraparte sexual e nelas estão encerradas as qualidades inerentes ao sexo

[34] Consciência do ego é a porção da psique composta de pensamentos, memórias e sentimentos de fácil acesso. (STEIN, 2006, p. 205)

[35] A Sombra abrange todas as características, sejam elas boas ou ruins. Por exemplo: um homem que se vê como muito prático, um executivo de uma empresa conhecido por sua busca por resultados e sua sede de poder, pode desvalorizar e suprimir boas características que não são úteis para aqueles que priorizam a acumulação de bens materiais, dinheiro e poder. A compaixão, a bondade, a capacidade de cuidar do próximo são características que podem ser rejeitadas pelo seu ego.

[36] O ego é o centro da consciência. É o locus da tomada de decisões e do livre-arbítrio (STEIN, 2006, p. 26)

oposto, mas que não são conscientes. Conforme os traços psicológicos de cada indivíduo, as tendências do sexo oposto vão sendo reprimidas e se acumulam no inconsciente. Anima e animus foram então definidos para designar essas partes reprimidas do sexo oposto em nossa psique. Sendo a **anima** a dimensão feminina da psique do homem e **animus** a dimensão masculina na psique da mulher.

> Em sua teoria, Jung argumenta que homens e mulheres são ao mesmo tempo masculinos e femininos. Essas qualidades, porém, são distribuídas de modo diferente. E essa diferença é arquetípica, não social ou cultural. Por outras palavras, não é uma diferença que possa ser apagada por mudanças na política social. Jung diz que os homens são masculinos no exterior e femininos no interior, e que as mulheres são o inverso. As mulheres são dadas a relacionar-se, são receptivas e impressionáveis em seu ego e persona, e são firmes e contundentes no outro lado de sua personalidade; os homens são duros e agressivos no exterior, brandos e comunicativos no íntimo. Deixem-se de lado as personas de adultos masculinos e femininos, e a percepção do sexo será invertida. As mulheres serão mais duras e mais dominantes do que os homens, e os homens serão mais criativos e propensos ao convívio do que as mulheres. Quando as mulheres mergulham no seu interior, ao voltarem à tona vêm munidas de abundante lógica, competitividade, firmeza e discernimento moral. Do mesmo modo, os homens mostram-se compassivos, sentimentais e desejosos de unidade e tolerância" (STEIN, 2006, p. 123,124).

Tanto o homem quanto a mulher desenvolveram seus arquétipos anima e animus pelo relacionamento continuado com mulheres e com homens durante muitas gerações.

> As imagens masculinas e femininas alojadas no inconsciente de cada sexo, respectivamente, são primordiais e mantêm-se mais ou menos inalteradas por circunstâncias históricas e culturais. Estão muito próximas de imagens permanentemente estáveis que

> repetem seus retratos em psiques humanas individuais de geração para geração (STEIN, 2006, p. 129).

Enquanto a persona é mediadora entre o ego e o mundo externo e se ocupa com a adaptação do indivíduo ao coletivo, a anima/animus são os mediadores entre o ego e o mundo interno e ocupam-se com a adaptação àquilo que é pessoal, interior e individual.

Para Jung, o **Self** ou **Si-Mesmo**[37] ocupa a posição central da psique e representa a unificação da consciência e inconsciência do indivíduo. É uma imagem arquetípica do potencial mais pleno do homem, ou seja, da totalidade.

> Para Jung, o si-mesmo é transcendente[38], o que significa que não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele, mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido, define-o. O si-mesmo não se refere, paradoxalmente, a si-mesmo. É mais do que a subjetividade da pessoa, e sua essência situa-se além do domínio subjetivo. O Si-Mesmo forma a base para o que no sujeito existe de comum no mundo, com as estruturas do Ser. No si-mesmo, sujeito e objeto, o ego e o outro, juntam-se num campo comum de estrutura e energia" (STEIN, 2006, p. 138).

Jung entende que o processo pelo qual a consciência de um indivíduo diferencia-se das outras, tornando-se autônomo e indivisível, ocorre através do processo de **individuação**. Portanto, a individualização é a realização do si-mesmo do Self e para que aconteça é fundamental que o Ego participe ativamente do processo e aprenda a lidar com o negativo da mesma forma que lida com o positivo.

Segundo Stein (2006), Jung entendia a individuação como um processo que significava tornar-se um ser único, alcançar uma singularidade

---

[37] No curso em questão adotamos também o termo Eu Interior, ou Mestre Interior, pois se trata de linguagem comum ao Esoterismo Ocidental.

[38] "Por "função transcendente" não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e "transcendente" resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes" (JUNG, *A Natureza da Psique* apud http://cafecomjung.blogspot.com/2014/03/o-self-ou-si-mesmo.html).

profunda, tornando-se o próprio si-mesmo. Este processo ocorreria a partir do meio da vida, quando o homem, já tendo construído sua vida de relações de modo satisfatório, volta-se mais para o seu mundo interno, em busca de resgatar aquilo que foi abandonado e ficou à margem da realização do ego em sociedade.

> A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. Cada estágio, então, do processo de individuação, é marcado por dificuldades e cada indivíduo tem uma forma peculiar e única de se desenvolver (JUNG, 2008c, p. 269).

É interessante ressaltar que a individuação não visa a perfeição, mas a totalidade como o sentido emergente de complexidade e integridade psíquica que se desenvolve no transcurso de uma vida inteira (STEIN, 2006, p. 206). As exigências do self vão mostrar ao indivíduo o seu papel na sociedade, a sua vocação, onde pode exercer sua individualidade para o bem-estar pessoal e da sociedade. Assim, o **autoconhecimento** é a chave para o desenvolvimento e amadurecimento da personalidade, pois o início da formação da mente consciente marca o início do processo de individuação.

Zacharias (2017) entende que, apesar de o processo de individuação ser o eixo central da Psicologia Analítica, a estrutura dos tipos psicológicos formulada por Jung é a face mais publicamente conhecida de sua teoria. Trata-se de um quadro teórico acerca dos tipos de personalidade que traz elementos sobre a psicologia do outro e de si mesmo, das suas diferenças, um conhecimento importante para a melhoria das relações humanas.

Ao estudar a tipologia de Jung, verifica que a libido (energia psíquica) flui em dois sentidos: **da extroversão e da introversão**. A extroversão surge de dentro para fora da psique e o indivíduo tende a orientar-se por fatores objetivos, externos. A introversão surge de fora para dentro da psique e o indivíduo tende a orientar-se por fatores subjetivos, internos. A extroversão e a introversão estão presentes em todas as pessoas de duas formas opostas e complementares: uma como orientação principal,

diferenciada, de nível consciente. E outra, como uma orientação inferior, indiferenciada, de nível inconsciente. Ou seja, se o consciente é extrovertido; o inconsciente é introvertido e vice-versa.

Verifica também que além da psique ter dois sentidos (extroversão e introversão) possui ainda quatro **funções psíquicas**: pensamento, sentimento, percepção e intuição. Estas são mecanismos de adaptação do indivíduo à sua realidade subjetiva e objetiva.

A **percepção** relaciona-se aos mecanismos sensoriais da psique. Constata a presença das coisas que nos cercam.

O **pensamento** esclarece o significado das coisas. Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. É a razão.

O **sentimento** faz a avaliação das coisas. Decide o valor que estas têm para nós (se agradam ou não). Estabelece julgamentos assim como o pensamento, entretanto, obedece a uma lógica diferente: sua lógica não é a da razão, é a lógica da emoção.

A **intuição** é a apreensão perceptiva das coisas pela via inconsciente. A intuição "vê" a natureza "oculta" das pessoas, dos objetos e dos fatos.

As funções psíquicas formam dois pares de funções opostas e complementares: o pensamento é oposto, porém, complementar ao sentimento. A percepção é oposta, porém, complementar à intuição.

Assim, os Tipos Psicológicos propostos por Jung consistem em um sistema de combinações entre suas atitudes (extroversão ou introversão) com uma de quatro funções (pensamento, sentimento, sensação ou intuição) para formar uma distinta orientação habitual da consciência do ego (STEIN, 2006, p. 206).

Resumidamente, Jung (2008c) define os tipos psicológicos da seguinte maneira:

1. **Tipo Pensamento Introvertido**: pessoas com esse tipo dão valor às ideias do ponto de vista do sujeito, não do objeto. Eles se mostram interessados pela produção de ideias novas. Facilmente se perdem no mundo da fantasia. Não são práticos, são mais teóricos. Função inferior: Sentimento Extrovertido.

2. **Tipo Pensamento Extrovertido:** esse tipo carrega em si uma vida governada pelo pensamento. Costumam ser indivíduos com organização e praticidade. Função inferior: Sentimento Introvertido
3. **Tipo Sentimento Introvertido:** são personalidades difíceis de serem compreendidas, pois seu exterior pouco revela. Pessoas desse tipo transmitem uma leve impressão de não possuírem nenhuma espécie de sentimento. São pessoas reservadas e também demonstram tendência a serem autoritárias. Função inferior: Pensamento Extrovertido
4. **Tipo Sentimento Extrovertido:** os indivíduos que carregam esse tipo estabelecem ligações profundas com o ambiente. O pensamento está subordinado ao sentimento. São vulneráveis ao objeto amado. Fazem amizade com facilidade, pois possuem uma boa conversa. Função inferior: Pensamento Introvertido.
5. **Tipo Sensação Introvertido:** esse tipo carrega em si a intensidade da sensação subjetiva. Possui uma tendência a recuar do mundo exterior e seus dilemas. Há uma separação entre a consciência e o corpo físico. Demonstra dificuldade de compreender a si próprio. Função inferior: Intuição Extrovertida.
6. **Tipo Sensação Extrovertida:** são indivíduos que têm bem desenvolvida a percepção dos fatos. Costumam procurar por pessoas ou situações que lhes proporcionem fortes sensações. Concentram sua atenção para o físico, possuindo um bom gosto estético. Costumeiramente não esquecem os seus compromissos e são pontuais. Função inferior: Intuição Introvertida.
7. **Tipo Intuição Introvertida:** são indivíduos mais direcionados para o conteúdo do inconsciente. Não são muito comunicativos e geralmente são mal compreendidos pelo outro. São mais ligados às questões da espiritualidade, carregando em si uma misteriosa capacidade de pressentir o futuro. Função inferior: Sensação Extrovertida.
8. **Tipo Intuição Extrovertida:** são pessoas que possuem a capacidade de perceberem as coisas ao seu redor. Enxergam o mundo através de uma percepção externa. Estão sempre à espera de novos horizontes e novas

oportunidades. Sentem-se prisioneiros em várias situações que apresentam estabilidade. Função inferior: Sensação Introvertida.

Jung, ao formular sua Psicologia Analítica, produziu uma teoria e uma prática com fundamentos científicos para que o homem pudesse conhecer-se interna e externamente, de forma sistêmica e em diversos aspectos. Atendo-nos a isso, propomos o "Jogo do Autoconhecimento Lúdico"; acreditamos que é um recurso para incentivar o indivíduo a percorrer o mundo desconhecido do inconsciente e, em lá estando, reconhecer aquilo com que se depara, na busca de integrar tais conteúdos à consciência e tornar-se um ser mais completo e autoconsciente, sendo este, portanto, nosso objetivo com esta proposta.

2. MANDALA: UM SÍMBOLO DO SELF

A expressão mandala provém de uma palavra da língua sânscrita, falada na Índia antiga, e significa, literalmente, um círculo, ainda que também (como composto de manda = essência e la = conteúdo) seja entendida como "o que contém a essência" ou "a esfera da essência" ou ainda "o círculo da essência"[39]. Jung (2000) entende que a Mandala pode ser compreendida como círculo mágico, símbolo do centro, da meta e do si-mesmo, enquanto totalidade psíquica, de centralização da personalidade e produção de um centro novo nela.

Foi Jung que introduziu a ideia da mandala na psicologia moderna. Sua descoberta originou-se de sua própria busca pessoal, quando através de um impulso interior pintava e desenhava constantemente na forma de um círculo, e percebia que seus desenhos mudavam como um reflexo de seu estado mental.

> Todas as manhãs, eu esboçava num caderno um pequeno desenho circular, uma mandala, que parecia corresponder à minha situação interior no momento... Só aos poucos fui descobrindo o que é propriamente a mandala: ... O Self, a totalidade da personalidade,

[39] Disponível em: [https://www.dicionariodesimbolos.com.br/mandala/]

> que, se tudo vai bem, é harmonioso (Jung, 1965, 195-196 apud FINCHER, 1991, p. 14).

Para Jung as mandalas significam um símbolo de nosso Self. Como o Self encontra-se no nosso inconsciente, o ato de pintar uma mandala prepara um ambiente sagrado para entrarmos em contato com o nosso Self (essência). Quando criamos uma mandala geramos um símbolo pessoal que revela quem somos num dado momento. Ao expressar nossos conflitos interiores na forma simbólica da mandala, projetamo-los para fora de nós mesmos. O simples ato de desenhar dentro do círculo pode fazer com que experimentemos um sentido de unidade.

> O crescimento rumo à totalidade é um processo natural que traz à luz a singularidade e a individualidade de uma pessoa. Por essa razão, Jung o chamava de individuação. Ele defendia uma respeitosa atenção aos símbolos do inconsciente como forma de promover a evolução pessoal. E via no aparecimento espontâneo de mandalas em sonhos, na imaginação e no trabalho artístico evidências de que a individuação estava ocorrendo. O resultado dessa individuação é a integração harmoniosa da personalidade com o Self, o princípio unificador central (FINCHER, 1991, p. 14).

Neste artigo destacamos a utilização das mandalas como um potencial transcendente que Jung (1991) lhe dá. Isto é, transcender significa mudar de atitude mediante algo que tem se mostrado repetitivo, ou seja, por transcendente considera-se, não uma qualidade metafísica, mas o fato de que por esta função se cria uma passagem de uma atitude para outra.

> Jung observou que seus desenhos mudavam com o reflexo do seu estado mental. Um dia, ele recebeu uma carta irritante de uma amiga e no dia seguinte o círculo que traçou apresentava uma ruptura em seu limite. Ele estava certo de que a alteração de humor resultara numa variação em seu desenho. Com a ajuda desses desenhos, ele pôde observar sua transformação psíquica dia a dia (FINCHER, 1991, p. 33).

Nesse sentido, podemos citar o exemplo de Fincher (1991), pois o resultado da proposta de trabalho desta norte-americana surge a partir de sua própria experiência com as mandalas. Conta a referida autora que num momento de intensa dor pela perda de um filho, e um processo de separação, comprou um caderno de desenho e canetas esferográficas e se lançou ao desenho. Sentia-se impulsionada a desenhar, inicialmente, desenhos desordenados que foram tomando formas circulares, e por fim, mandálicas. Diante do bem-estar que sentia, viu-se compelida a pesquisar a respeito e descobriu que *a arte era utilizada para cura psicológica por profissionais chamados terapeutas* (FINCHER, 1991, p. 10). A busca por referencial a fez contatar com Kellogg[40] e posteriormente com a teoria junguiana que fundamenta e subsidia o trabalho que passou a realizar, em âmbito grupal e individual.

> A mandala é uma presença viva em minha vida. Eu desenho, estudo e aprendo com as minhas mandalas e com as das pessoas que compartilham comigo a própria evolução. As mandalas me amparam nas horas de infortúnio, de dor e de confusão. Por meio delas, alcancei uma compreensão mais profunda de mim mesma e do meu lugar no cosmos. Elas têm sido um suave – e às vezes não tão suave – lembrete de que a vida continua (FINCHER, 1991, p. 10).

Tanto para Jung quanto para Fincher, a mandala surge espontaneamente na consciência, e na condição de representante do si-mesmo. Sendo, assim, um recurso ordenador da psique. As mandalas são usadas como ferramentas para despertar o equilíbrio psíquico e espiritual, facilitando o contato com o self, ajudando a canalizar a criatividade, favorecendo a presença da intuição, promovendo o crescimento através da

[40] Joan Kellogg, foi uma arteterapeuta americana e trabalhou na relação entre arteterapia e mandalas. A convite de Stanislav Grof, considerado o pai da Psicologia Transpessoal, foi assessora na terapia da arte no Projeto de Pesquisa no Centro Psiquiátrico de Maryland e usou a mandala como indicador de mudanças fisiológicas e psicológicas no tratamento de diferentes distúrbios. Desenvolveu um método próprio intuitivo e criativo para interpretar mandalas: "Mandala: Caminho da Beleza".
(http://rawmandalas.blogspot.com/2016/03/joan-kellogg-y-mari.html)

projeção simbólica e inconsciente, trazendo maior consciência do mundo que nos rodeia.

> Todos nós, mais cedo ou mais tarde, teremos um encontro com o Self. Podemos desejar um significado para a nossa vida, sentir que o orgulho do ego foi ferido, ou enfrentar aquilo que nos parece uma desgraça. Talvez nos apaixonemos pela pessoa errada, fiquemos doentes ou tenhamos um sonho vívido. A totalidade exige que estabeleçamos uma relação com esse misterioso centro que há dentro de nós (FINCHER, 1991, p. 38).

Ao criarmos uma mandala, estamos usando um símbolo para representar a realidade daquele momento. Esse símbolo, por sua vez, permite-nos a sua interpretação de acordo com o nosso estado de consciência[41]. Quando em Estado Ordinário de Consciência, interpretamos somente sua forma externa, aparência, organização, a apreciação artística em si, ou seja, tudo aquilo que é organizado pelo pensamento lógico. Quando em Estado Ampliado de Consciência, buscamos um sentido para aquilo que está simbolizado. Atraímos para o nosso olhar a autodescoberta e a evolução pessoal, entramos em um universo inconsciente intimamente ligado à nossa consciência. Estabelecemos a nossa identidade.

> Quando fazemos uma criação espontânea de cor e forma dentro de um círculo, atraímos para nós a cura, a autodescoberta e a evolução pessoal. Com diligência e atenção, podemos aprender a linguagem simbólica da mandala e saber com profundidade quem realmente somos" (FINCHER, 1991, p. 40).

Segundo FINCHER (1991), as mandalas nos fornecem indicativos sobre o que acontece em nosso mundo interior. Interpretá-las pode nos ajudar a encontrar melhores formas de mantermos o equilíbrio emocional. O importante na criação não é o aspecto estético, mas sim o efeito terapêutico

[41] Entendemos aqui que o Estado Ordinário de Consciência seria a situação a partir da qual se desenha o consenso. O Estado Ampliado de Consciência seria uma fonte de experiências mais altruísticas, de uma afetividade mais amorosa e universal, de perspectivas mais transpessoais.

que ela produz. Portanto, não é preciso ter conhecimento artístico ou talento para criar uma mandala.

> Quando criamos uma mandala, geramos um símbolo pessoal que revela quem somos num dado momento. O círculo que desenhamos contém – e até atrai – partes conflitantes da nossa natureza. Mas, mesmo quando faz um conflito vir à tona, o ato de criar uma mandala produz uma inegável descarga de tensão. Talvez porque a forma do círculo nos recorde o isolamento seguro do ventre. O efeito tranquilizador de desenhar um círculo também pode ser causado por sua capacidade de servir como símbolo do espaço ocupado pelo nosso corpo. Desenhar um círculo talvez seja algo como desenhar uma linha protetora ao redor do espaço físico e psicológico que identificamos como nós mesmos (FINCHER, 1991, p. 39).

3. SISTEMA INSIGHTS DISCOVERY: UMA FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO

Para facilitar o entendimento dos tipos psicológicos, Sanchez (2014) destaca o Modelo *Insights Discovery* desenvolvido por Andi Lothian[42]. Entende que a principal contribuição de Lothian foi traduzir para um sistema de cor os tipos psicológicos e criar um software para determinar por meio de um questionário o tipo psicológico da pessoa. Depois de determinado o tipo psicológico, o sistema *Insights Discovery* oferece treinamento para que a pessoa entenda a si mesma e aos outros que a rodeiam e aprenda formas mais efetivas de comunicar-se e interagir. Esse sistema está muito inserido no mundo empresarial.

Sánchez (2014) parte da premissa que os nossos paradigmas, corretos ou não, são a origem das nossas atitudes e dos nossos comportamentos e por isso vemos o mundo não como ele é, mas sim como nós somos. Seu questionamento é: por que somos diferentes? Portanto, os tipos psicológicos estabelecidos por Jung são muito mais que uma tipologia,

[42] Mais informações em https://insights.com

podem revelar e explicar as nossas motivações e a forma como vemos as coisas. Compreender os tipos psicológicos permite-nos compreender a nós mesmos e aos outros.

O que pretende o autor é, através dos conhecimentos de Jung e Lothian, levar o entendimento dos tipos psicológicos a qualquer pessoa, independentemente do consultório psicológico ou das conferências empresariais. Acredita que é um conhecimento que transforma a vida das pessoas para melhor e, consequentemente, muda o mundo também para melhor. Contribuindo para uma humanidade de seres mais plenos, com sucesso e felizes.

Para Sanchez (2014), a tipologia de Jung é a forma pela qual expressamos nossas energias em atitudes de Introversão e Extroversão. O processo pelo qual tomamos decisões são expressos por funções racionais como o pensamento (lógico/analítico) e o sentimento (subjetivo/pessoal). A forma como vemos o mundo são funções irracionais do sentimento e da intuição. Então, a partir dos quatro processos – Sensação, Intuição, Pensamento e Sentimento – vinculando à cada um deles a Introversão e a Extroversão, Jung identificou oito combinações de personalidade. Em 1942, Jolande Jacobi[43] apresentou esses tipos Junguianos na forma de uma roda, visando auxiliar a compreensão dos mesmos. O Sistema *Insights Discovery* é uma reprodução fiel da reprodução jacobiana/junguiana, a qual Sanchez (2014) denominou de Mandala de Energias Cromáticas.

A Mandala das Energias Cromáticas é uma roda dividida em oito sessões, alternadas por energias primárias e energias mistas. As energias primárias são o azul, o vermelho, o amarelo e o verde. As energias mistas são o roxo, o laranja, o verde amarelado e o azul esverdeado.

Segundo o autor, resumidamente, as energias cromáticas podem ser caracterizadas da seguinte forma:

[43] Jolande Jacobi foi uma psicóloga suíça (1890 – 1973), mais lembrada por seus trabalhos com Jung e por seus escritos sobre psicologia junguiana. [Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Jolande_Jacobi]

A energia Azul: quando a energia azul se sobressai, corresponde ao tipo psicológico Introversão Racional de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Analítico. Por natureza é uma pessoa observadora. Reúne minuciosamente as informações necessárias a respeito de qualquer coisa, para analisá-la em profundidade e tirar conclusões bem fundamentadas. Quer compreender as coisas. Não tem pressa. Paciente. Metódico. Organizado. Tem interesse por atividades científicas, tecnológicas e administrativas. Tem grande capacidade de abstração. Sua mente é eminentemente lógica. Dentre os seus pontos fortes, destacam-se a capacidade de análise, a calma em situações de stress, a grande capacidade de observação, a imparcialidade, a atenção aos detalhes; identifica com rapidez falha em sistemas e nas pessoas e tem uma mente aberta. Dentre seus pontos fracos pode parecer demasiado exigente, tem resistência a tomar decisões arriscadas, pode ser obsessivo, pode pensar em demasia, seu perfeccionismo pode levá-lo à frustração, pode parecer antissocial, pode carecer de empatia dos demais, depois de encontrar a solução pode falhar na implementação. Sua personalidade oposta é o sociável. Para crescimento pessoal é preciso praticar a extroversão: falar, conversar, dizer o que sente.

A energia Vermelha: quando a energia vermelha se sobressai corresponde ao tipo Extroversão Racional de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Diretivo. Líder nato, determinado, sua mente trabalha em alta velocidade, estabelece prioridades, foca nos resultados e orientado para a ação. Dentre os seus pontos fortes estão a determinação, autoconfiança, capacidade para tomar decisões, cumprimento de prazos, busca da praticidade, busca dos resultados, responsabilidade. Os pontos fracos podem ser expressos na impessoalidade, na dificuldade em escutar o outro e na dificuldade em delegar tarefas, pode tornar-se autoritário. Sua personalidade oposta é o Solidário. Para seu crescimento pessoal necessita ser mais servil e aprender a ouvir o outro.

A energia Amarela: quando a energia amarela se sobressai corresponde ao tipo Extroversão Emotiva de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Sociável. Caracterizado por uma pessoa amigável e alegre por natureza que se relaciona facilmente e

espontaneamente. Uma pessoa entusiasmada, dinâmica, otimista, com ritmo rápido, que se interessa por muitas coisas, mas nem sempre dá prosseguimento a todas. Naturalmente descontraída, contagiante, gosta de falar em público, informal. Seus pontos fortes são o bom-humor, a simpatia, a capacidade elevada de relacionar-se, a boa imaginação para encontrar soluções. Os pontos fracos podem ser expressos no fato de falarem demasiadamente, na dificuldade em ouvir o outro, na dificuldade para analisar profundamente, na tendência de iniciar muitas coisas e terminar poucas. Sua personalidade oposta é o Analítico. O seu crescimento pessoal passa por olhar com mais profundidade, ouvir os outros e fazer planejamento antes de entrar em ação.

A energia Verde: quando a energia verde se sobressai corresponde ao tipo Introversão Emotiva de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Solidário. Tem vocação natural para servir e ajudar aos outros, voltado para as causas nobres e defende valores e princípios, paciente, calmo, generoso, empático, conciliador, protetor, conservador, confiável, confiante, emotivo. Seus pontos fortes são a empatia, generosidade, confiabilidade, lealdade, preocupação com o bem comum, com atitudes cooperativas e harmoniosas. Os pontos fracos podem ser expressos no descuidado consigo mesmo, na dificuldade em pôr limites, na tendência à baixa estima, na dificuldade em tomar uma decisão e na autocrítica. Sua personalidade oposta é o Diretivo. Seu crescimento pessoal passa por aprender a impor limites, ser mais direto e organizar melhor seu tempo.

A energia Roxa: quando as energias azul e vermelha se sobressaem correspondem ao tipo Racional de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Reformador. Uma pessoa que busca alcançar níveis de excelência, com mente analítica e atenta aos detalhes, orientada para a ação, que quer obter sempre os melhores resultados e encontrar as melhores soluções, tem preferência racional e valoriza as pessoas pelos seus resultados. Seus pontos fortes são: bom agente de mudanças, estabelece prioridades, alta concentração e foco, mantém a calma em situações de crise, disposição natural para buscar resultados e altos níveis de excelência, tende a ser formal, não toma as críticas para o lado pessoal. Uma pessoa com energia roxa pode

parecer pouco emocional, uma pessoa áspera e dura. Sua personalidade oposta é o Colaborador. Seu crescimento pessoal passa por aprender a escutar o outro e não achar de antemão que suas ideias são as melhores, aprender a desfrutar de coisas simples e ser mais descontraído.

A energia Verde Amarelado: quando as energias verde e amarela se sobressaem correspondem ao tipo Emocional de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Colaborador. Personalidade fundamentalmente emotiva, com a peculiaridade de demonstrar disposição quase por igual para a introversão e para a extroversão. Está mais voltado às pessoas do que às ideias. Grande capacidade para expressar o que sente. Preferência natural para ajudar aos outros. Forte sentido democrático. Líder confiável. Dentre os seus pontos fortes estão a facilidade de conquistar as pessoas de forma natural e a alta capacidade para ouvir o outro. Tem alto nível de empatia, é orientado para a ação e naturalmente confia nas pessoas. Seus pontos fracos podem ser observados por ceder alguma coisa só para evitar conflitos, sua necessidade de defender as pessoas pode prejudicar os seus objetivos, é demasiado flexível e nem sempre termina o que começa. Sua personalidade é o Reformador. Seu crescimento pessoal passa por aprender a ser mais objetivo para equilibrar os seus sentimentos, por vigiar suas emoções, tomar consciência que sua vocação para ajudar pode levá-lo a assumir trabalho excessivo, por ser mais organizado e metódico.

A energia Azul Esverdeado: quando as energias azul e verde se sobressaem correspondem ao tipo Introvertido de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Coordenador. Indivíduo que forma seu juízo de valores a partir da sua racionalidade e de sua emotividade. Forte uso da função sensorial. Realista, centrado no presente e nos seus feitos. Conservador. Não gosta de mudanças repentinas. Organizado e planejador. Metódico. Tranquilo e pouco falante. Foco no aqui e agora e atenção aos detalhes. Altos valores morais. Confiável, responsável. Dentre os seus pontos fortes estão o seu sentido de ordem, a capacidade empática e solidária, a atenção aos detalhes, a sensatez e a praticidade, a responsabilidade. Seus pontos fracos são a resistência às mudanças, a falta de perspectiva para a visão global, a dificuldade em dizer exatamente o que quer, a propensão ao

pessimismo e o ritmo lento. Sua personalidade oposta é o Motivador. O seu crescimento pessoal passa por aprender a relacionar-se melhor com as mudanças, a ter uma melhor visão global, a ser mais falante e aumentar a autoconfiança.

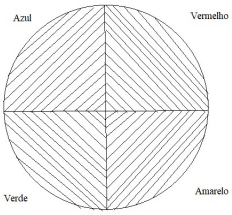
A energia Laranja: quando as energias Amarela e vermelha se sobressaem correspondem ao tipo Intuição Extrovertido de Jung. No Sistema *Insights Discovery* representa um tipo psicológico Motivador. Extrovertido e orientado a dirigir os demais, gosta de estar à frente e ser reconhecido. Sociável. Orientado para os resultados. Alegre, contagiante, loquaz, otimista. Intuitivo. Gosta de detalhes. Ritmo veloz e necessidade de estar em grupo. Foca em muitas coisas ao mesmo tempo. Dinâmico. Autocentrado. Dentre os seus pontos fortes estão a sua capacidade para motivar os outros, sua alta capacidade intuitiva, sua simpatia natural, seu dinamismo, sua inclinação para visão global. É dinâmico, criativo e aberto às mudanças. Dentre os pontos fracos estão a tendência a iniciar muitas coisas e terminar poucas, a improvisação, a impontualidade, seus lapsos de atenção. Não gosta de estar sozinho, tende a ser egoísta. Sua personalidade oposta é o Coordenador. Seu crescimento pessoal passa por aprender a ser mais atento aos sentimentos e necessidades dos outros e a ser mais paciente e persistente consigo mesmo.

Sánchez (2014) considera a Mandala das Energias Cromáticas de Lothian uma representação do mapa da alma humana. Do ponto de vista psicológico, cada energia (cada cor) representa uma forma de ser e atuar no mundo, uma representação de como somos e por que somos assim. Para o autor, todos nós temos as quatro energias primárias o tempo todo, mas só utilizamos uma de cada vez dependendo da nossa preferência e do que estamos fazendo. As energias cromáticas são duais. É importante conhecê-las e compreendê-las como se comportam para que possamos decidir como usá-las, aumentando a função superior e diminuindo a função inferior. A partir desse conhecimento efetuar as mudanças necessárias.

Propõe-se o seguinte exercício: utilizando a roda cromática – uma mandala dividida em quatro quadrantes, os quais cada um representa uma energia cromática primária.

3.1 Identificando a nossa energia dominante:

Figura 1



- Observando as características das quatro energias cromáticas primárias – AZUL, VERMELHO, AMARELO e VERDE (caracterizadas acima), identificamos aquela que melhor nos representa. A seguir, pintamos na roda cromática (Figura 1) quantas marcações necessárias no quadrante respectivo o quanto essa cor nos representa. Isto servirá para reconhecermos que características estão mais presentes na nossa vida.
- Fazemos o mesmo com as outras energias. Pintamos as marcações que achamos necessárias para representar o quanto cada energia cromática nos representa.
- A seguir comparamos os quadrantes; aquele quadrante que tiver mais marcações pintadas, a cor correspondente a este quadrante é a nossa energia dominante.
- O passo seguinte é escrevermos a porcentagem que achamos que cada cor representa na nossa vida. Os quadrantes somados resultarão em 100% (não é necessária a precisão, é só uma ideia aproximada).
- Anote a de maior energia e a de menor energia.

3.2 Identificando as nossas possíveis fraquezas:

- Observar as fraquezas das quatro energias cromáticas. E de modo semelhante ao exercício anterior, repetir os passos anteriores.

3.3 Enumerando as energias

- Preencher a seguinte tabela:

Pontos Fortes	**Pontos Fracos**
1ª - Energia dominante:	1ª – Energia dominante:
2ª -	2ª -
3ª -	3ª-
4ª-	4ª-

3.4 Entendendo como os outros nos veem:

- Pedir que alguém que nos conheça nos avalie com o primeiro e o segundo exercício. Proceder da mesma maneira.
- Comparar os resultados: se observarmos diferenças importantes, as características que os outros veem, mas que não vemos, podem estar na sombra da nossa personalidade.

3.5 Tabela de dominância cromática:

- Em cada linha tem um par de palavras que poderá possuir em maior ou menor quantidade.
- O exercício consiste em dar-lhes um valor numérico para o seu grau de similaridade com as características que se descrevem cada linha.
- Procedendo da esquerda para a direita, escolha um valor de 1 a 5 a cada frase de acordo com as seguintes regras:
- Não passar para a linha seguinte, sem antes qualificar as quatro frases da linha correspondente.
- Entre as quatro frases de cada linha, começa por atribuir o número 5 à frase que melhor te representa e o número 1 a que menos te representa. Assim, sucessivamente com os números 2, 3 e 4.
- Todas as frases devem conter um número 5 e um número 1. Não pode repetir nenhum número dentro da mesma linha.
- Completar este procedimento para as 7 linhas.
- Somar o resultado de cada coluna

	ENERGIA AZUL	ENERGIA VERMELHA	ENERGIA AMARELA	ENERGIA VERDE
	A	B	C	D
1	Atencioso e contido	Decidido e vigoroso	Jovial e amigável	Paciente e calmo
2	Metódico e preciso	Focado e prático	Conservador e alegre	Compassivo e solidário
3	Formal e atencioso	Competitivo e audaz	Rápido e brincalhão	Escuta e apoia os outros
4	Organizado e consciente	Prioridade aos resultados	Dinâmico e expressivo	Valoriza os sentimentos
5	Detalhista e minucioso	Ousado e líder	Sociável e entusiasta	Gosta que o guiem
6	Imparcial e desapegado	Exigente e forte	Imaginativo e otimista	Leva seu tempo
7	Observador e lógico	Decide rapidamente	Simpático e aberto	Tolerante e respeitoso
T				

- O resultado dará uma ideia clara de como se está usando a sua energia pessoal. Representa o uso que fazemos conscientemente da nossa energia psíquica. Assim, a coluna que tiver maior pontuação representa a energia dominante; a segunda mais alta é a energia secundária; a terceira é a energia ocasional e a menos pontuada é a energia inferior

3.6 Tabela das energias menos conscientes

- Pedir a outras pessoas que nos conhecem que nos classifiquem consoante o exercício anterior. Seguir as mesmas recomendações e regras.
- Calcular os totais de cada coluna.
- O resultado será um gráfico que representa como as pessoas nos veem.

Há casos em que a energia que menos se usa não é a oposta à energia dominante, caracterizando, assim, os tipos atípicos: Diretivo atípico – a que

menos usa é a energia vermelha e a dominante é a energia verde; Analítico atípico – a que menos usa é a energia azul e a dominante a energia amarela; Sociável atípico – a que menos usa é a energia amarela e a dominante a energia azul; Solidário atípico – a que menos usa é a energia verde e a dominante é a energia vermelha.

Para Sánchez (2014), a qualidade de vida e o êxito dependem em grande parte em utilizar a energia adequada para cada situação. Porém, muitas vezes, enfrentamos um conflito porque não somos capazes de mudar de uma energia para outra.

4. O JOGO DO AUTOCONHECIMENTO: PROPONDO UM MODELO

> **"Conhecer a si mesmo** é a tarefa mais difícil pois incita diretamente a nossa racionalidade, mas também coloca à prova nossos medos e paixões. Se conseguirmos nos conhecer a fundo, saberemos compreender os outros e a realidade que os rodeia." (Alexandre, O Grande)[44]

O Curso Saberes Tradicionais, Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal[45] está assente numa metodologia transdisciplinar, o que permite compreender e utilizar de forma integrativa e ética conhecimentos de diferentes racionalidades, tais como saberes tradicionais e científicos. Um de seus propósitos para a compreensão ampliada do homem é propiciar o desenvolvimento de competências de autoconhecimento, espiritualidade numa perspectiva laica e de acolhimento do outro. Outro aspecto importante do curso são as vivências, que conferem um caráter prático e despertam no

[44] Alexandre, o Grande, ou Alexandre Magno (356-323 a. C), foi rei da Macedônia - um império que se estendeu desde o norte da Grécia até o Egito e o Extremo Oriente, tornando-se um dos mais poderosos impérios da antiguidade.
(https://www.ebiografia.com/alexandre_o_grande/)
[45] http://especializacao.urci.org.br/

aluno a integração de conhecimentos, habilidade e atitudes numa perspectiva transpessoal[46].

Conforme já citado, na Disciplina Fundamentos de Psicologia Transpessoal, no Módulo IX, Práticas Tradicionais Aplicadas à Saúde e Educação, houve uma Oficina de Mandalas e Processos de Individuação. Os alunos que escrevem este artigo, após esta atividade, intuitivamente, começaram a desenhar uma abordagem de aplicação da técnica numa atividade lúdica de autoconhecimento, que pareceu ampliar o escopo do que havia sido apresentado no módulo. Intrigados com os resultados obtidos, e estabelecendo conexões com outro módulo que tratou do assunto, quando se abordaram os Tipos Psicológicos de Jung, Módulo VII, passaram a estabelecer relações entre as Mandalas, que sondam aspectos do inconsciente e os Tipos Psicológicos que se dirigem à consciência, ambos contribuindo para o processo de individuação. Esse diálogo, foi investigado pelos pesquisadores por meio da exploração transsubjetiva.

Após o Módulo VII, na tentativa de aplicar os conhecimentos aprendidos, os pesquisadores identificaram os seus tipos psicológicos e desafiaram-se a identificar os tipos psicológicos de outros colegas. Baseados nas atitudes que conheciam das referidas pessoas, consultavam a breve descrição dos tipos psicológicos do livro utilizado em aula[47]. Em algumas oportunidades, puderam verificar com os próprios colegas e confirmarem (ou não) as características que lhes foram atribuídas. Em outras oportunidades, desenvolveram um trabalho individual de compreensão dos conflitos (entre cônjuges, filhos, pais, familiares, amigos, colegas de trabalho) partindo da identificação dos tipos psicológicos de cada um. Essa "brincadeira" de tentarem compreender as diferenças e semelhanças entre os indivíduos trouxe-lhes a noção de que embora os tipos psicológicos obedeçam a uma estrutura, era preciso estarem atentos ao aspecto dinâmico da tipologia, por

[46] Transpessoal caracteriza-se por ser uma experiência que pode definir-se como "aquela e em que o senso de identidade ou do eu ultrapassa (trans + passar = ir além) o individual e o pessoal a fim de abarcar aspectos da humanidade, da vida, da psique e do cosmo" (SALDANHA, V. apud https://alubrat.org.br)

[47] ZACHARIAS, J.J.M. *Os Tipos Psicológicos Junguianos*. São Paulo: Sattva, 2017.

exemplo, um indivíduo extrovertido poderia estar num momento de introversão e vice-versa.

Nas vivências desenvolvidas na oficina de Mandalas (Módulo IX), os pesquisadores puderam sentir o quanto essa técnica proporciona momentos de olharem para si mesmos. E, assim como os tipos psicológicos, perceberam também um aspecto dinâmico, pois as cores, as formas, os traços e os elementos trazidos para dentro da mandala produzem um símbolo pessoal e expressam aquele momento que se está vivendo.

Para entenderem mais desse aspecto dinâmico, os pesquisadores desenharam uma mandala e tentaram encontrar nela algo que pudesse simbolizar ou indicar características dos seus próprios tipos psicológicos já traçados anteriormente. Esbarraram na questão de quem **deu** significado à mandala foi o seu próprio autor, naturalmente, identificaram símbolos dos seus tipos psicológicos. Para controlarem essa variável, testaram a seguinte metodologia: cada pesquisador escolhia uma pessoa conhecida, replicavam a técnica "Mandala do Ser[48]" (aprendida na oficina de mandala), a seguir pediam à pessoa para identificar o seu tipo psicológico (consultando o livro utilizado em aula no Módulo VII). O outro colega pesquisador é quem, intuitivamente, fazia a correspondência do que via no desenho com os tipos psicológicos, e confirmava (ou não) com o tipo psicológico identificado pelo autor da mandala. Perceberam que, raras vezes, conseguiram coincidir as expectativas da correspondência.

Para superarem essa questão, estudaram o Sistema *Insight Discovery*, que é uma ferramenta baseada na psicologia junguiana, que usa um modelo de quatro cores para destacar as principais preferências de personalidade e comportamentos associados e oferece um mapa para a compreensão de si mesmo, das outras pessoas, das diferenças entre essas pessoas e da maneira como essas diferenças podem influenciar os relacionamentos interpessoais.

[48] Mandala do Ser ou Mandala Pessoal: é uma dinâmica que cria uma conexão entre o consciente e o inconsciente. É uma técnica cuja presença, consciência e atenção estão conectadas. (SIMÃO, M.J.P. Mandala. Curso saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal; Disciplina: Práticas Tradicionais Aplicadas à Saúde e Educação. Módulo IX: Oficina de Mandalas e o Processo de Individuação. 15/08/2018. Curitiba: URCI.

No “Jogo do Autoconhecimento” colocaram, portanto, em diálogo duas técnicas: *O Autoconhecimento através das Mandalas* (FINCHER, 1991), que sonda aspectos do inconsciente e *As Cores de sua Alma*[49] (SÁNCHEZ, 2014), que se dirige à consciência através dos tipos psicológicos. Elaboraram um piloto, do qual participaram três alunos do curso Saberes Tradicionais, Teorias Integrativas e *Coaching Transpessoal*, partindo da intuição e do aprimoramento, a experiência vivida por um dos alunos inspirou o modelo e o formulário, criando, assim, uma prototécnica.

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO - PILOTO	
Relato de Experiência Cromática através da Mandala	
Participante	RK
Tendência ao Tipo	Azul Esverdeado - COORDENADOR
Concorda com o resultado?	Sim
Título da Mandala	O ESPAÇO PELA JANELA
Comentários	“Me senti bem. O desenho me traz uma sensação de expansão, como se eu olhasse a expansão pela janela. Me remete ao momento de crescimento, ou seja, expansão, movimento crescente, me faz bem, mesmo com o friozinho na barriga.”
Momento de vida do participante	Estava vivendo intensamente o seu Trabalho de Conclusão de Curso, portanto, o seu desenho e a categoria cromática escolhida corroboraram com o seu momento de vida.
Observações do pesquisador	RK, ao quantificar as cores do seu desenho, deu os mesmos valores para a cor roxa e para a cor azul esverdeado. Ao ler as tendências aos respectivos tipos, afirmou que naquele momento a que mais correspondia era a tipo Coordenador, porque se sentia ora introvertida ora extrovertida.

A partir do piloto, julgou-se pertinente e necessário acrescentar às instruções a informação de que o Jogo do Autoconhecimento não se trata de um teste psicológico ou de uma avaliação psicológica, e sim de uma proposta lúdica de autoidentificação, cujo respaldo teórico situa-se nos livros –

[49] Tradução dos autores, no original: “Los Colores de Tu Alma”.

FINCHER, S. F. O Autoconhecimento Através das Mandalas. São Paulo: Pensamento, 1991; SÁNCHEZ, V. *Los Colores de Tu Alma: Guía práctica para compreenderte a ti mesmo y a los demás*. México: Quarzo, 2014.

4.1 Objetivo do "Jogo do Autoconhecimento"

O objetivo do jogo é facilitar a conexão com o Eu Interior (Self) por meio da autoidentificação, expressa através das cores, características do tipo psicológico de cada um vivenciadas no momento de sua realização. Trata-se de uma atividade lúdica, valendo como um registro do estado emocional do indivíduo e da sua atuação, do seu jeito de ser no mundo e da sua maneira de vivenciar suas experiências.

4.2 Materiais

Os materiais disponibilizados são os seguintes:

- Uma folha A4, denominada Folha Instruções, que contém os esclarecimentos, os procedimentos e as instruções necessárias para a atividade. (anexo 1)
- Uma folha A4, denominada Folha Mandala, com um círculo de 12,5 centímetros de diâmetro desenhado no seu centro. (anexo 2)
- Uma folha A4, denominada Folha Diagnóstico de Análise, com espaço para escrever o nome, a data, o título da mandala desenhada, um comentário e contém ainda uma tabela de cores e uma legenda. (anexo 3)
- Oito lápis de cor (Faber-Castell): amarelo (nº 004), amarelo esverdeado (nº 082), azul (nº 047), azul esverdeado (nº 055), laranja (nº 013), roxo (nº 035), verde (nº 070) e vermelho (nº 021) – seguindo o padrão *Insight Discovery*.
- Duas folhas A4, denominadas Folha Tendências, com uma tabela com a correspondência de cada cor com o seu respectivo tipo psicológico e o seu significado. (anexos 4, 5, 6 e 7)

4.3 Regras

- Necessariamente, todo o círculo deve ser preenchido. Não pode ter nenhum espaço em branco.

4.4 Instruções

- Pegue a Folha Mandala e coloque-a à sua frente.
- Tem disponível oito lápis de cor, com oito cores diferentes. Use aquelas que achar necessário. Quantas cores quiser.
- Faça um desenho livre dentro desse círculo. Não se preocupe com a qualidade artística do desenho. Expresse livremente aquilo que lhe vem à mente. Não há certo, não há errado. Simplesmente deixe a sua imaginação agir e solte a sua criatividade.
- Lembre-se de que todo o círculo deve ser preenchido. Não deixe nenhum espaço em branco.
- Quando concluir o seu desenho olhe para ele e dê-lhe um título.
- Na Folha Diagnóstico de Análise, escreva o seu nome, a data e o título do seu desenho.
- No espaço designado ao comentário, escreva o que esse desenho representa para você. Como você se sente neste momento? Como você se sente no momento atual da sua vida?
- Observe a tabela de cores que está na Folha Diagnóstico de Análise.
- Observe a legenda que está ao lado.
- Agora observe o seu desenho e quantifique as cores que usou, conforme a legenda.
- Por exemplo: olhe para a cor azul, olhe para o seu desenho e quantifique. Coloque um zero se não usou a cor azul, coloque uma cruz se acha que usou pouco da cor azul; duas cruzes se acha que usou médio da cor azul; três cruzes se acha que usou bastante da cor azul e quatro cruzes se acha que usou muito da cor azul.
- Faça isso com todas as outras cores: amarelo, vermelho, verde, roxo, amarelo esverdeado, azul esverdeado e laranja.
- Observe qual a cor ou as cores que mais usou. Procure na tabela dos tipos psicológicos a cor correspondente e leia a sua descrição.
- A descrição que acabou de ler corresponde ao seu momento? Reflita.

4.5 - Relato de Experiências com Mandalas Cromáticas:

Os pesquisadores escolheram de forma aleatória, entre conhecidos, selecionaram dez participantes que se dispuseram a participar do experimento, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na primeira fase aplicação, os participantes demonstraram envolvimento com a proposta, tinham uma certa curiosidade e expectativa com a atividade. De maneira geral, tiveram dificuldades em iniciar, porque não sabiam por onde começar. Quando era lhes dito que deixassem a imaginação fluir e que o mais importante era a expressão cromática dos desenhos, porque era uma proposta de autoidentificação, que não havia certo ou errado, e que a qualidade estética do desenho não influenciava em nada, sentiam-se mais confiantes. Esses elementos explicativos passaram a constar das instruções (ver protocolo final). Expressões como – "Vou voltar a ser criança"; "Já não me lembro a última vez que desenhei"; "Será que ainda sei usar lápis de cor?"; "Não tenho mais o costume de colorir" – sugeriram que os participantes esqueceram-se de que, antes de aprendermos a ler e a escrever, o desenhar e o colorir eram as formas de comunicação para expressar ideias e a maneira de como víamos o mundo. Ao virem-se diante de um papel e lápis de cor, naturalmente, permitiram-se resgatar esse modo de expressão da infância já distante.

Após o desenho, na fase de identificação cromática, os pesquisadores notaram também, na sua maioria, que os participantes demonstraram através de sorrisos, ou de expressões como – "É mesmo assim que acontece comigo"; "Faz todo sentido"; "Impressionante, é muito de como sou!"; "Ainda bem que entre o roxo e o laranja, escolhi o laranja. Fiquei em dúvida. Ser roxo é ser muito rigoroso e sério, não combina comigo"; "Nunca pensei que eu pudesse entender tão bem a cor do meu ser"; "Adorei a descrição, agora se alguém me perguntar como sou, vou dizer que sou verde, com muito gosto"– as suas concordâncias com as tendências dos seus tipos psicológicos. Em apenas um caso, o participante concordou parcialmente – "Acho mesmo que tenho boas ideias, mas não acho que tenho tendência a ser

uma pessoa dura e áspera, acho que só não tenho paciência para ficar bajulando as pessoas".

Outro ponto interessante a se destacar é a forma como os participantes expressaram os seus sentimentos ao relacionarem o desenho com o seu momento atual de vida – "Meu desenho está cheio de energia e de alegria! É assim mesmo que me sinto"; "Meu desenho mostra que estou muito feliz e empolgada com tudo"; "Mesmo estando numa fase de baixo astral, senti uma sensação de liberdade misturando as cores"; "O meu desenho tem uma carinha de satisfação, alegria, bem-estar, sucesso e expressa bem o meu momento de crescimento pessoal e profissional"; "Estou me achando! Adorei expressar a minha independência"; "Muito profundo o que estou sentindo, interessante conseguir expressar num desenho a minha preocupação e a vontade de fazer uma coisa diferente"; "Dizem que velhos e crianças são parecidos. Então ninguém vai estranhar se me pegarem desenhando outras vezes" – notou-se entusiasmo e espontaneidade nas suas falas. Em um caso, o participante demonstrou estar bastante angustiado, expressou a frustração de não conseguir desenhar o que havia pensado e preocupação com o resultado final do desenho – "Saiu um vitral e não uma estrela, será que isso está me dizendo alguma coisa que ainda não sei?".

Ao finalizarem a atividade, os pesquisadores perguntaram as suas opiniões sobre o "Jogo do Autoconhecimento"; de um modo geral, os participantes gostaram e acharam interessante – "Tive muita satisfação em participar dessa atividade, acredito que vai ajudar muitas pessoas a ficarem mais tranquilas e mais conscientes de suas vidas"; "O método é muito interessante e faz bastante sentido"; "É interessante, mas a pessoa tem que estar preparada para ouvir, dá um pouco de medo saber do resultado"; "Foi muito divertida essa atividade, o jogo é muito bom"; "O jogo é muito apropriado, bem elaborado e bastante próximo da realidade"; "É muito válido, gostei bastante", "É muito prático e útil"; "Gostei, é interessante"; "É muito bom para refletirmos como somos".

4.6 Quadros Sinóticos

Preparamos três quadros sinóticos de maneira que se possam observar os resultados de forma sintética:

QUADRO SINÓTICO – 1

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO								
Relato de Experiências com Mandalas Cromáticas								
Participante	TC		SB		RP		TP	
Tendência ao TIPO	Azul **ANALÍTICO**		Amarelo **SOCIÁVEL**		Vermelho **DIRETIVO**		Verde **SOLIDÁRIO**	
Concorda com o resultado?	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x		x		x		x	
Título da Mandala	FELICIDADE		MUNDO EM HARMONIA		MUITA ALEGRIA		RODA DA ALEGRIA	
Comentários	"Satisfação, Alegria, Bem-Estar, Sucesso"		"É a minha vida. É tudo que estou sentindo no momento. Quero minha casa e sinto-me bem."		"Adorei trabalhar com as cores. Cores alegram a alma. Muito bom. Desenhei as montanhas, o arco-íris e um pássaro."		"Me sinto como uma criança pintando e bastante alegre. Vejo Ciclos da Natureza porque tem muito verde."	
Momento de vida do participante	Conquista pessoal e profissional		Sentindo-se bem, mas em fase delicada		Satisfação e muita energia		Muito feliz e empolgada com tudo	
Observações do Pesquisador	Disse que esse perfil faz todo o sentido para ele. Achou muito válido o jogo.		Disse que tem tudo a ver com ela e faz sentido. Gostou do jogo.		Ao quantificar as cores do seu desenho, deu igual intensidade às cores roxa e vermelha. Disse que a tendência ao tipo Diretivo fazia mais sentido. Achou prático e útil o jogo.		Disse que faz todo o sentido o que lhe foi dito. Gostou do jogo.	

QUADRO SINÓTICO – 2

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO						
Relato de Experiências com Mandalas Cromáticas						
Participante	AM		WS		GC	
Tendência ao TIPO	Verde **SOLIDÁRIO**		Roxo **REFORMADOR**		Roxo **REFORMADOR**	
Concorda com o resultado?	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x		x		x	
Título da Mandala	AMOR E ESPERANÇA		UM VITRAL		UMA NOITE NA PRAIA	
Comentários	"Amor para as pessoas. Esperança para o mundo."		"A princípio pensei em uma estrela, terminei em um vitral. Me senti angustiada pensando no resultado final."		"Gosto de pintar. Ir à praia me deixa feliz."	
Momento de vida do participante	Gratidão. Pela vida, pelo acolhimento e amor da família na sua viuvez. Sente-se revigorada como uma criança.		Sente-se bem e agradecida por aquilo que tem, mas percebe que está numa fase muito pensativa. Pensa em tudo o que poderia acontecer.		Acha que falta mais ação na sua vida, mas sente-se sem energia para agir.	
Observações do pesquisador	Afirmou ter sentido uma grande satisfação em participar da pesquisa, pois acredita que vai ajudar muitas pessoas a ficarem mais tranquilas e mais conscientes das suas vidas.		Comentou que a cor roxa só gosta para as flores, como as violetas. Não vestiria uma roupa roxa, mas no desenho, gostou. E afirmou ainda que o perfil tem muito a ver com ela, principalmente o fato de gostar e querer fazer tudo da melhor maneira possível e com perfeição. Achou o jogo bom para refletir sobre si mesmo.		Comentou que gostaria de pintar mais vezes e com mais cores. O que a incomoda é a tendência a parecer uma pessoa áspera e dura, afirma não ser assim. Achou interessante, mas entende que saber do resultado dá um pouco de medo.	

QUADRO SINÓTICO - 3

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO						
Relato de Experiências com Mandalas Cromáticas						
Participante	CG		JC		RL	
Tendência ao TIPO	Azul esverdeado **COORDENADOR**		Laranja **MOTIVADOR**		Laranja **MOTIVADOR**	
Concorda com o resultado?	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x		x		x	
Título da Mandala	UMA VIDA E TRÊS CAMINHOS		FESTA		RODA DAS ENERGIAS	
Comentários	"Entre o céu e a terra, está a vida. E a vida são caminhos. Hoje me sinto assim, diante de três caminhos e uma única verdade. Qual o caminho da verdade?"		"Esse desenho representa uma grande festa, com tambores e cores. A minha vida é uma festa e a flor do centro sou eu."		"Senti uma sensação de liberdade, misturando as cores escuras e claras. Não tenho mais o costume de colorir. Retornei à infância. Gostei bastante.	
Momento de vida	Momento de crise no relacionamento, atribui o fato ao seu crescimento profissional. Vontade de fazer diferente, mas sem coragem.		Casa nova. Vida independente.		Afirma estar numa fase de baixo astral	
Observações do pesquisador	Comentou que se os caminhos fossem decididos pelas cores e seus significados, talvez escolhesse o laranja, porque o azul e o vermelho são muito próximos daquilo que ele já é. Achou que o jogo é muito apropriado, bem elaborado e bastante próximo da realidade.		Ao quantificar o seu desenho teve dúvidas entre duas cores. Gostou da escolha que fez, concordou com a sua tendência. Achou o jogo muito bom e divertido.		Qualificou o método como muito interessante e que a tendência ao seu tipo está certa e faz sentido.	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> As jornadas trazem poder e amor de volta a você. Se você não puder ir a algum lugar, mova-se nas passagens dos caminhos do Self. Elas são como raios de luz, sempre mudando, e você muda quando você as explora." (Jalal al-Din Rumi[50])

Este trabalho objetivou colocar em diálogo duas técnicas inspiradas na abordagem junguiana: o desenho de Mandalas na ótica de S. Fincher e os *Insights Discovery* na ótica de V. Sanchez. Para isso, criou-se um procedimento, ou prototécnica em fase experimental, denominado *O Jogo do Autoconhecimento por meio de Mandalas Cromáticas.* Os resultados das aplicações com os dez voluntários sugerem uma correlação positiva, visto que todos os participantes, após a aplicação, sentiram que seu estado de espírito correspondia à explicação fornecida no perfil cromático. O entusiasmo observado nos relatos indica o caráter lúdico da abordagem, cuja aplicação pode ser feita no intervalo médio de trinta minutos.

Assim, o uso das mandalas e no entendimento dos tipos psicológicos, conforme a hipótese inicial. O "Jogo do Autoconhecimento" parece cumprir o seu objetivo: facilitar a conexão com o Eu Interior (Self). Os relatos das experiências com as mandalas cromáticas sugerem que essa atividade é por si mesma uma prática sadia, que pode favorecer o processo de individuação.

A prototécnica *Jogo do Autoconhecimento por meio de Mandalas Cromáticas,* aqui proposta, não é uma receita ou um molde para direcionar ou acolher a individuação de um indivíduo, e sim o início de uma jornada que não ocorre sem o empenho e o sacrifício da esfera consciente da personalidade, do ego. Envolve uma confrontação consigo mesmo, ao qual ao longo do processo se busca atingir a totalidade, através da expansão da

[50] Jalal al-Din Rumi (1207-1273), poeta sufi, fundador da Mevlevi, conhecida no ocidente como os Dervishes Dançantes, uma dança giratória. (http://blogs.opovo.com.br/sincronicidade/2010/12/29/rumi-o-grande-sabio-dancante).

consciência, da transcendência, da unidade, da autorrealização, enfim, de si-mesmo.

Para finalizar, resta-nos compartir que a realização deste trabalho fez com que muito refletíssemos quanto à nossa própria existência, dentro de nosso momento sob a perspectiva do ciclo de desenvolvimento vital, a partir do qual já antevemos saídas mais construtivas para eventuais crises de falta de sentido que possamos viver.

REFERÊNCIAS:

BERNI, L.E.V. A Psicologia do Esoterismo Rosacruz da AMORC. In: ____. **O conhecimento rosacruz rumo à transdisciplinaridade**. Curitiba: AMORC, 2010.

FINCHER, S. F. **O autoconhecimento através das mandalas.** São Paulo: Pensamento, 1991.

JUNG, C.G. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2008b.

_____. **Os tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008c.

MURPHY, J. **O poder do subconsciente**. Rio de Janeiro: Record, 1963.

PENNA, E.M.D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16(3), p. 71-94, 2004.

SÁNCHEZ, V. ***Los colores de tu alma****: guía práctica para compreenderte a ti mesmo y a los demás*. México: Quarzo, 2014.

SIMÃO, M.J.P. Mandala. In: **Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal.** Curitiba: URCI, 15 ago. 2018. (Disciplina: Práticas

Tradicionais Aplicadas à Saúde e Educação. Módulo IX: Oficina de Mandalas e o Processo de Individuação).

STEIN, M. **Jung, o mapa da alma** – uma introdução. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZACHARIAS, J.J.M. **Os tipos psicológicos junguianos**. São Paulo: Sattva, 2017.

http://blogs.opovo.com.br/sincronicidade/2010/12/29/rumi-o-grande-sabio-dancante

http://especializacao.urci.org.br/

http://rawmandalas.blogspot.com/2016/03/joan-kellogg-y-mari.html

https://alubrat.org.br

https://en.wikipedia.org/wiki/Jolande_Jacobi

https://insights.com

https://www.dicionariodesimbolos.com.br/mandala/

https://www.ebiografia.com/alexandre_o_grande/

ANEXO 1

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

Este instrumento não é um teste psicológico ou avaliação psicológica. Trata-se de uma proposta lúdica de autoidentificação que objetiva o autoconhecimento. Seu respaldo teórico situa-se nos livros FINCHER, S. F. **O autoconhecimento através das mandalas.** São Paulo: Pensamento, 1991; SÁNCHEZ, V. ***Los colores de tu alma:*** *Guía práctica para compreenderte a ti mesmo y a los demás.* México: Quarzo, 2014.

FOLHA INSTRUÇÕES

4.7 Objetivo do Jogo do Autoconhecimento

O objetivo do jogo é facilitar a conexão com o Eu Interior (Self) e expressar através das cores, as características do tipo psicológico de cada um. É uma atividade lúdica, mas equivale a uma experiência autoprojetiva, valendo como um registro do estado emocional do indivíduo e da sua atuação, do seu jeito de ser no mundo e da sua maneira de vivenciar suas experiências.

4.8 Materiais

Os materiais disponibilizados são os seguintes:

- Uma folha A4, denominada Folha Mandala, com um círculo de 12,5 centímetros de diâmetro desenhado no seu centro.
- Uma folha A4, denominada de Folha Diagnóstico, com espaço para escrever o nome, a data, o título da mandala desenhada, um comentário e contém ainda uma tabela de cores e uma legenda.
- Oito lápis de cor (Faber-Castell): azul (nº 047), amarelo (nº 004), vermelho (nº 021), verde (nº070), roxo (nº 035), amarelo esverdeado (nº 082), azul esverdeado (nº 055) e laranja (nº 013).
- Duas folhas A4, denominadas Folhas Tendências, com uma tabela com a correspondência de cada cor, com seu respectivo tipo e o seu significado.

4.9 Regras

- Necessariamente, todo o círculo deve ser preenchido. Não pode ter nenhum espaço em branco.

4.10 Instruções

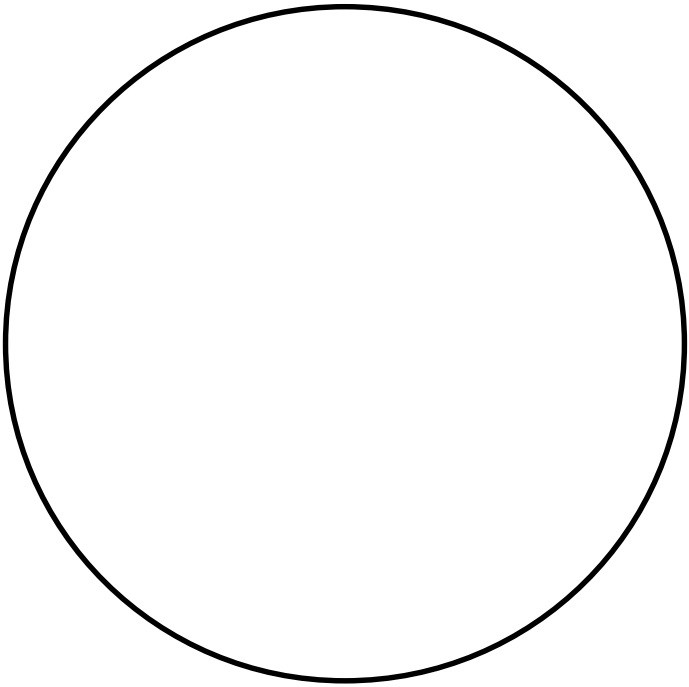
▪ Pegue o papel com o círculo desenhado e coloque-o à sua frente.

▪ Tem disponível oito lápis de cor, com oito cores diferentes. Use aquelas que achar necessário. Quantas cores quiser.
▪ Faça um desenho livre dentro deste círculo. Não se preocupe com a qualidade artística do desenho. Expresse livremente àquilo que lhe vem à mente. Não há certo, não há errado. Simplesmente deixe a sua imaginação agir e solte a sua criatividade.
▪ Lembre-se que todo o círculo deve ser preenchido. Não deixe nenhum espaço em branco.
▪ Quando concluir o seu desenho olhe para ele e dê-lhe um título.
▪ Na folha análise, escreva o seu nome, a data e o título do seu desenho.
▪ No espaço designado ao comentário, escreva o que esse desenho representa para você. Como você se sente neste momento? Como você se sente no momento atual da sua vida? Que figuras você vê no seu desenho?
▪ Observe a tabela de cores que está na Folha Análise.
▪ Observe a legenda que está ao lado.
▪ Agora observe o seu desenho e classifique, conforme a legenda, as cores que usou.
▪ Olhe para o azul, olhe para o seu desenho e classifique. Coloque um zero se não usou a cor azul, coloque uma cruz se acha que usou pouco da cor azul; duas cruzes se acha que usou médio da cor azul; três cruzes se acha que usou bastante da cor azul e quatro cruzes se acha que usou muito da cor azul.
▪ Faça o mesmo com todas as outras cores: amarelo, vermelho, verde, laranja, roxo, amarelo esverdeado e azul esverdeado.
▪ Observe qual a cor ou as cores que mais usou. Procure na tabela de tendência aos tipos a cor correspondente e leia a sua descrição.
▪ A descrição que acabou de ler corresponde ao seu momento? Reflita.

ANEXO 2

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

FOLHA MANDALA



ANEXO 3

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

FOLHA DIAGNÓSTICO DE ANÁLISE

Nome
Data
Título
Comentário

QUANTIFIQUE AS CORES DO SEU DESENHO

LEGENDA

0	**Nenhum**
+	**Pouco**
+ +	**Médio**
+ + +	**Bastante**
+ + + +	**Muito**

CORES*

047	004	021	070
035	082	055	013

* Usamos os próprios lápis de cor para pintar as respectivas cores.

ANEXO 4

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

FOLHA TENDÊNCIA

Azul Tendência ao tipo **Analítico**	**Amarelo** Tendência ao tipo **Sociável**
Tende a ser uma pessoa observadora, que procura reunir minuciosamente as informações necessárias a respeito de qualquer coisa, para analisá-la em profundidade e tirar conclusões bem fundamentadas, de modo a compreendê-las melhor. Não é apressada, ao contrário, tem tendência a ser paciente. Pode apresentar interesse por atividades científicas, tecnológicas e administrativas, podendo possuir também capacidade de abstração. Sua mente tende a ser eminentemente lógica. **Dentre os seus pontos fortes podem estar:** a capacidade de análise, a calma em situações de stress, capacidade de observação, a imparcialidade, a atenção aos detalhes, identificar com rapidez falha em sistemas. **Dentre seus pontos fracos** pode parecer demasiado exigente, com tendência a resistência e a tomar decisões arriscadas, pode ser obsessiva, pode pensar em demasia, seu perfeccionismo pode levá-la à frustração, pode parecer antissocial, pode carecer de empatia dos demais, depois de encontrar a solução pode falhar na implementação. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado praticar a extroversão: falar, conversar, dizer o que sente.	Tende a ser uma pessoa amigável, que procura trazer a alegria e otimismo para os relacionamentos. Tende a parecer descontraído, informal, mas pode apresentar um ritmo rápido, dinâmico e contagiante. Não é quieto, ao contrário, tem tendência a falar. Pode apresentar gosto por falar em público. **Dentre os seus pontos fortes podem estar**: o bom-humor, a simpatia, a criatividade, a espontaneidade nos relacionamentos. **Dentre os pontos fracos** pode parecer demasiado falante, com tendência a não ouvir o outro. Pode iniciar muitas coisas e terminar poucas, pode parecer alheio às análises profundas. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar a quietude: ouvir o outro, concentrar-se no planejamento antes de entrar em ação.

ANEXO 5

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

FOLHA TENDÊNCIA

Vermelho Tendência ao tipo **Diretivo**	**Verde** Tendência ao tipo **Solidário**
Tende a ser uma pessoa determinada, com tendência à liderança, que procura estabelecer prioridades para alcançar resultados e cumprir os prazos. Não é indolente, ao contrário, tem tendência à vivacidade e à ação. **Dentre os seus pontos fortes** podem estar a responsabilidade, a autoconfiança, a capacidade de tomar decisões, a busca da praticidade. **Dentre os seus pontos fracos** pode parecer impessoal, sua obstinação pode levá-la ao autoritarismo, pode parecer intolerante. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar a tolerância: delegar tarefas, aceitar ideias, interagir mais.	Tende a ser uma pessoa generosa e empática, que procura defender valores e princípios. Tende a ser paciente e busca conquistar a confiança e a lealdade. Pode apresentar interesse em ajudar e proteger aos outros. Não é sistemático, pelo contrário, tende a ser desorganizado. **Dentre os seus pontos fortes** podem estar a preocupação com o bem comum, com atitudes cooperativas e harmoniosas. **Dentre os pontos fracos** pode parecer descuidada consigo mesma, com tendência à baixa estima e a autocrítica. Sua tendência a aceitar tudo pode dificultar a dizer não. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar a assertividade: aprender a pôr limites, ser mais direto e organizar melhor seu tempo.

ANEXO 6

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

FOLHA TENDÊNCIA

Roxo Tendência ao tipo **Reformador**	**Amarelo esverdeado** Tendência ao tipo **Colaborador**
Tende a ser uma pessoa concentrada, que busca a excelência em tudo o que faz, que procura encontrar as melhores soluções e os melhores resultados, tende a ser um bom agente de mudanças. Não é agitado, ao contrário, sua calma permite-lhe olhar tudo detalhadamente e com imparcialidade. **Dentre os seus pontos fortes** pode estar a flexibilidade, a objetividade e a assertividade. **Dentre os seus pontos fracos** pode parecer pouco emocional, pode mostrar-se como uma pessoa áspera e dura, pode parecer impaciente com aquilo que considera ser trivialidades. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar sociabilidade: dar atenção ao outro, não achar de antemão que suas próprias ideias são as melhores, desfrutar de coisas simples, ser mais descontraído.	Tende a ser uma pessoa emotiva, que procura demonstrar o que sente, com tendência apaziguadora. Busca ser um líder confiável e tende a ser astuto. Não é autoritário, ao contrário, provavelmente vai defender aqueles que se julgam vítimas de autoritarismo. Sua afabilidade faz com que seja muito querido pelas pessoas. Tende a perder a noção do tempo. **Dentre os seus pontos fortes** podem estar a facilidade de atrair as pessoas, a empatia, a confiança, a capacidade para ouvir o outro. **Dentre os seus pontos fracos** pode parecer demasiado flexível; pode prejudicar os seus objetivos a favor da sua necessidade de proteger e defender as pessoas; pode parecer uma pessoa procrastinadora. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar o equilíbrio: tomar consciência que sua vocação para ajudar pode levá-la a assumir trabalho excessivo, vigiar as suas emoções e tentar ser mais objetiva, procurar ser mais organizada e metódica.

ANEXO 7

JOGO DO AUTOCONHECIMENTO POR MEIO DE MANDALAS CROMÁTICAS –

FOLHA TENDÊNCIA

A energia Azul Esverdeado: Tendência ao tipo **Coordenador**	**Laranja** Tendência ao tipo **Motivador.**
Tende a ser uma pessoa tanto racional quanto emotiva, que procura ser sensível às necessidades alheias. Com tendência a focar no aqui e agora, busca ser organizado, metódico e procura reunir detalhes para planejar suas ações, tende a ser suscinto, busca a segurança e a estabilidade. Não é inovador, ao contrário, tende a ser conservador. **Dentre os seus pontos fortes** pode estar o seu sentido de ordem, sua capacidade empática e solidária, sua sensatez e praticidade, sua perspicácia e responsabilidade**. Dentre os seus pontos fracos** pode parecer resistente às mudanças; pode perder a perspectiva de uma visão global devido a sua tendência ao detalhismo; pode parecer pessimista, acomodada, indiferente. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar a autoconfiança: aprender a dizer o que quer, arriscar mais.	Tende a ser uma pessoa extrovertida, sociável, dinâmica, com tendência a ser loquaz e persuasivo. Procura usar a criatividade e a intuição para buscar mudanças, tende a ser otimista, tende a focar em muitas coisas ao mesmo tempo. Tende a ser esquecida e impontual. Não é solitária, ao contrário, procura estar sempre junto às pessoas, tende a gostar de festas. **Dentre os seus pontos fortes** pode estar sua capacidade de motivação, sua simpatia, sua inclinação para visão global. **Dentre os seus pontos fracos** pode parecer agir com segundas intenções, pode parecer demasiado egoísta, pode usar com frequência a improvisação, pode parecer displicente. **Para o seu crescimento pessoal** pode ser recomendado a praticar o altruísmo: mais atenção aos sentimentos e necessidades dos outros.



ADRIANA NASCIUTTI ABDALA
Terapeuta Ocupacional e Pedagoga
Especialista em Saúde Mental (UNICAMP/SES)
Administração Hospitalar/ Educação em Saúde (UNAERP)
adrianabdala13@gmail.com



ANA MARIA DE QUEIROZ
Licenciada em Química (UFC)
Bacharel em Economia Doméstica (UFC)
Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA - UFC) Graduanda em Psicologia (UFC)
ana@det.ufc.br

MANDALA DRAWING WORKSHOPS AS COADJUVANT FOR RECOVERY OF ADOLESCENT DRUG ADDICTS: A CASE STUDY

ABSTRACT
Theme: Transpersonal Tools. **Aim**: Advancing the mandala drawing technique's effectiveness assessment as an individuation process facilitator. **Method**: The study was a basic intervention with qualitative-descriptive characteristics, starting from a simple random sampling with the presentation of a case study. At the beginning and at the end of the study, the WHOQOL-BREF questionnaire was applied in order to assess the impact on participants' Quality of Life. **Results**: During a 2-month period, 11 workshops were carried out with 5 adolescents from 12 to 17 years old. In total, 24 drawings were produced, 5 with the "Diagnostic Mandala" technique and 19 with the "Mandala of the Being" technique. From this set, a case that presented a more significant improvement in indicators of quality of life was selected to be studied in depth. **Conclusion**: Experiences provided by the Mandala Workshops acted as a coadjutant in the adolescents' detoxification process, contributing to the improvement of well-being and favoring participants' self-knowledge.

Keywords: Jungian Psychology, Mandalas, Adolescents, Chemical Dependency, Transpersonal Tools, Quality of Life.

4

OFICINAS DE DESENHOS DE MANDALAS COMO COADJUVANTES NA RECUPERAÇÃO DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO

RESUMO

Tema: Ferramentas Transpessoais. **Objetivo:** Avançar na avaliação de eficácia da técnica do desenho de mandalas como facilitador do processo de individuação. **Método:** Trata-se de uma intervenção básica de característica qualitativa-descritiva, a partir de amostragem aleatória simples com apresentação de um estudo de caso. No início e no final dos trabalhos aplicou-se o questionário WHOQOL-BREF, a fim de aferir o impacto na Qualidade de Vida dos participantes. **Resultados:** Realizaram-se no período de 2 meses, 11 oficinas, com 5 adolescentes entre 12 e 17 anos; foram produzidos no total 24 desenhos, sendo 5 com a técnica "Mandala Diagnóstico" e 19 com a técnica "Mandala do Ser". Deste conjunto, selecionou-se um caso que apresentou melhoria mais significativa nos indicadores de qualidade de vida para estudá-lo em profundidade. **Conclusão**: As vivências proporcionadas pelas Oficinas de Mandalas atuaram como coadjuvantes no processo de desintoxicação dos adolescentes, contribuindo para a melhoria do bem-estar e favorecendo o autoconhecimento dos participantes.

Palavras-chave: Psicologia Junguiana, Mandalas, Adolescentes, Dependência Química, Ferramentas Transpessoais, Qualidade de vida.

APRESENTAÇÃO

Durante a realização do Módulo "Oficina de Mandalas" do *Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal - STTICT* (2017/2019), chamou-nos atenção o potencial que percebemos neste trabalho que, como alunas, realizamos. Estudando o material oferecido pelo docente, Professor Manoel Simão, vimos que a técnica havia sido aplicada no contexto hospitalar com pacientes do sexo feminino, da Enfermaria de Transtorno Alimentar do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas em São Paulo (IPq do HC), com resultados muito positivos. Splendore *et al.* (2014) verificou que "com o uso das Mandalas como elemento catalisador, as pacientes reconheciam melhor os estados internos que estavam vivenciando no período de internação".

Desta forma, animadas com nossa própria experiência com a técnica e, com os resultados sugeridos no trabalho realizado no IPq do HC, achamos que seria útil para o campo transpessoal a realização de nova intervenção em um contexto semelhante, a fim de avançar na verificação da eficácia da técnica, agora com o objetivo de aferir o potencial da técnica como coadjuvante no tratamento com adolescentes de 12 a 17 anos em processo de desintoxicação no Serviço de Dependência Química, do Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS) Clemente Ferreira, localizado na cidade de Lins, estado de São Paulo, o que justifica esta intervenção.

Adotou-se, inicialmente, uma abordagem metodológica básica, de característica qualitativa-descritiva (SILVA e MENEZES, 2005), onde, a partir de uma pequena amostra simples (MARCONI e LAKATOS, 1982), selecionou-se um sujeito cujo caso foi estudado em profundidade Yin (2010).

A fim de apresentar os resultados obtidos, iniciamos contextualizando a instituição e os serviços oferecidos no CAIS. Na sequência, fazemos uma apresentação do período biográfico correspondente à adolescência na perspectiva Antroposófica e, a partir dos critérios das Políticas de Saúde, no contexto brasileiro e internacional. Descrevemos a proposta de intervenção, iniciando com uma apresentação do potencial da técnica apurado no HC/IPq-USP, para, na sequência, detalharmos o

planejamento e a execução da intervenção, descrevendo o perfil dos sujeitos que se submeteram ao processo e às técnicas de mandala utilizadas. Por fim, apresentamos uma medida de Qualidade de Vida WHOQOL-BREF que nos serviu para aferir resultados e selecionar o sujeito que seria observado. Como este estudo tratou-se apenas de um levantamento de potencial da técnica, recorremos à apresentação do caso de um dos adolescentes, cujos resultados se destacam sobre os demais de modo a poder ilustrar o potencial observado da técnica.

1 CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA INTERVENÇÃO

Neste item, apresentamos a instituição aonde aconteceu a intervenção, as características dos serviços oferecidos, bem como o projeto terapêutico adotado no serviço aonde se deu a intervenção.

1.1 O Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS) Clemente Ferreira, em Lins

O Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS) Clemente Ferreira, localizado na cidade de Lins, é uma instituição pública de saúde que proporciona serviços ao Sistema Único de Saúde (SUS), sendo vinculado à Coordenadoria de Serviços de Saúde (CSS), por ser hospital próprio da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo (SES).

Iniciou suas atividades em setembro de 1955 para atendimento aos portadores de Tuberculose, atendendo essa clientela até 1978, quando então se tornou Hospital Psiquiátrico, recebendo pacientes oriundos do Complexo Juqueri.

Em 1995, frente ao processo de reestruturação da Saúde Mental no país, o Hospital Clemente Ferreira reestrutura o serviço, iniciando o trabalho de Reabilitação Psicossocial e Reinserção Social, criando Lares Abrigados e implantando “as Residências Terapêuticas, com o intuito de reconstituir os direitos de moradia das pessoas egressas de hospitais psiquiátricos ou não, e de auxiliá-los no processo de reabilitação psicossocial, e resgate da cidadania

do sujeito, promovendo os laços afetivos e reinserção na sociedade" (2003-2004, PT, s/n.).

No ano de 2000 foi implantado o serviço de Neurologia Infanto-Juvenil e Adulto. Em maio de 2001 deixou de ser Hospital, teve seu organograma atualizado às necessidades vigentes e passou a ser um Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS), ampliando as possibilidades e seu leque de atendimento.

Desde 2004 realiza em parceria com a Diretoria Regional de Ensino da Secretaria de Estado da Educação o atendimento em duas Classes Hospitalares, contemplando 30 crianças e duas classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Em 2005, o serviço de Hospital-Dia passa a atender no modelo de CAPS III (24 horas), visando um atendimento eficaz para a comunidade, evitando, assim, a internação por tempo prolongado, evitando a institucionalização.

Com as mudanças na sociedade e o aumento significativo das dependências em substâncias psicoativas, o CAIS Clemente Ferreira inaugura em 2014 a Unidade de Dependência Química, destinada a adolescentes do sexo masculino. E em 2017 cria o Serviço de Unidade de cuidados Prolongados (UCP) da Rede de Urgências e Emergências (RUE).

a) Descrição do Serviço de Atendimento ao Adolescente usuário de drogas

Para atender uma demanda reprimida existente no estado de São Paulo, o CAIS Clemente Ferreira implantou o serviço de desintoxicação e tratamento em Dependência Química (DQ), disponibilizando 16 leitos para adolescentes do sexo masculino, na faixa etária de 12 a 17 anos, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com atendimento individual/grupal e podendo este permanecer de 7 a 28 dias aproximadamente.

Durante o período de internação o serviço oferece suporte técnico com orientações aos familiares, para manejo e continuidade dos cuidados/tratamentos do adolescente em questão. Atendendo as

recomendações previstas no ECA, em seu art. 12, que afirma que os estabelecimentos de saúde devem "proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente", o serviço oferece acomodação ao lado do paciente.

O adolescente dependente químico é incluído no tratamento na unidade, quando encaminhado pela Central de Regulação de Ofertas de Serviços de Saúde (CROSS), que promove o acesso "ao serviço de saúde mais adequado às suas necessidades, no tempo oportuno, assegurando a equidade e a integridade da assistência, de acordo com as diretrizes definidas e pactuadas pela SES-SP", sendo que as solicitações são através dos serviços do SUS, tais como: CAPS, Ambulatório de Saúde Mental, de forma espontânea ou por ordem judicial, na forma de internação compulsória.

O adolescente chega ao serviço com relatório médico, circunstanciado de acordo com a Lei 10.216/2001, artigo 6º e/ou Laudo para Solicitação para Internação Hospitalar (LAIH); deve estar acompanhado pelo responsável legal e não se apresentar em estado de *overdose* (emergência clínica), complicação clínica e em *delirium tremens* devido à abstinência alcoólica. O transporte do adolescente é de responsabilidade da família ou do município, tanto na internação, quanto na alta.

As ações terapêuticas com os adolescentes são desenvolvidas por profissionais habilitados nas áreas de Serviço Social, Psicologia, Terapia Ocupacional, Educador Físico, Cuidadores, Auxiliares/Técnicos de Enfermagem, Enfermeiros, Médicos Clínicos e Psiquiatra, que possibilitam a realização de acompanhamento e tratamento, visando à recuperação clínica, desintoxicação, tratamento de doenças decorrentes da droga e inserção do dependente químico no convívio sociofamiliar.

As ações desempenhadas dos profissionais são desenvolvidas em consonância com princípios que norteiam as técnicas e procedimentos impulsionadores das potencialidades e emancipação dos usuários.

b) Projeto Terapêutico Singular

O Serviço de Dependência Química oferecido pelo CAIS Clemente Ferreira, em Lins, tem como objetivo primordial o acompanhamento, desintoxicação e tratamento dos adolescentes de forma individualizada e construída juntamente com o adolescente através do instrumento Projeto Terapêutico Singular (PTS), conforme dispositivo proposto pela Política Nacional de Humanização (PNH).

A família é considerada pela equipe como elemento fundamental e colaboradora no processo, e, para tanto, é proporcionada a ela toda a orientação e acompanhamento necessário para que resgatem seus valores sociais e otimizem a continuidade do tratamento em parceria com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de residência da família, possibilitando a manutenção e continuidade no tratamento.

Ao chegarem à Unidade, ainda sob o efeito das drogas, os adolescentes ficam três dias somente com medicação para ansiedade. Depois desse período, a dosagem da medicação vai sendo reduzida e os adolescentes são liberados para realizar atividades terapêuticas e lúdicas que venham a contribuir para o seu restabelecimento. Após o tratamento, o adolescente retorna para a família com encaminhamento para tratamento ambulatorial por psiquiatras e/ou psicólogos em sua cidade.

Os adolescentes em tratamento são encorajados a participar de grupos de autoajuda como os Narcóticos Anônimos (NA) e os Alcoólicos Anônimos (AA), após receber alta. Durante a fase de desligamento, paciente e equipe discutem o encaminhamento ao serviço de referência mais adequado, estabelecendo o contato destes com os novos serviços.

2 ADOLESCÊNCIA NA PERSPECTIVA ANTROPOSÓFICA E O ENVOLVIMENTO COM DROGAS

Neste item, apresentamos a adolescência com enfoque na Antroposofia, conforme abordado no Curso STTICT e o envolvimento dos adolescentes com as drogas.

a) A biografia humana e os setênios

"O homem nasce imperfeito e precisa de um aprendizado de longos anos, em convívio com outros homens, para aprender tudo o que é necessário para sobreviver" (LANZ, 1986, p. 34). Aristóteles, há muitos anos, já afirmava que o homem é um ser social, enfatizando a importância do contato entre os seres humanos para o seu desenvolvimento.

O termo adolescente é atribuído ao psicólogo estadunidense Granville Stanley Hall, que em 1904 lançou a obra intitulada "Adolescência". Nessa obra, o autor fala que "a adolescência era um período de transição universal e inevitável, um novo nascimento" (CEARÁ, 2016, p. 157).

Existem algumas variações nos limites cronológicos da adolescência. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que este período se situa entre 10 e 19 anos, e pela Organização das Nações Unidas (ONU) que situa entre 15 e 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM), a adolescência é uma área de especialização dentro da pediatria, inclusive em relação a treinamentos de graduação, residência médica e alojamento hospitalar. O médico especialista em adolescentes recebe o nome de hebiatra (CEARÁ, 2016).

A definição cronológica nem sempre corresponde ao estágio de desenvolvimento do indivíduo. Além da puberdade, período em que ocorrem as transformações orgânicas no corpo da criança preparando-a para a reprodução, há também as transformações sociais com a escolha da profissão e outros fatores que interferem no período (CEARÁ, 2016).

De acordo com a filosofia Antroposófica[51], a vida não decorre de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente sete anos denominados setênios. O primeiro setênio compreende o período do nascimento até a idade

[51] Saber Tradicional desenvolvido no contexto do Esoterismo Ocidental por Rudolf Steiner no início do século XX.

de sete anos. Corresponde à fase da infância, onde as crianças são intimamente ligadas entre si. A memória e o raciocínio estão disponíveis e a criança entra na fase da maturidade escolar. Nesse ciclo, é importante um horário rítmico para as atividades como jogos, refeições (LANZ, 1986).

Segundo a regra do primeiro setênio, todo aprendizado deve dirigir-se primeiramente à vontade, depois ao sentimento, e só no fim chegar ao intelecto mediante a elaboração de conceitos. Nesse período "a criança é permeável a todas as influências do mundo ambiente e, por sua vez, transmite diretamente a esse mundo tudo o que se passa dentro dela (...) A imitação e o exemplo são os motivos básicos de todo o comportamento infantil" (LANZ, 1986, p. 35-36).

O segundo setênio, ciclo da juventude, corresponde ao período dos sete aos quatorze anos, onde se forma a identidade sentimental do indivíduo. Introduzir o elemento musical nas atividades do indivíduo favorece o trabalho com os sentimentos. Nesse ciclo ocorre o desenvolvimento das qualidades: sentimento, fantasia, emotividade. O pensar e o sentir são permeados de sentimentos para o mundo; a memória se desenvolve e permite a assimilação de uma quantidade fabulosa de conhecimentos. Também é nesse período que ocorre o despertar da sexualidade (LANZ, 1986).

"A atividade artística não cansa, mas regenera. Por isso, um ensino que apelar aos mesmos sentimentos que as artes, e que ainda contiver, em seu currículo, muitas atividades e matérias artísticas, não cansará os alunos, mas desenvolverá forças anímicas vivas, que, por sua vez, fecundarão e harmonizarão as forças vitais do organismo" (LANZ, 1986, p. 43). A chave de ouro da educação durante o segundo setênio é trabalhar com os sentimentos da criança e apelar para sua fantasia criadora. Devem-se evitar as imagens perniciosas e arrefecer a intensidade de seus sentimentos (LANZ, 1986).

Por volta dos 12 anos as crianças começam um período de interiorização. Os primeiros vestígios de uma autoconsciência aparecem e a distinção entre o mundo interno e o mundo externo. A criança experiencia uma subjetividade intermediada pela personalidade do adulto. Nesse período a educação deve ter como princípio pedagógico a autoridade. "Se não tiver a

sorte de ter pais e professores que saibam assumir essa função (autoridade), o jovem, frustrado em seu íntimo, procurará seus ideais e autoridades nos filmes, nos heróis da TV ou em colegas um pouco mais velhos" (LANZ, 1986, p. 46).

Para Steiner (1996), uma forma de favorecer o desenvolvimento do jovem é primar por uma educação onde os conteúdos sejam apresentados com a utilização de imagens, ou seja, sob a forma pictórica. Isso traria benefícios para o terceiro setênio.

O terceiro setênio, ciclo da adolescência, corresponde ao período dos 14 aos 21 anos. Nesse período, o indivíduo se interioriza e se retrai, vive numa crise entre as forças do eu, que se manifesta cada vez mais, e as forças anímicas já existentes; nada escapa ao seu espírito crítico e ao seu raciocínio. O eu que se desenvolve nessa luta, penosa e turbulenta, até alcançar uma certa maturidade intelectual e moral ao redor dos vinte e um anos. O princípio pedagógico desse setênio é o reconhecimento das qualidades reais do educador, sua capacidade intelectual e integridade moral (LANZ, 1986).

O rapaz entre os quatorze e os vinte e um anos é inseguro. Se não se sentir compreendido, tenderá à introspecção com medo de que possam penetrar em sua intimidade. A agressividade nos rapazes, nessa etapa da vida, é uma compensação de sua insegurança e visa encobrir problemas vivenciados por eles. "Se a evolução, até esse momento, tiver sido harmoniosa, o adolescente vencerá essa crise existencial, alcançando o equilíbrio entre o "dentro" e o "fora", isto é, entre o ensimesmar-se e a integração no mundo ambiente e no meio social" (LANZ, 1986, p. 50).

Na puberdade, o jovem deve ser conduzido para que tenha interesse pelo mundo exterior. "Em toda a vida futura, não poderá haver autêntico interesse pelo próximo se, no adolescente de 15 ou 16 anos, não for suscitado o interesse pelo mundo" (STEINER, 1996). Neste período, o conhecimento deve se transformar em reconhecimento, uma vez que o intelecto do adolescente está amadurecido. Ele recusa o julgamento das pessoas que representam o papel de autoridade como o docente, o educador. "... aos 17 anos a pessoa é efetivamente tão inteligente quanto aos 35 anos, com relação à capacidade de julgamento" (STEINER, 1996, p. 42-43). "Em

seu íntimo, o adolescente anseia por encontrar alguém a quem admirar; ele quer aprender e desenvolver-se; e quer ser compreendido. O que não quer é ser dominado" (LANZ, 1986, p. 53).

b) Adolescentes e as drogas

Estudos têm demonstrado que o período da adolescência é o mais vulnerável para o sofrimento psíquico em diversas categorias, dentre elas, o uso abusivo de drogas. Pesquisas de caráter longitudinal demonstraram que "a maior parte dos adultos que vivenciam o sofrimento psíquico já apresentava os primeiros sinais na infância ou na adolescência" (SILVA, CID e MATSUKURA, 2018, p. 330). Apesar disso, poucos trabalhos foram publicados sobre a inserção e a assistência para adolescentes nos serviços públicos de saúde mental.

No Brasil, no âmbito da Saúde Pública, o cuidado especializado direcionado às crianças e aos adolescentes em sofrimento psíquico intenso, incluindo os que fazem uso abusivo de álcool e outras drogas, deve ser realizado pelo CAPS infanto-juvenil (CAPSIJ) e de álcool drogas - CAPS AD. As ações de saúde mental devem estar articuladas à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) visando a criação e ampliação dos pontos de atenção psicossocial, com ações voltadas para o acolhimento, o acompanhamento contínuo e a atenção às urgências, considerando as singularidades do sujeito (SILVA, CID e MATSUKURA, 2018).

Silva, Cid e Matsukura (2018) realizaram um estudo sobre a atenção psicossocial de adolescentes tendo como objetivo identificar a forma como tem-se dado o cuidado a essa população sob a ótica de profissionais vinculados a serviços de Atenção Psicossocial Estratégica, o CAPS infanto-juvenil. Constataram que a atenção à saúde mental dos adolescentes está em construção e que há a necessidade de mais investigações sobre o sofrimento psíquico dessa população. A pesquisa sinalizou a necessidade de ações intersetoriais amplas, envolvendo diversos setores como: esporte, cultura, ciência e tecnologia, com o objetivo de melhorar o processo de vinculação dos adolescentes ao serviço oferecido pelo CAPS, onde há várias ações desenvolvidas para os adolescentes em sofrimento psíquico e seus familiares

como a ambiência, a realização de grupos e oficinas e atendimentos individuais. Os equipamentos que referenciam os adolescentes para o CAPS IJ são: escola, CREAS, CRAS, Conselho Tutelar e Medidas Socioeducativas. Os autores sugeriram investigações para a compreensão do papel da família no processo de atenção psicossocial de crianças e adolescentes, sob a ótica do empoderamento familiar e do controle social.

Conceição *et al.* (2018) realizaram um estudo visando descrever o perfil dos atendimentos a crianças e adolescentes com transtornos mentais e comportamentais por uso de substâncias psicoativas (SPA) realizados pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Brasil no período de 2008 a 2012. A partir de dados secundários do Sistema de Informações Ambulatoriais do Sistema Único de Saúde (SIA/SUS) e do Sistema do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), foram observados 151.330 atendimentos. O sexo masculino predominou entre os atendimentos, com 81,2% dos registros. A faixa etária de 10 a 19 anos correspondeu a 99,2%, sendo que a faixa etária de 15 a 19 anos correspondeu a 84,0% dos atendimentos. Estudos realizados com adolescentes do Brasil, Espanha, Filipinas e Estados Unidos indicam que o aumento da faixa etária faz-se acompanhar de um aumento na oferta e consumo de substâncias psicoativas. As principais causas de atendimento foram transtornos por uso múltiplo SPA (56,7%), cocaína (15,6%), maconha (15,6%) e álcool (9,0%). O uso das demais SPA contribuíram com 3,1%. O abuso e a dependência de substâncias psicoativas no ano de 2010 estavam entre as 20 principais causas de incapacidade severa e moderada superando a desnutrição, verminoses, asma e amputações. A taxa de atendimento nacional elevou-se de 39,6 atendimentos por 100 mil habitantes em 2008 para 76,7 atendimentos por 100 mil em 2012, com variação positiva de 93,7 %. Todas as regiões do Brasil exibiram crescimento das taxas de atendimento, sendo que as regiões sul e sudeste lideraram o volume de atendimentos. O aumento observado pode ter relação com a ampliação da rede assistencial e maior acolhimento às demandas associadas ao uso de substâncias psicoativas. "Supõe-se que as taxas de atendimento no Brasil foram afetadas por desigualdades estruturais, relacionadas às diferenças de renda entre as UFs e regiões, organização e

acesso à rede de serviços, bem como qualidade dos serviços apresentados" (CONCEIÇÃO *et al.*, 2018, p. 6).

De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) realizado em 2012, aproximadamente 9,4% da população brasileira na faixa etária de 14 a 17 anos fazem uso de álcool e outras drogas. Cerca de 14 milhões de adolescentes declararam ter feito uso de algum tipo de substâncias ilícitas. Dentre as drogas de maior consumo citadas pelos adolescentes foram: maconha, cocaína, solventes, estimulantes e crack (SILVA, CID e MATSUKURA, 2018).

De acordo com os levantamentos epidemiológicos, é na passagem da infância para a adolescência que se inicia o consumo de álcool e outras drogas entre os jovens no Brasil e no mundo. Os adolescentes se afastam da família e se aproximam do seu grupo de iguais. Se os membros do grupo forem usuários de drogas, os adolescentes serão pressionados a se tornarem usuários. O consumo de drogas varia com o sexo e, entre os meninos, o uso de drogas está associado com mais frequência à delinquência. Os prejuízos decorrentes do uso de drogas podem ser agudos, como a intoxicação ou a overdose, ou crônicos, com alterações duradouras e até mesmo irreversíveis (MARQUES; CRUZ, 2000).

No Brasil, levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo (CEBRID) apresentam uma tendência ao crescimento do consumo de drogas, destacando-se os inalantes, a maconha, a cocaína e o crack em determinadas capitais. O álcool e o tabaco continuam sendo as drogas mais utilizadas ao longo da vida (MARQUES; CRUZ, 2000). "Entre os fatores que desencadeiam o uso de drogas pelos adolescentes, os mais importantes são as emoções e os sentimentos associados a intenso sofrimento psíquico, como depressão, culpa, ansiedade exagerada e baixa autoestima" (MARQUES; CRUZ, 2000, p. 32).

> Os fatores de risco para o uso de drogas incluem aspectos culturais, interpessoais, psicológicos e biológicos. São eles: a disponibilidade das substâncias, as leis, as normas sociais, interpessoais, as privações econômicas extremas; o uso de drogas

> ou atitudes positivas frente às drogas pela família, conflitos familiares graves; comportamentos problemáticos (agressivo, alienado, rebelde), baixo aproveitamento escolar, alienação, atitude favorável em relação ao uso, início precoce do uso; susceptibilidade herdada ao uso e vulnerabilidade ao efeito de drogas (MARQUES; CRUZ, 2000, p. 35).

Os estudos de metanálise sobre os tratamentos psicoterápicos para adolescentes reuniram aproximadamente 400 tipos diferentes de terapias, mostrando uma diversidade de intervenções. Para a escolha do tratamento, deve-se levar em consideração alguns fatores extrínsecos e intrínsecos. Como fator extrínseco tem-se a disponibilidade do tratamento próximo da residência do adolescente e compatível com sua condição socioeconômica e seu sistema familiar. Os fatores intrínsecos dizem respeito à motivação do jovem, à gravidade de seu diagnóstico, o tipo de droga utilizada e a frequência do consumo. O tratamento é bastante complexo e os adolescentes podem ser tratados em ambulatório de forma individual, grupal e/ou familiar; em internação parcial (hospital-dia) e em internação integral com a utilização de algumas abordagens como a psicanálise, a terapia comportamental, terapia cognitivo-comportamental, a interacional e a sistêmica (MARQUES; CRUZ, 2000).

> Qualquer que seja o modelo teórico, o tratamento deve estar estruturado em três níveis: o desenvolvimento global do adolescente; a modificação do comportamento de uso de álcool ou drogas e a resolução dos problemas associados, além do reajuste familiar, social e ambiental (MARQUES; CRUZ, 2000, p. 32).

3 OFICINAS DE MANDALAS COMO COADJUVANTES NA RECUPERAÇÃO DA DROGADIÇÃO DE ADOLESCENTES

Neste item apresentamos o desenho de mandalas como abordagem terapêutica utilizada no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas; na sequência, apresenta-se a proposta de intervenção, destacando-se a amostragem e os cuidados éticos e técnicos adotados.

3.1 O Desenho de Mandalas e seu Potencial Integrativo

No prefácio do livro de Fincher (1998, p. 9), Robert Johnson afirma que "em nenhuma outra época a humanidade precisou tanto do poder de cura da mandala como nos dias hoje. Esse nosso mundo fragmentado, imerso na desintegração, clama pela força coesa que constitui o grande poder da mandala".

Jung foi um pioneiro ao usar a expressão gráfica num contexto transcultural, segundo Fadman e Frager (1986, p. 67). Ele usava desenhos como exercício para descortinar o inconsciente. Dizia a seus clientes: "Comece um diário de rabiscos, uma coleção diária de esboços e desenhos. À medida que o diário progride, você será capaz de ver como mudanças importantes na sua vida estão relacionadas com desenhos".

> O psiquiatra suíço, adotou a palavra sânscrita mandala para descrever os desenhos circulares que ele e seus pacientes faziam. Mandala significa centro, circunferência ou círculo mágico. Jung associava a mandala com o Self, o centro da personalidade como um todo. Na sua opinião, a mandala mostra o impulso natural para vivenciar o nosso potencial e realizar o padrão da nossa personalidade integral (FINCHER, 1998, p. 14).

O poder curativo das mandalas é citado por Fincher quando fala sobre as experiências místicas de Hildegarda[52], que a compeliram a começar um trabalho criativo com textos e ilustrações. "A criação de mandalas foi benéfica para a saúde de Hildegarda, que iniciara seu trabalho muito doente. Quando ela expressou sua criatividade escrevendo e fazendo ilustrações, seus sintomas desapareceram" (FINCHER, 1998, p. 29). Além disso, "a mandala serve como um mapa da realidade interior que orienta e sustenta o desenvolvimento psicológico daqueles que desejam progredir na consciência espiritual" (FINCHER, 1998, p. 26).

O processo de individuação é o crescimento em direção à totalidade. É um processo natural que traz à luz a singularidade e a

[52] Hildegarda de Bingen, monja beneditina, mística, teóloga, compositora, pregadora, naturalista, médica informal, poetisa, dramaturga, escritora alemã e mestra do Mosteiro de Rupertsberg. É uma santa e doutora da Igreja Católica.

individualidade de uma pessoa. "O resultado da individualização é a integração harmoniosa da personalidade com o Self, o princípio unificador central" (FINCHER, 1998, p. 14). Segundo Jung, o arquétipo do Self é "aquele aspecto da psique humana que cria ordem, orientação e significado" (FINCHER, 1998, p. 34).

> O Self gera um padrão na sua vida interior. As mandalas feitas por você revelam a dinâmica do Self ao criar uma matriz onde a sua identidade única se desdobra. O círculo da mandala reflete o Self como o repositório do empenho da psique em direção à autorrealização ou totalidade. Dentro da mandala encontram expressão os motivos do passado comum de todos os seres humanos e os símbolos da experiência individual (FINCHER, 1998, p. 34).

Neumann (1973 *apud* FINCHER, 1998, p. 35) afirmou que "as mandalas desenhadas pelas crianças ajudam-nas a estabelecer sua identidade" e que esse processo que é impulsionado pelo arquétipo do Self.

> A identidade consiste em um indivíduo, aquilo que conhecemos sobre nós mesmos chama-se ego. O ego é formado no começo da vida a partir da estrutura do Self, o qual funciona como uma teia que sustenta a identidade individual. (...) O ego existe sempre em relação ao Self (FINCHER, 1998, p. 35-37).

Edinger (1972 *apud* FINCHER, 1998, p. 37) afirma que "nessa relação há um ritmo vitalício de separação e de união Ego-Self governando a vida psíquica. Os ritmos dessa dança, à medida que o ego aparentemente se aproxima e depois se afasta do padrão do Self, refletem-se nas formas da mandala".

> A totalidade exige que estabeleçamos uma relação com esse misterioso centro que há dentro de nós. (...) O inconsciente, onde reside o dinamismo do Self, é parte de nossa psique que por definição é incognoscível. (...) Podemos dar atenção à linguagem do inconsciente, honrar e cultivar nossa relação com o Self criando mandalas. Estas contêm e organizam energias arquetípicas do inconsciente numa forma que pode ser assimilada pela consciência. Jung descobriu que desenhar, pintar e sonhar com mandalas é parte natural do processo de individuação. Ele encorajava seus pacientes a dar asas à imaginação e criar mandalas

> de modo espontâneo, sem ter em mente um padrão pré-determinado (FINCHER, 1998, p. 38).

Reichow (2002) realizou um estudo de caso com crianças de uma escola pública de Porto Alegre visando investigar os estados ampliados de consciência dentro de uma abordagem transdisciplinar holística. Utilizou métodos reconhecidos pela psicologia transpessoal: meditação, relaxamento, visualização dirigida e o desenho de mandalas. Escolheu as mandalas como linguagem para expressar as significações produzidas durante os estados ampliados de consciência. As crianças expressaram em suas mandalas uma realidade simbólica, uma sabedoria ancestral que transcende nossa personalidade.

Splendore *et al*. (2014), objetivando promover assistência psicológica aos pacientes da enfermaria de transtorno alimentar no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, em 2012, realizaram uma intervenção com desenhos denominada "Oficina de Mandalas". Foram sete meses de encontros semanais, com grupos abertos (convite livre) e flutuantes, em constante renovação, uma vez que, à medida que os pacientes recebiam alta, eram desligados do programa. A cada encontro era explicado o objetivo da oficina, esclarecia-se o que era uma mandala e, antes que o paciente elaborasse a sua mandala, os participantes eram convidados à interiorização por meio de relaxamento. A cada oficina variava-se a técnica apresentada. Após a realização dos trabalhos, "os participantes eram convidados a elaborar o conteúdo e integrá-lo ao momento presente" (SPLENDORE *et al*., 2014, p. 435).

Com o decorrer do trabalho foi possível perceber que houve uma melhora no entrosamento grupal. "No início do trabalho, os conteúdos verbais eram sempre empobrecidos, com respostas curtas, o que denotava o estado interno depressivo dessas pacientes" (SPLENDORE *et al*., 2014, p. 437). Foi possível observar, também, a integração na consciência de conteúdos reprimidos, como hábitos nocivos ligados ao transtorno alimentar que eram expressos nos desenhos.

> A cada desenho, uma janela se abria para entender um pouco o universo interior de cada uma das pacientes. O que foi encontrado

> a princípio foram rupturas no ego, abatimento, falta de amor próprio, um ser totalmente fragilizado precisando de muita ajuda. As oficinas, em muitos casos, estimularam a capacidade organizadora do Ser saudável, a busca pelo autoconhecimento, e autonomia. A aderência às sessões, pelas pacientes, demonstrou a sensação agradável que elas sentiam desenhar uma mandala (SPLENDORE *et al*., 2014, p. 443).

Pisarik e Larson (2011) realizaram um estudo com dois objetivos: examinar a relação entre autenticidade e bem-estar psicológico e examinar os efeitos da criação e interpretação de mandalas nos níveis de autenticidade e bem-estar psicológico de estudantes universitários. A pesquisa empírica concentrou-se em examinar o uso da mandala para examinar a afirmação de Jung de que o processo de criação de mandalas, em si, era benéfico para a saúde e o bem-estar dos clientes, porque tinha um efeito calmante e relaxante. Os resultados do estudo sugerem que a mandala é uma ferramenta que pode ser utilizada para aumentar a autoconsciência.

3.2 Planejamento e Execução da Intervenção

O planejamento da intervenção incluiu: a) descrição sumarizada do perfil dos participantes e os cuidados éticos adotados; b) avaliação da Qualidade de Vida, por meio do formulário WHOQOL-BREF (antes e depois da intervenção); c) apresentação dos procedimentos adotados e d) seleção de caso a ser estudado em profundidade.

3.2.1 Perfil dos Participantes

Adolescentes do sexo masculino, na faixa etária de 12 a 17 anos, internados na Unidade de Desintoxicação do CAIS Clementino Ferreira, no período de novembro a dezembro de 2018, foram convidados a participar das Oficinas de Mandalas. Foi-lhes explicado o contexto em que os trabalhos seriam realizados. O requisito necessário, além do desejo de participar das oficinas, era a assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE)[53] pelo responsável no momento da internação e Termo de

[53]Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) que está de acordo com a Resolução nº 510, de 07/04/2016.

Assentimento Livre Esclarecido (TALE) pelo adolescente. Cinco pacientes com idades de 12 (adolescente A), 14 (adolescente B), 15 (adolescente C), 16 (adolescente D) e 17 (adolescente E) anos manifestaram o desejo de participar das Oficinas. De acordo com a Antroposofia, o Adolescente A se encontra no final do segundo setênio, o Adolescente B em transição entre o segundo e terceiro setênio, enquanto que os demais participantes se encontram no terceiro setênio.

3.2.2 Descrição das Rotinas e Cronograma do Serviço

É assinado no ato de internação o Contrato Terapêutico, contendo Normas e Condutas adequadas durante o atendimento no Serviço, tanto para o adolescente quanto para os familiares.

A Rotina de Acolhimento aos Adolescentes se dá com a realização de entrevista inicial, com a família ou responsável legal, com o adolescente e com a participação de dois membros da equipe. É realizada na sala de avaliação multidisciplinar, onde serão levantadas as condições do sujeito, história que norteia a sua vida seguindo o formulário próprio.

Na sequência, o jovem é encaminhado para a Unidade, onde "Será apresentado à unidade de internação (quartos, refeitórios, banheiro, salas de atendimentos), normas e rotinas assistenciais" (SÃO PAULO, 2018).

O serviço conta com equipes de Enfermagem para acompanhamento contínuo aos adolescentes, e atuam em três turnos, sendo manhã e tarde, seis horas, e noturno 12 horas. A equipe conta também com Médico, Enfermeiros, Psicólogos, Terapeuta Ocupacional, Assistente Social e Educador Físico, que realizam seus atendimentos de acordo com o cronograma de atividades estabelecido em conjunto pela equipe.

Os adolescentes recebem atendimento integral à saúde, realizando exames e encaminhamentos necessários ao restabelecimento dos mesmos. Todos os atendimentos são registrados em Prontuário Único, conforme a Portaria GM/MS nº 251/2002.

Em função do curto tempo para desintoxicação, o tratamento é intenso e as visitas são realizadas nas segundas-feiras à tarde e nas quintas feiras, pela manhã. As famílias que querem visitar o adolescente nos finais

de semana devem agendar antecipadamente, para que haja acompanhamento e discussão do caso com a equipe.

a) Cronograma de Atividades da Unidade

Os adolescentes recebem cinco refeições diárias: Café da manhã servido às 8h30; o Almoço aproximadamente às 11h30; o Lanche da tarde às 14h30; o Jantar às 17h30 e a Ceia às 20h, aproximadamente.

Durante a Semana, após o café e banho, no período da manhã, os adolescentes participam de Grupo Terapêutico, Grupo Operativo, Grupo de Orientação Medicamentosa e também de Grupo de Educação em Atividades de Vida Diária (AVDs). No período da tarde, acontece Grupo de Família e Grupo de Atividades Físicas. Nos períodos manhã e tarde acontecem os Atendimentos Médico Clínico e Atendimento Médico Psiquiátrico e os atendimentos individuais com os adolescentes, segundo as necessidades dos mesmos.

Os adolescentes são acompanhados pela equipe em todas as atividades e, após o Almoço e Jantar, enquanto os mesmos repousam ou se divertem, os profissionais realizam as anotações nos prontuários, participam de Reuniões de Equipe e Discussão de Casos. As Oficinas tiveram que ser incorporadas nos horários em que não houvesse grupos e atendimentos individuais dos participantes.

Para tanto, o horário mais adequado para a realização das Oficinas de Mandalas foi após o Jantar às 18h30, se estendendo até às 19h30, aproximadamente, horário em que os jovens não participantes da pesquisa estavam assistindo à televisão ou tomando parte de atividades lúdicas, tais como pingue-pongue e outros jogos de mesa. Enquanto as Oficinas de Mandala eram realizadas, ocorriam as passagens de plantão entre as equipes da tarde e noite.

Todas as rotinas, normas e cronogramas de atendimentos estão dispostos na Unidade para conhecimento de todos os funcionários e familiares.

3.2.3 Descrição da Proposta de Intervenção

a) Instruções básicas aos participantes

O primeiro contato com os adolescentes teve como objetivo explicar-lhes sobre o desenvolvimento da intervenção às Oficinas de Mandalas. Também lhes foi solicitado que respondessem o questionário WHOQOL- BREF.

Em todas as oficinas foi conduzido um relaxamento, focando na respiração e na percepção do próprio corpo, com duração de, aproximadamente, 10 minutos.

Após o relaxamento, os adolescentes poderiam utilizar os materiais disponibilizados para a elaboração de suas mandalas. Foi-lhes solicitado que procurassem manter a concentração durante a atividade.

Quando paravam de desenhar, sinalizando que haviam finalizado sua produção, foi-lhes solicitado que verificassem se o trabalho estava completo, ou se precisariam de algum complemento. Ao concluírem a mandala, os adolescentes eram incentivados a apresentarem-na e falarem sobre suas percepções sobre ela.

b) *Setting*

Inicialmente, foram propostos a cada participante 8 encontros. No entanto, por motivos diversos ligados ao trâmite institucional da internação, foram realizados 6 encontros com um participante, 5 encontros com dois participantes e 4 encontros com 2 participantes. Os encontros foram realizados duas vezes por semana, às terças e quintas, a partir das 18h30, com duração média de uma hora. Foram aplicadas duas técnicas: *Mandala do Ser* e *Mandala Diagnóstico*, descritas a seguir.

Procurou-se realizar nas oficinas num espaço onde não houvesse interrupção e com luz suficiente para a elaboração dos desenhos. Foram disponibilizados aos participantes dois locais: a sala de grupo e o refeitório da Unidade. A sala de grupo é um espaço pequeno com algumas cadeiras, enquanto que o refeitório era um espaço mais amplo com mesas e cadeiras,

com luminosidade mais favorável para a realização das Oficinas. Apenas uma oficina foi realizada na sala de grupo.

c) Materiais Utilizados

Para a oficina foram disponibilizados para os adolescentes alguns materiais de desenho: papéis brancos nos tamanhos A_3 e A_4, caixa de giz pastel a óleo, caixa de giz de cera, canetas hidrográficas, lápis de cor, lápis preto, régua e discos de vários tamanhos para a elaboração do círculo.

d) Técnicas Mandalas Adotadas

Foram utilizadas duas técnicas de mandalas: *Mandala Diagnóstico*, utilizada uma única vez para cada adolescente; e *Mandala do Ser,* utilizada nas demais oficinas.

A ***Mandala do Ser*** foi proposta por Joan Kellogg (*apud* Simão, 2018, p. 15-16), e consiste em fazer uma mandala onde seja retratado através de formas e cores o estado presente do participante. Foram entregues papéis em branco e solicitado que, de olhos fechados, sentissem a textura do papel. A seguir, foi-lhes solicitado que abrissem os olhos e se imaginassem no centro do papel. O adolescente recebeu o comando de marcar o centro e, em seguida, que desenhasse um círculo do tamanho que achasse mais conveniente. Eles deveriam retratar no círculo, fazendo uso dos materiais de pintura, as formas e imagens que surgissem em sua mente. Era-lhes dado cerca de trinta minutos para que desenhassem. Quando o adolescente concluísse sua mandala, era solicitado que a contemplasse e lhe desse um título. Posteriormente, foi-lhe solicitado que girasse a mandala até encontrar a melhor posição para contemplá-la. Deveria fazer uma seta indicando o sentido de cima da mandala. Após a conclusão da mandala, os adolescentes deveriam apresentá-la ao aplicador. Este poderia fazer algumas perguntas visando facilitar a análise e correlação entre os significados dos desenhos e o seu momento atual de vida. Foi solicitado que eles observassem as cores e o que elas simbolizavam para eles.

A técnica da ***Mandala Diagnóstico,*** também denominada Mandala dos elementos, foi criada pela arteterapeuta e psicóloga transpessoal Vera

Saldanha. Busca retratar, como em uma fotografia, o momento pelo qual a pessoa está passando. Consiste em desenhar em uma paisagem que contenha oito elementos em uma circunferência, mas pode ser desenhada de forma mais livre não observando o contorno do círculo. Inicia-se com o desenho de uma circunferência no centro do papel utilizando os materiais de pintura. Em seguida, o indivíduo é instruído a desenhar/pintar oito elementos: montanha, flor, cobra, árvore, abrigo, pássaro, caminho e borboleta. O adolescente poderia desenhar os elementos na ordem em que achasse mais conveniente. Caso o adolescente desejasse, poderia acrescentar outros elementos. Também é permitido desenhar fora do círculo. Após a elaboração da mandala, era solicitado ao adolescente que contasse uma história sobre os elementos que compunham a mandala e o que esses elementos representariam para ele, por receberem influência de dados biográficos.

Segundo a técnica, cada elemento tem um significado que deve ser interpretado levando-se em consideração o que cada elemento representa para o adolescente. O elemento montanha representa a fé e a espiritualidade; o elemento abrigo representa a autoimagem que o adolescente faz de si, como ele se vê; o elemento árvore representa a família, a ancestralidade; o elemento flor representa o desabrochar; o elemento pássaro representa um mensageiro espiritual ou do inconsciente; o elemento borboleta representa a transformação, a transmutação; o elemento cobra representa a criatividade e a sexualidade; e o elemento caminho representa para onde a energia está fluindo. Para a interpretação dessa mandala também deve-se observar a ordem em que os elementos que foram desenhados, principalmente o primeiro e o último a serem desenhados, bem como o elemento em que o adolescente mais gostou de fazer e o que menos gostou de fazer (SIMÃO, 2017).

e) Exploração do desenho com Escuta Ativa

Após a elaboração das mandalas, foi solicitado aos adolescentes que apresentassem as mandalas elaboradas e comentassem sobre os elementos e cores presentes. Essas falas, com o consentimento dos participantes, foram gravadas para dar plena atenção ao adolescente (escuta

ativa) sem perder seus relatos, que foram posteriormente transcritas. Após a transcrição, as gravações foram deletadas. Também com o consentimento dos participantes, todas as mandalas produzidas foram fotografadas para que as pesquisadoras que não estavam na mesma cidade pudessem acompanhar o processo dos adolescentes.

4 AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA - WHOQOL-BREF

4.1- Padrões Internacionais de Qualidade de Vida

A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu a qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Diante da necessidade em avaliar de forma objetiva a qualidade de vida da população, a OMS criou o instrumento WHOQOL-OLD com 100 questões divididas em domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. Posteriormente, este instrumento foi condensado em 26 questões que demonstram, de forma simplificada, a média do perfil dos pesquisados. Este instrumento simplificado passou a ser denominado de WHOQOL- BREF.

O WHOQOL-BREF utiliza a escala de *Likert*, com valores que variam de 1 a 5, sendo que 1 corresponde ao valor mínimo e 5, ao valor máximo. As duas primeiras perguntas abordam a qualidade de vida de uma forma bastante ampla. As questões de 3 a 26 correspondem a 24 facetas que compõem quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. Os valores dos domínios são compostos pela somatória dos valores das questões correspondentes ao domínio, dividido pelo número de questões. Decidiu-se aplicar este questionário por ser um instrumento que utiliza o sistema global e transcultural de avaliação da qualidade de vida.

O domínio *físico* é composto pelas questões de número: 3, 4, 10, 15, 16, 17 e 18. O *domínio psicológico* é composto pelas questões: 5, 6, 7, 11, 19 e 26. O *domínio relações sociais* é composto pelas questões: 20, 21 e 22. O *domínio meio ambiente* é composto pelas questões: 8, 9, 12, 13,14, 23, 24 e 25.

Para efeito de análise, os valores dos domínios compreendidos entre 1 e 2, 9, indicam que há necessidade de melhorar; os valores de 3 a 3,9 indicam uma situação regular; os valores de 4 até 4,9 indicam uma situação boa; e o valor 5 uma situação muito boa.

O questionário foi aplicado aos participantes em dois momentos: no início e no final do tratamento. Os resultados dos questionários foram analisados de acordo com os domínios supracitados, buscando fazer uma comparação entre os valores dos domínios no final do tratamento com os valores no início do tratamento.

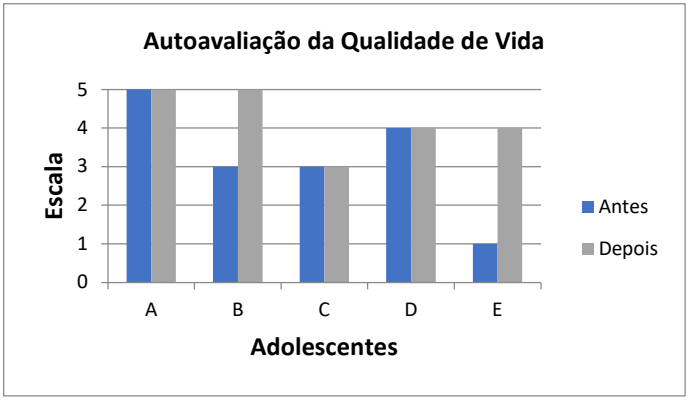
4.2 Avaliação da Qualidade de Vida dos Adolescentes antes e depois da intervenção

No primeiro contato com os adolescentes, após explicações gerais sobre as oficinas, foi-lhes solicitado que respondessem ao questionário WHOQOL-BREF. Alguns apresentaram dificuldade com a leitura e a compreensão de alguns termos presentes no questionário. Foram-lhes oferecidos esclarecimentos e, até mesmo, feita a leitura das questões para os que tiveram dificuldade na leitura. Após o processo e, antes que tivessem alta hospitalar, foi-lhes solicitado que preenchessem um novo questionário WHOQOL-BREF.

A fim de acompanhar o tratamento dos adolescentes participantes da oficina, foram analisados os questionários de qualidade de vida WHOQOL-BREF aplicados no início e no final do tratamento. São duas perguntas de cunho geral e quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. Os resultados foram apresentados na forma de gráficos.

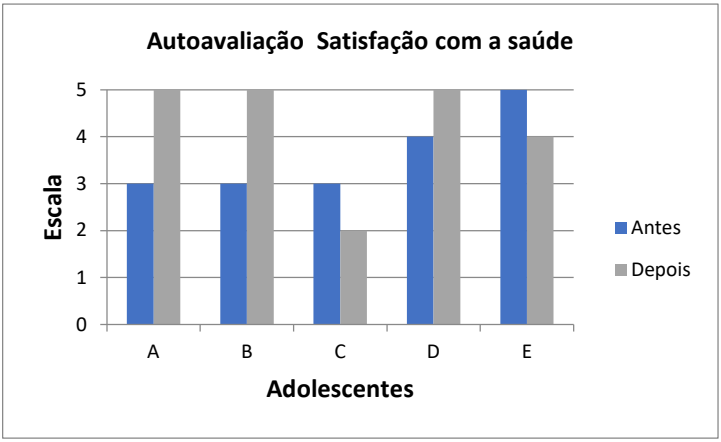
Na primeira pergunta de cunho geral do questionário, o adolescente avaliava a sua qualidade de vida. Observando o Gráfico 1, verifica-se que não houve alteração para os adolescentes A C e D. Para os adolescentes B e E, houve a percepção de melhoria de sua qualidade de vida.

GRÁFICO 1
Autoavaliação da qualidade de vida antes e depois do tratamento



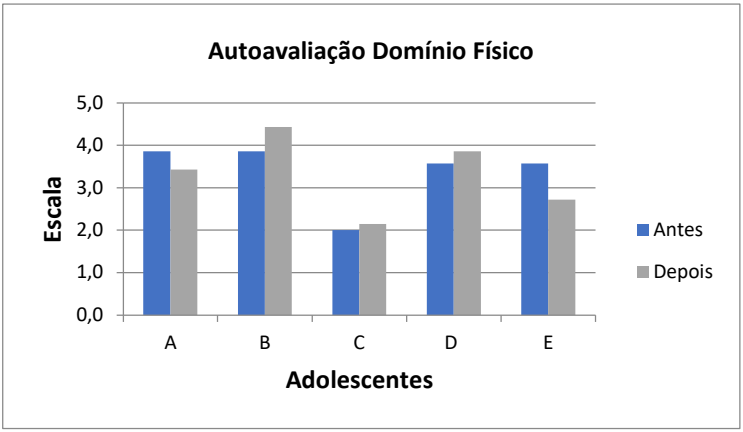
Na segunda pergunta de cunho geral do questionário, o adolescente avaliava a satisfação com a sua saúde. Observando o Gráfico 2, verifica-se que para os adolescentes A B e D, houve uma melhoria na percepção da satisfação com a saúde. Para os adolescentes C e E, a satisfação com a saúde piorou. Aqui vale afirmar que ambos, durante o tratamento, tomaram maior consciência de seu problema de saúde, verbalizando que não sabem se conseguirão se manter livres das substâncias e pelo fato de compreenderem que de forma geral ainda necessitam de tratamento, sentindo-se entristecidos com o fato.

GRÁFICO 2
Autoavaliação Satisfação com a saúde antes e depois do tratamento



O Gráfico 3 apresenta os valores do domínio físico de acordo com a percepção dos adolescentes antes e após o tratamento e está relacionado com a locomoção, limitações ocasionadas pela doença, sono e capacidade para o trabalho. Os valores deste domínio, antes do tratamento, variaram de 2,0 (necessita melhorar) a 3,9 (regular), enquanto que os valores após o tratamento variavam de 2,1 (necessita melhorar) a 4,4 (boa). De um modo geral, houve melhora no domínio físico. No entanto, percebeu-se que para os adolescentes A e E houve um decréscimo. No adolescente A, variou de 3,9 (regular) para 3,4 (regular), entretanto, a inquietação apresentada durante os relaxamentos, os movimentos com as pernas foram diminuindo à medida que realizamos as oficinas, mas afirmou também que "só dorme bem por causa do remédio". Já o adolescente E variou de 3,6 (regular) para 2,7 (necessita melhorar). Este iniciou sua participação em forma de "brincadeira", jocosa, e ao longo das Oficinas o adolescente tornou-se visivelmente envolvido, ciente de sua responsabilidade no tratamento, o que pode sugerir que o processo o ajudou na tomada de consciência.

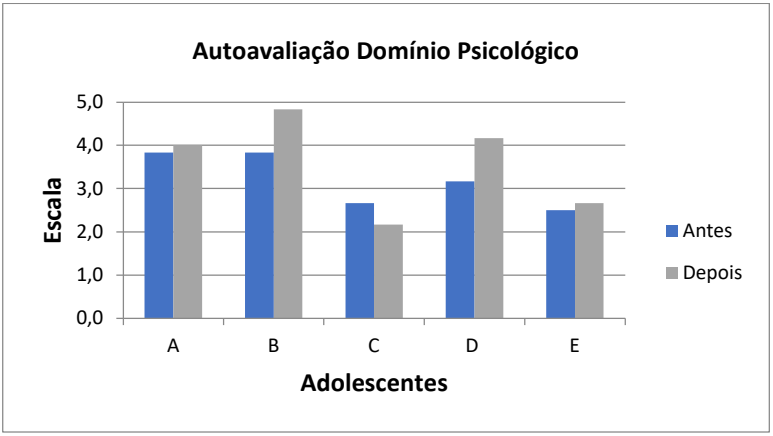
GRÁFICO 3
Autoavaliação Domínio Físico antes e depois do tratamento



O Gráfico 4 apresenta os valores do *domínio psicológico* de acordo com a percepção dos adolescentes antes e após o tratamento. Este domínio está relacionado ao sentido que se dá à própria vida, à concentração, em aproveitar a vida, à autoimagem e satisfação, além de sensações, emoções e humor. Os valores deste domínio antes do tratamento variaram de 2,5 (necessita melhorar) a 3,8 (regular), enquanto que os valores após o tratamento variaram de 2,7 (necessita melhorar) a 4,8 (boa). De um modo geral, houve melhora no domínio psicológico. Apenas o adolescente C apresentou uma variação negativa de 2,7 (necessita melhorar) a 2,2 (necessita melhorar). Dos participantes, o adolescente C é o único que apresenta como patologia de base uma esquizofrenia não identificada, e sua participação nas Oficinas lhe possibilitou, segundo ele, *dar vazão ao grande sofrimento* que estava sentindo, em função do local do tratamento e das *implicâncias* dos outros adolescentes, além do desejo de voltar para o tratamento no hospital em que foi internado anteriormente. O adolescente era o único que também faz uso abusivo de medicamentos controlados, tendo acesso a equipamentos eletrônicos e dele fazendo uso para conseguir suas drogas, bem como acessando conteúdos violentos e impróprios. Os demais adolescentes

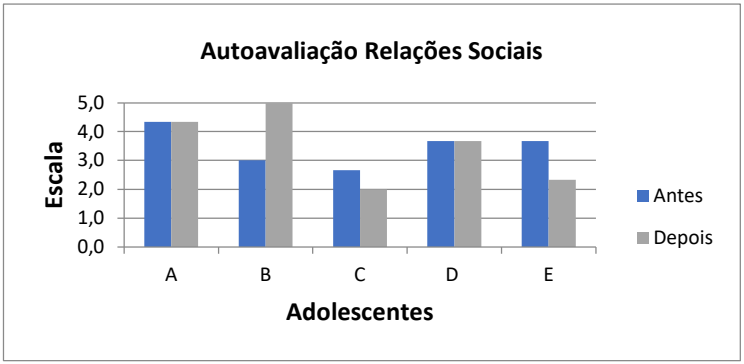
apresentaram acréscimo nesse domínio. Os adolescentes B e D apresentaram uma variação positiva, com variações de 3,8 (regular) para 4,8 (boa) e variações de 3,2 (regular) para 4,2 (boa), respectivamente.

GRÁFICO 4
Autoavaliação Domínio Psicológico antes e depois do tratamento



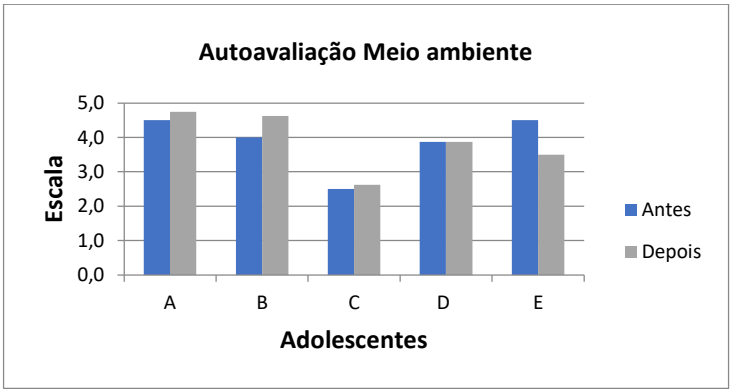
O Gráfico 5 apresenta os valores do domínio relações sociais de acordo com a percepção dos adolescentes antes e após o tratamento. Compreendem as questões relacionadas à vida sexual, aos amigos, parentes, colegas e apoio que deles recebem. Os valores deste domínio antes do tratamento variaram de 2,7 (necessita melhorar) a 4,3 (boa), enquanto que os valores após o tratamento variaram de 2,0 (necessita melhorar) a 5,0 (muito boa). O adolescente C sentia-se constantemente irritado com o barulho e inadequado quanto à sexualidade ainda não resolvida e à sua internação. Constantemente trazia as dificuldades dos relacionamentos com familiares, em especial com o pai; sentia-se a cada dia mais vulnerável junto aos demais adolescentes.

GRÁFICO 5
Autoavaliação Domínio Relações Sociais antes e depois do tratamento



Não houve variação no valor desse domínio para os adolescentes A e D que permaneceu 4,3 (boa) e 3,7 (regular), respectivamente. Observa-se uma melhora significativa para o adolescente B, variação de 3,0 (regular) a 5,0 (muito boa). Para o adolescente C houve uma variação negativa, variou de 2,7 (necessita melhorar) para 2,0 (necessita melhorar

GRÁFICO 6
Autoavaliação Domínio Meio Ambiente antes e depois do tratamento



O Gráfico 6 apresenta os valores do domínio meio ambiente de acordo com a percepção dos adolescentes antes e após o tratamento e está relacionado em como o entrevistado se sente com relação à sua segurança, ao ambiente onde reside, quanto às características físicas do local, tais como barulho, poluição e outros. Avalia ainda as oportunidades de lazer, a disponibilidade de informações necessárias no cotidiano, aos meios de transporte, ao acesso aos serviços de saúde e condições onde mora.

Os valores deste domínio antes do tratamento variaram de 2,5 (necessita melhorar) a 4,5 (boa), enquanto que os valores após o tratamento variaram de 2,6 (necessita melhorar) a 4,8 (boa). De uma forma geral, observa-se um aumento neste domínio antes e depois do tratamento. Apenas o adolescente E apresentou uma redução, variando de 4,5 (boa) para 3,5 (regular), pois reconheceu que o local onde reside não oferece as condições de lazer e espaço livre para diversão, como fazia quando residia em outro estado com os amigos, soltando pipa, jogando bola, entre outras brincadeiras saudáveis. Relata que apesar da vida com menos recursos, anteriormente à mudança havia a presença do irmão que morreu, sendo que o atual local em que reside é propício para o retorno ao uso de drogas.

Observando os dados, verificou-se que o Adolescente B se destacou com resultados bastante positivos nos 4 domínios do questionário, demonstrando, também interesse em participar das oficinas, com 6 encontros. A mãe afirma no dia que vem buscar o adolescente que ele irá morar com a tia em outra cidade, para que possa continuar o tratamento e ser afastado dos traficantes.

Comparando os dados do questionário de qualidade de vida WHOQOL-BREF, antes e depois do tratamento, verificou-se que a *avaliação da qualidade de vida* permaneceu constante em três adolescentes (adolescentes A B e D) e em dois dos adolescentes observou-se uma melhoria significativa (adolescentes B e E). Com relação à satisfação com a saúde, três adolescentes manifestaram satisfação maior no final do tratamento (adolescentes A B e D), enquanto que apenas dois (adolescentes C e E) manifestaram uma menor satisfação no final do tratamento.

Com relação ao *domínio físico*, os adolescentes B, C e D apresentaram um valor maior no final do tratamento, enquanto que os outros dois (A e E) apresentaram valores menores.

No *domínio relações sociais*, não houve alteração para os adolescentes A e D. Para os adolescentes C e E, houve uma regressão nesse domínio. Apenas no adolescente B observa-se que esse domínio no final do tratamento foi superior em relação ao início do tratamento.

Com relação ao *domínio meio ambiente*, para o Adolescente D não houve variação entre o início e final do tratamento. Para os adolescentes A, B e C houve uma melhoria nesse domínio, enquanto que para o adolescente E houve uma diminuição desse domínio.

Observando os dados coletados pelo questionário, verifica-se que, para o adolescente B, os valores depois do tratamento foram superiores aos valores antes do tratamento.

No *domínio psicológico*, quatro dos adolescentes apresentaram os valores no final do tratamento superiores aos valores no início do tratamento. Apenas o adolescente C apresentou um valor menor. Este fato sugere que o tratamento foi significativo para este domínio.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os adolescentes ao iniciarem o tratamento, mesmo sendo de forma voluntária, apresentam-se na defensiva, inseguros e adotam atitudes introspectivas ou de irritabilidade, em função, inclusive, da abstinência das substâncias psicoativas.

Ao serem analisados o conjunto de dados sobre *qualidade de vida,* apresentados no item anterior, é importante destacar a dificuldade dos participantes em compreender (ler) o instrumental utilizado, sendo necessária a leitura e/ou a interpretação das questões. Este fato pode ter atuado como variável interveniente, turvando, de certa forma, os resultados, o que talvez possa explicar a heterogeneidade nos resultados obtidos. O adolescente A apresentou-se bastante receptivo à pesquisa, afirmando que: “Eu acho que esse projeto que você fez é muito legal!”, ou ainda, como disse na sua última

participação: “Foi um negócio bom, eu relaxei, passou o tempo mais rápido aqui pra mim, foi um negócio muito bom, gostei da sua pesquisa”. O adolescente B (14) foi o que apresentou o maior envolvimento com a proposta, participando de mais oficinas, enquanto os adolescentes C (15) e E (17) apresentaram os piores índices, sendo este último o que apresentou dificuldade na compreensão da proposta. Nos demais participantes houve oscilação entre os indicadores. A despeito disso, o indicador mais positivo foi o *domínio psicológico* onde, com exceção do adolescente C, os demais (A, B, D, E) tiveram indicadores positivos. Se considerarmos que as oficinas atuaram marcadamente no bem-estar psicológico, este é um dado relevante. Além disso, observou-se que todos os participantes reportaram estabilidade, (A, C, D) ou melhora (B, E) na qualidade de vida. Desta forma, selecionou-se o adolescente B para avaliação com mais profundidade quanto aos efeitos da técnica.

Ao analisar as mandalas elaboradas pelos participantes, buscou-se observar os aspectos gerais, uma vez que, como afirmou Fincher (1998, p. 47), "você nunca poderá penetrar no fundamento absoluto do significado de uma mandala. As cores e formas utilizadas refletem um processo vivo (...) a psique nunca poderá ser perfeitamente classificada e compreendida na sua totalidade".

Durante as Oficinas de Mandalas foram produzidas pelos adolescentes 24 mandalas, sendo 19 (dezenove) Mandalas do Ser e 5 (cinco) Mandalas Diagnóstico, aproximadamente cinco trabalhos por participante. O adolescente B produziu 6 mandalas. Os trabalhos foram analisados seguindo a proposta de Fincher, portanto, levamos em consideração três aspectos: as formas desenhadas, as cores utilizadas e as falas dos adolescentes sobre as mandalas.

Como comentado anteriormente, o adolescente B está na transição entre o segundo e o terceiro setênio de acordo com a Antroposofia. No segundo setênio ocorre a formação da identidade sentimental, enquanto que no terceiro setênio observa-se um período de introspecção, com o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico.

5.1 O caso do adolescente B

Nasceu no interior paulista, a mãe foi a responsável legal pela internação. O adolescente B permaneceu 31 dias em tratamento no Serviço de Dependência Química oferecido pelo CAIS Clemente Ferreira.

O adolescente B veio para internação voluntariamente. A mãe encaminhou para o tratamento quando soube que ele era usuário de drogas. Fez tratamento no SARAD-Botucatu por mais ou menos 8 meses de forma irregular, devido ao abuso de maconha, mas não aderiu ao tratamento. Sentia-se ansioso no momento da internação e relatou manter o uso de droga diariamente, concomitante ao uso de medicação. Relatou irritabilidade na abstinência, nega agressividade, alucinações. O adolescente afirmou fazer uso desde os 12 anos, já tendo feito uso de cocaína, cerveja e cigarro. Admite envolvimento com o tráfico para obter a droga. Informou, inclusive, que deve a traficantes. Já foi enquadrado pela polícia, mas não possui Boletim de Ocorrência (BO). Nunca foi internado e apresenta quadro clínico de bronquite asmática alérgica.

Filho de pais separados, tem dois irmãos que não são do mesmo pai (21 e 3 anos), tendo ainda um irmão do mesmo pai, de 15 anos, que também fazia uso de droga. Estudou até o 6° ano do Ensino Fundamental e teve 3 reprovações, mas aprendeu a ler e escrever um pouco. Tem boa interação com colegas. Mora em uma casa de 5 cômodos, com padrasto, mãe e dois irmãos. Relatou que morava com a avó até os 12 anos e diz que ainda não se adaptou a morar com a mãe.

Na avaliação neuropsiquiátrica, o adolescente B se apresenta sem alterações no pensamento, afetividade, no senso percepção, na atenção, na memória, na orientação, na psicomotricidade, no nível de consciência, nível intelectual e com juízo crítico preservado. Em função do uso de substâncias, foi diagnosticado com Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas - síndrome de dependência (F19.2).

Analisando o prontuário, no Projeto Terapêutico Singular, elaborado juntamente com o adolescente, são levantados os problemas a serem trabalhados, seguindo com a elaboração de metas que priorizam não

só a “adequação medicamentosa”, mas também a “Orientação familiar durante as visitas”, “Sensibilização/reinstalação de novos valores”, “Envolvimento e orientação nas atividades propostas, Readequação comportamental”.

As ações e estratégias utilizadas e registradas em prontuários foram:

> Atendimento por Psicólogo - Individual - 5x /semana e em grupo 2x/semana; Atendimento pela Assistente Social - 5 x por semana, estimulando a vinda dos familiares toda semana; Atendimento no grupo de TO - 5x por semana, nas atividades socioterápicas; Atendimento com o profissional de Educação Física com atividades de esporte e lazer – 5x por semana; Atendimento com a enfermagem através da SAE diariamente, estimulando o paciente na participação do tratamento; Atendimento médico psicossocial.

Ainda em estudo do prontuário, durante o período de internação para desintoxicação, há registros pela equipe que o adolescente teve sono tranquilo, boa alimentação e participação no tratamento todo o período. As anotações em sua maioria registram que se mantém calmo, consciente, sem alterações significativas, sem agressividade e mudanças de comportamento.

Algumas anotações são importantes por serem registradas antes das Oficinas de Mandala e por coincidirem com as datas de realização das mesmas. No dia 26/11/2018 referiu sentir abstinência do cigarro para vários profissionais e esteve aparentemente irritado, “esbarrando” em uma funcionária; nesse dia permaneceu no quarto durante as atividades de lazer.

Em outra data, durante uma das visitas da mãe (03/12/2018), o adolescente B tentou convencê-la de solicitar a alta. No dia 07/12/2018 irritou-se com outro adolescente e recebeu orientações, conseguindo manter-se bem no restante do dia.

Nos registros do psicólogo sempre levou as questões de conflitos familiares, vontade de parar de usar drogas e o medo de não conseguir.

5. 2 Descrição da sequência dos desenhos realizados pelo adolescente B

.

Na sequência, as mandalas elaboradas pelo adolescente B (14) e a reprodução de algumas de suas falas. Pode-se verificar que as formas desenhadas pelo adolescente são comuns à sua realidade.

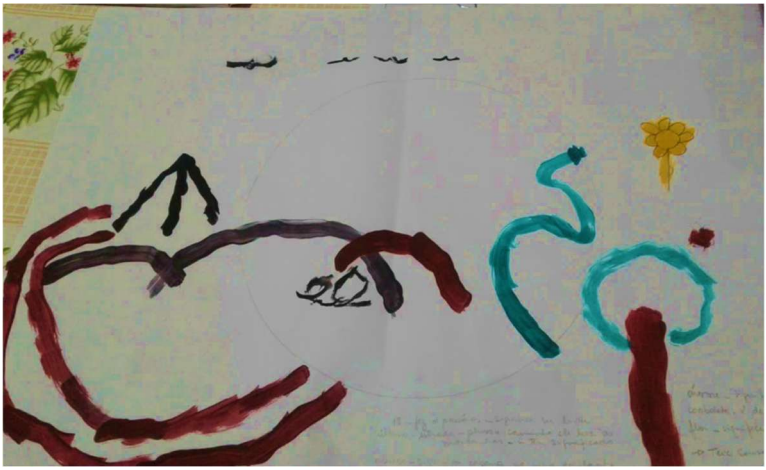
5.2.1 Mandala Diagnóstico

Conforme lhe foi solicitado, fez o círculo, mas desenha somente os elementos apresentados e sem levar o círculo em consideração (Figura 1). Isola-se no canto, mesmo com espaço suficiente para que se acomode melhor. Após realizar a Mandala e questionado qual foi o primeiro elemento que foi feito, disse que foram os **pássaros** (pretos) e que significava ser livre. O último a ser pintado foi o **caminho** (marrom) que disse levar às **montanhas** (marrom), mas assim como essas, não significa *nada*. Foram feitas mais perguntas relacionadas aos dois elementos e ele disse não ter nenhuma sensação, só pensou em pintar. Na sequência, foi solicitado que falasse o significado para ele dos demais elementos, a **cobra** (azul) disse ser *coisa ruim porque pica e solta veneno*; o **abrigo** (preto) significa cabana no meio da floresta; a **árvore** (só o contorno da copa) significa o ar; a **borboleta** (pintada de marrom) é da natureza, gosta de borboleta; a **flor** (desenhada a lápis e pintada toda de amarelo) é o jardim. Quando fala da árvore o adolescente B diz que teve sensação boa ao fazê-la, mas não sentiu nada ao fazer o restante.

Como o mesmo só respondia com respostas curtas, foi solicitado que para encerrar dissesse como foi fazer a mandala e ele disse que "teve uma sensação boa ao fazer o desenho", que gostou. Posteriormente a equipe informou que o adolescente estava irritado por abstinência do cigarro e que comunicou à médica, que fez alteração na medicação.

FIGURA 1

Mandala Diagnóstico



Os significados das cores podem variar de cultura para cultura, mas, segundo Fincher (1998, p. 50), "parecem estar associados com as experiências compartilhadas por toda a humanidade desde tempos imemoriais".

Heller (2013) realizou uma pesquisa com dois mil homens e mulheres com idade entre os 1 e os 97 anos, na Alemanha, de diversas profissões. O resultado da pesquisa mostrou que "cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual - são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento" (HELLER, 2013, p. 17).

Na mandala diagnóstico do adolescente B, observa-se o uso de 4 cores: marrom, preto, azul e amarelo. O adolescente, ao escolher as cores para a elaboração da sua mandala, é guiado pelo seu inconsciente. As cores são consideradas como uma expressão dos seus estados inconscientes que estão além da percepção consciente. Segundo Fincher (1998, p. 51) "ao

estudar as suas mandalas, seu eu consciente ou ego passa a conhecer o simbolismo inconsciente expresso nas cores".

De acordo com Fincher (1998, p. 87), "o marrom lembra a fertilidade do solo, os campos que foram preparados para o plantio". Jung, ao interpretar o marrom nas mandalas de uma paciente, ele o colocou como um símbolo da função da sensação (FINCHER, 1998). "Lüscher passou a ver a cor marrom como indicadora da necessidade de segurança emocional, experimentada no corpo físico como sintomas de desconforto" (FINCHER, 1998, p. 88). Fincher (1998) sugere que o aparecimento dessa cor nas mandalas pode estar ligado a aspectos positivos como: naturalidade, fertilidade e oportunidade para novos começos. Segundo Simão (2018, p. 14), "o marrom indica a importância das 'raízes': a família, o lar, a companhia daqueles que pertencem ao mesmo grupo e a segurança gregária e doméstica".

Pela simbologia antiga, o marrom é uma cor feminina. É a cor da terra, da fertilidade, do feio e do desagradável, da preguiça e da imbecilidade. É associado à sujeira e aos excrementos, sendo uma cor mais frequentemente rejeitada. “O marrom rouba o caráter de qualquer cor que for acrescentada a ele (...) é a cor de tudo que é sem personalidade, pequeno-burguês, sem imaginação, monótono e sem encanto" (HELLER, 2013, p. 258).

O preto foi bastante utilizado pelo adolescente na mandala. De acordo com Fincher (1998), essa cor é simbolicamente apropriada para o inconsciente, ou seja, a perda da consciência (em geral diz respeito à perda do ego como um *locus* de percepção). Essa cor também revela o processo de integração de nossos aspectos obscuros à nossa própria percepção.

> O ego deve ser separado do inconsciente para estabelecer uma noção de eu. Sua estrutura é vulnerável a um fluxo contrário de libido em direção ao inconsciente. Isso lhe rouba a energia psíquica necessária para manter-se a si próprio, assim como um poço que se esvazia quando águas subterrâneas fluem para outro lugar. A cor preta simboliza esse eterno desafio imposto à consciência do ego (FINCHER, 1998, p. 54).

Segundo Heller (2013), o preto é a cor do poder, da violência, da morte. Também é a cor da negação, da elegância, dos fascistas e da

brutalidade. A corrente artística "Impressionismo" não reconheceu o preto como cor, por ser o preto a ausência de todas as cores. Na simbologia cromática cristã, o preto é a tristeza pela morte terrena. Na psicologia, o preto transforma todos os significados positivos de todas as cores cromáticas em seu oposto negativo.

O azul, assim como o marrom e o preto, foi utilizado na mandala. De acordo com Jung (1974, p. 287 *apud* FINCHER, 1998), o azul significa altitude e profundidade, provavelmente devido à vastidão do céu sobre as nossas cabeças. Essa cor também pode ser considerada o símbolo do inconsciente.

Pela simbologia antiga, o azul era a cor do feminino. O azul é a cor da distância, do infinito, da fidelidade. É a principal cor das virtudes intelectuais. "O azul é a cor de todas as características boas que se afirmam no decorrer do tempo, e de todos os sentimentos bons que não estão sob o domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua" (HELLER, 2013, p. 24). Essa ideia é corroborada por Fincher (1998, p. 68) que nos diz: "No cristianismo, o azul é a expressão especial do feminino e de seus atributos como a compaixão, a devoção, a lealdade e o amor inabalável". Na pintura antiga é a cor simbólica da Virgem Maria". Nas mandalas, o significado da cor azul em geral se relaciona com os cuidados maternos. Tonalidades leves do azul parecem sugerir amor incondicional, zelo, compaixão" (FINCHER, 1998, p. 70).

A cor amarela é uma cor quente que "simboliza a luz, o calor, a nutrição, a intuição e, é claro, o próprio sol para as pessoas do mundo todo" (FINCHER, 1998, p. 50). Segundo Heller (2013), o amarelo é a cor da recreação, do entretenimento e da traição. É a cor do otimismo, da irritação, da hipocrisia, da inveja. Também é a cor da iluminação e do entendimento. De acordo com Fincher (1998), o amarelo é a cor mais próxima da luz, símbolo da capacidade de ver ou de entender. É a cor do princípio ativo e fertilizador da natureza associado ao masculino. A presença dessa cor nas mandalas indica um novo capítulo na vida.

Em muitas mandalas foram deixados muitos espaços em branco. Segundo Kellogg (1978, p. 61-62 *apud* FINCHER, 1998, p. 62), o papel

deixado em branco mostra que "o indivíduo está pronto para uma mudança iminente". O branco pode simbolizar "uma penetração nas dimensões transpessoais desconhecidas da psique (...) e sentimentos concomitantes de espanto e admiração diante de um poder exterior que o ego poderá enfrentar" (KELLOGG, 1978, p. 61-62 *apud* FINCHER, 1998, p. 60).

Diante do exposto e analisando-se o conjunto observa-se que a maioria dos elementos foi desenhada fora da circunferência da mandala, demonstrando que o adolescente está iniciando o seu processo de individuação. Ele desenhou primeiro os pássaros, elemento que é associado ao mensageiro espiritual ou ao inconsciente. O último elemento desenhado foi o elemento caminho que indica para onde a energia está fluindo. O primeiro elemento desenhado mostra o que o adolescente busca no momento. No caso do adolescente B, o elemento pássaro indica uma mensagem ou comunicação com o inconsciente. O último elemento desenhado indica o que está mais distante da sua realidade. O último elemento desenhado foi o caminho que na fala do adolescente "leva às montanhas", que indica a energia depreendida para sua busca espiritual (montanhas). O elemento que ele mais gostou de fazer foi a árvore, que representa a família e a sua ancestralidade. Mostrando uma ligação muito forte com a família. O elemento que menos gostou de fazer foi a cobra que representa a criatividade e a sexualidade. O período em que o adolescente se encontra, início do terceiro setênio, período onde ocorre a descoberta da sexualidade pode ter influência de ele não gostar de desenhar a cobra, por se sentir inseguro sobre esse tema.

O elemento abrigo nos dá um indício de como o adolescente se vê, sua autoimagem. Ele desenhou uma cabana, um espaço de refúgio provisório, indicando que seu processo de individuação ainda está em construção.

Apesar de afirmar que não gosta da cobra e que as montanhas para ele não significam nada, ele as desenhou dentro da mandala, indicando que mesmo sem ter consciência esses elementos são importantes para ele.

As cores utilizadas na mandala são predominantemente femininas: marrom, preto (cor feminina na cultura chinesa) e azul. O amarelo é de natureza masculina. Mostrando o impacto da presença feminina em sua vida.

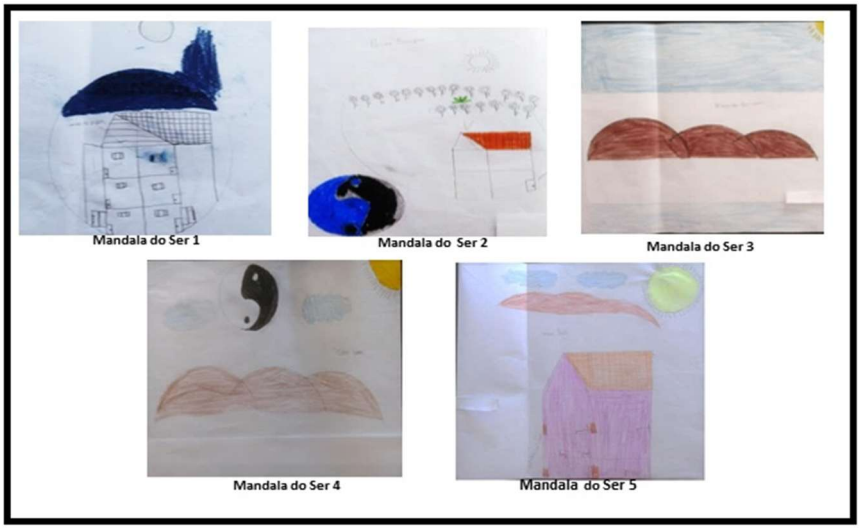
5.2.2 Mandalas do Ser

Assim como o biólogo utiliza os formatos para identificar plantas e animais muito pequenos, assim também as formas nas mandalas nos ajudam a entender seu significado (Fincher, 1998). Reichow (2002) afirma que o desenho de mandalas é um método projetivo. Assim, pode ser utilizado para acompanhar o processo de tratamento em que os adolescentes estão participando.

Nas mandalas desenhadas pelo adolescente, a linha que circunda a mandala não aparece bem definida. Alguns desenhos foram realizados fora da linha. Para Fincher (1998, p.122) "a linha que circunda a mandala parece representar a fronteira psicológica que separa o indivíduo do ambiente e das outras pessoas". De acordo com Kellogg (1997 *apud* Fincher, 1998, p. 122), "um limite apagado ou inexistente sugere abertura com relação aos outros, sensibilidade a fatores ambientais ou, talvez, um sentido difuso de identidade pessoal".

O adolescente B elaborou 5 mandalas do ser (Figura 2) durante o período do tratamento. Pode-se verificar que as formas desenhadas pelo adolescente são formas comuns à sua realidade.

FIGURA 2
Mandalas do Ser



a) **Mandala do Ser 1:** ***Casa de andar***

O adolescente B faz um círculo maior e começa a desenhar usando lápis grafite. Foi-lhe sugerido que use o giz pastel, porém afirma que primeiro quer desenhar com o lápis e depois pintar. O mesmo faz seu desenho com calma, bastante detalhado, começa com muitas estrelas no céu que depois são cobertas com o giz azul escuro. Ele extrapola o círculo e não fica contente com o resultado.

Após a conclusão do desenho, são realizadas as orientações sugeridas por Joan Kellogg (*apud* Simão, p. 16-17) e é solicitado que fale sobre o desenho. O adolescente B fez as anotações e para ele: "É uma casa sem pensamentos de drogas, uma casa livre, uma casa sem briga, sem *falassão* (sic), uma casa que não tem bagunça, que é quieta sem, *tormentação* (sic)".

A casa geralmente se relaciona a abrigo, local de proteção. O adolescente, em sua fala, disse que o "céu escuro traz pensamento à noite na hora que estou dormindo, traz sonho em casa, na minha família, as estrelas uma sensação boa pensei na minha tia, na minha mãe, nos meus irmãos e na minha vó". O adolescente B intitula a Mandala do Ser 1 de "Casa de Andar" (Figura 2). Segundo Fincher (1998, p. 70), "tonalidades escuras de azul, especialmente o índigo, lembram um céu noturno, as trevas ou o mar tempestuoso".

Nessa mandala, também é possível observar algumas estrelas, que foram os primeiros elementos a serem desenhados. Segundo Fincher (1998, p. 172), "as estrelas também estão relacionadas com a alma". Para Jung e Kellogg, "a estrela de cinco pontas numa mandala indica um sentido de identidade bem definido" e "a estrela também pode dar informações sobre a interação de uma pessoa com o mundo material" (FINCHER, 1998, p. 173). Os pacientes de Jung desenhavam com frequência estrelas.

Conforme afirma Fincher, "A estrela anuncia a identidade da pessoa como um ser singular. Cada um de nós é um ser único". E a presença de "um grande número de estrelas menores refere-se a potenciais, metas que competem entre si" (1998, p. 173).

Já a lua, que aparece somente na primeira mandala, permanecendo branca, o que para Fincher (1998, p. 60-61) significa que "isso pode indicar iniciativas em termos de saúde, relacionamento ou criatividade". Afirma também que "a cor branca aparece nas mandalas de diversos modos. Pode ser um pigmento branco aplicado ao papel ou então a ausência de cor, que destaca o fundo branco do próprio papel", como vemos nas diversas mandalas do adolescente.

b) **Mandala do Ser 2: *Passa Tempo***

Na Mandala do Ser 2, intitulada "Passa Tempo", observa-se que o desenho foi realizado dentro do espaço do círculo, mas houve também um elemento fora deste (Figura 2). Nessa mandala, o adolescente B desenhou dois círculos, um grande e um pequeno. No grande, desenhou uma casa com telhado marrom, um caminho com 14 (quatorze) flores que lembram girassóis de um lado do caminho, um arbusto que pintou de verde no meio das flores,

e 7 (sete) flores que lembram girassóis no outro lado. Acima das flores, desenhou o sol. No canto inferior desenhou o "Tao" na vertical e o pintou de azul royal e preto.

Ao falar sobre a sua mandala, disse que desenhou um sítio com jardim porque traz uma emoção boa, que tem dentro do coração. Ao desenhar a Mandala, sentiu que saíram as coisas ruins. O adolescente é introspectivo, como é próprio da idade e questionado sobre as sensações e sentimentos quanto ao desenho, disse que "se lembrou muito da avó, com quem morou até os doze anos. Ela fazia bolo de fubá com erva-doce. Era uma pessoa boa que só trazia alegria". Falou que estava com saudade dela. Esta fala mostra que a mandala fez com que ele acessasse suas memórias, lembrando de alguns elementos de sua infância como o bolo de fubá.

O adolescente B comentou que desenhou primeiro as flores. Segundo Fincher (1968), ao estudar as flores nas mandalas, deve-se observar a cor e o número de pétalas, pois elas revelam o trabalho da alma, "um processo de evolução que se desdobra nas relações com o arquétipo do Self" (FINCHER, 1998, p. 160). Nas flores desenhadas pelo adolescente B, observa-se uma variação no número de pétalas (6 a 9 pétalas).

O adolescente B informou que desenhou por último o town and country, que, para ele, representa o lado bom e ruim da pessoa. Questionado que se tivesse que escolher um lado, qual lado ele escolheria? Ele respondeu: "Eu ficaria do lado bom, que traz alegria, coisa boa, e o lado ruim traz coisas que não alegram tanto". Ele disse que acredita que "todo mundo tem um lado bom, mas se pisar no calo, fica bravo". Pintou de azul escuro o branco do town and country porque gosta mais dessa cor ("roxo" para o adolescente) e que segundo Fincher (2010, p. 82) pode revelar maior necessidade de apoio emocional. Como este foi feito no quadrante inferior esquerdo, para Arcuri e Dibo (2010, p. 52) pode indicar "comportamento impulsivo, introversão, predomínio da afetividade", entre outras características.

O adolescente repete nessa Mandala o uso da cor azul escuro e, segundo Fincher (1998, p. 70), "nas mandalas, o significado da cor azul em geral se relaciona com os cuidados maternos. ...Tons mais escuros podem

estar relacionados com cuidados maternos dominadores, vorazes ou impessoais".

No entanto,

> Kellogg constatou a presença da cor índigo nas mandalas criadas por pessoas que passaram por experiências em que tiveram a vida ameaçada. Ela também considera o azul um indicador de experiências difíceis na infância, que resultam em falta de confiança na mãe. Baseada em seu trabalho clínico, Kellogg afirma que uma mandala com muito índigo pode indicar conflitos profundamente arraigados em relação à mãe (KELLOGG, 1978 *apud* FINCHER, 2010, p. 71).

Quando questionado sobre o desenho do *town and country* disse que tem desenho animado que usa esse símbolo. No entanto, outros participantes da pesquisa, que também fizeram o *town and country*, relataram que este é um símbolo usado pelo Primeiro Comando da Capital (PCC).

No final da Oficina, o Adolescente disse preferir desenhar mais com lápis preto e solicitou que trouxesse lápis de cor nos próximos encontros.

c) **Mandala do Ser 3: *O Mundo deu volta***

O adolescente B elaborou um desenho em três partes (Figura 2) e vai acrescentando cor aos seus desenhos ao longo das oficinas. Novamente fez um desenho elaborado fora do círculo da mandala.

Acima o sol e o céu azul, desta vez uma tonalidade de azul claro que foi usado tanto para fazer o céu quanto para fazer o rio. Interessante observar que o adolescente dividiu o espaço em três partes, desenhando no meio três montanhas pintadas de marrom e abaixo o rio.

Desenhar na parte central simboliza estar no limite entre o consciente e o inconsciente. Para diversos estudiosos, entre eles Fincher (2010), a posição de cores e formas nas mandalas pode indicar se aquilo que é simbolizado está próximo da percepção consciente, longe da consciência ou atravessando o limiar da consciência.

Quando estava desenhando, ele disse que pensou em fazer montanhas porque veio no pensamento e relatou que "sente uma vida melhor

e mais calma, não sente mal-estar". Ao falar sobre seu desenho disse que "a montanha traz volume, paisagem do tempo indo embora, o sol abaixando". Ainda com relação às montanhas, disse que: "desenho com montanha traz tranquilidade, paz". A montanha, para ele, representa "liberdade e ao se imaginar na montanha, se sente bem, pensa em igualdade, que é uma pessoa livre". Indagado sobre o que é ser uma pessoa livre, ele afirma: "uma pessoa livre faz atividades como jogar bola, nadar, brincar, faz pulseirinha, fazer mais amizades e fazer as pessoas rir". Nessa fala, o adolescente B demonstra a vontade de ter uma vida alegre e participar de atividades próprias de sua idade, como: jogar bola, nadar, brincar.

d) **Mandala do Ser 4: *Vida Boa***

Na mandala do ser 4, intitulada pelo adolescente "Vida Boa" (Figura 2), o adolescente B fez um círculo pequeno e desenhou o TAO na vertical no círculo. Os demais elementos ficaram fora do círculo. Ao lado do círculo, desenhou duas nuvens e um sol no canto direito e três montanhas no centro do papel, no limiar da consciência. Ao apresentar seus desenhos, voltou a afirmar que as montanhas significam para ele liberdade e comentou que nunca tinha ficado tanto tempo longe de casa. Disse que "foi ruim esse tempo de internação e o pior foi ficar longe da família. O tratamento é bom, ajudou, deu uma firmada". Essa fala do adolescente sugere que tomou consciência da sua realidade e a importância do tratamento.

O adolescente B desenhou pela segunda vez o símbolo do *Tao*[54], desta vez na metade superior do papel e nas cores preto e branco, as cores originais do Tao, o que também sugere que tenha evoluído no processo de Individuação e/ou conscientização. Este fato nos fez lembrar os comentários de Fincher (1998) que afirma que a obra de Jacob Boehme era polêmica por afirmar que todas as coisas são constituídas de um aspecto de trevas e outro de luz, mesmo Deus. "Suas mandalas parecem estar divididas em duas partes compreendidas pela totalidade maior do círculo. Podemos ver em seu

[54] Tao significa, traduzindo literalmente, o Caminho.

trabalho a convicção de que a forma do círculo contém e organiza elementos díspares num todo harmonioso" (FINCHER, 1998, p. 29).

Arcuri e Dibo (2010) apresentaram dois estudos de caso de acordo com a técnica da mandala. No primeiro caso, ela comenta a mandala de um aluno que desenhou o *Tao* no centro da mandala. Em seu relato, o aluno expressou a polaridade que existia dentro dele, "o símbolo do yin-yang designa o aspecto obscuro e luminoso de todas as coisas; o aspecto terrestre e o celeste; o aspecto negativo e positivo; o aspecto feminino e o masculino; é, em suma, a expressão do dualismo e do complementarismo universal" (ARCURI; DIBO, 2010, p. 57).

O adolescente B relatou que desenhou o *town and country*, palavra que para ele designa o *Tao*, porque, para ele, representa o "bom e o ruim da pessoa". Ao fazer uma busca na internet por essa informação, encontraram-se algumas imagens do *Tao* no Google associadas ao PCC.

e) **Mandala do Ser 5: *Meu Lar***

Nesse dia os adolescentes estavam inquietos e o relaxamento foi feito com uma visualização. Aos poucos eles relaxaram e o adolescente B, que se mostrava bastante irritado, sentiu-se mais calmo. Apresentou muita seriedade ao falar com outro adolescente que estava ali com objetivo de participar da Oficina e não para ficar conversando. Neste momento, avalia-se que houve maturidade e envolvimento do adolescente B com a proposta da pesquisa.

Na mandala do Ser 5, intitulada "Meu Lar", o adolescente B desenhou duas nuvens azuis, um sol amarelo claro, três montanhas, uma casa de três andares de cor rosa com telhado marrom. Informou que gostou de desenhar mais a casa, não apertou o lápis, pintou leve, não deixou espaço em branco no círculo (sol) e usou um amarelo iluminado.

O que chamou a atenção nessa mandala foi a utilização da cor rosa, pois ele vinha utilizando as cores preto, marrom, azul e amarelo ouro. De acordo com a tradição antiga o rosa é uma cor masculina, é a cor do charme, da gentileza, da amabilidade, da sensibilidade, da sentimentalidade. Todos

os sentimentos que pertencem a essa cor são positivos. Segundo Heller (2013, p. 213) "a cor-de-rosa é, na verdade, a única cor a respeito da qual ninguém pode dizer nada de negativo". De acordo com Fincher (1998), nas mandalas, o rosa orienta a busca pelo novo e a busca da proteção. De acordo com Simão (2017), o rosa nas mandalas, em geral, revela os prazeres e dores experimentados no corpo físico. Pode indicar que a saúde precisa de atenção. Orienta para a busca de proteção na própria pessoa.

O sol, símbolo de luz. "A alternância sono e vigília é regulada pela luz do sol. O sol, portanto, é um símbolo adequado para a vigília da consciência que ele estimula nos seres humanos" (FINCHER, 1998, p. 15). O adolescente B, ao falar sobre o desenho do sol disse: "O sol está indo embora, significa que passou mais um dia de vida que vai embora e de alimentos que Deus deu".

Perguntado como está se sentindo com a proximidade de sua alta hospitalar, ele informou que está ansioso. Disse que onde estava (hospital), todos os dias são iguais e não via a hora de ir embora. Disse que imagina a casa com a família dentro: ele, a mãe, o irmão, com tudo funcionando bem e tendo tudo de que precisa.

5.3 Análise das Mandalas do Adolescente B à luz Fincher

No quadro 1, são apresentados os elementos presentes no desenho do adolescente B

QUADRO 1
Elementos presentes nas mandalas do adolescente B

Mandalas do Ser	Elementos								
	Casa	Sol/Lua	Céu	Nuvem	Rio	Tao	Flor	Caminho	Montanha
Mandala 1 **"Casa de Andar"**	X	X	X						
Mandala 2 **"Passa Tempo"**	X	X				X	X	X	
Mandala 3 **"O Mundo deu volta"**		X	X		X				X
Mandala 4 **"Vida Boa"**		X		X		X			X
Mandala 5 **"Meu lar"**	X	X		X					X

Na mandala diagnóstico elaborada pelo adolescente B, foram utilizadas quatro cores: marrom, preto, azul e amarelo. Essas mesmas cores também estão presentes nas mandalas do ser do adolescente. Verifica-se o acréscimo da cor rosa apenas na Mandala do Ser nº 5, intitulada "Meu Lar", última mandala elaborada pelo adolescente. Este fato demonstra uma mudança no padrão.

Ao observarmos as cinco Mandalas do Ser produzidas pelo Adolescente B, verifica-se que alguns elementos se repetem. O sol é o elemento presente em 4 das 5 mandalas e a presença do sol nas mandalas do adolescente B reflete o momento em que se encontra na mudança do segundo para o terceiro setênio e sugere a busca pela individuação, confirmando o que Fincher (1998, p. 16-17) afirma, que nas antigas mandalas ao redor do mundo, e também desenhos circulares dos nossos ancestrais, sugerem a adoração ao sol e à lua e que "milhares de anos depois, o mesmo desenho é produzido espontaneamente por crianças pequenas durante o processo de desenvolvimento do sentido de identidade pessoal", Fincher (1998, p.17) afirma também que "ao representarem o sol, talvez tenham passado a se reconhecer como indivíduos separados e apartados do grupo. Dessas experiências, mediadas pela interação simbólica com a forma circular do sol, pode ter nascido a consciência do eu."

Os elementos casa e montanha aparecem em três mandalas, enquanto que os elementos céu, nuvem e *town and country* em duas mandalas.

O elemento casa foi desenhado no centro do papel. Segundo Fincher (1998), a forma que aparece no centro tem uma importância especial no momento. Nas falas do adolescente, esse elemento foi sempre relacionado à família. Aparece nas duas primeiras mandalas, no início do tratamento, onde o adolescente sente a falta da família e na última mandala, momento em que tem a perspectiva de voltar para casa e rever seus familiares.

O elemento montanha aparece nas três últimas mandalas. Ao retratá-las, desenhou três montanhas interligadas e, ao contrário do que disse na mandala diagnóstica, nessas três Mandalas do Ser, o Adolescente afirma que para ele a montanha significa liberdade. Segundo Fincher (1998, p. 127),

"três é um número que sugere vitalidade, energia e movimento. (...) Ele simboliza a unidade familiar criada com o nascimento de um filho".

Para Fincher (1998, p. 51) e outros autores (ARCURI; DIBO, 2010, p. 57), as formas e "as cores da metade superior da mandala costumam estar relacionadas com o processo consciente", atitude de expectativa da vida, projetos futuros. Aquelas que se encontram na metade inferior tendem mostrar o que se passa em seu inconsciente, são os conflitos, o instinto e insegurança. Desta forma, o *Tao* desenhado e que em si significa a dualidade, na primeira vez desenhado na parte inferior (inconsciente) e, posteriormente na parte superior, indica uma tomada de consciência quanto às perspectivas do adolescente, sugerindo um efeito terapêutico das Oficinas de Mandalas como coadjuvante no tratamento do adolescente.

Nas duas últimas mandalas, o adolescente B desenhou duas nuvens. Segundo Fincher (1998, p. 125) "em psicologia algumas fontes equiparam o dois com a sombra, e o utilizam para sugerir um aspecto menor da pessoa, que obstante tem uma forte ligação com ela".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho constituiu para nós um grande desafio por buscar avançar no estudo da eficácia das Oficinas de Mandalas em situação de internação hospitalar. No que concerne ao levantamento dos fundamentos que sustentaram essa intervenção, procurou-se ampliar seu escopo em relação ao estudo anterior realizado pelos colegas da ALUBRAT no HC/IPq. Para isso, realizou-se uma descrição em profundidade sobre a natureza do serviço, a fase biográfica dos participantes, bem como o estado de vulnerabilidade em que estes se encontravam. Pautadas pela estrutura que a metodologia adotada nos impôs, e com atenção aos cuidados éticos requeridos, procurou-se ampliar o rigor na descrição da fundamentação teórica apresentada.

Ao analisar o caso do adolescente B nas Oficinas de Mandalas realizadas no CAIS Clemente Ferreira, em Lins, mostrou-se a importância da realização dessas técnicas expressivas como coadjuvantes no processo de desintoxicação dos adolescentes, possibilitando aos adolescentes, conforme

visto nos relatos, que a participação nas oficinas criou espaços saudáveis, de conforto e possibilidade de se perceberem, onde puderam expor seus problemas e dificuldades com a relação familiar, com as drogas e a dificuldade de enfrentar o momento em que estão vivenciando, por ser um momento assustador, principalmente por não estarem acostumados a permanecer afastados da família por tanto tempo.

Conclui-se que, assim como no trabalho desenvolvido por Splendore et al. (2014), a utilização da mandala como fonte de reconhecimento e cura ajudou no reconhecimento de estado interno, no relaxamento e melhoria do bem-estar, na organização do pensamento e num maior autoconhecimento dos adolescentes. Além da ação terapêutica foi "uma atividade prazerosa", de acordo com o relato dos adolescentes. Os adolescentes, de um modo geral, afirmaram ter gostado de participar da Oficina de Mandalas.

As vivências proporcionadas pelas Oficinas de Mandalas, uma ferramenta transpessoal utilizada como coadjuvante no tratamento de adolescentes em tratamento de dependência química, mostraram-se um promissor recurso a ser utilizado por favorecer momentos de introspecção e de reflexões, favorecendo a tomada de consciência dos participantes sobre seus sentimentos e sonhos.

Esse trabalho também vem a contribuir para um maior conhecimento sobre a atenção infanto-juvenil, que, assim como afirmou Jelfini e Reis (2012 apud SILVA, 2018), ainda são escassos.

REFERÊNCIAS:

ARCURI, I.G.; DIBO, M. **Arteterapia e Mandalas**: uma abordagem Junguiana. São Paulo: Vetor, 2010.

CEARÁ. Assembleia Legislativa. **Cada vida importa.** Relatório final do Comitê cearense pela prevenção de homicídios na adolescência. Fortaleza: Assembleia Legislativa do Ceará, 2016.

CONCEIÇÃO, D. S. *et al*. Atendimentos de crianças e adolescentes com transtornos por uso de substâncias psicoativas nos Centros de Atenção Psicossocial no Brasil, 2008-2012. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 27 (2); e 2017206, 2018.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade.** São Paulo: Harbra, 1986.

FINCHER, S. F. **O autoconhecimento através das mandalas**.10.ed. São Paulo: Pensamento, 1998.

HELLER, E. ***A Psicologia das cores****:* como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
LANZ, R. ***A Pedagogia Waldorf****:* caminho para um ensino mais humano. 4.ed. São Paulo: Antroposófica, 1986.
MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1982.
MARQUEZ, A.C.P.R.; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras Psiquiatr**, Rio de Janeiro, 2000; 22 (Supl. II): p.32-36.
PISARIK, C. T.; LARSON, K. R. *Facilitating College Students' authenticity and psichological well-being through the use of mandalas*: *an empirical study*. ***Journal of Humanistic Couseleing***, spring 2011, v. 50, American Couseling Association, p. 84 - 98.
REICHOW, J. R. C. **Processos de significação em estados ampliados de consciência dentro de uma abordagem transdisciplinar holística:** estudo de caso com crianças de uma escola pública de Porto Alegre. 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
SÃO PAULO. **Projeto Terapêutico 2004/2005.** Centro de Atenção Integral à Saúde - Histórico. Lins, 2004, s/n.
_____. **Projeto terapêutico 2015/2016.** Centro de Atenção Integral à Saúde - Gerência de Atenção Integral à Saúde V – Dependência Química. Lins, 2015, p. 43-47.
_____. **Projeto normas e rotinas**: Gerência de Atenção Integral à Saúde V – Dependência Química. Lins, 2018.
_____. Secretaria de Estado da Saúde. **CAIS Clemente Ferreira - Lins**. In: http://saude.sp.gov.br/coordenadoria-de-recursos-humanos/areas-da-crh/qualidade-de-vida-do-trabalhador-da-saude/programa-de-preparacao-para-a-aposentadoria/o-programa-nas-unidades/cais-clemente-ferreira-lins. Acessado em: 30/12/2018.
_____. **GAIS V:** Dependência Química. In: http://www.caisclementeferreira.com.br/cais/nucleos/gais-5.php. Acessado em: 30/12/2018a.
SILVA, J.F.; CID, M.F.B; MATSUKURA, T.S. Atenção psicossocial: a percepção de profissionais de um CAPSII. **Cad. Bras. Ter. Ocup**., São Carlos, v.26, 2018. (p. 329 - 343).
SILVA, E. L.; e MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
SIMÃO, M. J. P. Oficina de mandala e o processo de individuação. In: **Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal.** Curitiba: URCI, 2018. (Apostila).
SPLENDORE, A. *et al*. Aplicação da abordagem integrativa transpessoal em serviço público de saúde mental. In: BERNI, L.E.V. (Org.) **Misticismo e saúde:** numa perspectiva transdisciplinar. Curitiba: AMORC, 2014. p. 419-446.
STEINER, R. **Educação na puberdade***:* o ensino criativo: duas conferências pedagógicas proferidas aos professores da Escola Waldorf Livre de Stuttgart, em 21 e 22 de junho de 1922. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.
YINM R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos**.** 4.ed. São Paulo: Bookman, sd.



NELSON RODRIGUES DE CARVALHO

Administrador de Empresa. *Coach*, formado pela Escola de Coaches do Instituto EcoSocial e pelo ICI – Integrated Coaching Institute. Foi executivo de RH em empresa de varejo de grande porte. Formação acadêmica em Administração de Empresas e pós-graduação em MBA de Gestão e Varejo pela FIA. E-mail: nelsoncarvalho03@gmail.com

ABSTRACT

Theme: Coach training programs in Brazil. **Aim**: Providing an overview of how professional coach training programs occur in the country. **Method**: Document analysis in cyberspace. **Results**: Historical, theoretical and associative aspects were researched to contextualize coaching in Brazil. Coaching is a professional practice that has not yet been regulated. The research discovered that training is offered by 75 schools, providing a total of 164 coach training programs, which are distributed in four categories, three of them classified as open courses (basic training, specialization and master), with different durations and no standardization. In the fourth category, there are specialization courses in postgraduate programs, which follow the Ministry of Education's normative standards. Only one of the 12 courses studied in this fourth category has an integrated, interdisciplinary and transdisciplinary focus in coaching: The *Traditional Knowledge and Integrative Theories in Transpersonal Coaching* course (2017-2019). The other coach training programs present coaching modules developed by open courses and management modules offered by colleges.

Keywords: coaching, professional qualification, certification courses, vocational training market

5

A FORMAÇÃO EM *COACHING* NO BRASIL: CENÁRIO DE UMA PRÁTICA PROFISSIONAL NÃO REGULAMENTADA

RESUMO

Tema: Formação em coaching no Brasil; **Objetivo**: traçar-se um panorama de como se dá a formação do profissional de *Coaching* no país; **Método**: análise de documentos no ciberespaço; **Resultados**: Levantaram-se aspectos históricos, teóricos e associativos que contextualizam o *Coaching* no cenário brasileiro. Trata-se de uma prática profissional que não possui regulamentação. Apurou-se que a formação é oferecida por 75 escolas, que oferecem um total de 164 cursos de *Coaching*, distribuídos em quatro categorias, sendo três delas classificadas como cursos livres (formação básica, especialidades e *master*), com diferentes cargas horárias, não existindo uma padronização; na quarta categoria situam-se os cursos de pós-graduação em nível de especialização, que seguem o padrão normativo do Ministério da Educação (MEC). Dos 12 cursos estudados nesta categoria apenas um tem seu foco integrado e inter e transdisciplinar em *Coaching*, tratando-se do curso *Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal* (2017-2019); os demais apresentam módulos de *Coaching* desenvolvidos por escolas livres e módulos de gestão oferecidos por IES.

Palavras-chave: *Coaching*; capacitação profissional, cursos livres, mercado de formação profissional

INTRODUÇÃO

O *Coaching* está em alta no mercado, com demandas significativas por parte de empresas e pessoas. Assim, há uma grande oferta de cursos e de profissionais atuando como *Coaches*, tratando-se, todavia, de uma atividade profissional não regulamentada. Existem entidades que atuam no mercado nacional e internacional como entidades certificadoras, definindo requisitos mínimos como competências necessárias para ser *Coach,* além de estabelecerem padrões de conduta para tal atuação. Desta forma, há uma profusão de cursos de *Coaching* no mercado com diferentes enfoques, formatos, métodos e cargas horárias. Assim, as perguntas que direcionaram esta investigação foram: O que de fato diferencia os cursos de *Coaching* oferecidos no mercado? Há estruturas que são comuns nos diferentes cursos oferecidos? É possível caracterizar elementos essenciais no currículo dos programas de formação? Que lugar ocupa o curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal neste universo?

Este artigo aborda a investigação realizada no universo heterogêneo dos cursos de formação de *Coaching* no Brasil, cujas ofertas estão disponíveis no ciberespaço (internet). Os dados foram colhidos em novembro de 2018. O objetivo foi o de traçar-se um panorama de como se dá a formação do profissional de *Coaching* no país, procurando detectar possíveis tendências com base no universo amostral. Desta forma, este trabalho é apresentado em quatro partes. Iniciamos contextualizando o *Coaching* a partir de seus aspectos históricos e teóricos; depois seguem-se os elementos metodológicos adotados na investigação; em seguida os resultados obtidos e, por fim, são apresentadas as conclusões.

1 - CONTEXTUALIZANDO O *COACHING*

1.1 – Aspectos Históricos

Antes do *Coaching* no mundo organizacional se tornar uma prática comum no mercado brasileiro, o *Coaching* esportivo já estava presente desde a década de 70, e se popularizou ainda mais depois que William Timothy

Gallwey (RICCI, 2013) levou suas técnicas de aprendizagem e aconselhamento para o mundo dos esportes, a partir do conceito de "aprender a aprender" ,em alinhamento com o Relatório Delors (UNESCO, 2010). Surgia nesse momento uma revolução no processo de ensino e aprendizado esportivo, denominado *Coaching*.

De acordo com Gallwey (apud RICCI, 2013), em cada atividade humana há duas arenas de combate, a externa e a interna.

> O jogo exterior é jogado em uma arena externa para superar obstáculos para alcançar um objetivo externo. O jogo interior ocorre dentro da mente do jogador e é jogado contra obstáculos como medo, insegurança, lapsos de foco, e os conceitos de limitação ou suposições. O jogo interior é jogado para superar os obstáculos autoimpostos que impedem um indivíduo ou equipe acessar todo o seu potencial. (RICCI, 2013, pág. 9-10)

Durante as décadas de 70 e 80, o *Coaching* esteve associado à superação dos desafios profissionais de desportistas e foi aplicado de forma paulatina do mundo esportivo ao mundo empresarial, especialmente nos Estados Unidos. Nos anos 80 aconteceu a grande expansão do Vale do Silício e o *Coaching* entra no mundo organizacional, se consolidando como uma atuação no mundo dos negócios. Segundo D'Zanna (2013), programas de liderança passam a incluir o conceito de "*Coaching* Executivo" e a partir desse momento, o *Coaching* aparece como um poderoso veículo de desenvolvimento humano pessoal e profissional.

A história do *Coaching* no Brasil está ligada ao estreitamento de relações empresariais entre multinacionais estadunidenses e brasileiras, o que permitiu às empresas brasileiras, ao longo da última metade do século XX, aproximarem-se de práticas administrativas criadas nos Estados Unidos trazendo-as para as empresas filiais no Brasil. Foi assim que as práticas de *Coaching* muito comuns na década de 1990 nos EUA, chegaram no Brasil e, em pouco tempo, tiveram aqui grande penetração no mercado (KRAUSZ, 2007). Com o advento da globalização, o exercício do *Coaching* foi realizado dentro de ecossistema de empresas multinacionais e ingressaram no âmbito

das orientações de recursos humanos na transição de uma organização verticalizada para uma organização matricial, com foco em equipes multidisciplinares. Este processo obrigou empresas grandes a adotarem um método de formação contínua do profissional para o ecossistema organizacional, pois a academia já não atendia de forma adequada as necessidades para os princípios de orientação econômica e estratégica das empresas, assim foram instituídas as Universidades Corporativas.

Nos anos seguintes, com o crescente número de *Coaches* no mercado, assim como o número de escolas de formação, veio a necessidade de se ter instituições que pudessem balizar a aplicação e conduta desta nova profissão. A *International Coaching Federation* – ICF, fundada em 1995 e presente no Brasil, é a principal organização mundial dedicada a este propósito. (D'ZANNA, 2013)

Na década atual, indivíduos e organizações reconhecem cada vez mais o valor de um Processo de *Coaching*. "O *Coaching* vem ganhando credibilidade e conquistando respeito e reconhecimento com diferentes focos: Vida, Bem-estar, Saúde, Executivo, Profissional, Carreira, entre outros" (D'ZANNA, 2013, pág. 29).

1.2 -Aspectos Teóricos

O *Coaching* é uma prática multiprofissional cujos conteúdos parecem estar situados entre várias disciplinas. Trata-se, portanto, de um campo interdisciplinar situado na grande área das Ciências Humanas. Por conta de sua natureza emergente como área de atuação, que reúne diferentes conteúdos de suas características práticas terem filiação fora de sua área, outros corpos teóricos e metodológicos criaram sinergia para criar as justificativas teóricas, conceituais e mesmo ontológicas e epistemológicas do *Coaching,* que fundamentam sua prática.

As teorias que mais influenciaram a composição do *Coaching*, segundo Brock (apud MARION, 2019), foram os estudos da Psicologia e as Teorias Organizacionais, seguidos da Andragogia, Esportes e Artes Cênicas.

De uma forma mais implícita a essas influências, estão a Filosofia, Sociologia, Antropologia, Educação, Linguística, Biologia, Neurociência e a Teoria de Sistemas.

Marion (2019, págs. 16-18) apresenta uma tabela, baseada no trabalho de Brock (2008), denominada "As raízes do *coaching*", que reúne as diversas literaturas que contribuíram para a construção do *Coaching*:

QUADRO 1 (A)
Fontes Teóricas Do *Coaching* Segundo Brock (2008)

Literatura	Disciplina	Subdisciplina	Influência no *Coaching*
Literatura de Ciências Sociais	**Psicologia** – todos os estudos da psique humana	Psicologia estrutural e funcional	Estrutura e funcionalidade do foco, percepção, auto-observação e consciência de pensamento e sentimento.
		Psicologia humanista	**Stober (2006)** Visão orientada para o crescimento de um indivíduo; visão holística da pessoa, escolha e responsabilização.
		Psicologia comportamental	**Peterson (1996)** Modelagem, *feedback*, autogestão, recompensa e reforço.
		Psicologia cognitiva	**Auerback (2006)** Pensamento tudo ou nada; supergeneralização; filtro mental e leitura mental.
		Psicologia transpessoal	Autoconhecimento.
		Psicodinâmica	Dinâmica de interação entre o indivíduo e o seu ambiente.
		Especialidades	PNL; psicologia positiva.
	Sociologia - Estudo das relações sociais		Mudança cognitiva, mudança de valores e mudança comportamental a partir de relações sociais.
	Linguística – Comunicação e linguagem		Realidades criadas a partir do que se diz.
	Antropologia – Estudo das manifestações do comportamento humano.		Feedback. Aceitação e mudança.

QUADRO 1 (B)
Fontes Teóricas Do *Coaching* Segundo Brock (2008)

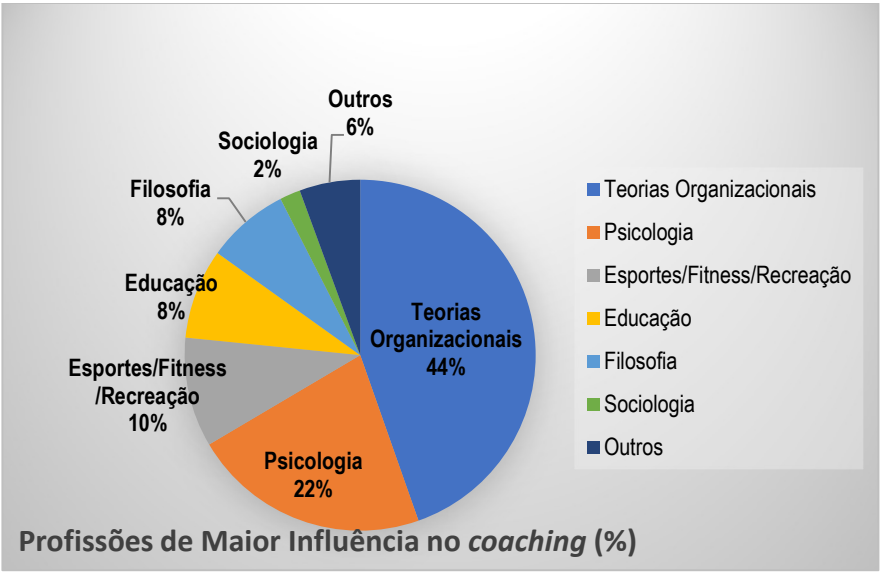
Literatura	Disciplina	Subdisciplina	Influência no *Coaching*
Literatura da Teoria das Organizações	**Teorias Organizacionais –** Desde as bases da administração industrial à abordagem humanística e de liderança.	Gestão	Estilo de liderança; Melhoria contínua; Avaliação de desempenho.
		Desenvolvimento Organizacional	Diagnóstico organizacional; Construção de equipes, etc.
		Consultoria	Parceria de desenvolvimento e superação.
		Treinamento	Desenvolvimento de habilidade ou conhecimentos específicos.
		Desenvolvimento de carreira	Identificação de pontos fortes, personalidade, habilidades, interesses e valores.
		Facilitação	Condução de processos com imparcialidade.
		Recursos Humanos	Gestão de pessoas e de competências.
		Liderança	Modelos de liderança e competências.
Literatura de Processos de Ensino e Aprendizagem	**Andragogia –** Aprendizagem autodirigida dos adultos.		Aprendizagem baseada em alvos; Aprendizagem customizada.
	Aprendizagem Adulta – Estágios de Desenvolvimento		Avaliação de Habilidades; *Life Long Learning* (Aprendizagem para toda a vida)
Literatura dos Esportes	Psicologia nos esportes.		Aprendizagem experimental e adversário interior.

QUADRO 1 (C)
Fontes Teóricas Do *Coaching* Segundo Brock (2008)

Literatura	Disciplina	Subdisciplina	Influência no *Coaching*
Literatura de Filosofia	Filosofia oriental	Hinduísmo Budismo Taoísmo Confucionismo	Flexibilidade, adaptabilidade, simplicidade, felicidade apropriada, tolerância, paz interior e integridade.
	Filosofia ocidental	Filosofia analítica	Estudos da mente.
		Filosofia existencial	A imprevisibilidade da vida, da liberdade individual e do subjetivismo.
		Filosofia humanística	A vida como descoberta, uma aventura a ser explorada, busca por conhecimento e explorando opções.
		Filosofia fenomenológica	Experiências conscientes e inconscientes.
		Filosofia teológica	Ajudar outros a compreenderem e viverem o plano de Deus para si.
		Filosofia ontológica	Considerar o contexto histórico do indivíduo.
		Filosofia integral	Integração de corpo, mente, alma e espírito.
Literatura de Outras Áreas	Artes cênicas		Expressão artística e emocional.
	Comunicação		Comunicação verbal e não verbal.
	Criatividade		*Brainstorming*, perguntas eficazes; ouvir e inovação.
	Ciências Naturais	Biologia	Estudo da Fisiologia Humana
		Teoria de Sistemas	Integração das Ciências Sociais com a Biologia, a Física e a Química corporal.
		Neurociência	Estudo do cérebro humano e seus sistemas.

Marion (2019, pág. 19) apresenta um gráfico, conforme uma pesquisa conduzida por Brock (2008), onde o grau de influência dos modelos de *Coaching* pode ser medido estatisticamente:

GRÁFICO 1
Profissões de Maior Influência no *Coaching* segundo Brock (2008)



A Psicologia teve sua maior influência nas teorias e modelos de *Coaching*, enquanto as Teorias Organizacionais influenciaram mais nas ferramentas e aplicativos usados no *Coaching* (MARION, 2019).

O *Coaching* não é uma profissão regulamentada. O fato de não haver critérios mínimos ou uniformes no exercício da profissão. Num mercado livre há alguns fatores parecem atuar no estabelecimento de uma estruturação, de auto-organização, que tende a ir definindo o campo, são elas: a) As instituições formadoras que vão se sondando entre si (competindo), definindo um campo comum; b) A busca dos profissionais por formação de uma qualificação que lhes seja mais adequada, entre vários programas de treinamentos oferecidos pelo mercado; c) A Estruturação de Organizações Internacionais que buscam definir critérios formativos oferecendo, em

contrapartida uma certificação credenciando cursos e profissionais. O credenciamento a uma determinada federação ou associação pode ser necessário ou recomendado, dependendo do perfil da clientela ou das organizações de atuação do *Coach*.

Marion (2019) adverte:

> Ao avaliar as diferentes associações e federações de C*oaching*, tanto nacionais como internacionais, observe sua credibilidade no mercado e se ela demonstra clareza e acessibilidade quanto às normas para a prática profissional. Aspirantes ao credenciamento precisam aderir a tais normas. Padrões são na maioria das vezes expressos por meio de código de conduta ou de código de ética. Esses padrões servem para orientar seus membros no que diz respeito a lidar com o público e entre si (MARION, 2019, pág. 239).

Os critérios de credenciamento são norteadores para a escolha entre os diversos cursos disponíveis no mercado. A formação de um *Coach* pressupõe o desenvolvimento de uma série de competências que vão muito além da participação em um curso. Segundo Carneiro (2014), vontade, vocação e, sobretudo, experiência, são fundamentais para formação de um bom *Coach*:

> Para estarmos à altura de ouvir o outro criteriosamente, e podermos acompanhá-lo em sua jornada de transformação, assegurando que ele percorra o seu próprio caminho de crescimento, precisamos de experiência; no mínimo ter passado por caminhos semelhantes que propiciaram uma bagagem de autoconhecimento, o que também não se encontra facilmente em qualquer curso de final de semana ou em apostilas. Trata-se de alcançar uma maturidade que é fruto de uma vivência rotineira, na qual o *coach* amplia a sua percepção para colocar-se a serviço de seu cliente, em sua totalidade, contando com um amplo repertório que o respalde da maneira mais conscienciosa possível (CARNEIRO, 2014, págs. 16 e 17).

O estado atual da prática do *Coaching* sugere que o aprendizado de um *Coach* seja contínuo, levando-se em conta uma trajetória pessoal de experiência e numa busca consciente.

Aranha (2013, pág. 14-16) afirma que os critérios de contratação de C*oaching* no mercado têm recaído sobre algumas características reconhecidas como essenciais: a) Experiência profissional em *Coaching*; b) Background profissional e experiência em geral; c) Qualificação técnica e treinamento; d) Filosofia, a abordagem e a metodologia; e) Histórias de sucesso; f) Supervisão de outro *coach*; g) Filiação a Associações de Classe; h) Credenciais e i) Referências.

1.3 - Aspectos Associativos

O mercado nacional e internacional dispõe de várias associações e federações que balizam a formação do profissional de *Coaching*, procurando imprimir ao campo uma normatização.

A *ICF - International Coaching Federation* é um desses casos que descreveremos a seguir. Fundada em 1995, parece ocupar a liderança no setor. Contando com mais de 25 mil membros associados em 126 países. A *ICF* oferece uma certificação tanto para *Coaches* profissionais (Credenciamento de *Coaches*) quanto para as escolas e seus programas de treinamento (Acreditação de Programas).

No quadro a seguir, extraído do site da *ICF*, são apresentadas as 3 credenciais oferecidas pela organização: *ACC (Associate Certified Coach), PCC (Professional Certified Coach) e MCC (Master Certified Coach*). No detalhamento são descritas as horas requeridas de treinamento e experiência.

QUADRO 2
Credenciais ICF[55]

	ASSOCIATE CERTIFIED COACH (ACC)	*PROFESSIONAL CERTIFIED COACH* (PCC)	*MASTER CERTIFIED COACH* (MCC)
	Para o *coach* com prática	Para o *coach* com comprovação	Para o *coach* expert
Horas de treinamento completadas	60+	125+	220+
Experiência Requerida	100+	500horas (450 pagas) de experiência de *Coaching* com pelo menos 25 clientes após o início do treinamento específico do *Coach*. Pelo menos 50 dessas horas devem ocorrer dentro dos 18 meses anteriores à apresentação do pedido de credencial.	2.500+

No próximo quadro, também extraído do site da *ICF*, os programas de treinamento são agrupados em 3 diferentes categorias: *ACTP (Accredited Coach Training Program), ACSTH (Approved Coach Specific Training Hours) e ACC (Continuing Coach Education).*

[55] Fonte: https://www.icfbrasil.org/credenciamento-individual

QUADRO 3
Tipos de Aprovações de Programas – ICF[56]

ACTP	***Accredited Coach Training Program*** Esses tipos de programa de treinamento são considerados programas com tudo incluído. Esses programas são obrigados a fornecer aos *coaches* um nível de treinamento em *coaching* do básico ao avançado; a oportunidade de prática de *coaching*; mentoria por um *coach* profissional da ICF (PCC no mínimo) e para avaliar as habilidades de *coaching* dos estudantes, também se faz necessário um revisor qualificado com nível de credencial PCC. Uma vez que um estudante/*coach* termina um programa completo ACTP, ele terá bastante treinamento e habilidades para aplicar para a credencial de *Professional Certified Coach* (PCC) que oferece a ICF. Por favor, note que o treinamento é apenas uma parte dos requisitos para apresentar uma candidatura para PCC. Estudantes/*coaches* também deverão ter horas de treinamento suficientes para solicitar a adesão global à ICF. Para ver a lista completa dos requisitos de aplicação para este tipo de programa, por favor, CLIQUE NO https://www.icfbrasil.org/acreditacao-de-programas-de-formacao**.**
ACSTH	***Approved Coach Specific Training Hours*** Esses tipos de programas são considerados à *la carte* em relação aos programas ACTP, na medida em que fornecem uma base para o nível intermediário de formação de *coach*. Esses programas são obrigados a fornecer pelo menos 30 horas de treinamento específico de *coach* e a oportunidade de prática de *coaching*. Uma vez que os alunos/*coaches* completaram um programa ACSTH, eles podem usar essas horas para sua adesão à Associação Global ICF e uma das três credenciais ICF. Para ver a lista dos requisitos de aplicação para esse programa, por favor, CLIQUE NO https://www.icfbrasil.org/acreditacao-de-programas-de-formacao
CCE	***Continuing Coach Education*** Esses programas destinam-se a assegurar a formação de *coaches* que já têm credenciais ICF ou que tenham recebido treinamento básico de *coaching*. Estes programas destinam-se a ajudar *coaches* para renovar suas credenciais. Para ver a lista completa dos requisitos de aplicação para esse tipo de programa, por favor, CLIQUE NO https://www.icfbrasil.org/acreditacao-de-programas-de-formacao

[56] Fonte: https://www.icfbrasil.org/acreditacao-de-programas-de-formacao

Em resumo, os programas ACTP são considerados "programas com tudo incluído" (formação e mentoria) e atendem do nível básico ao avançado. Os programas ACSTH oferecem somente o treinamento, e atendem até o nível intermediário. Ambos se destinam à formação de um *Coach.* Já os programas CCE são programas de atualização e se destinam a *Coches* formados.

Para obter a credencial *ACC* (*Associate Certified Coach*) é necessário ter pelo menos 60 horas em *Coaching*, 10 horas de Mentoria (exceto programas **ACTP**), 100 horas de experiência em *Coaching (*75 horas pagas e 8 clientes*)*, comprovadas em planilha. Além disso, completar o ***Coach Knowledge Assessment (CKA)***[57]**.**

Outras instituições internacionais também promovem a certificações de *Coaches* e dispõem de códigos de ética próprios, sendo que algumas atuam em nichos específicos do mercado de Coaching, são elas:

a) WABC – *Worldwide Association of Business Coaches* – Canada - Website: www.wabccoaches.com;
b) *Association for Coaching (AC)* – Reino Unido -Website: www.associationforcoaching.com;
c) *The International Association of Coaching (IAC)* – EUA- Website: www.certifiedcoach.org;
d) *Association of National Organizations for Supervision in Europe (ANSE)* – Alemanha -Website: www.anse.eu;
e) *Institute of Coaching Professional Association (ICPA)* – EUA - www.instituteofcoaching.org;
f) *Behavioral Coaching Institute* – EUA – Website: www.behavioral-coaching-institute.com

[57]As informações mais detalhadas estão no site https://www.icfbrasil.org/credenciamento-individual /associate-certified-coach-acc

2 - MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DE CAMPO

Partindo da hipótese de que a imensa maioria dos cursos de *Coaching*é oferecida no ciberespaço (internet), a rede tornou-se o campo de investigação onde se encontra a população estudada. Desta forma, adotou-se como critério uma abordagem descritiva de investigação (SILVA e MENEZES, 2005).

Os procedimentos técnicos recaíram sobre a *análise de documentos na internet* conforme descrita por Flick (2009, apud CAMBAIM, BEZERRA e GUIMARÃES, 2015) por possibilitar o acesso a "grande volume de documentos na Web com conexões entre si ou entre sites específicos" (pág. 1126). Além disso, para evitar problemas de dispersão, adotou-se como critério amostral o *intencional* (idem), por meio da plataforma Google, com a consigna *"Curso de Formação de Coach",* com aplicação de filtros.

Para que se possa dimensionar, enquanto uma pesquisa livre (sem filtros) em 8,870,000 resultados em 0.57 segundos em 03.11.2018, no módulo Pesquisa Avançada e com os filtros selecionados, o número de resultados se reduz para 123, na mesma data.

Antes de serem aplicados os 13 critérios de Pesquisa Avançada, optou-se por expor os resultados em número de 100 por página. Tal procedimento se justifica, pois diferente da pesquisa livre, na pesquisa avançada não há como contabilizar exatamente os resultados. Assim, são mais fáceis de contabilizá-los após inserção dos filtros.

Foram definidos 13 filtros critérios de pesquisa avançada: 1) Campo "Localizar páginas com todas estas palavras". Foi definida a frase "*cursos de formação de Coach"* para pesquisa booleana em qualquer parte de sítio web na rede; 2) No campo "Localizar páginas com esta expressão ou frase exata". Não foi incluída qualquer frase, pois consideramos que o uso de frases específicas reduziria sobremaneira a amostragem; 3) No campo "Localizar páginas com qualquer uma destas palavras", optou-se por não ampliar termos, pois ao adicionar "or" a pesquisa pode ser expandida fora do âmbito

específico da pesquisa indicada no item 1 "cursos de formação de *Coach*"; 4) No campo "Localizar páginas com nenhuma destas palavras", optou-se por não restringir o universo de pesquisa definido no item 1 com a palavra-chave "cursos de formação de *Coach*"; 5) No campo "Localizar páginas com números que variam de", optou-se por não indicar quaisquer números ou intervalo deles, por não se aplicar à pesquisa; 6) No campo "*Idioma*", foi definido que apenas cursos oferecidos em língua portuguesa serão analisados; 7) No campo "Região", foi definido como limite de pesquisa o território nacional brasileiro, portanto, Brasil; 8) No campo "última atualização" foi definido como delimitador de pesquisa *páginas atualizadas "no último ano"*, que considero um elemento importante para cursos ativos e que constantemente renovam sua grade curricular ou promovem seus conteúdos na rede; 9) No campo "site ou domínio", foi mantido em branco, para não privilegiar nenhum site ou organização em especial; 10) No campo "*termos que aparecem",* indica-se "*qualquer lugar da página".* Desta forma, a pesquisa do termo chave estende-se para todo conteúdo de uma página online; 11) No campo "Safe Search" foi indicado *"mostrar resultados mais relevantes"* de acordo com os algoritmos do Google; 12) No campo "tipo de arquivo" foi indicado "qualquer formato", o que inclui formatos em *html* ou arquivos em *pdf*, *.docx* ou *.xlsx* com a programação de cursos, quando existentes; 13) No campo "direitos de uso" foi definido como "não filtrado por licença", para não hierarquizar os resultados e deixar a amostragem a mais heterogênea quanto possível.

Os resultados obtidos foram consolidados por categoria e lançados num banco de dados *.xlsx* (planilha Excel, disponível para consulta) sendo sistematizados de acordo com os seguintes critérios: 1) ordem de entrada na pesquisa Google logo transformada em numeração por categoria de curso; 2) instituição que oferece o curso; 3) o curso de *coach* propriamente dito; 4) a carga horária; 5) o tipo de curso; 6) os objetivos; 7) a metodologia; 8) a modalidade; 9) a Unidade Federativa de onde o curso é ministrado; 10) o link de acesso ao conteúdo.

Quando as informações nos sites não eram suficientemente claras, tentou-se obter mais informações por meio de formulário eletrônico disponível nas páginas dos sites das instituições. Foram preenchidos 6 formulários, mas sem retorno por parte das escolas. Os dados informados do interessado foram automaticamente inseridos nas mídias digitais, como e-mail-marketing, Facebook e Instagram.

Realizaram-se, também, telefonemas para obter mais informações relativas à composição da grade dos cursos, pré-requisitos para participação e carga horária. Nos contatos telefônicos- dez ligações foram realizadas - foi observada uma forte abordagem de telemarketing, com uma série de perguntas, buscando a conversão da ligação por informação em inscrição. Quando se constatou essa tendência abortou-se esse procedimento.

3 - RESULTADOS

Chegou-se ao resultado de 123 anúncios, dos quais, após análise, 75 correspondiam, de fato, a cursos de formação de *Coach.* Foram excluídos 48 resultados que correspondiam a notícias de cursos, blogs sobre cursos de formação de *Coach* ou páginas diversas das instituições já elencadas. Assim, chegou-se a 75 instituições ou plataformas de ensino de *Coaching* diferentes (Rol de Instituições – disponível para consulta). A análise das instituições possibilitou encontrar 164 cursos de formação de *Coach* (Rol de Cursos de *Coaching* – disponível para consulta).

As propostas dos cursos foram analisadas em diferentes níveis conforme apresentado a seguir. Primeiro apresenta-se uma oferta dos cursos, depois

3.1 – Oferta de Cursos por Tipo, Modalidade e Região

A análise dos dados proporcionou identificar uma tipologia, modalidades de ensino e distribuição no território nacional, conforme apresentamos a seguir.

a) Tipos de Cursos de Formação de *Coach*:

- **Cursos de Formação Básica**: São *cursos livres*, com diferentes cargas horárias, são oferecidos por instituições não vinculadas ao Ministério da Educação (MEC), dirigidos a pessoas que buscam a qualificação para se tornarem *Coach*. Os pré-requisitos variam de acordo com a instituição, como, por exemplo, a exigência de curso superior. Há uma predominância de cargas horárias entre 60 e 140 horas.
- **Cursos de Especialidades:** São *cursos livres*, com diferentes cargas horárias, oferecidos por instituições não vinculadas ao Ministério da Educação (MEC). Nesta categoria de cursos ingressam todos aqueles destinados às especialidades em *Coaching,* dirigidos para *Coaches*-pessoas que realizam cursos de formação básica, que são pré-requisitos para a participação nestes cursos. São programas de treinamento que permitem ao profissional atualizar-se e conhecer novas abordagens. Geralmente têm carga horária mais enxuta.
- **Cursos de *Master Coach*:** São *cursos livres,* com diferentes cargas horárias, oferecidos por instituições não vinculadas ao Ministério da Educação (MEC). Considerado o ápice da formação livre em *Coaching*, esses cursos podem trazer o associado ao título com certificação internacional, que possibilita ao profissional, segundo cada norma de cada escola, atuar na formação de outros profissionais iniciantes (*mentoring*). Cada instituição, entretanto, define os pré-requisitos conforme sua grade de cursos.
- **Cursos de pós-graduação:** são *cursos oficiais* oferecidos por Instituições de Ensino Superior vinculadas ao MEC, com carga horária mínima de 360 horas/aula, podendo, ou não, se estruturar em parceria com Escolas Livres de *Coaching*.

Ao ser analisada a quantidade de cursos oferecidos pelos quatro tipos encontrados no universo amostral conforme **quadro 4**, **gráfico 2**. Observou-se que os cursos do tipo *formação básica* somam 37,2% (C1) do total de curso; que os cursos do tipo *especialidades* destinados a pessoas que já têm

um curso básico superam em 49,4% (C2) a oferta de cursos no mercado; enquanto as categorias *master* e o oficial de *pós-graduação* (especialização) encontram-se muito próximas uma da outra, 6,1% (C3) e 7,3% (, respectivamente. Se somados os cursos livres compõem a imensa maioria dos cursos oferecidos, perfazendo 92,7% dos cursos oferecidos no mercado, contra apenas 7,3 % (C4) de cursos oficiais, vinculados às diretrizes do MEC.

QUADRO 4
Distribuição dos Cursos por Categoria

Categoria	**Quantidade**
C1: Formação Básica	61
C2: Especialidades	81
C3: *Master*	10
C4: Pós-graduação	12
TOTAL	**164**

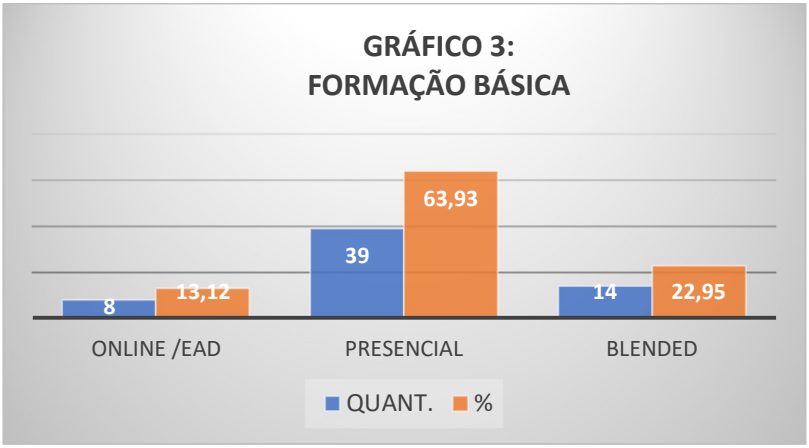


b) Modalidades de Oferecimento dos Cursos

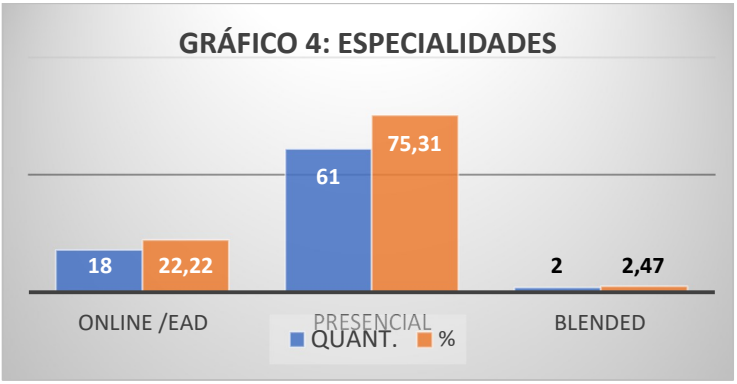
Outro dado relevante que emerge da análise dos dados, além da tipologia acima descrita, foi a modalidade de oferecimento dos cursos. Encontraram-se três modalidades de oferecimento de cursos: 1) Modalidade a Distância (EaD ou Online); 2) Presencial e 3) *Blended* (parte Presencial, parte online). No **quadro 5** e gráficos a seguir é possível observar que em todos tipos de curso há uma predileção pela modalidade presencial, havendo, todavia, nuances distintas para cada uma das modalidades, conforme apresentado a seguir.

QUADRO 5 –
Distribuição de Cursos de *Coaching* por Tipo/Modalidade

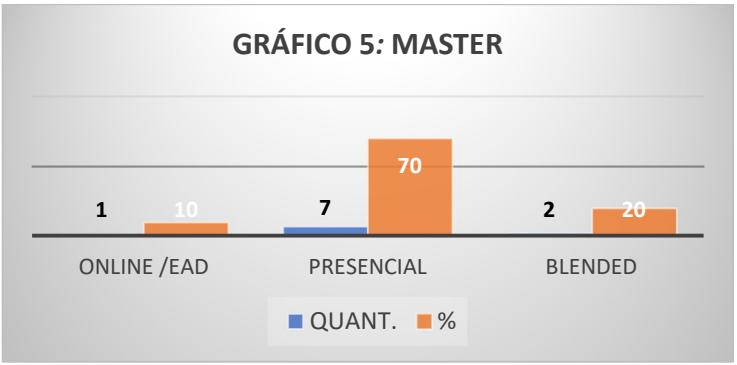
TIPO 1: FORMAÇÃO BÁSICA	**MODALIDADE**	**QUANT.**	**%**
	ONLINE /EAD	8	13,12
	PRESENCIAL	***39***	***63,93***
	BLENDED	14	22,95
	SUBTOTAL	61	100
TIPO 2: ESPECIALIDADES	**MODALIDADE**	**QUANT.**	**%**
	ONLINE /EAD	18	22,22
	PRESENCIAL	***61***	***75,31***
	BLENDED	2	2,47
	SUBTOTAL	81	100
TIPO 3: *MASTER*	**MODALIDADE**	**QUANT.**	**%**
	ONLINE /EAD	1	10
	PRESENCIAL	***7***	***70***
	BLENDED	2	20
	SUBTOTAL	10	100
TIPO 4: PÓS-GRADUAÇÃO	**MODALIDADE**	**QUANT.**	**%**
	ONLINE /EAD	0	0
	PRESENCIAL	***9***	***75***
	BLENDED	3	25
	SUBTOTAL	12	100
Total	**Modalidade**	**Quant.**	**%**
	Online/EAD	27	16,46
	Presencial	***116***	***70,73***
	Blended	21	12,81
	Subtotal	164	100



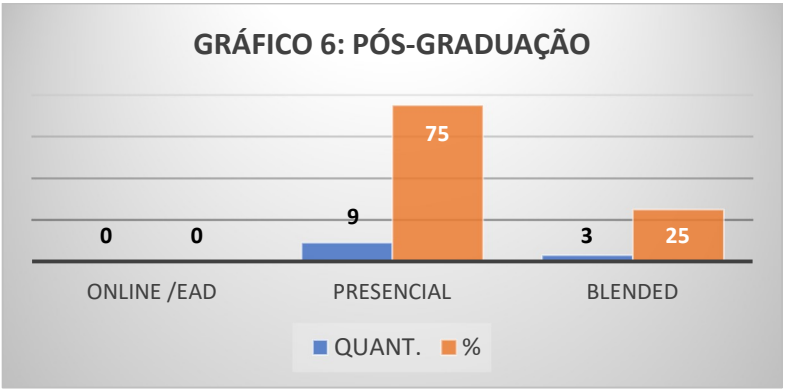
Para os cursos formação básica (livre) conforme expresso no **gráfico 3** observa-se que há uma expressiva concentração (63,93%) na modalidade presencial, seguida na modalidade *blended* (22,95), ou seja, onde se misturam a modalidade online e presencial e por último (13, 12%) a modalidade apenas online.



Para os cursos de Especialidade (livre) observa-se no **gráfico 4** uma tendência semelhante apresentada para a categoria de cursos básicos, ou seja, uma predileção para a modalidade presencial, sendo esta ainda um pouco acentuada (75,31%) que na categoria anterior, havendo uma expressiva diminuição para a modalidade *blended* (2,47%), que parece se deslocar para a modalidade *online* que tem, portanto, expressivo aumento (22,22%).



Para os cursos *master* (livres)observa-se no **gráfico 5** uma tendência semelhante apresentada nas categorias anteriores para a modalidade presencial (70%); a modalidade *blended* se aproxima mais da categoria de cursos básicos (20%), e a modalidade *online* abaixo das demais categorias (10%).



Por fim, para os cursos de pós-graduação (oficiais), conforme se observa no **gráfico 6**, prevalece a tendência de predileção para a modalidade presencial (75%); a modalidade *blended* tem uma representação maior nesta categoria (25%), e a modalidade *online* não tem nenhuma participação.

c) Distribuição dos Cursos de *Coaching* por Estados e Regiões

Analisou-se, também, a oferta geral de cursos em todas as modalidades; para tanto foram desconsiderados os cursos exclusivamente online, que juntos somam 27 cursos dos diferentes tipos. Assim, chegou-se a um universo de 137 dos 164 cursos. Os dados foram apresentados no **quadro 6** – por Estado da Federação; e **quadro 7** – por Região.

QUADRO 6
Distribuição dos Cursos Presenciais e *Blended* por Unidade da Federação

UF	Quant.	%
AM e RR	1	0,73
BA	1	0,73
DF	10	7,29
ES	1	0,73
GO	2	1,46
MG	5	3,65
MS	1	0,73
MT	1	0,73
PE	2	1,46
PR	3	2,19
RJ	14	10,22
RS	21	15,33
SC	4	2,92
SP	47	34,31
Poliestadual	24	17,52
Total	**137**	**100,00**

Os dados revelam uma tendência, de certa forma esperada, pois os grandes centros urbanos reúnem, naturalmente, a maior oferta de cursos. Em primeiro lugar desponta o Estado de São Paulo com47 cursos oferecidos, perfazendo 34,31 % do total de cursos de *Coaching*; seguido pelo Rio Grande do Sul, com 21 cursos, 15,33% da oferta; depois Rio de Janeiro, com 14 cursos, ou 10,22% da oferta; na sequência, o Distrito Federal com 10 cursos, ou 7,29% do total; Minas Gerais, com 5 cursos, ou 3,65% e, por fim, Santa Catarina com 4 cursos, ou 2,92% do total; Paraná com 3 cursos, ou 2,19% e Pernambuco e Goiás, com 2 cursos cada, perfazendo 1,46% do total. Os estados Amazonas/Roraima, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, com 1 curso cada um, perfazendo este grupo 3,65% do total de ofertas. Os únicos estados sem presença de nenhum curso de *Coaching* são: Acre, Amapá, Tocantins e Piauí.

Quando houve ocorrência de um curso oferecido em mais de três estados, mas sem abrangência nacional, este foi agrupado na modalidade

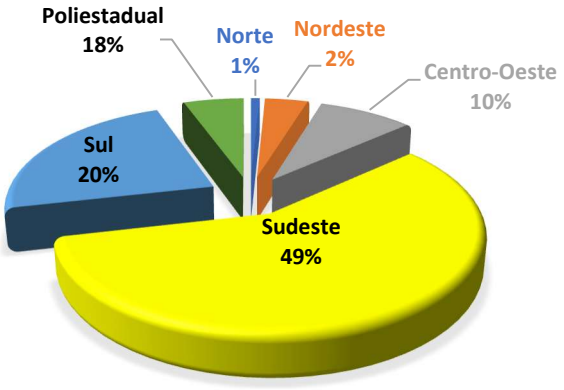
denominada poliestadual. Esta modalidade representa 17,52% do total de cursos de todas as categorias de formação de *Coach*.

No **quadro 7** e **gráfico 6** apresenta-se a distribuição da oferta por Região, confirmando, conforme já afirmado, uma tendência esperada, os principais mercados no oferecimento de cursos de *Coaching* estão nas regiões Sudeste e Sul.

QUADRO 7
Distribuição dos Cursos Presenciais e *Blended* por Região

Região	Quantidade	%
Norte	1	0,73
Nordeste	3	2,19
Centro-Oeste	14	10,22
Sudeste	67	48,90
Sul	28	20,44
Poliestadual	24	17,52
Total	**137**	**100,00**

GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA REGIONAL DOS CURSOS DE *COACHING* - 2018



3.2 – Análise Qualitativa das Propostas Pedagógicas Oferecidas nos Cursos de *Coaching*

A análise de uma proposta pedagógica se dá a partir de diferentes fatores. Os parâmetros básicos para avaliação da educação formal estão contemplados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96 (LDB) e são de responsabilidade do Ministério da Educação. No mercado regulamentado a formação profissional se dá nos cursos de graduação e/ou tecnologia que são regularmente avaliados pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, enquanto os cursos de pós-graduação são avaliados pela CAPES – Coordenadoria de Avaliação de Pessoal de Nível Superior.

Num mercado sem regulamentação, como é o caso do *Coaching*, nenhum parâmetro é requerido, pois os cursos são classificados como cursos livres. Como se viu 90% da oferta de cursos se dá nesta modalidade de ensino

(cursos livres). Todavia é desejável criar-se parâmetros para avaliar as propostas de cursos oferecidos no mercado. Assim, tomou-se como primeiro nível de análise, no que diz respeito à profundidade com a qual os conteúdos são abordados nos cursos, o critério "carga horária". Por óbvios, cursos que oferecem uma carga horária maior possibilitam, a princípio, que conteúdos sejam trabalhados em maior profundidade pelos alunos.

No que diz respeito à carga horária tem-se a seguinte parametrização:

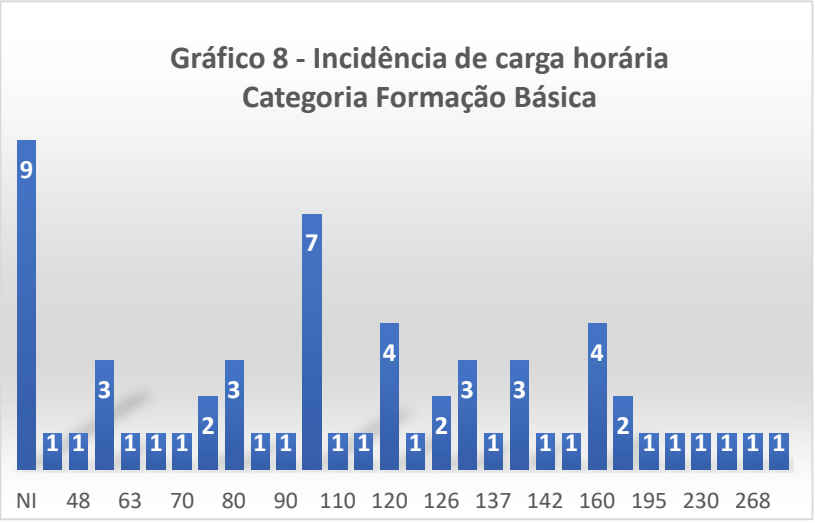
- **Qualquer Carga Horária inferior a 180 horas:** cursos com carga horária variável inferior a180 horas são oferecidas por **Cursos Livres e/ou de Extensão Universitária**[58] onde não se exigem, normalmente, pré-requisitos. Esses cursos são vistos como de complementação curricular, de apresentação de conteúdos que não se qualificam como sendo
- **Cursos de 180 horas: c**ursos oferecidos a profissionais de nível superior após a formação na graduação são cursos de **Aperfeiçoamento** que podem "ocupar-se de campos específicos da atividade profissional, inclusive a docente, com carga horária mínima de 180 horas, conferindo a seus concluintes certificado, desde que expedido por instituição de educação superior devidamente credenciada e que ministrou efetivamente o curso"[59].
- **Cursos de 360 horas:** "cursos de pós-graduação destinados ao aperfeiçoamento profissional visam à melhoria de desempenho numa específica ocupação, a fim de atender às exigências do contexto em que esta se insere. Dessa forma, o curso de aperfeiçoamento oferecido como

[58]Incluiu-se ao lado dos cursos livres, oferecidos por instituições igualmente livres os cursos de extensão universitária, que se assemelham a estes por não terem, normalmente, pré-requisitos. Tais cursos estão contemplados na LDB "Art. 43/ VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição".
[59]Informação disponível no Portal do MEC – Perguntas Frequentes sobre Educação Superior http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=14384:perguntas-frequentes-sobre-educacao-superior

tipo de pós-graduação deve assumir sua condição de degrau na escala do processo de educação continuada e não equivale ao curso de especialização"[60].

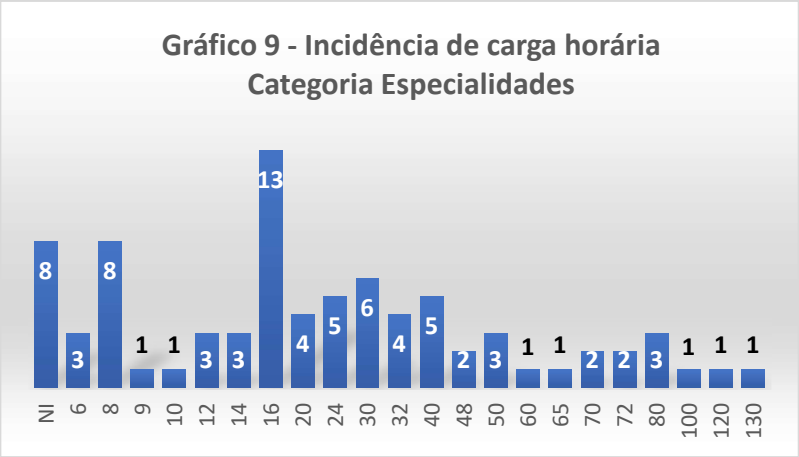
a) Avaliação dos Cursos pela Carga horária

O **gráfico 8** apresenta a incidência de carga horária nos **Cursos de Formação Básica.** Observa-se uma grande dispersão de cargas horárias, o que sugere a falta de critério do mercado. Dos 61 cursos de formação básica, 9 cursos não informaram a carga horária; as frequências mais significativas são de 7 cursos de 100 horas; 4 cursos de 120h e 4 de 160 horas. A média de carga horária desta categoria é de 125 horas.



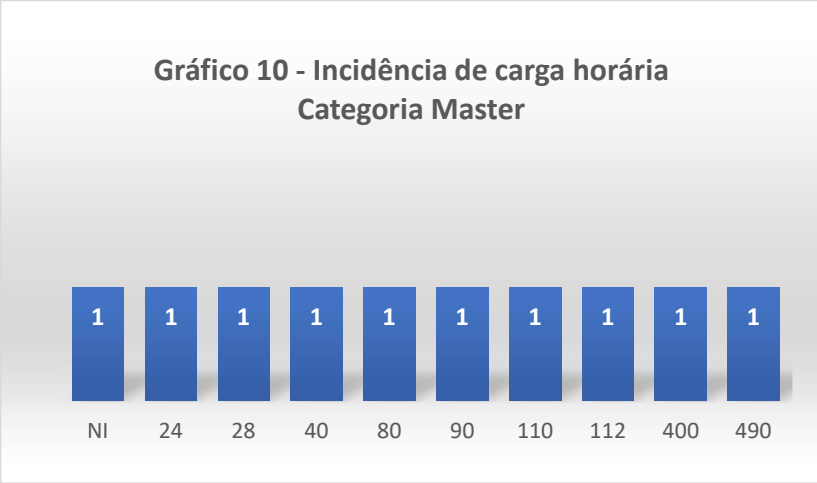
[60]Informação disponível no Portal do MEC – Perguntas Frequentes sobre Educação Superior http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=14384:perguntas-frequentes-sobre-educacao-superior

Assim como nos cursos de formação básica, observa-se uma grande dispersão de cargas horárias. No **gráfico 9**, dos 81cursos de especialidades, excluindo 08 que não informaram a carga horária, segue a seguinte distribuição: 13 cursos de 16h, representando o maior grupo; 8 cursos de 8h; 6 cursos de 30h; 5 cursos de 24h e 5 de 40h; 4 cursos de 20h e 4 de 32horas; 3 cursos de 6h, 3 cursos de 12h, 3 de 14h, 3 de 50h e 3 de 80horas; 2 cursos de 48h, 2 de 70h e 2 de 72 horas. Os demais cursos apresentam carga horária exclusiva de 9h, 10h, 60h, 65h, 100h, 120h e 130 horas. A média de carga horária da categoria de especialidades é de 32 horas.



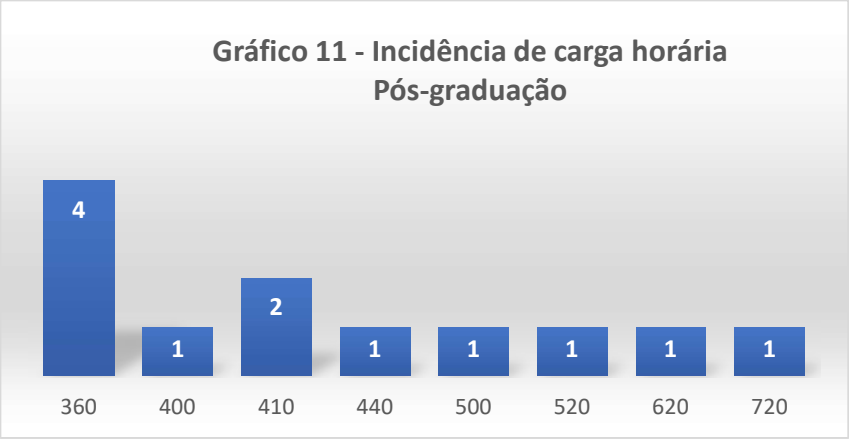
A oferta de cursos de *Master Coach,* que também são cursos livres, é expressivamente inferior às demais categorias, existindo apenas 10 no mercado. A discrepância de cargas horárias é muito grande, como se pode observar no **Gráfico 10**. É importante destacar que este nível de curso é o que possibilita ao formado formar outros *Coaches*. Observa-se no **gráfico 10** com exceção de um curso que não informou a carga horária, os demais 9 cursos apresentam uma carga horária exclusiva, na seguinte ordem crescente: 24h, 28h, 40h, 80h, 90h, 110h, 112h, 400h e 490 horas. Essa dispersão leva a crer que cada entidade formadora estabelece um padrão próprio para o estabelecimento da carga horária. Algumas somam a carga horária de toda a

trajetória de aprendizagem (sequência de cursos) para se chegar ao nível *Master*. Outras informam somente a carga horária deste nível. O que parece convergir entre as escolas é que essa formação, entretanto, entendia como sendo a formação máxima no processo formativo livre existem pré-requisitos. Os pré-requisitos são estabelecidos por cada entidade formadora. Essas exigências refletem-se nos cursos pregressos. A ICF, por exemplo, exige 200 horas acumuladas de treinamento específico de *Coach*. A média de carga horária apresentada para esta categoria é de 145 horas. Isso significa que o *Coach* deverá ter feito uma formação básica e alguns cursos de especialidade para que as horas acumuladas permitam a ele o acesso a este tipo de curso.



Como se viu, os cursos de pós-graduação são cursos oficiais ligados ao MEC. Desta forma há parâmetros mínimos a serem cumpridos. Para tais cursos o MEC exige uma carga horária mínima de 360 horas. Todos os cursos encontrados atendem esta carga horária estabelecida. Observa-se no **gráfico 11** que, dos 12 cursos disponíveis no mercado, 4 cursos são de 360 horas, 2 cursos de 410 horas e os demais cada um apresenta uma carga horária diferente: 400, 440, 500, 520, 620 e 720 horas.

Do ponto de vista da carga horária dois cursos se destacam apresentando praticamente o dobro de horas exigidas pelo MEC o que sugere um aprofundamento significativo em termos de conteúdo, visto que cursos de 360 horas acontecem em 1 ano e meio/2 anos.



b) Análise dos Objetivos

Outra forma de analisar qualitativamente a oferta de cursos de *Coaching* no mercado é por meio de seus objetivos.

Para analisar os objetivos dos cursos de formação de *Coach*, partiu-se de definição apresentada pelo Ministério da Educação (MEC, s.d.), o objetivo é definido como sendo "o resultado que se pretende alcançar em um determinado período de tempo. Representa um marco de referência para orientar todas as ações a serem desenvolvidas em um determinado setor".

Ao procurarmos descrever os objetivos dos Cursos Livres (Formação Básica, Especialidades e *Master*) nos deparamos com o seguinte obstáculo: apesar da descrição de objetivos ser normalmente feita a partir do

uso de verbos no infinitivo dos objetivos, para os cursos livres esta regra não foi seguida. Os objetivos traziam em seu bojo elementos de apelo comercial (muita ênfase nos benefícios dos cursos) e destaque para a metodologia como forma de diferenciação. Diante disso, não foi realizado esse critério de análise mais aprofundada dos objetivos desses cursos.

Já para os cursos de pós-graduação, dada a apresentação mais criteriosa dos objetivos, foi possível identificar elementos (verbos)que pudessem expressar de forma mais precisa qual era/é o objetivo do curso. Essa abordagem proporcionou o levantamento dos objetivos que estão apresentados no quadro abaixo. Para destacar os verbos utilizados em destaque, estes foram colocados em negrito. Uma instituição apresentou os mesmos objetivos para cursos diferentes, estes foram reunidos num mesmo item (4/5).

A fim de classificar as propostas dos cursos a partir de seus objetivos, adotou-se como critério o proposto por Lima (s.d.), que oferece uma lista de verbos para auxiliar na construção de planos de ensino. Os verbos foram reunidos em três categorias de objetivos que foram conceituadas conforme segue: a) *Conceituais* – propostas de nível mais teórico, que refletem conteúdos a serem trabalhados; b)*Procedimentais* – propostas de nível demonstrativo, metodológico, que refletem mais processos a serem trabalhados; c)*Atitudinais* – propostas mais comportamentais, que refletem comportamentos a seres adquiridos ou aprimorados.

Para a análise desses objetivos fez-se distinção entre *objetivos gerais*- conteúdos abrangentes que descrevem o propósito do curso (para que) e *objetivos específicos*- conteúdos detalhados dos temas que serão tratados (o que se pretende ensinar nos cursos).

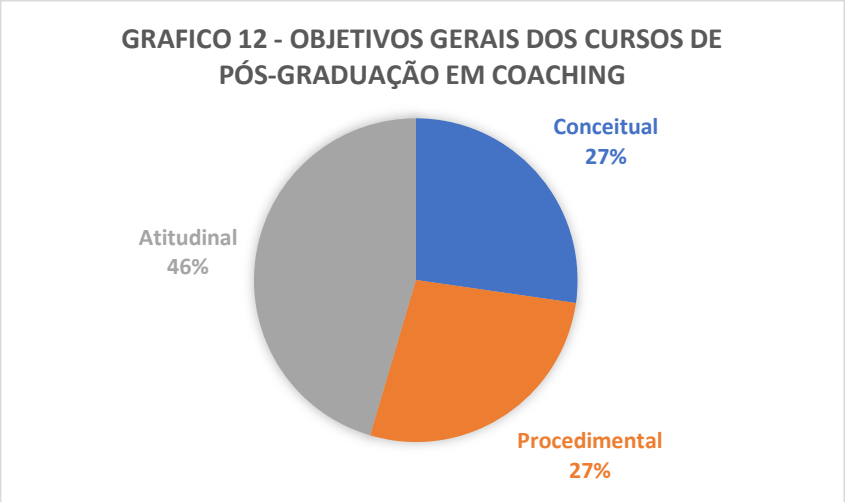
Considerou-se, ainda, para os cursos que apresentaram apenas um objetivo que estes refletiam um objetivo geral; e para os cursos que apresentavam mais de um objetivo que o primeiro apresentado refletia um objetivo de cunho geral, e os demais objetivos específicos.

Assim, a partir de leitura criteriosa procurou-se refinar as apresentações encontrando os elementos (verbos) que pudessem expressar de forma mais precisa qual era/é o objetivo do curso. Essa abordagem proporcionou o levantamento dos objetivos que estão apresentados no quadro abaixo. Para destacar os verbos utilizados em destaque, estes foram colocados em negrito. A classificação obtida pode ser vista no **quadro 8**:

QUADRO 8
Objetivos dos Cursos de Pós-Graduação em *Coaching*

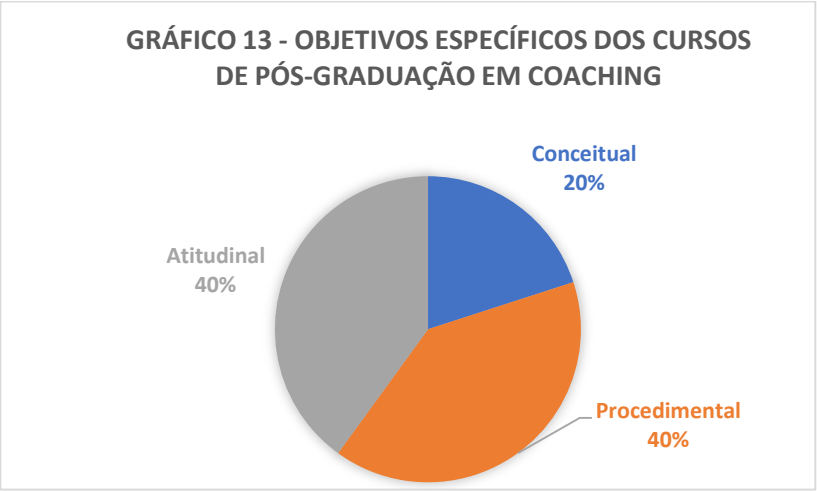
Curso	Objetivos	Tipo de Objetivo/ quantidade
1	Desenvolver as competências para ser *Coach*.	Geral Atitudinal (1)
2	Desenvolver liderança; aprimorar habilidades e atitudes.	Geral Atitudinal (1)
3	Aprofundar no *Coaching*; alavancar seu sucesso profissional; aumentar a performance do capital humano de empresas	Geral Conceitual (1) Específico Atitudinal (2)
4/5	Aperfeiçoar técnicas em gestão de negócios, pessoas e liderança; aprofundar na utilização de ferramentas do *coaching* integral sistêmico e a performance financeira.	Geral Procedimental (1) Específico Procedimental (1)
6	Abordar, praticar e desenvolver os principais temas de *coaching* e da administração empresarial aplicada à gestão de pessoas.	Geral Conceitual (1) Específico procedimental (2)
7	Fornecer um conjunto de ferramentas de comunicação e de motivação, que possibilitem; criar um espírito de aprendizagem contínua; melhorar os resultados da equipe e estimular o desenvolvimento de aspectos críticos de liderança.	Geral Procedimental (1) Específico Atitudinal (3)
8	Qualificar profissionais; elevar os resultados na atuação em gestão de pessoas; aumentar os níveis de performance e satisfação pessoal.	Geral Atitudinal (1) Específico Atitudinal (2)
9	Desenvolver pessoas com formação de *coaching;* aprimorar o uso de ferramentas, tecnologias, técnicas e metodologias comprovadas cientificamente e que possam ser aplicadas nas empresas.	Geral Atitudinal (1) Específico Procedimental (1)
10	Capacitar para atuar em processos grupais e individuais de desenvolvimento humano; desenvolver autoconhecimento e espiritualidade laica; desenvolver competências; proporcionar reflexão sobre o momento de vida para pessoas em transição de carreira; produzir conhecimento.	Geral Procedimental (1) Específico Atitudinal (3) Específico Conceitual (2)
11	Aplicar coaching para gestão de pessoas.	Geral Atitudinal (1)
12	Entender o contexto socioeconômico e político; capacitar para intervenção em organizações públicas e privadas; possibilitar uma visão crítica e reflexiva.	Geral Conceitual (1) Específico Procedimental (1) Específico conceitual (1)

A análise dos cursos de pós-graduação em *Coaching* com relação aos objetivos gerais pode ser vista no **Gráfico 12**:



Observa-se que tais cursos se focam mais no desenvolvimento de objetivos atitudinais (46%), portanto, focam-se em desenvolvimento de competências, guardando equilíbrio para os objetivos procedimentais e conceituais (27%).

Para análise dos objetivos específicos considerou-se a incidência geral e não a quantidade de objetivos apresentados nos cursos, vistos que alguns deles apresentavam mais de um objetivo específico. Esse elemento pode ser observado no **Gráfico 13**, cuja análise reflete o seguinte cenário:



Quanto aos objetivos específicos observa-se que tanto os objetivos atitudinais, quanto os procedimentais, estão em equilíbrio (40%), seguidos dos objetivos conceituais (20%).

Desta forma, parece seguro afirmar que os cursos de pós-graduação em *Coaching* apresentam um caráter eminentemente prático refletido tanto em seus objetivos gerais, quanto nos objetivos específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Coaching* emergiu do mundo do esporte para o mundo corporativo na última década do século XX, apresentando grande desenvolvimento na primeira década do século XXI até o presente. Trata-se de uma prática em regulamentação, seja no Brasil ou no exterior. Há uma grande competitividade no mercado formador onde as escolas buscam hegemonia na definição de critérios formativos. Embora existam entidades internacionais que definem padrões de qualidade, o cenário está ainda longe de encontrar estabilidade.

Há, portanto, uma significativa oferta de cursos de *Coaching* no Brasil, distribuídos em diferentes categorias, modalidades, abordagens e cargas horárias. Ao todo são 75 entidades que oferecem 164 cursos, em sua imensa maioria livres, sem vínculo com o MEC. Apenas 12 cursos apresentam vinculação com o MEC em nível de pós-*graduação.*

A maioria dos cursos livres apresenta um forte apelo comercial, principalmente em nível básico, com estratégia de converter busca por informações em inscrições, forma de cooptar alunos. Esta prática, indutiva à compra desse tipo de serviço educacional, pode afetar a credibilidade do mercado ao dificultar, pois impossibilita por parte do interessado uma visão crítica e uma escolha mais livre que seja mais aderente às suas necessidades.

Há uma tendência no oferecimento de cursos de formação em *Coach* no mercado nacional com carga horária pouco significativa, em média de 60 horas/aula. Cada escola define um padrão que considera relevante e estas apresentam grande variabilidade entre si, portanto, é seguro afirmar que não há critério comum. Talvez pelo fato do *Coaching* estar alicerçado em várias bases teóricas, muitas delas no âmbito da Psicologia, Administração e Educação, tratando-se de uma abordagem sem um objeto que lhe seja exclusivo.

Desta forma, cada escola faz um recorte dessas teorias, seus métodos e técnicas, para definição do escopo dos seus cursos. Algumas denominam seus cursos de acordo com o enfoque teórico como, por exemplo, *Coaching* Sistêmico, *Coaching* Ontológico ou Formação de *Coaching* em PNL. Outras definem seus cursos de acordo com um método próprio de *Coaching* e focam o conteúdo programático a partir de tais métodos e nas técnicas(ferramentas) que deles decorrem.

Há também escolas que oferecem propostas em nível mais básico, outras no básico e intermediário e outras do básico ao avançado. Há espaço para aprofundar a análise da relação entre formatos e fontes teóricas em futuros trabalhos. Como também há espaço para avaliar os impactos da

formação (curso superior) e do *background* profissional (carreira) na formação de um *Coach*.

Nesse cenário sem regulamentação a dificuldade de escolher um curso pode recair, também, na escolha de um profissional, um *Coach*. No caso da escolha de um profissional entende-se que, num cenário sem regulamentação, com uma oferta tão diversificada de cursos, como a que se observa neste estudo, o usuário ao procurar por um *Coach* deve analisar a qualificação técnica e acadêmica, bem como a experiência profissional, histórias de sucesso, credenciais e filiação a associações de classe.

Apesar das dificuldades de seleção e escolhas, tanto de cursos quanto de profissionais, a oferta de C*oaching* no Brasil está em franco desenvolvimento e em processo de melhoria da qualidade, o que guarda sintonia com as melhores práticas internacionais.

Ainda há poucos estudos sobre o *Coaching* no meio acadêmico, levando em consideração o número de publicações de teses e dissertações, bem como a indisponibilidade de cursos de graduação e poucos cursos de pós-graduação.

Na análise dos 12 (doze) cursos de pós-graduação disponíveis no mercado, no geral, observou-se uma tendência comum a 11 deles. Tais cursos são oferecidos em parcerias entre escolas livres de *Coaching* e Instituições de Ensino Superior (IES), numa mescla entre o *Coaching* e Gestão de Organizações. Os módulos de *Coaching* são ministrados pelas Escolas Livres de *Coaching* e os módulos de gestão IES, vinculadas ao MEC nesta parceria, se oferece a certificação de especialista.

Ocurso de *lato sensu Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal* (2017-2019), criado pelo Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar – APTD e oferecido pela URCI – Universidade Rose-Croix Internacional (PR), em parceria com as Faculdades Vicentinas–FAVI, apresenta-se, paradoxalmente, distinto dos demais cursos de especialização. Sua proposta distancia-se das propostas convencionais oferecidas pela

maioria das escolas livres, ou mesmo pelos cursos de pós-graduação. Primeiro, ao invés de agrupar vários cursos livres (formação básica, especialidades e *master*) e oferecer várias certificações, oferece uma abordagem integrada num conjunto de disciplinas interligadas numa única proposta pedagógica.

Este curso não visa à formação básica de um *Coach*, mas objetiva capacitar profissionais de diferentes áreas, a partir de uma metodologia transdisciplinar, para compreender e utilizar de forma integrativa e ética conhecimentos de diferentes racionalidades, tais como Saberes Tradicionais e Científicos, sobretudo no campo da Psicologia Transpessoal, para atuações grupais e/ou individuais de desenvolvimento humano.

O *Coaching* Transpessoal é aplicado com os alunos num acompanhamento metódico e individualizado oferecido por um tutor (*Coach*) de desenvolvimento humano, que acompanha os alunos ao longo do curso a partir de um recorte biográfico por meio de Autoavaliações realizadas a cada módulo. Num processo realizado por escrito, com devolutivas por escrito (via e-mail), durante os dois anos (400 horas) de curso; além disso, a abordagem proporciona o desenvolvimento da escuta, por meio de rodas de partilha que acontecem a cada módulo numa prática denominada o "Círculo da Palavra", onde as pessoas aprendem a falar e a ouvir; há também um enfoque na capacitação acadêmica oferecida ao aluno mediante a correção de trabalhos com devolutivas por escrito.

Nesta investigação procurou-se apresentar um cenário da formação do *Coach* no Brasil, entendendo-se ser esta a principal contribuição deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Rodrigo O. M. Quem contratar como *Coaching* **Revista *Coaching* Brasil**. Sorocaba, p. 10-16, jul. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Elaboração de Projetos**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/elaboracao.pdf> Acesso em: 02/04/2018.

_____.**Lei de Diretrizes e Bases da Educação** 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm> Acesso em: 03/04/2019

BROCH, Vikki G. ***Grounded theory of the rots and emergence of coaching***. 2008. 496 p. Dissertação de Doutorado (*Doctor of Philosophy in Coaching and Human Development*) – International University Studies, Maui, EUA, 2008.

CAMBOIM, L.G.; BEZERRA, E.P.; GUIMARÃES, I. J. B. **Pesquisando na internet:** uma análise sobre metodologias utilizada em dissertações de mestrado do programa de pós-graduação em ciências da informação da UFPB. João Pessoa: BIBLIONLINE, 2015. v. 11.
CARNEIRO, M. Angélica. *Coaching*, uma oitava acima. **Revista *Coaching* Brasil**. Sorocaba, jan. 2014.
D'ZANNA, Carlla. O passado da profissão do futuro. **Revista *Coaching* Brasil**. Sorocaba, jun. 2013.
FLICK, U. **A pesquisa qualitativa online**: a utilização da Internet**.** Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 238-253.
GALLWEY, Timothy. ***The inner game of tennis****: the classic guide to the mental side of peak performance.* New York: RandomHouse Trade Paperback, 2008.
KRAUSZ; R. ***Coaching* Executivo*: a conquista da liderança*.** São Paulo: Nobel, 2007.

_____. Os desafios da qualidade na formação. **Revista *Coaching* Brasil**. Sorocaba, jan. 2014.
LIMA, P. **Verbos que podem auxiliar na construção de planos de ensino.** Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, s.d. disponível em <http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/VERBOS.pdf> Acesso em: 02/04/2019.

MARION, Arnaldo. **Manual de *Coaching***: guia prático de formação profissional. São Paulo: Atlas, 2019.p.15-19.
RICCI, Renato. Perfil: William Timothy Gallwey. **Revista *Coaching* Brasil**. Sorocaba, jun. 2013.
SILVA, E.L, MENESES, R.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertações**. Florianópolis: UFSC, 2005.
UNESCO. **Educação, um tesouro para descobrir.** (Relator, Jacques Delors). Brasília: UNESCO, 2010.



KÁTIA ELISABETE FREITAS DE LIMA

Possui graduação em Direito pela PUC-RS. Especialização em Direito e Negociações Internacionais na UFSC; atualmente atua como advogada em Florianópolis. Tem experiência na área de Direito Internacional, com ênfase em Direito Internacional Privado. Formada pela *Accademia dei Tarocchi* (Itália) no Curso de Tarot de Marselha na abordagem de Carlo Bozzelli; Cursando a Escola Metamundo - Tarot de Marselha, com Cristóbal Jodorowsky (Uruguai).

BOZZELLI, C. Il Codice dei Tarocchi - rivelazione di un'intelligenza millenaria (O Código do Tarot: Revelação de uma Inteligência Milenar) – LIMA, Kátia E. F. - ***RESENHA***

O presente trabalho situa-se no primeiro eixo de pesquisa do *Curso Saberes Tradicionais e Teorias integrativas em Coaching Transpessoal,* qual seja "Saber Tradicional como campo holístico do conhecimento", desta forma esta resenha se justifica por duas razões: 1º) por trazer um conteúdo inédito em português, visto tratar-se de uma obra original em italiano; 2º) Por se constituir uma abordagem pouco conhecida do público brasileiro, tratando-se de autor contemporâneo. Assim, os trechos traduzidos refletem uma forma livre em fazê-lo. Salienta-se, também, que o autor apresentou sua obra com muitas imagens e muitas das explicações foram feitas a partir da visualização e decodificação das figuras, tornando a tarefa de resenhar sem as imagens um tanto mais difícil. Outro fato de considerar-se é que como o autor durante toda a obra decodifica as imagens, e por isto a descrição não pode ser linear, às vezes se faz necessário retornar a fatos já mencionados.

The present study is situated in the first research area of the postgraduate course Traditional Knowledge and Integrative Theories in Transpersonal Coaching, which is "Traditional Knowledge as a holistic branch of knowledge". Therefore, this article is justified by two reasons: firstly, for bringing unpublished content in Portuguese, since it is a review of original work in Italian; secondly, for presenting an approach that is little known to the Brazilian public, from a contemporary author. Thus, the translated excerpts reflect a free form of doing so. It is also important to note that the author presented his work with many images and many of the explanations were made from visualizing and decoding those illustrations, which made the reviewing task quite more difficult without the images. Another fact to consider is that, throughout the work, since the author decodes the images and therefore the description cannot be linear, sometimes it is necessary to return to facts already mentioned.

APRESENTAÇÃO

Os saberes tradicionais compõem um conjunto de informações, modos de fazer, criar e saber, que são transmitidos oralmente entre os participantes de determinado grupo, possuindo, não raro, um caráter transgeracional. Na Europa, o Tarot, sobretudo a partir da abordagem do livro ora resenhado, parece situar-se dentro deste campo dos saberes, e vem, desde muito tempo, suscitando interesse de diversos pesquisadores e estudiosos do esoterismo ocidental.

Não existem certezas a respeito de sua origem, mas existem muitas hipóteses, muitas teorias e formas de interpretação, formalizadas em escolas de pensamento, muitas vezes em associação com outros conhecimentos.

Nichols (2011), em obra publicada pela primeira vez em 1980, refere que o Tarot de Marselha é um dos mais antigos, existindo poucos remanescentes ainda preservados em museus, sendo que nenhum Tarot existente parece poder ser chamado de "o original". Por tratar-se de uma obra anônima, o Tarot de Marselha transcende o pessoal, pois não vem acompanhado de livro explicativo, ao contrário da maioria dos baralhos contemporâneos criados por um indivíduo ou grupo, sendo que alguns, inclusive, tomaram por empréstimo outros sistemas na tentativa de fundamentar-se.

A origem do Tarot tem sido alvo de inúmeros debates entre historiadores contemporâneos. Muitos situam o século XV e a Itália como época e local prováveis de sua origem. Essa pesquisa, tem se baseado na análise histórica de diversos documentos, desde documentos de natureza legal, julgamentos, editais; bem como afrescos, pinturas e livros ou livros de contas, jogos antigos mantidos em coleções públicas e privadas, a principal obra sobre o tema é do notório filósofo e pesquisador britânico, Michael Dummett (1980), *The Game of Tarot*. Segundo o autor Bozzelli C., esta e uma hipótese, que se tornou aceita como verdade por ter-se ignorado outras evidências que podem demonstrar outra realidade.

No ano de 2004, surge a obra *O Caminho do Tarot* de Jodorowsky e Costa (2016) onde apresentam uma proposta de reflexão e problematização sobre o Tarot, afirmando que se trata de um "ser único", integrado, que suas cartas não foram concebidas uma a uma, como símbolos separados, mas antes são partes de uma unidade. Revelam a existência de códigos ocultos existentes nas imagens. Afirmam, também, que até meados do século XVIII o Tarot era erroneamente associado aos jogos de azar e era usado livremente pelos nobres para fazer seu autorretrato.

Faz Jodorowsky aqueles uma retrospectiva histórica do Tarot e aduzem que somente quando em 1781 o Pastor protestante e maçom, Court de Gébelin, no oitavo volume de sua obra, *Monde Primitif,* atribuiu ao Tarot características esotéricas e não somente lúdicas é que as imagens dos Arcanos Maiores passaram a ser observadas. Desta forma, um caráter esotérico passou a ser atribuído aos Arcanos, e que somente partir daí começam a surgir as contribuições para o surgimento do que viria a ser chamado de *as escolas do Tarot ocultista*. Os ocultistas completam, assim, a invenção do Tarot oculto, mesclando-o com mitos e símbolos de várias culturas e tradições religiosas.

Segundo esse autor, a partir da publicação de *Mundo Primitivo*, os ocultistas deixaram de se concentrar nas imagens do Tarot de Marselha e passaram a considerar a teoria egípcia de Gébelin, bem como seu Tarot modificado como sendo a "autêntica verdade esotérica". Gébelin teria efetuado diversas modificações nas imagens e, entre elas, batizou o Arcano sem nome (XIII) de *A Morte*.

Suscita, ainda, que o ano de 1783 figura como marco para o *debut* do Tarot divinatório, com o cartomante Eteilla (pseudônimo de Jean-Baptiste Alliette) que teria produzido um Tarot "fantasioso", mesclando Astrologia e Cabala hebraica, que teve grande influência sobre os ocultistas. Prossegue informando que Alphonse-Louis Constant, conhecido como Éliphas Lévi, em 1854, apesar da grande intuição e o reconhecimento da grandiosidade do Tarot, desdenhou o Tarot de Marselha, considerando-o "exotérico" e que em sua obra *Dogma e Ritual da Alta Magia* desenha uma versão "esotérica" das

cartas *O Carro*, *A Roda da Fortuna* e *O Diabo*, e decide que os 22 Arcanos Maiores representam o alfabeto hebraico, renegando os 56 Arcanos Menores. Assevera que esta ideia foi seguida por Gérard Encausses (1865-1917), conhecido como Papus, que sistematizou a obra de Lévi, e criou um Tarot com personagens egípcios que ilustrariam uma estrutura cabalística-hebraica.

Anota ainda em Jodorowsky e Costa (2016) que, ao longo do tempo, cada ocultista alterou à sua maneira a estrutura original do Tarot, e como exemplo referem as mudanças operadas pelos dois conhecidos ocultistas da Escola Anglo-Saxônica, onde Arthur Edward Waite, para fazer coincidir o Tarot com os 22 caminhos da Árvore da Vida, que une as dez *sefirot* da tradição cabalística, realiza uma troca entre as cartas: troca a carta de número VIII - *A Justiça* - com a de número XI - *A Força*. Transforma, também, *O Enamorado* em *Os Amantes*, alterando, assim, o significado dos Arcanos.

Salientam que procedimento semelhante foi adotado por Aleister Crowley, ocultista pertencente a *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.), que também teria alterado a ordem, mudado nomes e alterado imagens das cartas, e, portanto, os significados. A carta *A Justiça* se torna *O Ajustamento*; *A Temperança* se torna a *Arte*; *O Julgamento* se torna *O Aeon*, elimina os Valetes e os Cavaleiros e no seu lugar coloca Príncipes e Princesas. Seguem afirmando que Oswald Wirth, ocultista suíço, maçom e membro da Sociedade Teosófica, desenha seu próprio Tarot, introduzindo nos Arcanos roupas medievais, esfinges egípcias, números árabes e letras hebraicas e no lugar de números romanos, símbolos taoístas, entre outras modificações.

Revelam, ainda, que os Arcanos Menores permitem examinar os aspectos mais cotidianos, e os mais pessoais da vida material, psíquica ou intelectual, portanto, remetem a diferentes graus de necessidades, desejos, emoções e pensamentos enquanto os Arcanos Maiores descrevem um processo humano universal que engloba todos os aspectos espirituais do ser; apontam que os dois caminhos (dos Arcanos Maiores e Menores) são iniciáticos e complementares e que em vez de usar o Tarot como uma bola de

cristal, entenderam que deveriam colocá-lo a serviço de uma nova forma de psicanálise, a *Tarologia*.

Jodorowsky afirma que em 1993 teve um encontro com Philippe Camoin, herdeiro da tradição dos últimos mestres fabricantes de cartas de Marselha, e que este possuía segredos concernentes à história, fabricação, tradição e simbolismo do Tarot, bem como possuía as pranchas de impressão originais de Nicolas Conver, que imprimiu o Tarot em 1760. Juntos efetuaram a restauração desse Tarot considerado por muitos como o mais fiel à desconhecida origem.

Philippe Camoin em 1999 revelou ao grande público informações que só circulavam internamente nas escolas de Tarot que este possui na França, concernentes a existência de Códigos e Leis existentes no Tarot de Marselha, bem como informações acerca da origem do Tarot. Sustenta, no entanto, Camoin, que alguns destes segredos lhes foram passados por seus ancestrais mestres fabricantes de cartas em Marselha e outros lhe chegaram por um canal superior, e propugna a propriedade intelectual destas informações. Existe, pois, uma certa polêmica ao que concerne as revelações que serão tratadas na obra objeto desta resenha. Até o momento não encontramos nenhuma obra publicada por Camoin a respeito das revelações, não obstante tenha informado que em breve publicará dois livros.

Como se vê o trabalho de Jodorowsky e Costa faz um amplo questionamento à perspectiva ocultista ou esotérica do Tarot.

Em 2012, surge, então, a obra ainda inédita no Brasil de autoria de Carlo Bozzelli, *Il Codice dei Tarocchi – Rivelazione di un'Intelligenza millenaria* (O Código do Tarot – Revelação de uma Inteligência milenar[61]), que parece dar continuidade ao pensamento de Jodorowsky e Costa. Assim, a publicação traz, segundo o autor, revelações e uma abordagem inusitada sobre a origem e a existência de *Códigos* e *Leis* que regulam a estrutura do

[61] Obra que será posteriormente publicada em língua portuguesa, tendo a autora desta resenha a autorização para efetuar a tradução.

Tarot de Marselha e esta argumentação, bem como seu caráter inédito ao público brasileiro que justificam a resenha que apresentamos a seguir.

BOZZELLI, C. Il Codice dei Tarocchi - rivelazione di un'intelligenza millenaria – 1.ed. Milão: Editora Anima, 2012. Possui 263 páginas, divididas em Introdução, 9 capítulos apresentados em tópicos; conclusão, apêndice e bibliografia.

Ao introduzir a obra o autor inicia se contrapondo à ideia dominante de que o Tarot tenha sido criado no Renascimento para o divertimento do Duque Visconti Sforza. Revela que pela simples observação das imagens do Tarot de Marselha nota-se a presença de *Códigos*, que são enigmas que escondem uma resolução, como um quebra-cabeça. Esses enigmas podem ser ilustrados e explicados mediante procedimentos lógicos e racionais, que podem ser demonstrados.

O capítulo primeiro traz uma apresentação da etimologia do Tarot e de três modelos que são utilizados para seu estudo: a) o modelo histórico; b) o modelo oculto e; c) o modelo da metanoia.

O capítulo 2 é iniciado com uma reflexão sobre os primeiros séculos depois de Cristo. Assevera o autor que o lugar de nascimento do Tarot no Ocidente teria sido na mais antiga cidade da França, Marselha, na Provença, pois foi o centro de acontecimentos significativos do cristianismo, ligados, por exemplo, ao primeiro Concílio Cristão que aconteceu na região, e que a veste gráfica dos Arcanos, tal qual a conhecemos, foi reelaborada por um grupo de iniciados gnósticos nos primeiros séculos da nossa era.

Diz que o Tarot é um veículo de conhecimento e à pág. 37 cita Joseph Maxwel, um pesquisador da escola francesa, afirmando que ele foi o primeiro a formular com simplicidade a definição de que *os arcanos são uma linguagem ótica e constituem um livro escrito em símbolos* bem como indicou

a disposição das cartas (já estudadas no século XIX) segundo o tríplice setenário (3x7) com *O Louco* sem número sendo considerado a parte (*Le Tarot, le symbole, les arcanes, la divination* – Librairie Félix Alcan, 1933), e que contêm um saber autêntico, preciso, relativo ao homem, sua essência e as leis que o governam.

Aponta "um grande erro" no qual teriam incorrido muitos pesquisadores, supondo que as imagens tivessem uma origem antiquíssima. Existia quem as ligassem ao Livro de Thot dos antigos egípcios, à Cabala hebraica, às práticas divinatórias dos ciganos e assim por diante; e com base nestas conjecturas os esoteristas sempre consideraram que o Tarot renascentista dos Visconti, ou seja, o mais antigo até hoje conhecido, não fosse nada mais do que o último eco de uma tradição remota da qual conservava apenas uma imperfeita memória que, em razão da falta de ligações diretas e confiáveis, não era possível alcançar. Razão pela qual, segundo o autor, convencidos de que seus conhecimentos fossem suficientes para garantir uma recuperação integral do significado dos Arcanos, percorreram todos o mesmo caminho: redesenharam o Tarot segundo uma visão pessoal!

Entende que a forma mais preservada e completa de um Tarot original pode ser a de Nicolas Conver, um fabricante de Cartas francês que apresentou um maço pertencente ao chamado Tarot de Marselha e criou seu jogo em 1760. Conver usufruía do prestigioso título de "Mestre fabricante de Cartas, da corte do Rei", fato que o elevava ao ápice da categoria em sua época. Os especialistas reconhecem que os traços do seu jogo, criados em matrizes de madeira de pereira, usadas na época para imprimir o Tarot, mesmo com as restrições e os erros que este tipo de técnica comportava, representam o mais elevado exemplo de perfeição jamais atingido. De fato, estas cartas, nos séculos seguintes, serão utilizadas por diversas casas de produção, para inúmeras reimpressões e reedições.

Aponta na obra que, infelizmente, nas várias edições dessas imagens, uma das quais é conservada na Biblioteca Nacional de Paris, as

cores se alteraram perdendo o brilho e as tonalidades originais, em razão do desaparecimento de alguns matizes presentes no momento da realização com os *pochoirs* originais, mas que apesar disto, estas imagens podem ser consideradas o modelo de perfeição máxima alcançada na história recente do Tarot, preservando as relações da *Estrutura Cifrada* e recuperando a tradição iniciática do Tarot de Marselha, razão pela qual, segundo ele, o jogo de Conver pode ser considerado o continuador de uma fonte original.

No capítulo 3, revela que o Tarot é um complexo constituído de 78 cartas, das quais 22 ditas maiores e 56 menores, e que muitos pesquisadores questionaram essa divisão, tendo em vista que a história dessas imagens os acostumou a uma grande multiplicidade de opções em relação ao número de cartas e a sua configuração geral, fato que gerou uma discordância sobre o tema.

As teorias mais em voga afirmam que os Arcanos Maiores tenham sido criados depois dos Menores, cuja derivação oriental seria testemunhada pela presença da espada curvada, típica dos povos asiáticos, e que os estudiosos acreditam que os Menores sejam caracterizados pela presença dos quatro naipes (Ouros, Copas, Paus e Espadas), exatamente por conta desta sua ascendência, e que tenham sido os precursores, e somente depois tenham sido criados os Maiores. Sustenta o autor que a verdade é outra.

Assegura que o Tarot teria nascido completo e perfeito desde sua origem. Sustenta que houve um processo de degradação, do qual se originaram as cartas de jogar, cuja estrutura de quatro naipes se deve ao Tarot (exatamente ao contrário daquilo que atualmente é aventado). Reafirma, portanto, que o Tarot não nasceu da união de dois grupos de cartas, como acreditam muitos especialistas, as 78 cartas aparecem como um todo complexo único e terminado, onde inúmeros *Códigos* e correlações ligam os Maiores com os Menores, levando ao resultado de uma estreita e evidente interdependência das duas séries, e que o maço de Nicolas Conver, nas suas múltiplas versões e imitações mais ou menos fiéis, executadas desde o século

XVIII, foi o autêntico depositário de uma mensagem iniciática de origem ainda mais remota.

Salienta o autor em análise que a mensagem codificada, com o passar dos séculos, graças a irmandades de monges e as corporações de mestres fabricantes de cartas, foi perpetuada, possibilitando que chegasse inalterada até nós, e que deseja ilustrar em sua obra qual é a verdadeira natureza deste ser o único chamado Tarot, constituído de dois elementos em intensa relação entre eles, conhecidos com o nome de Arcanos Maiores e Arcanos Menores.

Passa, então, a analisar a estrutura geral dos Arcanos Menores, informando que são subdivididos em 4 séries, como os quatro elementos, e possuem uma clara relação com o mundo terrestre, material, físico, demonstrando a presença dos chamados Códigos que compõem a *Estrutura Cifrada* presente no Tarot.

Demonstra ainda um paralelismo perfeito entre os 4 naipes, os 4 elementos e as 4 castas hindus, e desta correlação extrai que: *os naipes se relacionam da seguinte forma: Ar – espadas – guerreiros; Terra - ouro – comerciantes; Água - copas – sacerdotes; Fogo – paus – trabalhadores* (p. 61).

Assim, tendo feito esta correlação, segue-se que: *1) O simbolismo do Tarot é universal e fornece confirmações e indicações também sobre o significado de outras Tradições. 2) Há uma relação com algo antigo e de extração geográfica muito distante das doutrinas ocidentais (neste caso o hinduísmo) que oferece um alargamento do horizonte e pode estimular novas reflexões históricas sobre os Arcanos* (p. 61).

Analisa a estrutura dos Arcanos Maiores e aponta que estes têm uma conexão precisa com o mundo celestial.

Continua afirmando que o Dualismo está presente no Tarot de modo heterogêneo e codificado, por meio do contraste entre dois elementos presentes em uma mesma carta ou em duas diferentes. Aduz que em qualquer

oposição (masculino e feminino, vestido-nu, olhar voltado para esquerda-olhar voltado para a direita, em pé-sentado, homem-animal, em movimento-parado, terrestre-celeste, etc.) sempre se esconde um subterrâneo sentido dualista, e a ideia de antítese, salientando que o principal objetivo deste ensinamento é evidenciar a relação de contraposição e mútua relação entre a terra (o terrestre e material) e o Céu (o celeste e espiritual), matéria e espírito, e que no homem essa antítese se expressa pela personalidade/alma. Nesta esteira relembra o ensinamento de Carl Gustav Jung de que em cada homem existe duas essências opostas, o "eu inferior" (Ego) e o "Eu superior" (Self).

Refere que o Tarot é um caminho de conhecimento, feito de etapas, precisamente 21, por meio das quais o viajante, a carta sem número, *O Louco* caminha em direção ao *Mundo*, o último Arcano, com o olhar voltado para o céu, buscando a total realização. Suscita que o Tarot é um caminho onde a consciência é chamada à expansão, sendo, portanto, um caminho de progressiva evolução.

Traz, então, a informação de que graças ao conjunto de símbolos do qual é constituído cria uma linguagem não metafórica, mas real, com uma gramática e um léxico, elementos que, combinados entre si, permitem o aprendizado de uma nova língua. Informa que quando se faz uma pergunta, além dos outros planos de leitura, como aquele arquetípico, existe um nível totalmente desconhecido e que o *Tarot, como uma inteligência superior, por meio de "palavras" e "regras" compõe verdadeiras proposições que correspondem exatamente à pergunta formulada pelo consulente* (p. 79), e dessa forma verifica-se uma de suas principais funções, que é a de se colocar a serviço do homem.

Diz o autor que esse livro, feito de milhares de páginas, contém um saber autêntico e preciso sobre o homem, a sua essência, e as leis que o governam. Traça um paralelismo entre o Tarot, a Bíblia e os Vedas, salientando que em todos os casos se tratam de Obras Sagradas, com a única diferença que o Tarot transmite este conhecimento por meio de imagens. Traz como exemplo a obra *Mutus Liber* que, como diz o próprio nome, é um Livro

Mudo, que contém 15 imagens que representam perfeitamente, segundo a Alquimia, o processo de transmutação e transformação interior.

Passa, então, Carlo Bozzelli no capítulo 4 da obra a trazer as informações sobre a mencionada *Estrutura Codificada* existente no Tarot, argumentando sobre a subdivisão numérica dos Arcanos Menores e Maiores e introduz o conceito de Diagrama 3x7, isto é, uma ordem de 3 filas de 7 cartas cada uma, ficando *O Louco* de fora do esquema porque não possui número, e, portanto, possui o papel de viajante ao longo deste caminho de 7 etapas que deve percorrer três vezes. Aponta que apesar desta não ser a única disposição possível, é, no entanto, aquela que consente a identificação de maneira evidente da presença da trama codificada.

Afirma o autor que esta distribuição 3x7 foi precedentemente estudada por outros autores do passado, sem, no entanto, ter sido corretamente correlacionada com a presença de *Códigos*, que por isso permaneceram ocultos. Esclarece que estes *Códigos* devem ser decifrados como faríamos em um quebra-cabeças, objetivando descobrir nas imagens um conteúdo escondido, codificado, revelando o significado do próprio enigma. *Cada Código do Tarot é isto: um enigma que é descoberto e compreendido* (pág. 84). Afirma que a Estrutura Codificada, em seu conjunto, possui milhares de Códigos, e sua finalidade vai muito além do simples entretenimento *eis que decifrar os Códigos significa permitir à nossa consciência o acesso a fragmentos de princípios de sabedoria que, no conjunto, criam um extraordinário ensinamento que pode abrir as portas a um conhecimento superior* (pág. 84).

Afirma o autor que tudo que está sendo revelado é passível de verificação objetiva por meio da mera observação das imagens. Na pág. 85 encontramos que os *Códigos* se distinguem em duas grandes categorias:

Códigos-gráficos; baseados nas imagens, isto é, nos desenhos.

Códigos-textos: baseados nas cartas, isto é, os nomes das cartas.

Prossegue o autor descrevendo as correspondências dos naipes dos Arcanos Menores com o homem, particularmente a sua parte terrestre/personalidade.

Afirma que no processo de estudo dos *Códigos*, três fases devem ser seguidas de forma propedêutica: *1) Observação da sua existência 2) A compreensão do seu significado; 3) A extração de um ensinamento.*

Adiante, o autor passa a fazer uma analogia e revelar os *Códigos* gráficos existentes entre as cartas *O Enamorado* e *O Julgamento*, concluindo que o mecanismo demonstrado na análise comparativa dessas cartas revela uma antítese que aparece frequentemente também em outras cartas, como uma dinâmica regular, revelando um mecanismo de funcionamento do Tarot. Assim, propõe o autor, como método de compreensão, primeiramente o estudo da anatomia e da fisiologia dos *Códigos* (como são feitos e como funcionam) para sucessivamente entrar em uma compreensão dos ensinamentos metafísicos que possuem. Traz uma lista de analogias e antíteses em uma análise comparativa entre os Arcanos VI *O Enamorado* e o Arcano XX *O Julgamento*:

Segue o autor aprofundando as decodificações entre as cartas, demonstrando a existência de diferentes graus de consciência expressos nas imagens, como, por exemplo, o fato de os personagens da carta *O Enamorado* se tocarem e não olharem para o anjo (representante da dimensão celestial), seus desejos são mais carnais e terrestres, enquanto que os personagens da carta do *O Julgamento* não se tocam mais e tomam ciência do anjo, assim como pela sua nudez e o ato de devoção, sugerem com clareza uma relação mais evoluída em comparação com a carta *O Enamorado*. Objetiva o autor revelar ao grande público a existência de verdadeiros mecanismos de funcionamento do Tarot.

Trata dos *Códigos* de Texto, salientando que em sua forma originária os nomes das cartas foram expressos em um francês atípico, razão pela qual os maços originais são os únicos a conter os *Códigos,* que com as traduções

se perderam, e por este motivo à pág. 103 traz uma tabela comparativa com a correta nomenclatura em francês dos Arcanos Maiores.

No capítulo 5, entra o autor na análise da Sincronicidade como preconizada por Jung, e explica que os fenômenos sincrônicos se verificam com frequência no Tarot, sendo a base do seu funcionamento, eis que quando se embaralham as cartas, escolhendo posteriormente aquelas que serão dispostas e utilizadas na consulta, se verifica a manifestação, ao mesmo tempo, de dois eventos ligados por um nexo, eis que de um lado teremos a pergunta do consulente, e de outro a resposta do Tarot, que será obtida de um significado objetivo e pertinente, extraído da Estrutura Codificada, que permite, de acordo com o grau de experiência do tarólogo, um cancelamento, ou ao menos uma contenção drástica, da interpretação subjetiva. Sustenta o autor que devemos considerar a pergunta e a resposta, como termos unidos por um evento sincrônico.

Salienta o autor que a obra visa oferecer um ponto de vista novo, não obstante antiquíssimo, em relação a uma matéria muitas vezes ridicularizada e pouco ou mal conhecida.

Já no capítulo 6, explana o autor que para o Tarot a *Estrutura Codificada* representa um aspecto fundamental, e que os *Códigos* e as *Leis* permitem uma objetividade que supera amplamente o uso interpretativo e pessoal dos Arcanos. Afirma que o Tarot pode ser definido metaforicamente como uma Máquina Metafísica, uma espécie de *cérebro cósmico*...

> "Assim como nós fazemos uso com nossa engenhosidade das letras do alfabeto para conversar com outras pessoas, da mesma forma o Tarot usa imagens (os Arcanos), e os *Códigos* e as *Leis* para se comunicar conosco, de uma maneira regulamentada, permitindo que se entenda o seu

pensamento, isto é, sua mensagem, trata-se,
pois, de uma linguagem ótica" (pág. 136).

Passa o autor a aprofundar a explicação da *Gramática* e dos *Códigos* e das *Leis* que nos permitem entrar no ensinamento da Sabedoria, e afirma que são estes princípios que estabelecem a maneira pela qual o Tarot exprime aquilo que quer comunicar durante uma leitura, momento em que esta gramática se revela indispensável, porque é o elemento objetivo por meio do qual podemos entender como são regulamentadas e estruturadas as frases.

O autor refere a presença de uma *Lei* que se chama *Lei da Duplicidade*, afirmando que quando um símbolo aparece duas vezes, significa que o Tarot o está evidenciando, porque é de grande interesse para a pergunta. Este é um princípio de gramática, isto é, uma regra estrutural. Desta forma, cada vez que em duas cartas próximas se encontra o mesmo símbolo, ou um mesmo conceito, quer dizer que o elemento é importante para a pergunta que foi feita. Portanto, em geral, as *Leis* são as normas que estabelecem a lógica das interações das cartas, para que o tarólogo possa se orientar com precisão para decifrar a frase que é a resposta do Tarot.

Para o nosso autor, o exame das imagens e a análise dos *Códigos* levam à compreensão de um conteúdo oculto no simbolismo do Tarot. Neste processo, progressivamente, revela-se a presença de *palavras-chave*, inerentes à estrutura e ao significado dos vários Arcanos. Sua individuação cria, no todo, um léxico, isto é, um vocabulário.

Ilustra que são dois os procedimentos principais: 1) a observação direta 2) a decodificação.

Assim, a simples observação das imagens já permite distinguir um certo número de *palavras-chave*, como, por exemplo, a palavra *casa* nas cartas *Casa Deus* (Torre) e na carta *A Lua*. No segundo procedimento, através dos *Códigos*, revelam-se os significados esotéricos, isto é, internos e secretos do Tarot. Esses conceitos são como *palavras-chave* que são adicionadas às anteriores. Logo a seguir, passa o autor a fazer uma demonstração das duas

práticas, observação e decodificação, fazendo uma análise com a carta de *A Papisa*, Arcano II, demonstrando, pela decodificação, uma correlação desta imagem com a divindade egípcia Isis e a figura da Grande Mãe, demonstrando a obtenção da palavra-chave, *mãe*, entre outras.

Assim, resume: *Códigos e Leis (Gramática) + palavra-chave (Léxico) = Linguagem (ótica).*

Refere que o Tarot é uma língua que tem por objetivo colocar em comunicação o homem com o mundo do Espírito, sem nenhum intermediário. De fato, o tarólogo, ao desenvolver seu trabalho, com precisão e sacralidade, não fará nada mais do que literalmente ler o Tarot, expondo ao seu interlocutor aquilo que vê escrito, sem colocar nada de próprio, tornando-se invisível e, por meio de um grande exercício de humildade e sabedoria, deixar que o diálogo aconteça entre o consulente e o Tarot, ajudando-o somente a entender a comunicação a ele destinada, sem interpretações: é como uma tradução.

Um outro aspecto de grande interesse ao tema é analisar por que se diz que as imagens do Tarot são Arquétipos, fazendo o autor uma análise etimológica sobre o termo arquétipo, que seria um modelo primitivo que se poderia comparar a tijolos que formam o inconsciente coletivo, um sistema psíquico comum e universal, e suscita que com o desenvolvimento da psicologia, particularmente com Jung, o argumento despertou novo interesse. Afirma que os Arcanos são, de fato, Arquétipos, razão pela qual muitos autores, como Jung, se interessaram na sua análise, encarando-os como imagens primitivas, isto é, Arquétipos do nosso inconsciente coletivo.

Os Arquétipos-Tarot foram avaliados como forças viventes, com as quais os indivíduos deveriam se confrontar para seguir a própria evolução interior. Por esta razão, estudar um único Arcano significa entrar em seu mundo, mas equivale, em última instância, entrar em nós mesmos.

Em decorrência desta investigação psicológica e científica, durante o século XX, resultou um progressivo e decadente desenvolvimento do uso

do Tarot em razão da cartomancia. De fato, esta prática foi definida, supondo-se que ler o Tarot significasse, acima de tudo, utilizá-lo como Arquétipos, consequentemente, todos os métodos de leitura se adaptaram a esta lógica, acrescentando outras técnicas divinatórias, como, por exemplo, a comum associação Tarot-Astrologia. Nestes sistemas de leitura, o Tarot é tratado exclusivamente como Arquétipo, ou seja, como modelo de comportamento. Em razão deste método particular de uso, eles são isolados e estáticos, sem nenhuma conexão entre eles, cada Arquétipo vive em seu mundo, as cartas não dialogam.

Traz como exemplo o método de leitura da cruz simples, ressaltando que antes mesmo que a carta seja extraída, já se sabe que aquela colocada em primeira posição indica algo de favorável; em segunda algo de contrário, e assim por diante. Isto quer dizer que a leitura, isto é, a interpretação, é estabelecida exclusivamente do valor presumido dos Arcanos-Arquétipos e do hipotético significado do posicionamento na leitura.

Reforça a questão de como seria possível estabelecer o real sentido esotérico dos Arcanos e o modo correto de disposição em uma leitura. De onde se deduzem estes critérios? Da própria intuição? Das teorias de algum autor? Como podemos comprovar ser correto este ou outro método? Não se pode dar nenhuma resposta positiva, pois nada comprova tratar-se de sistemas válidos e rigorosos, motivo pelo qual não existe nenhuma uniformidade de julgamento por parte dos especialistas ou dos pesquisadores, muito menos um método único de leitura.

Questiona Carlo Bozzelli: “se existem todas estas diferenças, quem pode estabelecer uma legitimidade efetiva do significado do Tarot e das regras para sua leitura?”. Parece que a resposta é clara: nenhum autor, por mais genial que seja, possui este direito; e afirma ainda que este modo de agir caminha sempre para uma leitura totalmente subjetiva, segundo as inclinações pessoais de quem estará lendo, e só acessível a quem possuir dotes especiais, como intuição, mediunidade.

Sustenta que, ao contrário, a leitura do Tarot é acessível a todos, não sendo prerrogativa exclusiva de médiuns, eis que se conhecendo a *Estrutura Cifrada*, se descobre que não somente o significado dos Arcanos é totalmente objetivo, como também o método de leitura é perfeitamente regulamentado. Dentro do sistema de símbolos, de *Códigos* e de *Leis* do próprio Tarot, existe uma espécie de manual de uso, que mostra como usá-lo, de maneira totalmente disciplinada. Desta forma, existe uma regulamentação para seu significado (gramática e léxico) e para sua precisa disposição no curso de uma leitura (sintaxe) do Tarot.

Portanto, este método de leitura, que é denominado como *Método Tradicional Sintático* (p. 151), deve ser atribuído ao sistema de codificação de Nicolas Conver, e a grande novidade em relação aos demais métodos de leitura é que os *Códigos* e as *Leis* é que estabelecem as regras para a correta colocação das cartas; trata-se de um sistema definido não ao arbítrio de um autor, mas do próprio Tarot, cuja característica fundamental é o dinamismo e a interatividade, prerrogativas que impulsionam um uso não somente arquetípico do Tarot. Tanto nos Arcanos Maiores como em parte dos Menores, mais precisamente nas Cartas da Corte (Valetes, Rainhas, os Reis e os Cavaleiros), estão representados personagens, isto é, figuras humanas, e questiona: por que então não se utilizaria na leitura esta sua peculiaridade? Então esclarece que *as cartas interagem, e, de acordo com a pergunta, manifestam-se as dinâmicas relacionais, de pensamento, e emocionais dos vários personagens daquele fragmento da história contada pelo Tarot, que não é outra coisa senão a vida do consulente* (p. 153).

No capítulo 7 Bozzelli analisa algumas das chamadas *Leis do Tarot*, e refere que os já citados *Códigos*, possuem mecanismos de funcionamento que obedecem a certos princípios, esquemas, isto é, *Leis*, que permitem que se compreenda o modo no qual os símbolos e os *Códigos* foram colocados. Não foi uma disposição casual, mas uma estrutura ordenada, complexa e coerente.

Existem milhares de *Códigos* e todos respondem a lógica destas *Leis*. É a linguagem secreta do Tarot, ou também podem ser usadas no método de leitura, ou seja, na prática que permite um uso extremamente preciso das cartas de Tarot. Graças a essas *Leis*, o Tarot se expressa com uma sua linguagem que tem uma gramática, um dicionário e sua sintaxe. Reforça o autor que a observação destas *Leis*, assim como dos *Códigos*, permite abrir a própria consciência.

LEI DA ANTÍTESE: Segundo Bozzelli, é uma dinâmica que liga as cartas, colocando em evidência a antítese entre elas, as contraposições e os contrastes dualistas. Aponta diversos exemplos existentes nas cartas, evidenciando a ocorrência desta *Lei* e demonstrando o contraste total do significado simbólico e gráfico entre os Arcanos, se verificando um esquema antagônico, o Dualismo.

Aduz que à luz desta *Lei da Antítese*, quando dois elementos, colocados na mesma carta ou em duas cartas diferentes, são invertidos em seu significado, um *Código* é criado. A inversão, do ponto de vista gráfico ou conceitual, pode se referir a um símbolo ou a um conjunto de símbolos. O *Código* decifrado pode ser objeto de interpretação para a identificação de um ensinamento. Um exemplo é a comparação entre as cartas *Le Bateleur* (*O Mago*) e *Le Monde* (*O Mundo*), ressaltando que no *Le Bateleur* se evidencia uma grande forma retangular/quadrada, a mesa onde apoia seus objetos, enquanto no *Le Monde* existe o simbolismo do círculo representado pela grande forma oval, e com a aplicação desta *Lei* se descobre um pequeno enigma que evidencia um ensinamento, neste caso o dualismo terrestre/celeste (quadrado/terrestre – círculo/terrestre).

Explica o autor que a presença destes modelos reiterados leva à formulação de uma *Lei,* e que a diferença entre a *Lei* e um *Código*, de modo geral, é que o *Código* é um evento único e isolado enquanto que a *Lei* é um esquema que se repete.

LEI DA DUPLICIDADE: Para a compreensão desta *Lei,* o autor propõe alguns exemplos de visualização entre as cartas *O Imperador* e *A*

Imperatriz, onde temos 2 vezes a águia, entre *A Torre* e *A Lua*; 2 vezes a torre, entre *O Carro* e *A Roda da Fortuna;* 2 vezes a roda, entre *A Temperança* e *A Estrela*; 2 vezes as jarras, entre *O Louco* e *O Eremita*; 2 vezes o bastão vermelho, e afirma que em todos estes casos se revela uma característica constante, um símbolo que, apesar de algumas diferenças, se repete em ambos os Arcanos. Em cada par encontramos o mesmo elemento que aparece ao menos duas vezes: trata-se de um esquema que se repete, esta regra é definida como *Lei da Duplicidade*. Explica o autor que essa repetição de elementos, que se verifica no Tarot, seria uma forma de chamar a atenção para a existência dos *Códigos* e para acentuar sua importância, e que de igual forma ocorre na leitura prática, eis que, quando o tarólogo observa a presença de um mesmo símbolo em duas cartas contíguas, compreende que o Tarot em relação à pergunta do consulente o está alertando que determinada palavra-chave é de grande interesse na compreensão da resposta.

Passa, então, o autor a analisar alguns casos de duplicidade simbólica entre alguns Arcanos.

LEI DA DFIFERENÇA: Segundo o autor, esta lei trata das diferenças (gráficas simbólicas e de sentido) entre dois elementos semelhantes. Como exemplo, traz as diferenças existentes nas duas águias representadas nas figuras de *A Imperatriz* e de *O Imperador* que, de igual forma como os outros símbolos, foram desprezadas pelos precedentes estudiosos, que muito indagaram sobre o sentido esotérico em detrimento das particularidades trazidas pelas próprias imagens. Diferenças substanciais são evidenciadas entre essas duas aparentemente similares figuras, tais como o fato de que uma águia olha para a direita e a outra para a esquerda, uma é fêmea (o que se constata pela presença de um ovo) e a outra é macho (o que se pode deduzir pela ausência deste), uma, colocada na parte esquerda da carta, possui as asas voltadas para o alto e é suspensa; a outra, situada na parte direita da carta, possui as asas voltadas para baixo e está apoiada no chão e é tocada por um pé; estas diferenças sugerem uma oposição terrestre-celeste, o passado e o futuro (olhares para esquerda e direita).

Chama a atenção o autor ao fato de que, como as duas águias parecem semelhantes apenas a um primeiro olhar mais superficial, assim é também na arte sacra da qual o Tarot é a forma de expressão máxima, na qual existe uma modalidade similar conhecida como o Princípio da Imperfeição, que prevê a presença nas obras de uma assimetria voluntária.

LEI DA CONTEMPLAÇÃO: Demonstra o autor que os personagens indicam uma heterogênea direção do olhar, alguns voltados à esquerda, outros à direita ou para frente. Salienta que se observando os milhares de jogos existentes, os personagens são orientados de diversas formas, em alguns, por exemplo, como *A Imperatriz*, olhando para a direita (baralho de Crowley), ou em outro com o olhar para frente (baralho de Rider-Waite) ou com olhar para a esquerda (baralho de Lombardi Della Rocca), demonstrando que os pesquisadores não deram importância a este aspecto, quando, em realidade, a direção do olhar é imprescindível, e seu significado é completamente codificado.

A chave deste aspecto relativo ao olhar está no Arcano *Le Mat* (*O Louco*), que, contendo todos os *Códigos* explicativos, revela a existência de uma referência espacial do Tarot. Recorda Carlo Bozzelli o fato de que os Arcanos Maiores foram considerados um conjunto de 22 cartas, e que, inclusive, no século XIX foram impropriamente associados às 22 letras hebraicas (por Éliphas Lévi). Aduz que *O Louco* possui uma função especial, eis que é o protagonista, um peregrino, se move da esquerda para a direita, e é o único personagem que visivelmente caminha e aponta o olhar em direção ao céu, fato este que, pela decodificação da direção do olhar, deve ser considerado como a referência no espaço e na realidade; que este olhar em direção ao céu mira o zodíaco (*O Mundo*, a meta), isto é, o círculo das 12 constelações.

Analisa a referência temporal, eis que o movimento no espaço é estritamente ligado ao tempo, *Le Mat* (*O Louco*) se dirige do passado em direção ao futuro, e a carta descreve as três fases, passado, presente e futuro, e, assim, de acordo com os *Códigos,* a partir desta carta, se pode obter a razão

da orientação espaço-tempo, tanto do diagrama 3x7, quanto das três primeiras cartas do início de uma leitura, que em pleno acordo com os *Códigos* indicam o passado, o presente e futuro de uma pergunta feita, e a partir desta disposição desenvolver-se-á toda a dinâmica do *Método Tradicional Sintático*, que permitirá que se adicionem outras cartas para completar a leitura de acordo com a necessidade da pergunta.

Assim, conclui, dizendo que o pressuposto preliminar da *Lei da Contemplação* é que o olhar de um personagem indica no que ele pensa, bem como o fato que se o olhar for voltado para a esquerda é endereçado ao passado, enquanto que se for voltado para a direita é projetado ao futuro; no entanto, se o personagem olha para frente, a regra não se aplica. Cada Arcano, com esta peculiaridade, é denominado *carta observadora*, que neste caso estará observando outra carta que será denominada *carta observada*.

Um outro fato importante, é que além de um olhar voltado para o passado ou para futuro, o olhar do personagem deve estar voltado para o externo, para fora da carta, traz como exemplo o Arcano VI (*O Enamorado*), onde os olhares dos personagens são orientados ao interno, se olham entre si, e neste caso é como se a carta não olhasse. Essa *Lei* se aplica tanto quando as imagens revestem funções de personagens, isto é, homens e mulheres, quanto quando representam Arquétipos.

LEI DA OPORTUNIDADE: Assegura o nosso autor que uma outra fundamental regra que disciplina a disposição das cartas, isto é, a sintaxe, durante a leitura prática, é a *Lei da Oportunidade* ou da *Resolução*, e também aqui estamos de frente a uma norma objetiva.

Assim é que, no curso de uma leitura, deve ser considerado o fato de que, se uma carta é extraída invertida, é indicativa de um problema, isto é, um bloqueio para aquele personagem ou para aquele Arquétipo. Na vida quotidiana, diante de um problema, devemos encontrar a solução, extraindo-se uma nova carta para ser colocada acima daquela, para que se tenha a oportunidade de resolver o problema, que será a *carta oportunidade* ou *carta solução*. Assim, o fato de poder oferecer ao consulente uma solução a alguma

problemática ou perigo que se apresente em uma leitura, é a grande vantagem oferecida pela descoberta da *Estrutura Codificada*, eis que a aplicação desta *Lei* muda radicalmente a relação com a leitura, inclusive aquela da previsão do futuro.

No capítulo 8, aponta o autor que qualquer pessoa que tenha somente um vago conhecimento do Tarot sabe que esse argumento traz à mente, antes de tudo, a leitura do futuro. Existe uma multiplicidade de formas de uso dos Arcanos, fazendo com que a previsão seja apenas uma, dentre tantas possibilidades.

O Tarot pode ser considerado uma disciplina esotérica completa por direito próprio, que nos séculos passados foi rebatizada pelos antigos alquimistas como a Ciência das ciências. Por esta razão, Helena Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, o definiu como *chave de todo o esoterismo ocidental* (p.182), razão pela qual não é aceitável renegá-lo ao modesto âmbito de somente função divinatória, modernamente conhecido como cartomancia, que pode ser julgado limitante, enquanto comporta uma redução do seu valor; por tais razões, assevera o autor que a designação correta desta disciplina é Tarologia, neologismo introduzido no século XX. A Tarologia diferencia-se da Cartomancia, eis que possui uma complexidade e uma natureza totalmente diferentes, sendo esta uma disciplina baseada em fundamentos gnosiológicos sólidos, que podem ser constantemente examinados e verificados.

Assim, rebate o autor, que não é legítimo associar o Tarot somente à prática divinatória, pois possui múltiplos possíveis empregos; refere, no entanto, que em razão da grande difusão da cartomancia, não se pode deixar de levá-la em consideração.

Passa o autor a analisar alguns aspectos etimológicos das palavras cartomancia e da adivinhação, consignando que o ocultista francês Eteilla seria considerado o pai putativo da cartomancia, eis que foi o primeiro autor da história moderna a publicar um método desta atividade, apesar de ter sido totalmente inventado por ele, e sem um fundamento. No entanto, em razão da

incansável autopromoção de Eteilla, e em razão da grande notoriedade das obras de Gébelin (o primeiro a associar o Tarot à adivinhação), levaram a identificação do Tarot unicamente com a prática divinatória.

Diante disso, a cartomancia, também por ter sido divulgada em língua francesa, comumente usada na época como idioma internacional de comunicação, se difundiu na Europa e alcançou grande popularidade no final do século XIX, graças à publicação dos vários maços da escola francesa (Tarot de Oswald Wirth no final do século XIX, e o de Paul Marteau no início do século XX), bem como os da escola inglesa (os mais importantes são os de Rider Waite e o de Crowley).

O uso dos Arcanos, com fins divinatórios, teve seu ápice no século XX, também em razão de um impulso ocorrido no início dos anos 70 por conta do lastimável nascimento da cartomancia televisiva e telefônica. Salienta, no entanto, que se por um lado a grande vulgarização da cartomancia testemunha somente uma das infinitas tentativas da humanidade de adivinhar o próprio futuro, por outro, tais esforços demonstram que a adivinhação pode ter um sentido e bases concretas, eis que com uma conduta honesta, não seria lícito condená-la, como se fosse um banal resíduo de superstição, eis que se trata de algo sério e profundo.

Portanto, pergunta o autor, que significado pode existir em investigar o futuro? O tipo de investigação que propõe o autor em sua obra não tem nada que ver com uma leitura fatalista do futuro.

O Tarot não nos vincula, nos ajuda a escolher, e uma de suas principais funções é nos ajudar a entender nossa própria vida, suas etapas, suas provações, seu sentido, o amor e a aceitação por nós mesmos e pelos outros. Segundo o autor, o Tarot é uma porta para um outro universo, um espaço por meio do qual nos interessamos a nós mesmos, onde nos reconectamos com algo que está escondido em nós, e que o esquecemos.

Argumenta o autor que a Tarologia é um uso litúrgico do Tarot, onde os Arcanos se tornam ponte de conexão, dialogando com nossa Alma, e que,

graças ao seu método de leitura, mostra com clareza possibilidades alternativas, que o consultante pode lançar mão para evitar determinados inconvenientes, oferece as soluções a qualquer problemática evidenciada, ponto em que se diferencia da Cartomancia.

Bozzelli anota que repetiu diversas vezes que estas surpreendentes imagens são os guardiões de um Saber antigo e Tradicional; no entanto, é necessário referir que os níveis destes ensinamentos são múltiplos, e que só podem ser explicados por meio de uma progressiva compreensão do sistema de *Códigos* que caracterizam a sua dimensão interna, esotérica. Portanto, tendo-se conhecimento das decodificações, algumas demonstradas na obra, é possível descrever uma parte daquilo que nesse Saber é contido, aprofundando as relações existentes com respeito a certos argumentos doutrinais.

Assegura que a carta *O Mundo* representa, também, o Cristo em Mandorla, isto é, o símbolo do Cristo e dos quatro Evangelistas que aparece no ingresso de muitas catedrais. Faz a seguinte pergunta: será que existe um conhecimento comum entre os construtores das catedrais e os criadores do Tarot? Salienta também que os construtores das catedrais usaram sistematicamente a proporção áurea em suas construções, e esta correlação se faz importante, eis que também no Tarot de Marselha de Nicolás Conver se encontra o uso deste princípio geométrico, que vem expresso de diversas maneiras, em todas as cartas, o que contribui na codificação de certas mensagens e a tornar sacro todo o conteúdo. Como exemplo, refere-se ao símbolo do Cristo em Mandorla, na carta O *Mundo*, na qual se encontra a seção áurea tanto na altura quanto na largura do oval, cuja divisão leva exatamente ao valor de 1,618, o número *Phi*, ou número áureo, e se isto, de um lado, reforça a ideia de uma relação com os construtores das catedrais, de outro, traz reflexões sobre o uso dessa proporção e de suas extraordinárias características.

Revela o autor a presença de símbolos maçônicos no Tarot de Marselha, e faz uma explanação sobre a Maçonaria, sua possível ligação com

os operários da lenda de Hiram Abif, arquiteto chefe da construção do Templo de Salomão, trabalho executado muito antes do século I d.C., podendo-se supor que a Maçonaria tivesse raízes muito antigas.

Segue ressaltando a presença de uma ligação entre o Tarot e o Egito, e diz que para entender melhor esta afirmação é necessário abordar a questão dos "*Códigos dos símbolos dualistas"*, asseverando tratar-se de um mecanismo de codificação projetado para revelar a presença de dois elementos distintos que quando reunidos, geram um terceiro e diferente elemento. Neste diapasão demonstra que nos Arcanos estão ocultos o simbolismo das divindades egípcias fragmentados nas imagens das cartas, e cita como exemplo a carta *O Louco*, onde os dois elementos principais são o homem e o cão, por serem seres viventes, podendo-se ligar ao deus Anúbis, o homem com cabeça de cão, e também na carta *A Força* (Arcano XI) , que apresenta claramente a presença da simbologia de Sekmet, a mulher com cabeça de leão, cujo nome significa *Ela que é poderosa*, exatamente como em *A Força*, e decodifica, ainda, outros elementos a demonstrar a ligação desta última com a divindade egípcia, tal como o disco solar e a representação da serpente presente em Sekmet, considerada a terrível divindade da guerra, que, personificando os raios do sol, de calor mortal, encarnava o poder destrutivo do astro, eis porque sobre o chapéu do Arcano de *A Força* agora podemos compreender a presença de escamas de serpente e as pontas amarelas dos raios solares.

Reafirma o autor que estes *Códigos* demonstram uma ligação entre o Tarot e o Egito, salientando que a atuação do monge Giovanni Cassiano, que por sua vez era ligado aos Santos Eremitas do Deserto, os pais da Igreja Cristã, cuja presença, remonta oficialmente ao século III d.C., foi fundamental para a transmissão da antiga Sabedoria, o que se pode verificar pelas obras escritas sucessivamente por este monge, entre as quais as *Collattiones* (As Conferências dos Padres), escrito próximo do ano 420 d.C. e o *De institutis cenobiorum* (As Instituições Cenobíticas), que darão uma contribuição essencial a todo o sucessivo curso da espiritualidade ocidental.

Após as perseguições a que foram expostos, a autêntica prática cristã estava em perigo, e São Cassiano, que tinha vivido muitos anos com os Eremitas no deserto, levou para o Ocidente o ensinamento tão perseguido pelas autoridades do Império Romano, tendo se estabelecido em Provença, onde fundou a Abadia de San Vittore. Assim, existiu uma ligação histórica entre os Eremitas do Deserto do Egito e Provença, e nosso autor conclui afirmando que Cassiano desenvolveu um papel de primeiro plano nos acontecimentos do Tarot de Marselha, sendo o guardião e levando adiante o autêntico ensinamento entre o Oriente e o Ocidente.

Assim, em um contexto em que a Tradição egípcia, o Cristianismo, os Eremitas do Deserto, os Construtores do Templo e a Maçonaria, encontram-se completamente interligados e aparentemente com a mesma raiz comum, é coerente encontrar no Tarot de Marselha a mistura tanto da tradição egípcia e cristã (cuja iconografia é bem explícita), quanto o simbolismo dos Construtores da Maçonaria. Passa a demonstrar essas afirmações com exemplos da simbologia maçônica presente nas cartas, mas, contudo, nosso autor não está afirmando que com essas ligações o Tarot foi criado pelos Maçons, mas que a mensagem transmitida foi compartilhada.

Conclui, então, dizendo que o Tarot é o depositário de um ensinamento que tem ligação direta com os Construtores do Templo e que foi perpetuado em Provença por homens como Cassiano e Onorato (fundador, nos mesmos moldes dos cenobitas orientais, do Monastério de Lérins e Bispo de Arles a partir do ano 426 d.C.). Assim, até a aparição da Inquisição e dos Dominicanos, que obstaculizaram sua influência, foram os Cassinitas primeiro, e depois os Beneditinos (Cassiano foi um dos Mestres espirituais de São Bento), a difundir esta sabedoria, cujo simbolismo alquímico e oculto está codificado no Tarot e em igrejas e catedrais espalhadas em todo o Ocidente.

Portanto, segundo o autor, o Egito é uma chave essencial para o conhecimento dos Arcanos, e entende necessário que se conheça um aspecto fundamental da sua Tradição, a viagem do morto, uma representação

metafórica do percurso no além e aduz que a carta *O Louco* é esta correspondência no Tarot de Marselha.

O Tarot representado no seu conjunto por essa carta se transforma em uma peregrinação, uma busca de um caminho de 21 estações, com *O Mundo* (pureza e essencialidade), isto é, o círculo do Zodíaco, o Céu, como uma meta; por isso, sob os pés de *O Louco* encontramos a cor azul representativa da via celeste. E indaga qual seria a relação com a viagem do morto?

A relação com a viagem do morto é que *O Louco* é um guia, exatamente como Anúbis, que no culto egípcio é "aquele que conduz e guia a alma dos defuntos". Afirma que a confirmação da relação entre *O Louco* e Anúbis pode ser verificada também por um outro *Código*, o termo Mat (Matto), em razão de errônea crença que a origem do Tarot fosse italiana, pois foi sempre relacionado a um personagem louco, como indicado por tantos outros jogos do passado; no entanto, tendo em vista que os Arcanos não nasceram na Itália, a palavra deriva do persa, e conduz à expressão "Shah Mat", que significa o "Rei" (Shah), é morto (Mat), locução utilizada também no jogo de xadrez no momento da captura do Rei adversário sob a forma de xeque-mate.

Assim, nos conduz o autor à compreensão de que a carta não indica um louco, mas um morto em sentido espiritual, fato que afirma ser muito mais tranquilizador, pois quem gostaria de seguir um caminho iniciático conduzido por um desequilibrado?

Indaga ainda para onde nos levaria o Arcano do Tarot de Arthur Waite, denominado de "*The Fool*", "O Louco"? Na borda de um precipício? (representação da carta de Waite) ou ainda a nos perdermos em qualquer meandro psicodélico da consciência? Com *O Louco* representando um morto, o paralelismo com a tradição egípcia é perfeito: também Anúbis conduz em um barco o candidato, isto é, o morto até a câmara do Juízo, presidida por Osíris, razão pela qual, na parte inferior da fila mais alta do Diagrama 3x7

(modo de disposição das cartas em 3 filas de 7), se vê passar um rio azul, que chega até a carta XX, *O Julgamento*, isto é, a sala presidida por Osíris.

Anota o autor em análise que também por isso o fato de a carta *O Julgamento* expressar o conceito do renascimento não deveria surpreender, eis que quem é o morto no plano iniciático senão aquele que ainda não despertou para o mundo da alma? ou aquele que morreu para o mundo da matéria? Afirma que por isto, tanto na viagem iniciática egípcia como no Tarot, o testemunho do renascimento traz também o símbolo do sarcófago, que era utilizado não somente como caixa para a deposição do corpo do Faraó, mas era considerado a porta de acesso a uma outra dimensão, isto é, uma espécie de mecanismo para implementar o novo nascimento.

Reafirma o autor que, embora estas demonstrações sejam somente o início de uma longa série de correspondências com o Egito, entende sejam já determinantes para iluminar a estrutura secreta dos Arcanos em relação a viagem do morto, que por meio do despertar da consciência superior o conduz a um segundo nascimento. Este é o extraordinário ensinamento perfeitamente sintetizado nas duas últimas cartas, que é o que busca quem percorre um caminho Iniciático: alcançar uma nova consciência (XX) para despertar e fazer o contato com a Alma (XXI).

Caminha o autor para o último capítulo de sua obra, reafirmando que o ponto de vista proposto é completamente diferente daquilo que é sustentado pela maioria dos historiadores. A diferença substancial que embasa suas reflexões em relação aos estudiosos do passado está ligada à consciência da presença de um sistema de referência interno. Afirma que a *Estrutura de Códigos e Leis* age como uma bússola para orientar objetivamente na pesquisa exploratória do verdadeiro significado dos Arcanos.

Ao se aprofundar no conjunto dos *Códigos*, o pesquisador verifica a incrível concordância de simbologias, colocadas sob diferentes planos, derivando de uma vasta multiplicidade de mitos religiosos, os quais não são de derivação exclusiva egípcia ou cristã, e provêm, também, de outras fontes, tais como a tradição hinduísta, budista, taoísta, grega, judaica, etc. Ressalta,

no entanto, que esta enorme pluralidade, fonte de imensa riqueza, pode conduzir ao erro de se pensar que o Tarot seja um sincretismo posterior a todas estas influências; isto seria um erro grosseiro, eis que seria improvável, ou até mesmo impossível, elaborar uma síntese assim compacta e perfeita daquilo que hoje surge como uma vastidão e uma pluralidade quase inatingível de tradições místicas e religiosas tão diferentes entre si, mas acima de tudo porque é a própria Estrutura Codificada que indica uma outra verdade, a de que o **Tarot é a fonte mais antiga e unificada de todos os mitos,** que se encontram, também, na doutrina cristã, e que somente mais tarde foram expressos em várias formas, com modificações e mutilações, do Oriente ao Ocidente.

Por mais que possa parecer não crível, os *Códigos* indicam com certeza que estas imagens são o compêndio de um único evento ancestral, tão antigo quanto o homem, mas que ao se tornar religião, percorreu estradas heterogêneas e culturas diferentes, dispersando-se em muitos lugares e permanecendo mais coeso e reconhecível apenas nos antigos cultos egípcios. Segundo ele esta é a razão pela qual o cristianismo esotérico é profundamente permeado pelo ensinamento egípcio, e encontra sua expressão mais perfeita no Tarot de Marselha.

As imagens do Tarot de Marselha foram revisitadas graficamente no século I d.C., eis que de origem ainda mais remota, e foram eclipsadas em mil cartas de muitos outros jogos antigos. A função imprescindível de Nicolas Conver, o fabricante de cartas do século XVIII, mestre desta Tradição, foi a de transmitir à posteridade um maço onde os símbolos, os traços, os desenhos, foram reunidos novamente, na sua versão original, próprio como as partes de um mosaico sacro que estavam somente à espera para serem colocados no seu justo lugar. Sustenta que o Tarot de Conver derivou daquilo que ele herdou da corporação a que pertencia, e que veio diretamente das terras egípcias, região que havia hospedado os Santos anacoretas.

Nosso autor indaga se é possível encontrar elementos históricos que possam sustentar esta teoria de que o Tarot seja o guardião de um simbolismo

primitivo e arcaico, e responde afirmando que o modo mais completo para obter esta resposta é, justamente, a própria *Estrutura Codificada*, que em razão de sua complexidade, e pela extensão do seu conteúdo, garante uma lógica, uma transparência, e uma coerência, que deixam os estudiosos atônitos; mas afirma que podem ser aprofundadas com base nos aspectos historiográficos e documentais dos Arcanos, por quanto decididamente diferente daquilo que vem geralmente admitido pelos especialistas, eis que a maioria acredita que as cartas de jogo precedem o Tarot, e que este foi criado no período renascentista, como uma forma mais evoluída daquelas, de natureza sempre lúdica.

A partir do momento em que esta teoria passou a ser reconhecida como verdade, implicitamente não se admite a possibilidade de que alguma referência histórica possa ter sido realizada graças ao modelo precedente do Tarot, ou seja, baseada nele.

No entanto, talvez a conduta correta fosse justamente essa última hipótese, de se considerar os Arcanos como contemporâneos do início da era cristã, e assim seria perfeitamente plausível encontrar seu simbolismo disseminado em igrejas, obras de arte, quadros e objetos religiosos em geral, e esses vestígios podem, obviamente, remontar a períodos anteriores ao do Renascimento, e não seria bizarro e nem contraditório se existissem documentos relativos aos 1.500 anos que separam o advento do Cristianismo ao período do Renascimento. De fato, ao invés de acreditar que um detalhe encontrado em uma igreja tenha sido inspiração para o simbolismo do Tarot, se pode imaginar o contrário, e tudo de repente seria tão simples e elementar a ponto de parecer absurdo.

Portanto, com base nessas hipóteses, passa o autor a analisar alguns fatos históricos considerados "suspeitos" com uma perspectiva completamente diferente.

Faz uma detalhada análise da famosa pintura que retrata o Príncipe Francesco Antelminelli Castracani Fibbia, feita no século XVII onde o personagem é visto em pé, próximo a uma mesa, tendo na mão direita cartas

do Tarot Bolonhês (Tarocchino). A maioria dos estudiosos desacreditou esta obra em razão de o personagem retratado ter morrido no ano de 1419, e a atribuição do nascimento do Tarot, segundo a teoria de que são do período Renascentista, teria sido por volta do ano 1440. Questiona o autor: a ideia do nascimento das cartas no período do Renascimento não é somente uma hipótese? Sustenta que se pode fazer um raciocínio diferente e mais linear. Se a data de nascimento e morte do personagem estão corretas, e independentemente do fato de ele ter sido ou não o criador do Tarot de Bolonha, no quadro estas imagens estão presentes; então, se ao invés de desacreditar a obra, com conjecturas forçadas e incertas, não seria preferível e mais racional admitir que existe uma comprovação que atesta a presença de um jogo de cartas (definido como Tarot de Bolonha) antes do ano de 1440?

Existem outros estudiosos que se manifestam nesse sentido, e à pág. 222 faz citação de um trecho da obra de Andrea Vitali em Il Castello dei Tarocchi, ed. Scarabeo, 2010, a demonstrar tal posicionamento.

Recorda o autor que os especialistas acreditam que os jogos de cartas, cuja menção existe desde os anos 1300, sejam anteriores em relação ao Tarot, e, ao mesmo tempo, julgam o Tarocchino uma variante lúdica do ano 1500, e, portanto, mais tardia. Mas, talvez, a verdade seja o contrário, ou seja, que os jogos de cartas, incluído o Tarocchino, sejam a derivação profana de uma antiga raiz sagrada, aquela dos Arcanos hoje conhecida com o nome de Tarot. Aduz que ao se aceitar esta evidência, não subsiste nenhuma contradição. Na pintura, são representadas cartas de jogo, particularmente a versão definida como Tarocchino Bolonhês, que pode ser atribuído ao início dos anos 1400, sem que se façam necessárias obscuras conjecturas em relação à obra na qual são representadas.

Contextualmente, o seu criador, de acordo com a documentação mais recente, que comprova a correta historiografia da pintura, poderia ter sido realmente o príncipe Castracani, e, portanto, não seria o inventor do Tarot, mas somente o pai desta sua variante de caráter recreativo, o

Tarocchino; desta forma, tudo se explicaria sem nenhuma complicação, de maneira perfeitamente harmoniosa.

Continua o autor a analisar outras pistas da teoria trazida à baila em sua obra e relata que traços e sinais de uma antiga tradição ligada ao Tarot são encontrados não somente nas obras de arte, bem como também nos edifícios dedicados ao culto cristão, como as igrejas, e passa a analisar detalhadamente a presença da simbologia do Tarot nessas Catedrais, especialmente a existente no Duomo de Orvieto, na Úmbria, uma das maiores obras de arte da arquitetura gótica da Itália central, cuja construção foi levada a cabo em 1290 (data anterior ao período que é indicado como o do nascimento do Tarot), bem como no Duomo de Santa Maria Assunta em Siena, cuja construção foi iniciada em 1229 e acabada somente em 1382

Assim, afirma Bozzelli que não é aceitável que com a intenção de dirimir todos os indícios que poderiam contradizer o suposto nascimento dos Arcanos no período do Renascimento, a defesa desta suposição se baseie na apresentação da própria hipótese como elemento probatório. Aduz que cada pista deveria ser julgada por aquilo que é, ou como uma nova potencial comprovação.

A obra em questão tem como objetivo demonstrar a presença de uma *Estrutura Codificada,* que segundo as hipóteses apresentadas, e a única verdadeira guardiã do significado do Tarot de Marselha. Afirma que estas demonstrações são seguramente adequadas para colocar em discussão o ponto de vista histórico tradicional e fazer nascer dúvidas naqueles que refutam categoricamente a possibilidade de que o Tarot seja verdadeiramente o depositário de uma remotíssima Tradição, fonte comum de uma inesgotável riqueza espiritual.

Na conclusão, afiança o autor que o aprendizado do Tarot não pode derivar exclusivamente de um ensinamento escrito, eis que os Arcanos constituem um percurso comportando etapas iniciáticas, ou seja, são um caminho de conhecimento que se desenvolve em graus de evolução interior.

No apêndice, o autor faz uma análise histórica dos Arcanos, e afirma que o Tarot de Marselha é muito mais antigo do que aquele italiano (Visconti Sforza), que, contrariamente a tudo que até hoje se afirmou é uma cópia posterior do primeiro.

Faz o autor algumas considerações acerca da profissão de Mestre fabricante de cartas, que era uma espécie de corporação, uma profissão que exigia uma formação longa, e um estágio árduo que em Paris era de 5 anos, e que somente após a superação de exames e provas, dentre os quais a produção de uma obra de arte que demonstrasse as capacidades adquiridas, se tornava, então, um mestre. O Grande Mestre, entre estes, é o autor de um jogo de qualidade superior, o mestre Nicolas Conver.

Ressalta que as cartas do maço de Conver, de 1760, apresentadas na obra resenhada, e restauradas pelo autor, não são outra coisa senão a recuperação de uma obra antiga, assim como um restaurador de um maravilhoso quadro não reclama a paternidade da obra, apesar de ter amplamente trabalhado nele para reconstituí-lo; o mesmo escolheu o autor fazer, afirmando que as imagens restauradas e apresentadas são e serão sempre livres de qualquer presunção de direito de autor. São relatadas as técnicas usadas para a restauração as quais se deram com a observação de diversas edições do Tarot de Nicolas Conver e a técnica de medições radiestésicas.

O Tarot é um instrumento antigamente criado para homem, com o fim de educá-lo (no sentido etimológico de *ex-ducere*, isto é, ajudá-lo a trazer para fora aquilo que já guarda dentro de si), de guiá-lo ao longo do caminho, conduzi-lo em direção à compreensão de um sentido superior e espiritual da existência, bem como um conselheiro nas escolhas mais comuns e concretas da vida cotidiana. Poder-se-ia dizer que os Arcanos são o Lar daquela Sabedoria, daquela Sophia, que nos ajuda a perceber a plenitude de nosso Templo interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese de que o Tarot de Marselha tenha sido concebido como uma unidade, e que tenha uma origem mais remota do que o período do renascimento, vem afirmada por notáveis estudiosos já de longa data, dentre eles Tchalai Unger e P. D. Ouspensky.

Tchalai Unger chega a afirmar que o Tarot é um conjunto cujos elementos são inseparáveis entre si por um estado de interconexão que não se pode desfazer, que é um modelo, uma maquete do Universo.

Ouspensky afirma que o baralho de cartas é de origem muito mais antiga do que o reinado de Carlos VI, conforme o relato comum.

Os historiadores, entre eles Dummett, refutam as teorias dos ocultistas, mas as novas hipóteses citadas pelo autor objeto desta resenha trazem uma nova abordagem que não foi ainda objeto de análise pelos historiadores e nem objeto de investigação, tendo como consequência a inexistência de uma contraposição ao que hoje se entende como verdade em relação à origem e finalidade das cartas do Tarot.

A partir do evento do Tarot oculto, se passou a interpretar unicamente a simbologia do Tarot, e, segundo Danièle Bourque, os ocultistas não encontram os símbolos, eles os criam!

Até o momento, as pesquisas não se preocuparam em problematizar o Tarot, a não ser por meio da história, e, segundo o autor, é uma história contínua, linear, sem questionamentos.

Como sugere Unger, se poderia olhar o Tarot como algo do futuro ao invés de um sobrevivente do passado, tendo em vista que seus níveis de significado aparecem cada vez mais, e tendem a uma espécie de perfeição.

Assim, o autor da obra objeto desta resenha, na mesma linha que os demais autores contemporâneos, que percebem que algo “maior” envolve o tão célebre “Tarot”, traz uma abordagem inédita com revelações importantes, que podem, sem dúvida, ampliar e abrir novas portas de pesquisa a respeito do Tarot, sob uma nova abordagem.

REFERÊNCIAS

BOZZELLI, C. ***Il Codice dei Tarocchi***: rivelazione di un'intelligenza millenaria. 1.ed. Milão: Anima, 2012.

_____. *I* ***Tarocchi***: *Il Vangelo segreto*. Roma: Edizioni Mediteranee, 2014.

JODOROWSKY, A., COSTA, M. ***O caminho do Tarot***. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Campos, 2016.

JODOROWSKY, A. ***El Tarot de Marsella restaurado o "El Arte del Tarot***", Disponível em <file:///C:/Users/katia/Documents/TAROT%20MARSELHA%20-/El-arte-del-Tarot%20JODOROWSKY.pdf> . Acesso em 23.01.2019.

NICHOLS, S. ***Jung e o Tarô***: uma jornada arquetípica. 17.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

DANIÈLE, B. ***Pour un autre modèle d'analyse du Tarot***. 2008. Tese de Doutorado em Ciências da Religião - Universidade de Québec, Montréal - Canadá.

TCHALAI, U. ***El Tarot****: la respuesta del futuro*. 2 ed. Barcelona: Obelisco, 1991.

DUMMETT, M., DECKER, R., DEPAULIS, T. ***A wicked pack of cards: the origins of the occult Tarot.*** Londres: Duckworth, 2002.

OUSPENSKY, P.D. "***El Simbolismo Del Tarot***", 1913. Disponível em <file:///G:/TCC/Ouspensky%20PD%20-%20El%20simbolismo%20del%20tarot.pdf>.
Acesso em 15.01.2019.



PESQUISAS II





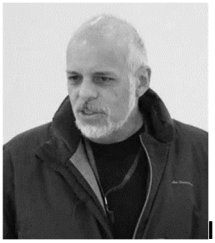








TRABALHOS E PESQUISAS BÁSICAS PUBLICADOS EM OUTROS VEÍCULOS E/OU APRESENTADOS EM CONGRESSOS PELO ORIENTADOR e COORDENADOR



LUIZ EDUARDO V. BERNI é Psicólogo (CRP06/35863), Mestre em Ciências da Religião (PUCSP) e Doutor de Psicologia (USP); Membro fundador do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS); Coordenador e Pesquisador do Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD); idealizador, orientador e coordenador do Curso *Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal*; Conselheiro da Universidade Rose-Croix Internacional - URCI (2008-2018); Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo -CRPSP (2010-2016); Coordenador no Núcleo Psicologia, Laicidade e Religião do CRPSP (2018-2019); Consultor *Ad Hod* sobre Coaching do Conselho Federal de Psicologia – CFP (2018-1019). levberni@hotmail.com

7

COACHING E SABERES TRADICIONAIS: Uma Perspectiva Transpessoal[62]

Luiz Eduardo V. Berni

RESUMO

Tema: Desenvolvimento Humano; **Objetivo**: Apresentar as diferenças e semelhanças entre o Processo de Coaching e o Acompanhamento Tradicional; **Método**: Bibliográfico. **Resultados**: Apresentou-se as fases comuns aos processos de *Coaching*: Queixa, Levantamento de Competências e Plano de Ação, colocando-as em diálogo com a modalidade tradicional de acompanhamento de pessoas que se faz por um Sábio, a partir de seu conhecimento da tradição. Esse processo possui um caráter mais coletivo, seguindo padrões biográficos traçados pelos fundamentos da tradição. **Conclusão**: Contemporaneamente o *Coaching* guarda semelhanças com os processos tradicionais de acompanhamento de pessoas.

Palavras-chave: Coaching, Saberes Tradicionais, Cultura, Psicologia Transpessoal

COACHING AND TRADITIONAL KNOWLEDGE: The Transpersonal Perspective

ABSTRACT

Theme: Human Development; **Aim**: To present the differences and similarities between the process of coaching and traditional knowledge; **Method**: Bibliographic. **Results**: There is three common steps in the process of coaching: Complaint, Competence Survey and Action Plan. The Traditional knowledge is based in collective model using common structures such the biographic laws. **Conclusions**: Today, coaching is a process similar to the traditional knowledge to guide people for theirs on potential.

Key-words: Coaching, Traditional Knowledge, Culture, Transpersonal Psychology

[62] Texto decorrente da tese de doutora IP USP, 2008 ***Self-Empowerment – Jornada de Transformação: Um Método de Personal Coaching via Internet*** – Publicado incialmente na Rede Psi (01/04/2009). Texto básico oferecido aos alunos no primeiro módulo do curso.

INTRODUÇÃO

O *Coaching* é uma prática; contemporânea que visa um acompanhamento individualizado, personalizado de pessoas e grupos para o desenvolvimento ou atualização, de suas potencialidades. O termo *Coach* é muito comum no mundo dos esportes, grosso modo significando treinador. Trata-se de um vocábulo da língua inglesa cuja tradução ao pé da letra seria "carruagem". O vocábulo em língua portuguesa "cocheiro", aquele que conduz a carruagem, decorre desse termo. Esse aspecto etimológico e sua aplicação tradicional sugerem que a função do *Coach* é a de conduzir ou treinar.

Todavia, é importante que se compreenda de forma clara qual é o sentido dessa condução, desse treinamento, no que diz respeito ao *coaching* no desenvolvimento de potencialidades, para isso vou recorrer a uma metáfora.

Quando alguém toma um táxi o motorista conduz o carro, mas quem indica o destino é o passageiro. Essa é a típica relação que metaforiza o processo de *coaching*. Assim sendo, tal processo está condicionado, é claro, às competências do *coach*. Portanto, em nossa metáfora da viagem de táxi, além da capacidade do taxista de entender as necessidades do passageiro, devem ser levadas em consideração os equipamentos do carro, as condições do trânsito para que o passageiro chegue ao seu destino de forma rápida e segura.

De modo geral, pode-se afirmar que *coaching* refere-se à técnica, ao processo de acompanhamento (o serviço), enquanto o *coach* é o termo atribuído ao profissional que realiza esse acompanhamento (prestador de serviço) sendo o *coachee* aquele que se submete ao acompanhamento (usuário do serviço).

O *COACHING* NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Com a popularização da técnica, existe uma grande diversidade de tipos de processos de *coaching* oferecidos, que são denominados de diferentes formas. Esse acompanhamento pode acontecer em diferentes áreas, também. Na área esportiva é normalmente denominado de *Personal Training*, muitas vezes realizado por um educador físico ou fisioterapeuta; na área comportamental pode ser denominado de *Personal Coaching*, muitas vezes realizado por um psicólogo ou um educador; e na área organizacional *Coaching Organizacional* e também *Coaching Executivo*, realizado por administradores, e afins. Esses últimos processos diferenciam-se entre si da seguinte forma: O *Coaching Organizacional*[63] é aquele oferecido internamente na organização, quando um profissional Sênior acompanha um profissional Junior no desenvolvimento de sua função. O *Coaching* Executivo, por sua vez, é geralmente aplicado por um coach igualmente sênior que, de fora da organização, acompanha um profissional de mesmo nível no desenvolvimento de sua carreira. O *Coaching* nos ambientes empresarias está intimamente ligado ao desenvolvimento da liderança. O *Organizacional* relaciona-se com a função e o *Executivo* à carreira de maneira geral, havendo, entretanto, como se disse, grande variedade nestas denominações.

O *Coaching* tem apresentado grande expansão nos últimos tempos, assim, o mercado de autoconhecimento corporativo é invado por uma enxurrada de propostas que oferecem esse serviço.

Quem é o *Coach*? Ou talvez fosse melhor dizer: quem pode atuar como *coach*? O psicólogo? O administrador? O engenheiro? Todos estes profissionais podem estar habilitados a atuarem como *coach*. Mas é importante que se entenda que o *Coaching* não é uma profissão regulamentada, ou seja, não há lei que regulamente o campo, tampouco cursos superiores de graduação em *Coaching*, nem fiscalização governamental. Embora já existam algumas associações de profissionais, que

[63] Esse processo ser denominado mentoring

estabelecem alguns padrões de conduta, entretanto, estão normalmente mais preocupadas em oferecer cursos do que representar os profissionais. Assim, a formação se dá em cursos livres (não regulamentos pelo MEC) que em alguns casos conferem até uma certificação internacional, mas que não sofrem fiscalização das autoridades educacionais como acontecem nas universidades, por exemplo. Isso de forma alguma os desabona, porém é importante que os usuários desses serviços e aqueles que procuram formação na área compreendam bem isso. Por isso, podem-se encontrar profissionais de diferentes formações oferecendo esses serviços[64].

PROFISSIONAIS E PROCESSOS

A escolha de um profissional de *Coaching* não difere da escolha de profissionais de outras áreas. Para se escolher um bom *coach* deve-se observar criteriosamente o background do profissional, ou seja, onde e como se deu sua formação acadêmica e profissional. Portanto, é importante que as pessoas interessadas em encontrar um bom *Coach* avaliem a trajetória do profissional de quem estarão contratando. Há, todavia, que se ter cautela nessa avaliação para não cometer injustiças. Pensar que só os profissionais muito experientes ou de longa carreira podem oferecer bons serviços não é necessariamente verdadeiro. É preciso lembrar que esses profissionais são normalmente muito bons, isso é um fato, mas a inovação é fruto da ousadia, então pode haver bons *coaches* no mercado que ainda não são tão experientes, ou mesmo conhecidos, mas são capazes de realizar um bom trabalho. Aí entra o posicionamento estratégico da oferta desses serviços. Os mais experientes irão oferecer normalmente "tradição", e os mais jovens, "inovação".

Evidentemente os processos de *Coaching* variam entre si. Mas, existem alguns elementos comuns dentro de uma estrutura de trabalho que é clássica em processos de desenvolvimento humano, ou de crescimento pessoal. Assim pode-se afirmar que, guardadas as devidas proporções os processos de *Coaching* possuem três etapas: (a) Na primeira etapa se realiza

[64] Padrões éticos são apresentados pelo autor em *Código de Ética em Psicologia e Coaching Transpessoal* SP: APTD, 2019.

um levantamento das necessidades ou da queixa do *coachee*. Normalmente devem ser respondidas as seguintes perguntas: Por que a pessoa procurou o profissional de coaching? Quais são seus desejos e suas expectativas? (b) A segunda etapa é dedicada à sondagem da realidade da pessoa, onde se realiza um levantamento do perfil de competências do participante ou se faz um levantamento dos potenciais que podem ser atualizados. Devem ser respondidas as seguintes perguntas: O que o participante já realizou? O que parece ser capaz de fazer? Quais as bases de realidade para essa realização? Inclui-se aqui um mapeamento das forças e fraquezas do participante; A terceira e última etapa (c) é dedicada ao estabelecimento de um Plano de Ação ou de um Programa de Mudanças Pessoais. Devem ser respondidas as seguintes perguntas: Como o participante irá realizar o que deseja? Essa realização é factível? Quanto tempo, e qual o investimento, isso pode demandar?

Pode-se afirmar que a principal variação encontrada nos processos de *Coaching* está na segunda etapa, ou seja, na forma como os potenciais, ou as competências do participante serão levantadas, mas pode haver variação também na etapa final, visto que alguns profissionais realizam um acompanhamento longitudinal do Plano de Ação. Uma observação detalhada da metodologia empregada, dos recursos oferecidos pelo *coach* ao *coachee* irá permitir a compreensão que qual é a teoria, a visão de mundo que está por trás do serviço oferecido.

Como se afirmou inicialmente o *Coaching* é um processo promoção do desenvolvimento humano, como o são a educação e a psicoterapia. Então o que os diferencia? Do ponto de vista comportamental o *Coaching* é um processo de orientação ou aconselhamento[65], com foco claramente delimitado, trata-se de uma intervenção breve com começo meio e fim claramente determinados.

[65] Diferente do que o termo sugere, aconselhamento é uma técnica não diretiva de acompanhamento ou orientação. Uma proposta não diretiva centrada no desenvolvimento da capacidade de escuta não tendo relação com a ação de "dar conselhos". Trata-se de uma abordagem cunhada no âmbito da Psicologia.

Nos processos de *Coaching* mesclam-se ainda conteúdos educacionais, pois normalmente há tarefas a serem realizadas, e conteúdo a ser estudado, assim como estará presente a compreensão clínica ou as atitudes de ajuda própria das abordagens humanistas, como a empatia, a compreensão empática, entre outras.

A psicoterapia, se diferencia do *Coaching*, por ser um processo profundo, de longo prazo, com foco abrangente, envolvendo vários aspectos da vida, onde o psicoterapeuta acompanha o cliente de forma longitudinal, durante um período normalmente longo, onde é possível ao psicoterapeuta acompanhar o processo de individuação ou autorealização[66] das pessoas. Enquanto nos processos marcadamente educacionais ocorrem normalmente uma avaliação formal dos conteúdos que foram (ou não) apreendidos.

No *Coaching* o trabalho termina quando se inicia a ação do cliente propriamente dita, pois normalmente o Plano de Ação é realizado de forma autônoma pelo *coachee* sem o acompanhamento do *coach*[67].

POSSIBILIDADES DO *COACHING*

É importante salientar que o *Coaching* é um processo de desenvolvimento humano, como já se salientou, e tais processos não são lineares. Há momentos de avanço e de retrocesso. Pode-se evocar aqui a metáfora da onda que ao quebrar na praia avança e recua. Em seu recuo, entretanto ela nunca retorna ao seu ponto de partida, embora aparentemente possa assim parecer. A real medida do desenvolvimento é o quanto a maré de fato subiu, e não o ponto em que a onda molhou a praia… Isso pode parecer um pouco frustrante ao *coachee*, principalmente nos dias atuais em que ainda vivemos sob uma égide desenvolvimentista.

Os processos de desenvolvimento humano, como o *Coaching*, são artigos de valor intangível. Diferente de um carro que é um artigo de valor

[66] Há muitas definições sobre o que venha a ser psicoterapia, não havendo consenso, nem no âmbito da Psicologia, sobre a mesma.
[67] Há no mercado processos de *Coaching* que fazem acompanhamento de longo prazo.

tangível facilmente compreensível, pois um carro você leva para casa, anda nele e pode vendê-lo, etc. Os processos de autoconhecimento são intangíveis, pois os benefícios não podem ser quantificáveis de forma objetiva direta, apenas num bem-estar, na melhoria da qualidade de vida, que só é percebida por aqueles que tiveram sucesso nesse processo. Uma coisa é certa cada vez mais as empresas têm investido, sobretudo, com seus funcionários mais graduados, em processos de autodesenvolvimento, pois sabem que quanto mais uma pessoa se conhecesse, mais produtiva ela se torna, pois é capaz de administrar melhor as demandas, os conflitos, e as pressões do dia-a-dia organizacional. Os profissionais, entretanto, embora aceitem de bom grado o *Coaching*, quando lhes é oferecido pela empresa, muitas vezes relutam em buscá-lo si mesmo.

Em tempos de alto consumo, as pessoas esquecem de investir em processos autoconhecimento. Preferem gastar em coisas materiais a investir nelas mesmas. Esquecem, por exemplo, que se perderem o emprego é sua capacidade de se recriar, sua capacidade de resiliência aquela que mais a irá ajudar numa recolocação e não o carro que possuem.

Qualquer pessoa é capaz de dimensionar quando deve procurar ajuda, como diria Covey (2005) basta parar para ouvir sua voz interior, o importante é querer fazê-lo. É fundamental que se diga que nunca é tarde para investir em si mesmo. Momentos de crise conferem ótimas oportunidades para a reciclagem, pois evidenciam que as coisas precisam mudar, pois do jeito que estavam não funcionam mais.

DIALOGANDO COM OS SABERES TRADICIONAIS

Em termos ocidentais, talvez uma das formas mais eficazes de se trabalhar o *Coaching* seja pelo *empowerment*. Blanchard (2001) afirma que o conceito surgiu nos anos 1980 e ainda é muito mal compreendido nas organizações. Empoderar (talvez a melhor tradução para o termo) significa conceder ou atribuir poder ao outro. Neste sentido, qualquer tipo de *Coaching*, seja ele, pessoal, esportivo, organizacional pode/deve levar ao empoderamento de modo que o *coachee* consiga acessar seus potenciais, seu

poder pessoal e atualizá-lo. É neste sentido que trabalha a liderança servidora de James Hunter (2004, 2006). Trata-se, pois de uma perspectiva que aponta antes de tudo para o *self-empowerment*, o autoempoderamento, visto que a distinção vida pessoal x vida profissional é uma ilusão. Toda vida é pessoal essa cisão é fruto de um pensamento mecanicista do século passado, hoje felizmente cada vez mais em desuso.

Assim, quanto mais as pessoas seguirem a máxima que estava escrita no templo de Apolo, em Delfos na Grécia – "Conhece-te a ti mesmo", mais felizes e poderosas serão. Isso remete à liderança situacional, ou seja, não importa a posição, o lugar em que as pessoas estejam ou a função que ocupem na escola, na empresa, na organização. É sempre possível alguma forma de liderança do lugar que se ocupa num grupo.

No âmbito tradicional, os maiores heróis que a história foi capaz de conhecer foram aqueles que de maneira inusitada exerceram um papel de liderança em um momento em que não tinham que fazê-lo, portanto, é sempre tempo de procurar se autoconhecer. Tais pessoas, quando sentiram que seu caminho estava bloqueado, ou quando vivenciam sentimentos de cerceamento e inadequação que impedem seu processo de crescimento costumam buscar ajuda. Amigos, parentes, pais, terapeutas, gurus, médicos, videntes, sacerdotes são algumas das pessoas mais procuradas em tais circunstâncias. Às vezes o que se busca era apenas o alívio imediato de uma tensão gerada por uma situação de conflito, outras, o conselho ou a aceitação do interlocutor para uma atitude tomada, ou ainda, para uma consideração recebida de outrem. O que se buscava realmente era uma compreensão reflexiva da situação e uma orientação para a continuidade da ação. Esse papel continua a ser exercido por essas figuras "tradicionais", mas também agora é exercido pelo *Coach*.

Tradicionalmente a figura desse interlocutor que modernamente chamamos de *Coach*, é encontrada em muitas narrativas mitológicas, nas quais um herói, quando se vê em apuros, procurava se aconselhar com alguém que julgue ter condições de orientá-lo, para que ele pudesse realizar a tarefa que lhe competia. Às vezes trata-se de um sábio, noutras, uma divindade ou um oráculo. Não é tarefa fácil encontrar um intermediário que esteja à altura

das necessidades do herói. Alguém que possa ser um bom ouvinte e ao qual o herói possa confiar suas mazelas e fraquezas, suas dúvidas, a fim de obter ajuda. Campbell (2003) dá uma boa indicação do perfil requerido para esse orientador:

> Um bom treinador não diz a um corredor exatamente em que posição manter os braços ou coisas desse tipo. Ele o observa correr e depois o ajuda a corrigir sua maneira natural e própria de o fazer. Um bom professor está ali para identificar possibilidades e potencialidades e, em seguida, dar conselhos, não ordens. (Campbell, 2003, p. 152)

Nas sociedades orientais a figura do guru, por exemplo, muitas vezes ocupa o lugar do que chamamos hoje de *Coach*, sendo, aliás, bastante comum. Seu papel de orientador é bem aceito e reconhecido pelo grupo. Observa-se nas sociedades tradicionais africanas que a consulta oracular é bastante frequente como recurso de orientação (Ribeiro, 1996).

Para Campbell (2003) o padrão de orientação das condutas nas sociedades tradicionais é pautado pela valorização do que é coletivo, do grupo. Nessas sociedades há uma visão mais homogênea, menos individualista, do grupo social, de modo que o orientador (*Coach*) traçaria estratégias de orientação mais coletivas, baseadas em aspectos comuns àquela sociedade. Desta forma, um guru, vidente ou sacerdote saberia exatamente em que ponto da jornada (ciclo ou fase biográfica) o orientando, consulente (*coachee*) estaria, e assim seria capaz de situá-lo com precisão em seu caminho.

Já no ocidente com a grande ênfase dada à individualidade, a situação é mais complexa, pois a idiossincrasia é enfatizada. Assim, a orientação costuma ser oferecida mais no sentido da pessoa descobrir seu próprio poder pessoal, preferencialmente a partir de suas próprias potencialidades.

Se partirmos do pressuposto humanista ou transpessoal de que o organismo humano é auto orientado, ou orientado por uma tendência natural para a atualização das próprias potencialidades, somos levados a considerar

que o melhor interlocutor que uma pessoa pode ter é aquele que a orienta a ouvir o conselho de sua própria *voz interior.*

É importante lembrar que os obstáculos são inerentes a todo processo de desenvolvimento humano. Gerados pelos conflitos de desenvolvimento próprios das relações humanas, ou ocorridos por ação do acaso, eles podem interferir significativamente no processo de autoatualização e transcendência, favorecendo ou dificultando a atualização dos potenciais inerentes à pessoa.

Entendendo o ser humano pela perspectiva humanista, o papel do *Coach* na contemporaneidade, assemelha-se muito ao do facilitador, conforme descrito na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, onde o elemento chave para o sucesso do tratamento está no relacionamento estabelecido entre o cliente e o terapeuta. No caso do *Coaching*, o relacionamento entre *Coach* e *Coachee*. Neste sentido esse relacionamento deve ser pautado pelas atitudes que favorecem o desenvolvimento humano, como: Compreensão Empática, Consideração Positiva Incondicional e Congruência.

Para ilustrar essa postura, a exemplo da metáfora do taxista, recorremos a Bowen (1987) que compara o facilitador centrado na pessoa a um *Sherpa*, ou guia nepalês que conduz um viajante pelas montanhas do Himalaia em sua busca pela cidade perdida de Shambala.

Bowen imagina que este guia, no caso o *Coaching*, deva ter as seguintes posturas:

Primeiro: Ele sabe que a viagem não é dele, e sim do viajante e, desta forma, respeita o destino e o caminho escolhidos, não impondo sua presença, mas fazendo companhia ao viandante. O guia deve estar cônscio, também, que sua recompensa serão os honorários e a expansão de sua própria consciência na tarefa de guiar.

Segundo: Ele conhece bem a região por onde o viajante quer transitar, embora talvez nunca tenha trilhado o caminho escolhido. É capaz de ver pistas, onde o viajante não consegue ver nada. Sabe instruir o viajante quanto a determinadas destrezas ou competências fundamentais para a

jornada. Percebe sinais de tempestades iminentes, e encoraja e demonstra que é possível caminhar em alturas muito elevadas.

Terceiro: Em determinados momentos ajuda o viajante a carregar o fardo, ensinando como deve ser distribuída a carga na mochila.

Quarto: Apesar de nunca haver estado em Shambala, acredita que ela está lá, em algum lugar, e que o viajante será capaz de chegar até ela, a partir de suas próprias escolhas.

CONCLUSÃO

Em síntese processo de acompanhamento de pessoas denominado modernamente de *Coaching* pode ter sua origem rastreada em diferentes tradições, portanto não é novo. Todas as pessoas em algum momento na vida, a exemplo dos heróis nas histórias tradicionais, precisam de uma ajuda reflexiva de modo que, a partir desta consigam se orientar rumo ao desabrochar de suas potencialidades. O *Coaching* modernamente tem cumprido esse papel. Nas sociedades tradicionais a maneira de oferecer essa ajuda reflexiva é mais coletiva baseada em elementos próprios da cultura centrado em figuras de grande notoriedade na Tradição, como os gurus, os sacerdotes, entre outros exercem o papel de *Coach*. Na sociedade ocidental, onde se enfatizam as individualidades, a abordagem é mais individual, por isso os processos de *Coaching* têm também esse caráter. Assim, ao colocarmos em diálogo os Saberes Tradicionais, que possuem uma estrutura holística e os Saberes Científicos, que possuem um viés reducionista é preciso recorrer a Teorias Integrativas, como a Transdisciplinaridade e a Psicologia Transpessoal que possibilitam a criação de pontes entre esses conhecimentos. Na verdade, todos esses intermediários devem apenas servir para, do ponto vista transpessoal, alinhar o buscador (coachee) a se orientar por seu Mestre Interior (Self).

REFERÊNCIAS:

BOWEN, M. C. V. B. ***Quando fala o Coração.*** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 122p.

BERNI, L E V, ***Self-Empowerment – Jornada de Transformação: Um Método Transpessoal de Personal Coach via Internet.*** **(tese de doutorado), IPUSP, 2008**. 240p.

BLANCHARD, K. H. ***Três Chaves do Empowerment.*** Rio de Janeiro: Record, 2001.285p.

CAMPBELL, J. ***O Poder do Mito***. 21. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003. 242p.

COVEY, S. R. ***O 8º Hábito***. Da Eficácia à Grandeza. São Paulo: Elsevier, 2005. 410p.

HUNTER, J. ***Como se Tornar um Líder Servidor***. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 136p.

_____. ***O Monge e o Executivo.*** Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 144p.

RIBEIRO, R. ***Alma Africana no Brasil.*** São Paulo: Oduduwa, 1996. 279p.[/color]

ROGERS, C. R. ***Tornar-se Pessoa,*** 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1990. 360

8

LIMITES DO *COACHING*: Aspectos Éticos e Técnicos[68]

Luiz Eduardo V. Berni

RESUMO

Tema: Coaching. **Objetivo**: Apresentar os limites do *Coaching*. **Método**: Bibliográfico, a partir da análise de semanários de grande circulação nacional. **Resultados**: Analisou-se as estratégias neoliberais da venda de serviços de *Coaching* por meio da técnica de venda denominada merchandising e as implicações sociais que esse tipo de publicidade pode ter. **Conclusão**: Coaching é uma técnica de desenvolvimento humano que não é adequada para lidar-se com traumas e questões emocionais profundas.

Palavras-chaves: *Coaching*, ética, merchandising, profissão não regulamentada

The Limitation of the Coaching: Technical and Ethical Aspects

ABSTRACT

Theme: Coaching. **Aim**: To present the limitation of the coaching process. **Method**: Bibliographic based on weekly magazines. **Results**: We analyse the neoliberal strategies to sale Coaching services through the merchandising, and its social implications of it. Conclusion: The coaching as a short process of human development that has clear limitations, one of this is in the cases of trauma, and in the subjects of profound emotional implications.

Key-words: Coaching, Ethical, Merchandising, not-regulated profession

[68]Artigo publicado no Observatório da Imprensa 28/02/2018 na edição 976; trabalho apresentado no V CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA. Coaching & Psicologia: Oportunidades e Desafios, na Selva Neoliberal do Mercado Formativo. Novembro/2018.

A POLÊMICA DO COACHING NA NOVELA

Além do noticiário político-criminal a que estamos habituados nos últimos tempos, poucos assuntos mobilizaram tanto a mídia quanto a história do merchandising de *coaching* veiculado pela novela da Globo "O outro lado do paraíso".

Normalmente o público está bem habituado ao "intervalo comercial", quando as empresas compram espaço para anúncios que têm seu lugar bem configurado naqueles três minutos de transmissão. Tanto que as emissoras criaram até um tipo de vinheta para chamar o público de volta, como o famoso "plim- plim" da própria Globo.

O merchandising é diferente. Trata-se de uma técnica de divulgação de produtos/serviços que visa a apresentação destes, fora do contexto normalmente ocupado pela publicidade (intervalo comercial). Uma abordagem mais sofisticada e que pode ter maior poder de indução, pois acontece normalmente de forma inesperada pelo público, durante as narrativas de entretenimento. Há, portanto, uma dimensão psicológica mais sutil, pois o público está envolvido emocionalmente com a trama/narrativa apresentada.

Na cena em questão na novela (1), veiculada no final de janeiro de 2017, criou-se grande intimidade entre duas personagens. Uma delas busca compreender o que é *coaching*. A outra tem formação nesta área, faz então o merchandising, citando o nome e o sobrenome do "principal coach do Brasil". Essa parte da cena é quase hilária de tão flagrante que é a publicidade. Na sequência, a personagem "coach" explica a origem etimológica da palavra. Bacana, deu algum esclarecimento sobre o assunto. Então, a personagem que está procurando ajuda (para uma amiga) segue perguntando se é possível classificar o "coaching como uma terapia não convencional". Ao que a coach acede afirmativamente. Pronto. Daí para a frente começa a confusão. A coach começa a enaltecer a técnica afirmando tratar-se de "um processo mais rápido" do que o das terapias "convencionais". Então, a personagem que procura ajuda quer saber sobre o uso de um recurso terapêutico - a hipnose.

A personagem coach, que é advogada, explica seu uso detalhando mecanismos psicológicos que atuam na repressão de memórias (sem usar esses termos, é claro). Entram, então, as questões de ordem sexual (fruto de um abuso). A personagem coach, com tremenda desenvoltura, vai explicando um quadro comum a muitas pessoas que observou nos "cursos e workshops" que fez em seu processo de formação. Volta, então, ao merchandising e cita o nome da empresa formadora de *coaches*. Só faltou dar o telefone da empresa. Por fim, a personagem coach aceita receber a indicação de uma pessoa que supostamente estaria vivenciando um quadro traumático ligado a um abuso sexual. Os capítulos seguem com sessões de hipnose, denúncias à polícia, e outros barracos.

Uma coisa se pode afirmar com clareza: a novela levou a sociedade para onde prometeu, "para o outro lado do paraíso" (seria este o inferno?). Assim, formou-se o caldo perfeito para uma polêmica: uma ocupação profissional que ninguém compreende com clareza o que faz (Coaching); uma temática tabu na sociedade (sexualidade), salpicada de questões traumáticas que trazem grande sofrimento (abuso sexual); e o uso de um recurso técnico pouco conhecido que mexe com o imaginário popular (hipnose).

REAÇÕES DA SOCIEDADE

Esses fatos naturalmente alvoroçaram os profissionais de ajuda, dentre eles os psicólogos. O primeiro a se manifestar foi o Conselho Federal de Psicologia – CFP (2) que publicou uma Nota de Esclarecimento informando que a Psicologia é a profissão mais qualificada para ajudar no tratamento dos casos de trauma, como os relatados na obra de ficção em questão, e que tal ajuda pode ser conseguida nos serviços públicos (SUS/SUAS) e/ou nos serviços privados de psicologia. Faz, também, duras críticas ao desserviço prestado pela telenovela, caminho seguido, também, pelo Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (3).

O mundo do coach também reagiu e se manifestou contra a ação de marketing, afirmando a confusão.

A imprensa se alvoroçou e há artigos em praticamente todos os semanários e jornais, dos quais destacamos:

Na *Exame* pode-se ler: "*Novela da Globo reacende debate: O que é Coaching afinal?*" (4), a matéria traz a repercussão social que a polêmica gerou. Apresenta a Nota do CFP; apresenta também a defesa da Globo, afirmando "que se tratou de uma obra de ficção".

A *Veja*, por sua vez, publicou a matéria "*Coach de personagem abusada é merchandising, reconhece instituto*" (5), onde informa que o instituto que comprou o merchandising culpa a emissora (autor) pelo exagero, dizendo que coaches não usam hipnose, embora o dono da empresa apresente esse diferencial em seu currículo, no site do instituto. Informa também que o autor fez um curso de coaching na mesma empresa. Traz ainda a informação de que o merchandising de pouco mais de dois minutos custa na tabela da Globo cerca de 5 milhões de reais! (6)

Embora a empresa formadora que comprou a ação de marketing se defenda na matéria da Veja, em seu site faz ampla divulgação da cena da novela, como se não houvesse polêmica alguma.

No site da *Folha*, o outro lado da moeda, na matéria "*Coach alertou Globo sobre equívocos na novela; profissional citado em cena exibe foto com Carrasco*" (7), a matéria cita o newsletter da empresa que comprou a ação, apresentando trechos da fala de seu presidente onde se pode ler toda a excitação com que recebeu a cena, com direito à menção de Jesus, no melhor estilo de pregação religiosa! Há, também, a fala do presidente de uma empresa concorrente que enviou carta à emissora de TV, onde explica que a cena veiculada apresenta equívoco e para por aí. A *Fórum* também aborda a questão: *"Conselho Federal de Psicologia denuncia novela da Globo que trata vítima de abuso sexual com coaching e hipnose*" (8), a matéria centra-se na Nota do CFP destacando os elementos do desserviço, na medida em que simplifica o tratamento do trauma por abuso sexual, fato que pode promover graves consequências em função de um manejo inadequado da situação.

Bem, poderíamos citar mais matérias, mas invariavelmente elas trazem praticamente o mesmo tom alarmista que ressalta a polêmica, aprofundando um elemento ou outro, mas não trazem uma síntese que possa ajudar seus leitores a compreender de forma objetiva o que é o Coaching, e quais suas limitações**.**

AFINAL O QUE É *COACHING,* E COMO SE FORMAM OS PROFISSIONAIS?

Fica claro que ninguém sabe explicar direito o que é o *Coaching*. Se resolver chamar no Google o termo "*coaching*", em 0,65 segundos aparecerão impressionantes cifras como resultado! Apesar dessa profusão, é muito difícil a compreensão do que trata o termo, principalmente porque é um termo em outro idioma.

Se procurar o termo online num dicionário de inglês, o que vai aparecer é *coach* e, provavelmente, ficará mais confuso ainda, pois, no Oxford, por exemplo, o termo aparece como substantivo, verbo e advérbio. Como substantivo encontrará uma distinção entre o significado primário no inglês britânico e no estadunidense. A definição enquanto substantivo vai de carruagem (de diferentes tipos), passando por treinador e chegando a tutor. A diversidade etimológica do termo se reproduz em sua conceituação.

O termo *coaching* é um neologismo, usado a princípio a partir do mundo organizacional. Assim, temos que o *Coaching* é um processo de acompanhamento de pessoas.

O mercado está repleto de *coaches*, mas é bom destacar que o coach é uma ocupação, que nem sequer consta do Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO). Treinador sim, este existe, e são vários os seus tipos, desde o treinador de animais até o treinador esportivo. Tutor também não está lá nesta classificação.

Assim, não existe um curso de graduação em *coaching*, tampouco uma lei que regulamente o campo de atuação. Não há, portanto, Conselho de Classe que normatize a profissão. Assim, a rigor, para o Estado brasileiro,

coaching não existe. O que traz sérios problemas, como o que estamos acompanhando.

A despeito dessa invisibilidade para o Estado, existem milhares de coaches no mercado brasileiro e mundial, oferendo diferentes tipos de processos de *coaching*, tratando-se de um mercado milionário que movimenta bilhões de dólares, segundo estimativas dos semanários de negócios. A Exame online, por exemplo, publicou duas vezes a mesma matéria (2016/2017) onde apresenta esse mercado que movimenta cerca de "2,5 bilhões de dólares/ano" (9), fato que explica muita coisa numa sociedade neoliberal como a que vivemos, pois, o filão nobre do mercado é disputado por poucas empresas que investem pesado em propaganda. Sendo o merchandising a novidade para o segmento.

Os *coches* se formam em cursos livres de todo tipo, cujo investimento cabe em diferentes bolsos. Alguns dos mais populares no ranking pago do Google custam verdadeiras fortunas.

Assim, várias empresas brigam pelo mercado das certificações, oferendo certificados que supostamente possuem validade internacional. Será? O fato de uma empresa ser internacional não significa que um profissional possa atuar em outro país, existem barreiras internacionais que visam limitar esse tipo de atuação.

Do ponto de vista formativo, existem cursos presenciais e à distância com cargas horárias que variam de 20 e até 180 horas. Raramente as certificações têm carga horária maior que isso. Assim, na melhor das hipóteses, ao olhar da academia tratar-se-iam de cursos livres de extensão. Algumas empresas ainda denominam esses cursos de MBA, o que eles não são, pois, os MBAs hoje são regulamentos pelo MEC na categoria "curso de especialização".

Raras são as instituições vinculadas ao MEC (faculdades e universidades) que oferecem cursos de especialização em *Coaching*. Esses cursos, quando existem, têm no mínimo 360 horas e seu corpo docente tem qualificação acadêmica, ou seja, segundo o padrão mínimo do MEC, pelo menos 50% de docentes devem ter titulação entre doutores e mestres. Esses cursos são os que formam os especialistas. A titulação do corpo docente é um

indicador importante, pois os titulados *stricto sensu* (mestres e doutores) são pesquisadores. Porém, ao consultar o banco de teses da USP e chamar pela palavra-chave "*coaching*" vão aparecer apenas 9 teses de doutorado que tratam desse assunto, desde 2007 até hoje, portanto é muito pouco.

Muitos dos grupos comerciais que oferecem formação em coaching funcionam dentro da lógica neoliberal, e disputam de forma acirrada o mercado da formação. Alguns se apresentam como associações, o que normalmente não são. Oferecem, na verdade, aos egressos de seus cursos, um tipo de franquia que possibilita com que estes atuem no mercado usando a marca, e, é claro, pagando taxas por esse uso.

Nessa busca desenfreada pela liderança do mercado temos desde garotos propaganda: famosos que fizeram os cursos de *coaching* dessas empresas e oferecem suas imagens para chamar o público a também fazê-lo, até o merchandising, a grande novidade, como se explicou.

QUAIS OS LIMITES DO *COACHING*?

Do ponto de vista profissional pode-se afirmar que o *Coaching* é uma prática de ajuda multiprofissional. Enquanto área de conhecimento, esta se situa num campo interdisciplinar, numa zona intermediária entre a Educação e a Saúde. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um processo breve normalmente focado em três etapas: a) Levantamento da problemática; b) Sondagem dos bloqueios e das potencialidades de desenvolvimento; c) Estabelecimento de um Plano de Ação (programa de desenvolvimento). Do ponto de vista dos Recursos Técnicos utilizados, muitos são advindos da área da Saúde (técnicas de introversão da consciência, no campo da Psicologia), Artes (recursos expressivos) e Educação (Programas de Desenvolvimento de Competências).

Retomando a polêmica da novela sob essa ótica. Durante uma sessão de *Coaching*, uma problemática ligada a traumas pode(ria) emergir. Essa emersão normalmente pode(ria) aparecer na primeira etapa, ou seja, logo no estabelecimento dos objetivos do trabalho (levantamento da problemática) – isso é mais raro; mas, muito provavelmente apareceria no segundo momento

(sondagem dos bloqueios e das potencialidades) quando o processo adentra para uma seara mais profunda. Neste momento um profissional qualificado por uma formação adequada (que não é apenas fazer um curso) saberia avaliar a situação compreendendo os limites de seu trabalho. Isso geraria um encaminhamento para um outro profissional de ajuda, um psicólogo ou psiquiatra; ou mesmo um Serviço Público de Acolhimento no SUS (Serviço Único de Saúde) ou no SUAS (Serviço Único de Assistência Social). Entretanto os profissionais de coaching raramente estão capacitados para compreender essa dimensão, e os limites de seu trabalho e, muito menos, para discernir para quais profissionais/ serviços poderiam fazer encaminhamentos. Tal encaminhamento, ético, poderia cessar os serviços de coaching (talvez temporariamente), e/ou talvez fosse possível que os atendimentos fossem desenvolvidos simultaneamente. Nesta hipótese, coaching e psicoterapia, seria fundamental uma abordagem integrativa entre os profissionais, para que a pessoa atendida (usuário dos serviços/ ou cliente) não ficasse fragmentada entre as ações e os profissionais envolvidos.

Como se vê, no caso da novela, o atendimento nem deveria ter acontecido, a pessoa já deveria ter sido imediatamente encaminhada pelo coach para outro tipo de atendimento/ profissional.

Resta uma questão precisa a ser esclarecida: o uso da hipnose. A hipnose é uma técnica de alteração perceptual que historicamente se liga à prática da psicoterapia. É de um recurso complementar facultado aos psicólogos pela Resolução CFP 13 de 2000, mas não exclusivo dos psicólogos. Trata-se de um elemento complexo com poucos estudos científicos realizados no Brasil.

O Código de Ética em Psicologia e *Coaching* Transpessoal (BERNI, 2019) Art. 1º - São deveres do(a) profissional transpessoal, alínea "h", do traz o seguinte:

> Compreender que o Coaching é uma prática de Desenvolvimento Humano com limitações, portanto, não aplicável de forma indiscriminada a qualquer caso/pessoa. Desta forma, deve estar apto(a) a discernir os casos que extrapolem a seara do Coaching e

que devem ser encaminhados para outros profissionais e Serviços; (10)

COMO ESCOLHER UM *COACH* E UM CURSO DE *COACHING*?

Por fim, parece importante destacar como escolher um coach e um curso de formação.

Primeiro abordaremos a escolha do profissional. No campo do atendimento privado, que é o caso do coaching, normalmente as pessoas escolhem o profissional por indicação. No caso de não terem alguém a quem pedir essa indicação, normalmente dão um "google" e vão topar com aquelas cifras. Primeiro vêm as empresas que oferecem formação e depois os serviços/profissionais que oferecem atendimento. Em ambos os casos é fundamental saber qual é a qualificação do profissional. Isso se faz analisando sua carreira/currículo, ou seja, sua trajetória profissional, sua formação acadêmica e sua produção intelectual. Muitos coaches têm mais de um curso na área, poucos têm produção acadêmica (publicaram livros e/ou produziram pesquisas), mas têm grande experiência.

Agora, como escolher um curso de formação em *Coaching*? Existem inúmeras empresas oferecendo esse produto, como vimos. Primeiramente, como já dissemos, é fundamental saber que os certificados oferecidos não têm reconhecimento do MEC. Mas isso não os desabona, é claro, haja vista que existem muitos cursos bons, em todas as áreas, que não são chancelados pelos MEC. Tampouco é possível compreender que os cursos mais caros são os melhores. Então o que fazer? Avalie a proposta do curso, a grade de formação e veja se ela tem aderência às suas expectativas; avalie, também, a duração do curso, o corpo docente e se a metodologia lhe parece qualificada. Lembre-se que os cursos rápidos são apenas introdutórios, mas podem ser úteis para pessoas com muita experiência no mercado. Valorize seu background, sua trajetória profissional, e perceba que entrar nesse campo em construção significa lidar com situações problemas, como esta que gerou essa polêmica.

REFERÊNCIAS

(1) Globo Play. **"O Outro lado do Paraíso – Clara pede a Adriana que converse com Lara"**. Disponível em https://globoplay.globo.com/v/6472140/

(2) Conselho Federal de Psicologia. **"O Outro Lado do Paraíso Presta Desserviço à População Brasileira"**. Disponível em http://site.cfp.org.br/o-outro-lado-do-paraiso-presta-desservico-populacao-brasileira/

(3) Conselho Regional de Minas Gerais. **"Nota Explicativa sobre apresentação de Coaching em Novela".** Disponível em https://crp04.org.br/nota-explicativa-sobre-apresentacao-de-coaching-em-novela/

(4) GASPARINI, C. Revista Exame. "**Novela Reacende debate: O que é o coaching afinal?"**. Disponível em https://exame.abril.com.br/carreira/novela-da-globo-reacende-debate-o-que-e-coaching-afinal/

(5) REVISTA VEJA ONLINE **"Coach de personagem abusada é merchandising, reconhece instituto"**. Disponível em https://veja.abril.com.br/entretenimento/coach-de-personagem-abusada-e-merchandising-reconhece-empresa/

(6) MAIA, M. C. Revista Veja On-Line **"Merchandising de coaching na novela pode ter custado até R$ 5 mi".** Disponível em https://veja.abril.com.br/entretenimento/merchandising-de-coaching-na-novela-pode-ter-custado-ate-r-5-mi/

(7) Folha de São Paulo. **"Coach alertou Globo sobre equívocos na novela; profissional citado em cena exibe foto com Carrasco"**. Disponível em https://telepadi.folha.uol.com.br/coach-alertou-globo-sobre-equivoco-profissional-citado-em-cena-publica-foto-com-o-autor-walcyr-carrasco/;

(8) Revista Fórum **"Conselho Federal de Psicologia denuncia novela da Globo que trata vítima de abuso sexual com coaching e hipnose."** Disponível em https://www.revistaforum.com.br/conselho-federal-de-psicologia-denuncia-novela-da-globo-que-trata-vitima-de-abuso-sexual-com-coaching-e-hipnose/

(9) DINIZ, D. Revista Exame. **"A Banalização do Coaching"**. Disponível em https://exame.abril.com.br/negocios/a-banalizacao-do-coaching/

(10) BERNI, LEV. ***Código de Ética em Psicologia e Coaching Transpessoal.*** SP: Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD), 2019, pág. 12.

9

O CÍRCULO DA PALAVRA: Uma Ferramenta Transpessoal para a Escuta Ativa e o Autoconhecimento[69]

Luiz Eduardo V. Berni

No Círculo da Palavra deixo um
pouco de mim e levo um pouco de todos.
Uma Participante

RESUMO

Tema: Técnicas Transpessoais **Objetivos**: Avaliar o potencial da técnica "O Círculo da Palavra", abordagem que reúne elementos da cultura nativa norte-americana e da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, como ferramenta do *Coaching* Transpessoal **Método:** Serviu-se da Mediação Ativa Transdisciplinar (MAT) aplicada em grupo de estudantes em curso de especialização em *Coaching* Transpessoal; **Resultados**: Os participantes reportaram melhoria na capacidade de escuta. **Conclusão**: O *Círculo da Palavra* mostrou-se como uma estratégia eficiente para promover a capacitação multiprofissional para a escuta ativa com desdobramentos no autoconhecimento.

Palavras-chaves: Conhecimento Tradicional, Abordagem Centrada na Pessoa, Escuta Ativa, Psicologia Transpessoal, Ferramenta de Coaching

ABSTRACT

Theme: Coaching Tools; **Aim**: To rate the potential of the Word Circle Technique an approach that arises from the dialogue between the Talking Sticks, from the Native American, and the Active Listening from Personnel Approach (CPA) of Carl Rogers, as a Transpersonal Coaching tool; **Method**: Transdisciplinary Active Mediation (TAM) applied in a student group of a Transpersonal Coaching Course; **Results**: The participants report improvement in their Active Listening capacity. **Conclusion**: The strategy show itself effective to improve the active listening and self-knowledge.

Key-words: Traditional Knowledge, Centred on Person Approach; Active Listening, Transpersonal Psychology, Coaching Tool

[69] Trabalho apresentado no V CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA. Desafios da Formação Humanista-Transpessoal em Âmbito Multiprofissional: O Círculo da Palavra, em novembro de 2018.

APRESENTAÇÃO

Muitas das Tradições Nativas Americanas, também denominadas de indígenas, não usam códigos escritos para produzir e ensinar conhecimentos sendo, portanto, tradições orais. Tais tradições possuem como peculiaridade o desenvolvimento de refinada capacidade para a escuta, elemento fundamental para perpetuação de seus elementos culturais havendo, assim, um alto grau de comprometimento com a palavra falada que é preservada sempre viva. Tais conhecimentos são de ordem holística, isto é não há separação entre conhecimentos científicos, religiosos e/ou artísticos.

No Ocidente[70] a perpetuação dos conhecimentos se dá numa outra perspectiva, inversa à proposta indígena. Neste caso, a tradição é a da palavra escrita que possui grande notoriedade. A palavra assim registrada perpetua o momento como ele é (foi), isto é, confere perenidade ao que foi dito conservando sua exata essência. Há neste contexto, por exemplo, línguas (idiomas) que não são mais faladas (línguas mortas) que, ao serem consideradas sagradas, são ainda preservadas e usadas em contextos específicos, como no caso da Igreja Católica com o latim.

Pode-se afirmar que um olhar sem mediação de uma cultura sobre a outra é, normalmente, reducionista e excludente, ou seja, um indígena poderia olhar para a tradição escrita e afirmar: "Sua tradição é tão fraca, que você precisa escrevê-la, para que não seja esquecida". Por outro lado, um ocidental poderia olhar a tradição oral indígena e afirmar: "Essa tradição nada tem de tradicional, pois a fugacidade da palavra sem registro escrito se perde, sendo constantemente modificado".

Com a transdisciplinaridade, pela via da transculturalidade, é possível colocar em diálogo essas duas perspectivas aparentemente antagônicas. O conceito de "zona-de-não-resistência" possibilita a conjugação de esforços que levam a um diálogo e, ao mesmo tempo, à

[70] Edgard Morin (2001) define que o paradigma ocidental se baseia numa série de reducionismos epistêmicos.

emersão de novos níveis de construção epistêmica. Assim, neste trabalho, adotou-se a Mediação Ativa Transdisciplinar (MAT) conforme Berni (2016), que procura estabelecer um diálogo entre os elementos disciplinares advindos da Psicologia Humanista, especificamente da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), de Carl Rogers, e da Psicologia Analítica, de Carl Jung; com a Prática Tradicional do Bastão-que-Fala, instrumento-abordagem de Tradições Nativas Norte-Americanas, adaptado pelas práticas New Ages. MAT se insere no contexto da pesquisa-ação, uma vez que seu objetivo é o de transformar a realidade, no caso, capacitar os alunos no desenvolvimento da escuta ativa.

Foram adotados as seguintes etapas: 1º) Levantamento dos elementos *descritivos-conceituais* (etnográficos) na Tradição, no caso o "bastão-que-fala" comum a muitas etnias norte-americanas, marcadamente do Canadá e EUA; 2º) Levantamento dos elementos *teórico-conceituais* no âmbito científico (ACP); 3º) Buscou-se por meio da linguagem transdisciplinar elementos que possibilitem o diálogo entre os conhecimentos, a partir de "zonas-de-não-resistência[71]" e aberturas dialógicas que possibilitassem a comunicação entre dois níveis de realidade: o dos conhecimentos tradicionais não disciplinares e dos conhecimentos disciplinares de matriz científica, como é o caso da ACP; 4º) Desenvolveu-se uma nova perspectiva-ação, denominada "O Círculo da Palavra", que reúne esses elementos sob um olhar integrativo-simbólico numa estratégia que favorece o desenvolvimento da escuta-ativa na capacitação multiprofissional na primeira turma (2017/2019) do Curso de Especialização "Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal", desenvolvido pelo Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD), em parceria com a Universidade Rose-Croix Internacional (URCI) e Faculdades Vicentinas (FAVI). Para avaliação das potencialidades da técnica, elegeu-se por meio de uma amostragem não probabilística, aleatória simples, conforme

[71] Conceito que será esclarecido mais à frente.

Marconi e Lakatos (1982) um grupo de cinco participantes[72] que relatou de forma espontânea sua experiência com a ferramenta.

VALORIZAÇÃO DA FALA NA TRADIÇÃO ORAL: PASSADO E PRESENTE

Baseando-se em conceito desenvolvido pelas Nações Unidas, Berni (2016, p. 282) afirma que "Conhecimento Tradicional se refere aos conhecimentos, às inovações e às práticas que as comunidades indígenas cultivam por todo o planeta". Tal perspectiva de propriedade grupal da coletividade é construída ao longo de séculos e vai sendo adaptada às necessidades locais, materializada em ritos, contos, cantos, linguagem, possuindo uma dimensão eminentemente prática.

A palavra falada tem muita importância para os povos originários; para o guarani, por exemplo, segundo Jecupé (2001, p. 36), "o ser humano é percebido como 'alma-palavra' – que se expressa mediante a linguagem e por meio do pensamento. Ser e som têm o mesmo sentido". Aspecto reforçado por Marques (2012, p. 108), "a importância das palavras – e, por conseguinte, dos discursos sábios – é fundamental na constituição da pessoa mbyá-guarani".

Sams (1996), ao comentar elementos comuns à muitas culturas nativas norte-americanas, apresenta o "bastão-que-fala", um instrumento-forma[73] de comunicação de valorização do uso da palavra.

> "O bastão-que-fala é um instrumento usado por muitas tradições nativas toda vez que um Conselho é convocado. Ele permite que todos os Membros do Conselho apresentem seu Sagrado Ponto de Vista. O bastão-que-fala passa de pessoa a pessoa à medida que a reunião se processa. Somente a pessoa que segura o bastão tem o direito de falar naquele momento" (SAMS, 1996, p. 149).

[72] (38,48%) da população (N=13).

[73] A caracterização instrumento-forma é muito importante, pois não há uma divisão entre o objeto e o processo, visto pela tradição como integrados.

Shearar (2000) afirma que a origem do *"*bastão-que-fala[74]" remonta a centenas, talvez milhares de anos. Originariamente tratava-se de um instrumento grande, talhado em madeira como um totem, pertencente ao clã do líder indígena. Inicialmente usado pelo "porta-voz" do chefe para indicar ao Conselho seus desejos. Portanto, o uso do bastão indicava o poder da pessoa que falava e, neste sentido, chamava atenção para a importância do significado do que estava sendo dito.

Hoje esse bastão é usado, em uma versão menor, em reuniões do Conselho, como instrumento de fala, ou seja, quem segura o bastão tem direito à palavra (SHEARAR, 2000, p.103).

Locust (s.d.) assevera tratar-se de um instrumento usado no círculo do conselho para garantir uma escuta imparcial, daquele que tem direito ao uso da palavra. Quando uma questão muito importante é apresentada ao Conselho, o mais velho faz uso da palavra primeiro, usando o bastão, então passa aos demais.

O bastão, então, circula entre todos os presentes, quem o detém pode usar a palavra. O objeto a ser usado para permitir a fala pode variar de tribo para tribo, pode ser uma concha, um cachimbo, ou outro objeto qualquer que tenha uma importância, a partir do qual se faz uso da palavra. O empoderamento dado à pessoa pelo "objeto sagrado" permite que aquele que tem a palavra a use sem medo, sem censura, fato que deve ser respeitado por todos os ouvintes. Desta forma, aquele que segura o bastão tem "o sagrado direito de usar a palavra", os demais devem permanecer quietos.

Além de se constituir um símbolo em si, alguns bastões são adornados com outros elementos simbólicos, por exemplo, "a pele de coelho" que simboliza que as palavras devem ser "macias" advindas do coração.

Ridgeway e Jacques (2014) trazem uma importante compilação de elementos tradicionais que ilustram a funcionalidade do uso do bastão. Segundo esses autores, na tradição *Mi'kmaw*[75] o uso do bastão-que-fala

---

[74] *Talking Stick.*

[75] Tradição oral originária do Canadá.

garantia que seu portador fizesse uso da palavra pelo tempo que lhe fosse necessário.

Entre aqueles que cultivam uma espiritualidade *New Age*[76] e Neo-Xamânica (MARALDI, 2016), que procura recuperar elementos de culturas tradicionais, situam-se pessoas que se servem da técnica do "bastão-que-fala". São abundantes as referências a essa prática, bem como a comercialização de "talking stick", na internet em grupos desta natureza.

Nos círculos *New Ages* há um protocolo para o uso do bastão-que-fala[77]. A prática assemelha-se à descrita acima nas reuniões do Conselho Tribal, ou seja, as pessoas têm o tempo que precisarem para falar. A fala deve vir do coração, mas não necessariamente precisam ser "macias". Alguns grupos iniciam a fala dando a palavra inicial ao mais velho. Durante a fala as pessoas devem apenas ouvir, quem estiver com o bastão, não devem interrompê-la. Ao final, a pessoa encerra sua fala com a seguinte afirmação: "Eu sou fulano (primeiro nome[78]) – *Hey*", ao que o grupo de ouvintes responde em uníssono "*Ho*". As expressões *Hey* e *Ho* conforme pronunciadas em inglês[79], possivelmente numa transliteração de algum dos dialetos indígenas da América do Norte, significam: "hey" (e assim eu falei); e "ho" (e assim ele/ela falou). Se uma pessoa receber o bastão e não quiser fazer uso da palavra "fala sem falar", isto é, mantém-se em silêncio, entretanto, serve-se do protocolo "eu sou fulano e assim falei, hey", como se tivesse falado. Isso traz para sua não fala todo o significado que seu silêncio possa contemplar.

[76] Nova Era.
[77] O autor esteve na Comunidade New Age de Findhorn, na Escócia (1996), onde aprendeu este protocolo.
[78] O uso do primeiro nome é visto como importante, pois o primeiro nome reflete a individualidade, enquanto o sobrenome reflete o vínculo familiar.
[79] "Hey" – pronuncia-se "rei" em português; e "ho" – pronuncia-se "rou" em português.

UM OLHAR SOBRE A ESCUTA ATIVA NO OCIDENTE: ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E A ENTREVISTA DE AJUDA

A questão da escuta é própria do campo amplo da Psicologia. Diferentes escolas e áreas desta disciplina abordam a escuta em perspectivas peculiares às metodologias adotadas, pois "escutar o outro" é, certamente, uma das competências mais fundamentais para um profissional de ajuda, como é o caso daqueles no campo da Saúde e Educação, dentre os quais se situam o psicólogo, o médico, o enfermeiro, o assistente social, os educadores, e também o *coach*.

Partindo do entendimento de que os seres humanos são dotados de uma tendência natural à realização de suas potencialidades, as Psicologias Humanista-Transpessoais têm uma visão positiva da natureza humana.

No campo humanista, precursor da transpessoal, um de seus principais teóricos, Carl Rogers (1987), afirma que o processo de mudança numa relação de ajuda, como é o caso da psicoterapia, é motivado por "um movimento" que não é intelectual, como um insight, por exemplo. Trata-se de uma vivência de aceitação incondicional de si mesmo que recupera elementos que estavam fragmentados e os integra de forma holística à personalidade. A repetição desses momentos especiais promove o crescimento, pois a pessoa aceita, cada vez mais, a si mesma como ela é.

Neste sentido, sua Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foca-se na criação de um clima de crescimento que envolve o facilitador[80] que, como um "guia não diretivo", possibilita o encontro da pessoa com ela mesma.

Bowen (1987) destaca a perspectiva, metaforicamente, uma vez que o terapeuta atua como um *sherpa*, guia tradicional tibetano que conduz o explorador do Himalaia, em sua busca por *Shambala*, o lugar mítico onde se encontra "a paz, a harmonia, e a liberdade eternas". Neste sentido, o *sherpa* sabe que a viagem não é dele, ele é apenas um intermediário (facilitador) que

[80] A ACP prefere usar o termo "facilitador", que possui um caráter menos diretivo, pois objetiva facilitar que o outro possa se expressar a partir de sua tendência natural à atualização (realização) de suas potencialidades.

conhece bem a região a ser explorada, ele próprio, todavia, nunca esteve em *Shambala*, mas acredita no que o explorador (cliente) quer encontrar e, desta forma, está junto com este, para o que der e vier durante essa trajetória.

Longe de ser um guia tradicional, que tem como única fonte de conhecimento a experiência vivencial, o terapeuta contemporâneo tem uma vantagem "no acúmulo de conhecimentos, preservados e distribuídos em escritos e audiovisuais". Mas não abre mão da experiência vivencial, pois sabe que "a essência do conhecimento pessoal é o desenvolvimento da autoconsciência, através do engajamento com a própria viagem interior", pois "na medida em que aumenta o autoconhecimento, camadas de decepção são afastadas, as percepções ficam mais claras", assim, as pessoas são "capazes de diferenciar projeções e distorções do que 'realmente é'" (BOWEN, 1987, p. 60).

Berni (2008, p. 71), ao abordar o *Coaching*, retomando pelo pensamento rogeriano, reafirma as três atitudes de ajuda, ou condições fundamentais para que uma relação seja capaz de promover crescimento psicológico e, portanto, de favorecer o desenvolvimento psíquico na atualização dos potenciais humanos, ajudando no processo de transcendência, isto é, de transcender as limitações que se apresentam no momento da busca da ajuda. São elas:

a) **Empatia:** capacidade de transcender as dimensões pessoais e de se colocar no lugar do outro, como se fosse o outro;
b) **Consideração Positiva Incondicional**: capacidade de aceitar incondicionalmente o outro, de considerá-lo como é, de modo positivo, valorizando-o, sem estabelecer condições para isso;
c) **Congruência:** capacidade de aceitar a si mesmo e atualizar os próprios potenciais, buscando ser o que se é, em qualquer momento, sem máscaras.

Benjamin (1986), ao analisar as características da "Entrevista de Ajuda", cujo propósito é ajudar o entrevistado a ampliar o campo de percepção de si mesmo (p. 39), também fundamentado em Rogers, destaca as dificuldades que muitas pessoas apresentam para a escuta em situações

grupais, “muitas vezes as pessoas estão tão preocupadas com o que irão dizer que têm dificuldade de ouvir [o que está sendo dito]” (p. 25).

Esse autor enfatiza, ainda, dois elementos importantes nos processos de comunicação, que favorecem e/ou atrapalham tais processos. Os mecanismos classicamente reconhecidos pela Psicologia, como “comportamentos defensivos”, que tendem a dificultar tais processos, pois fazem com que as pessoas evitem confronto de ideias, conteúdos vistos como reprováveis em diferentes níveis. Por outro lado, situações de confronto, que se procura evitar na perspectiva anterior, podem ser muito produtivas, a partir de um referencial humanista; se vierem à tona num ambiente de confiança, podem ser muito produtivas para a integração psíquica individual e grupal.

Benjamin (1986) enfatiza, ainda, a importância do ***silêncio*** no contexto da entrevista de ajuda, pois este possibilita a emersão da fala dos sujeitos que são atendidos, ao mesmo tempo que qualificam a qualidade da escuta do entrevistador. O silêncio possui diferentes significados nos contextos de ajuda, pode significar conflito, confusão, medo, necessidade de organização. O autor destaca a dificuldade que muitos jovens terapeutas têm ao lidarem com o silêncio, muitas vezes não permitindo que ele se prolongue por muito tempo.

Outro elemento importante destacado por esse autor é o ***manejo do tempo***, pois o consultório contemporâneo funciona com “hora marcada”, portanto, é fundamental que os limites sejam estabelecidos e respeitados.

> Cooperar com o entrevistado significa escutar e responder àquilo que ele está dizendo e sentindo. Significa segui-lo, ao invés de pedir-lhe que nos siga. Isso implica decisões bem definidas: estamos preparados para deixar o entrevistado tomar a iniciativa e mantê-la por quanto tempo precisar? Estamos preparados para assumir a responsabilidade sobre si mesmo, ou sentir que precisamos assumi-la por ele? Estamos preparados para deixá-lo liderar ou precisamos que ele nos siga? (BENJAMIN, 1987, p. 42-43).

No contexto da escuta ativa, que envolve tanto a *empatia*, ou a capacidade de “vestir os chinelos do outro”; quanto a *congruência*, capacidade de perceber seus próprios conteúdos, a questão dos ***valores e dos***

julgamentos assume uma perspectiva fundamental. "Quanto mais consciência tivermos de nossa escala de valores, e quanto menos quisermos impô-la ao entrevistado, mais estaremos aptos a ajudá-lo a ter conhecimento de seus próprios valores e a mantê-los, adaptá-los ou rejeitá-los, como melhor lhe parecer" (BENJAMIN, 1987, p. 118).

Por mais que um profissional de ajuda atue como facilitador de processos de autoconhecimento, ele tem um papel de poder nessa relação. Às vezes pode servir-se desse lugar e usar sua ***autoridade*** "como uma barricada que distancia a relação". Isso pode significar um ato de violência que atua para criar distanciamento, por isso deve-se buscar a criação de um ***clima igualitário*** que favorece a comunicação entre as pessoas. O uso da autoridade pode se dar a partir do lugar da fala "confie em mim, eu sei o que estou falando", ou em ***dar respostas*** às perguntas do cliente, o que pode impedir que este, o cliente, encontre suas próprias respostas.

Nos processos de comunicação são bastante comuns as ***interrupções;*** elas fragmentam o raciocínio e são muitas vezes fruto de antecipações projetivas, ou seja, a pessoa que interrompe a fala muitas vezes supõe que já sabe onde seu interlocutor quer chegar, isso dificulta a criação de um clima de confiança.

A ***linguagem corporal*** do facilitador é um elemento importante nos processos de comunicação, pois ela pode incentivar ou dificultar a comunicação. Nas entrevistas de ajuda esse pode ser um elemento fundamental que ajuda o entrevistado a progredir e a explorar seus sentimentos e pensamentos.

Além da linguagem corporal, ***parafrasear*** o interlocutor, ou devolver o que foi escutado, pode facilitar o processo de comunicação. Ou mesmo a linguagem de apoio com um ***"ahn-han"*** incentiva a fala do outro.

Para aqueles que se servem de esquemas teóricos muito complexos, a ***interpretação*** é uma alternativa que pode ser boa, ou perigosa. Quando a interpretação é feita pelo entrevistador há uma obrigatória necessidade de compreensão profunda de esquemas teóricos que possam justificar falas interpretativas. Tais falas, não raro, possuem também um caráter ***explicativo***, porém, o cliente pode ser incentivado a interpretar as próprias falas, isso se

dá quando a pessoa é capaz de ouvir a si mesma e pode ser altamente produtivo nos processos de autoconhecimento.

Ao considerar a ***sugestão*** – uma forma branda de conselho – é uma forma de estimular o entrevistado, a partir da escuta, a fazer algo que ele tenha manifestado interesse; Benjamim (1987) afirma que as sugestões podem também seguir uma linha explicativa/interpretativa e podem ocorrer com "tarefas a serem realizadas", como, por exemplo, a leitura de um livro, ou assistir a um filme que pode ajudar a pessoa a compreender melhor a si mesma.

ANÁLISE DOS CONTEÚDOS À LUZ DA MEDIAÇÃO ATIVA TRANSDISCIPLINAR (MAT)

Coll (2002) afirma que as Culturas não são disciplinas, mas *Níveis de Realidade*, na medida em que possuem lógicas próprias, que conferem rupturas entre uma e outra. No caso, as Culturas Indígenas são holísticas não havendo uma divisão entre ciência, religião e arte, portanto, a prática do *Talking Stick* é uma ação integral que envolve a arte na construção do objeto (bastão) permeado de um simbolismo próprio e um uso que possui uma conotação sagrada, stricto sensu; enquanto nas Culturas Ocidentais o conhecimento é de ordem disciplinar, portanto, impõe reduções,. No caso a Entrevista de Ajuda se situa no campo da Ciência (disciplina) Psicológica, numa abordagem de Humanista – Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

A transdisciplinaridade afirma a existência de uma coerência entre os Níveis de Realidade conferida por *zonas-de-não-resistência,* que revelam elementos essenciais (não redutíveis) a partir dos quais há uma coerência entre os níveis, havendo, portanto, uma zona de diálogo, de comunicação equânime, entre as diferentes culturas (NICOLESCU, BADESCU, 2001).

Ao analisarmos os conhecimentos culturais na referida zona, destacaram-se como os elementos comuns as *estratégias de comunicação*, sendo que no "bastão-que-fala" privilegia-se a fala tendo como substrato a escuta, em caráter grupal; enquanto que na "Entrevista de Ajuda" o elemento privilegiado é a escuta, tendo substrato a fala, em caráter individual.

A primeira (bastão-que-fala) está mais centrada numa dimensão política/educacional, ou seja, seu desenvolvimento se deu para facilitar os processos de comunicação em reuniões grupais nas tradições, e o uso da palavra em grupos new ages. Assim, possui um caráter mais coletivo.

A segunda (entrevista de ajuda) está mais centrada numa dimensão terapêutica/educacional, possui um caráter mais individual, centra-se no âmbito profissional que, com ela, pode criar um clima favorável ao autoconhecimento. Assim, possui um caráter individual.

Ambas são, portanto, processos de comunicação e favorecem uma dimensão mais educacional na medida em que promovem o autoconhecimento, no caso do bastão-que-fala, "saber o que dizer"; no caso da entrevista de ajuda, conseguir separar a escuta de si da escuta do outro.

O CÍRCULO DA PALAVRA: UMA ESTRATÉGIA TRANSPESSOAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA O PROFISSIONAL DE AJUDA

Deste encontro transcultural emergiu o *Círculo da Palavra* como *momento-instrumental tranpessoal*, desenvolvido no Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD) no curso de especialização "Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em *Coaching* Transpessoal", primeira turma, ministrada em Curitiba (2017/2019), em parceria com a Universidade Rose-Croix Internacional (URCI) e Faculdades Vicentinas (FAVI).

Trata-se de uma intervenção participativa implementada no curso em epígrafe, com o objetivo de qualificação da comunicação entre os participantes

Do ponto de vista formal, o Círculo da Palavra assemelha-se à prática do bastão-que-fala, sobretudo em sua forma New Age, seguindo o mesmo protocolo ali apresentado.

Na criação do *setting* para este trabalho, adotou-se um viés transpessoal, conforme descrito a seguir. Assim, procura-se privilegiar uma formação circular (sentar-se em círculo), de modo que todos possam, com facilidade, olharem-se uns aos outros. O objetivo técnico desta formação é

favorecer uma comunicação horizontal entre os participantes, na medida que todos ocupam o mesmo lugar no círculo, ou seja, com a mesma equidistância uns dos outros. (fig.1)



FIGURA 1 – Formação do Círculo da Palavra

Um centro é estabelecido para o círculo formado pelas pessoas, sendo este ponto adornado com flores e fogo (uma vela), de modo a criar-se um ponto de equilíbrio que seja ao mesmo tempo estético (belo) e simbólico (significativo). O arranjo do centro com flores e fogo visa favorecer, também, a criação de um clima de intimidade entre os participantes, pois torna-se um catalisador da atenção, do olhar, de modo a possibilitar um ponto de descontração no processo de comunicação, que se busca estabelecer, ver figura 2.



FIGURA 2 – Centro do Círculo

Adotando-se um viés transpessoal, do ponto de vista simbólico, cria-se uma formação mandálica (o círculo com um ponto ao centro), de modo a simbolizar a psique em seu movimento de autorrealização, conforme preconizam as Psicologias Humanistas, ou individuação, conforme preconiza a Psicologia Analítica (VON FRANZ, 2008). No centro está simbolicamente o Self (Eu Interior) que reúne todas as potencialidades a serem atualizadas pelo Ego (Eu exterior), que circula o Self em busca dessa atualização, como o bastão que irá circular pelas bordas no Círculo da Palavra possibilitando a expressão de seus participantes.

Na definição do objeto que irá circular no grupo como "bastão-que-fala", a fim de conferir a vez da palavra aos participantes, não se priorizou um bastão de madeira adornado com diversos símbolos, como convencionalmente era/é usado nesta prática tradicionalmente e/ou contemporaneamente, mas uma pedra brasileira de cor verde em formato de coração, que reúne uma óbvia simbologia: "falar com o coração"; "amolecer o coração de pedra".

A dinâmica do Círculo da Palavra é praticada normalmente em dois momentos distintos durante os módulos do Curso[81]. Primeiro na abertura dos trabalhos, onde são recebidos os alunos com suas expectativas e vivências pessoais que se reencontram após um período de distanciamento[82]; e depois ao final dos trabalhos onde acontece a despedida e, muitas vezes, onde se faz menção às aprendizagens realizadas durante os trabalhos.

A orientação dada ao grupo, para iniciar a atividade, é bastante simples. Os participantes são informados sobre o protocolo (como falar) e sobre a origem da proposta, além de que podem "usar a palavra como bem o quiserem", expor como estão chegando para o trabalho, como estão se sentido, e/ou como estão saindo após terem realizado o trabalho. É importante lembrar que as pessoas não são obrigadas a se manifestarem durante a passagem do "bastão".

Com vistas à preparação desta reflexão, solicitou-se aos alunos do curso supracitado que, se desejassem contribuir, fizessem uma apreciação escrita de como se sentiram ao longo do curso com a participação desta dinâmica. Não se ofereceu nenhuma outra informação, além dessa solicitação simples que objetivou o relato espontâneo. Dos 13 alunos que estão neste momento do curso, cinco responderam ao chamado. Três mulheres e dois homens.

As repostas foram analisadas em busca de categorias comuns que pudessem revelar o sentido atribuído à atividade. Os resultados são apresentados na Quadro 1.

[81] O curso acontece em esquema residencial (imersão total), um final de semana por mês, sexta à tarde, sábado o dia inteiro, e domingo pela manhã.
[82] Geralmente o intervalo é de um mês. Às vezes dois, pois há férias em julho e dezembro.

QUADRO 1

Percepção Espontânea sobre a Participação no Círculo da Palavra

Participantes/ percepções da atividade	B	D	M	O	S
Importante, pois há uma percepção de como se chega e como se sai do trabalho			X		X
Boa sensação em saber que se está sendo ouvido sem crítica, sem interrupção		X			X
No começo ficava ansioso, nervoso, agora sinto-me à vontade para expressar-me naturalmente					X
Gosto de medir o tempo para falar					X
Melhorou minha capacidade de escuta e disponibilidade de compreensão do outro	X	X	X	X	X
Melhorou a percepção de mim mesmo	X	X		X	X
Perceber o que é meu e o que é do outro	X		X		

Como se pode observar a categoria que apareceu em todos os relatos foi a escuta do outro, ou escuta ativa, seguida da melhoria da percepção sobre si mesmo.

Destacamos, a seguir, trechos selecionados das falas dos participantes:

> *Essa dinâmica é muito importante para aprendermos a ouvir o outro verdadeiramente, já que estamos acostumados a escutar e prestar atenção em várias outras coisas ao mesmo tempo, geralmente nossos próprios pensamentos, formulando ideias para rebater ou complementar aquilo que o outro nos diz. Dentro desta prática, acabamos prestando muito mais atenção àquilo que o outro diz, apenas assimilando as falas, sem racionalizar em cima.* (mulher, 30 anos)

> *Aprendi a difícil lição de ouvir e escutar o outro. Aprendi a me manifestar, me expor, expor.* (mulher, 60 anos)

Implicou atenção, compreensão e esforço para escutar o outro. Com a prática, percebi que se não abrisse os ouvidos para escutar completamente, seria difícil dizer algo que fosse relevante. Eu assumo a responsabilidade por meus sentimentos, pensamentos, ações, medos, emoções e, em sincronia, sinto o apoio e o acolhimento do grupo. No Círculo da Palavra deixo um pouco de mim e levo um pouco de todos." (mulher, 45 anos)

Serve, portanto, como uma autoavaliação imediata, feita ao vivo, sem termos muito tempo para elaborar e editar. É muito bom poder falar sem ser interrompido, sem ser criticado, saber que está sendo ouvido. Nos primeiros módulos, me sentia ansioso na hora de falar, trocava as palavras, ficava com o coração saltando, meio nervoso. Com o passar do tempo, me habituei e fui ficando mais à vontade para falar e hoje tudo corre bem no momento da minha fala. Falo sempre espontaneamente, sem preparar o que dizer, mas gosto de medir o tempo, não gosto de abusar da palavra. No início ficava incomodado por algumas falas que eram muito longas, e confesso que hoje ainda fico. Mas tento compreender que alguns têm mais necessidade de falar e de compartilhar mais. (homem, 41 anos)

Minha capacidade de visualizar o que está sendo transmitido, colocando toda a minha atenção objetiva em quem está se comunicando comigo, está tornando o processo de inter-relação com outras pessoas muito mais satisfatório e eficaz. Outro ponto muito importante, e que passava muitas vezes desapercebido, era perceber os sentimentos e emoções que estavam sendo transmitidos. Percebo o quanto estou me tornando mais agradável, confiável e receptivo, além de uma percepção expandida e holística com relação aos assuntos que tenho que intervir. Meu lado mais extrovertido e eloquente centrou-se mais, precisando de menos palavras para se expressar; em contrapartida meu lado mais introvertido e reservado se enalteceu de confiança no momento de se manifestar. (homem, 48 anos).

Na realização desta atividade nenhuma informação simbólica foi fornecida aos alunos, tampouco se definiu um tempo para a realização da atividade, permitindo-se que o grupo se auto regulasse. As primeiras realizações do círculo com cerca de 20 pessoas duraram em média 1h30.

O acompanhamento longitudinal do grupo, ao longo dos 13 meses iniciais do curso, mostrou que inicialmente os participantes ou falavam por um período muito longo (5/6 minutos) ou se recusavam a falar. Com o passar do tempo os participantes vão encontrando um tempo adequado para a participação que, em média, varia de 2 a 3 minutos.

Além dos dois momentos iniciais, o Círculo da Palavra já foi usado, também, em outros momentos do desenvolvimento grupal. Momentos de crise entre os alunos, e/ou de crise dos alunos com a dinâmica do próprio curso. Em ambas as situações a mediação mostrou-se muito adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram encontradas zonas-de-não-resistência entre os conhecimentos pertencentes a duas culturas distintas (Níveis de Realidade). Elementos estes que se situam no campo da educação, obtidos por meio do relato espontâneo dos participantes do *Curso Saberes Tradicionais e Teorias Integrativas em Coaching Transpessoal*. Os resultados da análise do discurso dos participantes sugerem que a prática do *Círculo da Palavra* apresenta eficiência ao facilitar processos de comunicação entre os participantes, enfatizando o respeito no uso e na escuta da palavra pronunciada. Há indicadores que sugerem o aumento da capacidade de escuta do outro, e da escuta de si mesmo, o que sugere o aumento das capacidades de congruência, empatia e consideração positiva incondicional, conforme preconiza a Abordagem Centrada na Pessoa, fato que parece indicar o desenvolvimento da competência da Escuta Ativa em contexto multiprofissional. Tais elementos são fundamentais para qualificação de profissionais de ajuda, marcadamente daqueles envolvidos na formação em *Coaching* Transpessoal, como é o caso do curso em questão, de onde se originou a amostra. Sugere-se a realização de novas investigações no âmbito simbólico de modo a aferir sua apropriação (ou não) pelo participante.

Outros estudos devem ser realizados, a fim de confirmar os resultados aqui encontrados, bem como aprofundar as qualidades da escuta desenvolvida pelos participantes do processo, além de aferir os impactos que

os elementos simbólicos apresentados na formação do *setting* de trabalho possam ter (ou não) no desenvolvimento das competências referidas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, A. **A entrevista de ajuda.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

BERNI, L. E. V. *Contributions of a transdisciplinary approach (TD) to the dialogue between Psychology and Traditional knowledge (TK) of indigenous people*. In: GUIMARÃES, D. S. (Org.). ***American Paths****: guiding dialogues with Psychology.* 1.ed. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2016, v. 1, p. 279-290.

_____. ***Self-empowerment:*** jornada de transformação: um método transpessoal de personal coaching via internet. 2008. 240p. Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.47.2008.tde-16122008-122302. Acesso em: 14.11.2018.

BOWEN, M.C. Psicoterapia: o processo, o terapeuta, a aprendizagem. In: SANTOS, A.M.; ROGERS, C. e BOWEN, M.C. **Quando fala o coração***: a essência da psicoterapia centrada na pessoa.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

COLL, A. N. As culturas não são disciplinas: existe o transcultural? In: SOMMERMANM, A. MELLO, M.F. e BARROS, V. M. (Org.). **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: UNESCO/TRIOM, 2002.

JECUPÉ, K.W. **Tupã Tenondé:** a criação do universo, da Terra e do homem, segundo da tradição Guarani. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001.

JOHNSON, W. **Do Xamanismo à Ciência.** São Paulo: Cultrix, 1995.

HARNER, M. **O caminho do Xamã.** São Paulo: Cultrix, 1995.

LOCUST, C. ***The Talking Stick.*** Native American Research and Training Center (Tucson, AR, USA) disponível em https://www.acaciart.com/stories/archive6.html acessado em 13/11/2018.

MARALDI, E. O. Psicologia diante de Saberes Tradicionais: o caso do Xamanismo. In: **Conselho Regional de Psicologia.** São Paulo: CRPSP, 2016. v. 2. (Coleção

Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais: Práticas e Técnicas).

MARCONI, M.A. e LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa.** SP: Atlas, 1982.

MARQUES, R.P. Um estudo de caso sobre o fumo, o uso dos cachimbos e as práticas de fumar entre os Mbyá-Guarani (RS). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 97-118, jan/jun. 2012.

NICOLESCU, B. e BADESCU, H. **Sephane Lupasco:** *o homem e sua obra.* São Paulo: Triom, 2001.

RIDGEWAY, S.J. e JACQUES, P. J. ***The power of the talking dtick.*** New York: Routledgem 2014.

ROGERS, C.R. A Essência da Psicoterapia: Momentos de Movimento. In: SANTOS, A.M.; ROGERS, C. e BOWEN, M.C. **Quando fala o coração***: a essência da psicoterapia centrada na pessoa.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

SAMS, J. **As cartas do caminho sagrado:** *as descobertas do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos.* 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

SHEADAR, C. ***Understanding North-West Coast Art***. Seattle: University of Washington Press, 2000.

VON FRANS, M.L. O Processo de Individuação. In: JUNG, C.G. (Org) **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

10

O ARTIGO CIENTÍFICO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO EM CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU*[83]

Luiz Eduardo V. Berni

RESUMO

Tema: Redação acadêmica; **Objetivo**: apresentar a estrutura de um artigo científico como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para cursos de especialização *latu-sensu*; **Método**: bibliográfico; **Resultado**: problematiza-se a dificuldade de escrita do universitário; apresentam-se, de forma sucinta, os elementos de um artigo científico (pré-textuais, textuais e pós-textuais); destacam-se as divergências entre os autores sobre os elementos textuais de um artigo e as concordâncias para os demais elementos; **Conclusões**: O *artigo* é uma forma sintética, mas completa, de comunicação de pesquisa que pode ser utilizada por pesquisadores experientes e por iniciantes como Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-chaves: Redação científica, Artigo científico, Metodologia do Trabalho Científico, Trabalho de Conclusão de Curso

The Scientific Article as a Final Project in Certificate Programs

ABSTRACT

Normally the final project in certificate programs, or undergraduate thesis, are a long text, that needs individual advise and requires an examination board, like in masters programs. It's very common that the students in these programs have had bad past experience with it. Therefore, they don't like to be engaged in this type of work. The scientific article is base of the scientific report. It is a short but complete communication of the science community, acceptable by scientific journals all over the world. This article proposes the scientific article as a basis of the final project in certificate programs. They are simple, short and collaborative.

Keywords: Scientific article, Scientific Methodology, Final Project, Certificate Programs

[83] Trabalho apresentado no Seminário de Pesquisa em junho de 2018.

INTRODUÇÃO

A produção acadêmica de textos em programas de *lato sensu* é normalmente sofrida para o iniciante. Isso se justifica em função de experiências pregressas desagradáveis que este teve na elaboração do seu Trabalho de Conclusão do Curso de graduação. Deve-se, também, às experiências enfadonhas que o aluno vivenciou na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico. Assim, são comuns em cursos de pós-graduação uma visão muito negativa do alunado quando os seminários abordam a redação científica, com foco no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobretudo em cursos modulares em Psicologia Transpessoal e afins, em função destes receberem alunos muito focados nos aspectos mais vivenciais desta disciplina científica. Os alunos, não raro, apresentam bastante dificuldade, também, na redação e apresentação dos relatórios regulares escritos, que normalmente são exigidos após os módulos, sempre alegando sua preferência pelas vivências e/ou uma militância reativa às exigências formais da academia.

Ao longo dos últimos 10 anos, o autor tem atuado como docente nesse tipo de curso, ministrando a disciplina de Metodologia Científica. Assim, em diálogo com os coordenadores, marcadamente na Universidade Holística Internacional (UNIPAZ); Associação Luso-Brasileira de Psicologia Transpessoal (ALUBRAT) e Universidade Rose-Croix Internacional (URCI), tem observado que essas queixas são constantes. Assim, ao longo desse tempo foi desenvolvendo uma abordagem que procura minimizar os efeitos aversivos dessa impressão, apresentando o trabalho acadêmico de uma forma mais lúdica e vivencial, sobretudo na localização de um tema a ser desenvolvido pelo aluno em seu trabalho de conclusão (BERNI, 2016).

Desta forma, a reflexão aqui apresentada visa complementar essa proposta metodológica, apresentando instruções para a escrita acadêmica do *artigo científico*, ao qual se defende como a melhor proposta acadêmica para o trabalho de conclusão.

Normalmente, os cursos de pós-graduação lato-sensu, assim como os de graduação, exigem a monografia individual como Trabalho de Conclusão. Esse tipo de produção científica extensa é uma jornada solitária que acentua o sofrimento dos neófitos no campo, exige recursos de acompanhamento institucional raramente disponíveis (orientadores), sobrecarregando os recursos humanos existentes, pois funcionam com a mesma lógica dos programas stricto-sensu sem os recursos humanos adequados para isso. Como conclusão, quando os trabalhos são finalizados, são bastante comuns as falhas metodológicas que acabam por comprometer a produção, a despeito do empenho dos envolvidos, sobretudo dos alunos, promovendo o tipo de sequela que afasta os alunos dos seminários que enfatizem a produção científica.

Desta forma, assume-se como *hipótese de trabalho* que os cursos de pós-graduação *lato-sensu* adotem o artigo com autoria compartilhada, como produção científica mais adequada a esse nível de formação, em função dos ganhos cooperativos advindos deste tipo de trabalho de produção compartilhada, de sua concisão e objetividade, além de otimização dos recursos humanos institucionais, possibilitando a publicação dos trabalhos em veículos de circulação acadêmica, para além das bibliotecas institucionais. Por se tratar da forma básica da produção acadêmica mundial, o artigo científico é um excelente instrumento de iniciação científica.

Para este trabalho adotou-se como método o da consulta bibliográfica a alguns manuais consagrados que orientam a elaboração do trabalho acadêmico, com o objetivo de apresentar o artigo como forma privilegiada de escrita acadêmica, visto que se trata de um tipo de produção científica adequada tanto ao neófito na pesquisa acadêmica, quanto ao já iniciado, ou mesmo ao mestre.

Destaca-se que a estrutura formal do presente trabalho segue a mesma proposta estrutural apresentada como resultado da análise do material estudado, tratando-se, pois, de um artigo de revisão.

DESENVOLVIMENTO

Nesta breve revisão, a partir da pequena, mas consagrada bibliografia, apresentam-se elementos chaves para a escrita de artigos de cunho científico. Inicia-se com a apresentação dos autores selecionados esse diálogo, para, depois, serem tecidas breves considerações sobre a redação acadêmica na universidade, com ênfase na produção dos Trabalhos de Conclusão de Curso e, então, focar-se na produção do Artigo Acadêmico ou Científico, propriamente dito.

A partir do método bibliográfico foram selecionados os seguintes autores com os quais se dialogou neste breve estudo do artigo científico: primeiramente o clássico *Metodologia do Trabalho Científico*, do notório professor Antonio Joaquim Severino, da Universidade de São Paulo, cuja contribuição é bibliografia quase que obrigatória nos trabalhos científicos; *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertações*, das professoras Edna Lúcia da Silva e Estera Muszkat Menezes, da UFSC, facilmente encontrado online em versão PDF, traz um enfoque sucinto e objetivo para o campo da produção de textos acadêmicos, uma abordagem simples, mas não simplista, do trabalho científico; já o *Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica*, do professor Izequias Estevam dos Santos, da Universidade Luterana do Brasil, além da completude própria dos manuais, é bastante interessante para se tratar de temas transpessoais, visto que o docente pertence a uma organização confessional e consegue, com notoriedade, separar o âmbito religioso, manifesto nos elementos pré-textuais de sua obra, daqueles propriamente científicos apresentados no corpo da mesma; por fim, *Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas,* dos professores Gilberto Andrade Martins, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (USP) e Carlos Renato Theóphilo, da Universidade Estadual de Montes Claros, traz a densidade objetiva dos cursos de contabilidade e administração, conferindo um importante contraponto para a reflexão no campo transpessoal.

Os cursos de formação acadêmica, como não poderiam deixar de ser, são cursos que se pautam pelo referencial científico. Fazer ciência é escrutinar a realidade em busca da resolução de problemas. O problema básico que suscita a busca científica é a necessidade de conhecimento sobre um determinado tema, ou assunto, o que, por óbvio, requer o estudo em profundidade, pois a ciência se faz por redução (do campo), pelo aprofundamento investigativo do mesmo (pesquisa).

Nos cursos universitários, diferentes tipos de produção escrita são solicitados aos alunos, desde os mais básicos, como bem aponta Severino (1983), o resumo, o fichamento, até os mais complexos, como a resenha, a monografia, a dissertação, a tese e o artigo.

No Brasil, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabeleceu padrões de escrita acadêmica, que ajudam os estudantes, professores e pesquisadores na apresentação formal de seus trabalhos.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), comum tanto à graduação, quanto à pós-graduação lato-sensu, objetiva formalizar por meio da produção científica, normalmente por meio de textos, contribuições que os estudantes possam dar ao campo de estudo em que estão inseridos, em função de sua trajetória de aprendizagem/pesquisa. Tais trabalhos são normalmente de ordem monográfica, isto é, trabalhos dissertativos sobre um único tema que cumpre a função de iniciar os formandos numa temática específica estudada pelos mesmos. Assim, os TCCs são classificados como trabalhos científicos introdutórios.

Ao analisar a bibliografia em tela chegou-se aos resultados que serão apresentados a seguir:

Artigo Científico é reconhecidamente “a principal ferramenta que o pesquisador tem ao seu alcance para registrar os seus conhecimentos produzidos de forma organizada e sistêmica” (SANTOS, 2012, p. 162); este pode ser polivalente, servindo tanto ao pesquisador sem experiência, como

àquele já tarimbado, que normalmente o usa com frequência, pois o artigo é "estudo reduzido, mas completo, quanto aos assuntos trazidos" (*ibidem*).

Apesar da relevância desse tipo de texto na produção científica, o artigo ocupa um espaço muito pequeno da reflexão metodológica da produção científica, não mais do que duas ou três páginas, quando muito, são dedicadas a este importante tipo de texto acadêmico.

Parece correto afirmar que a medida dessa redução está na extensão (número de páginas) que um artigo possa possuir, sendo que tal limitação é definida nas "diretrizes aos autores", apresentadas pelos periódicos de cunho científico. Assim, diferente das monografias, dissertações e teses, onde normalmente não se estipula número máximo de páginas, os artigos, ao seguirem essas normatizações, preveem um tamanho máximo de páginas que normalmente variam entre 20 a 30.

Artigos científicos publicados em livros com diversos autores e, sobretudo, em revistas científicas (*journals*), são, normalmente, apresentados por seus autores a um corpo editorial que, por meio de pareceristas *ad hoc*, avalia a qualidade tecnocientífica do material submetido, recomendando, ou não, sua publicação. Esse processo é denominado "avaliação entre pares". Nesse procedimento o editor, ao receber artigos, retira o(s) nome(s) do(s) autor(es) e os remete a dois pareceristas que irão avaliar o trabalho à luz das normas da publicação, bem como da ABNT. Após essa avaliação os pareceres produzidos são encaminhados aos autores sem a identificação dos pareceristas. Caso o parecer seja positivo o artigo será publicado. Às vezes, para serem publicados, os artigos precisam passar por ajustes que são propostos pelos pareceristas aos autores.

Um artigo científico "discute ideias, métodos, processos, técnicas e resultados nas diversas áreas de conhecimento" (ABNT, apud SILVA, MENEZES, 2005, p. 122). Ainda segundo as autoras, a ABNT reconhece dois tipos de artigos: a) *artigo original*, o que é visto como propriamente científico, pois apresenta o relato de uma pesquisa inédita; b) o *artigo de*

revisão, quando se discute, resume e apresenta o resultado de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, em cima de trabalhos que já foram publicados.

É sabido, como bem aponta Martins e Theóphilo (2009), que os artigos podem ser escritos por um ou mais autores. Santos (2012) afirma, também, que um livro, uma tese, monografia ou dissertação não podem ser considerados artigos em si, todavia, seus conteúdos podem vir a ser configurados (formatados) como esse tipo de texto, ao passar por uma "redução focal".

É certo que um artigo científico deva fugir do senso comum, portanto, "deve conter descobertas, ou partes destas; ter objetividade, clareza, e palavreado apropriado, ordenado e sistematizado segundo os parâmetros lógicos" (SANTOS, p. 163).

Há variações na forma de apresentação da estrutura dos artigos, mas normalmente são reconhecidos três elementos fundamentais: *pré-textuais; textuais e pós-textuais:*

1) **Elementos Pré-textuais:** *Título e Subtítulo* – o *título* pode ser mais chamativo e metafórico para atrair o leitor para o texto; enquanto o *subtítulo* deve ser obrigatoriamente científico e expressar com concisão o que foi tratado na pesquisa; *Resumo* na língua do texto que, de forma objetiva, traga: o *problema,* o *método* e o *resultado*, não devendo ultrapassar 250 palavras. O resumo deve conter a síntese de tudo que se encontrou. Diferentemente de um texto literário, onde uma apresentação jamais conta o final da história, no resumo científico é fundamental que o leitor saiba, de pronto, "quem matou *Odete Roitman*"; *Palavras-chave* – no mínimo três e no máximo seis. Trata-se de termos (*Keywords*) que reflitam o conteúdo abordado no estudo, tais como conceitos, teorias, métodos, recursos, área, etc. Há homogeneidade entre os autores abordados nesta apresentação, quanto aos elementos pré-textuais de um artigo.

2) **Elementos Textuais:** Esses elementos correspondem, de fato, ao que foi feito na pesquisa. Este item é composto por *Introdução*, *desenvolvimento* e *conclusão*. Há muita variação entre os autores abordados, sobre como cada um dos itens que contém esses três elementos é abordado. Desta forma, em função das experiências em sala de aula e, a partir da consulta aos autores, assume-se a seguinte estrutura para o desenvolvimento dos elementos textuais do artigo:

   a. A *Introdução*, como o próprio nome sugere "introduz", expõe basicamente o *problema* de pesquisa (o *objeto* da pesquisa – o que será pesquisado, que deve ser exposto com profundidade), o que inclui os antecedentes (revisão de literatura), etc.; contém, também, os *objetivos* e *justificativa* (o porquê do trabalho), além de trazer, também, qual a contribuição que se obteve com o estudo, apresentando, portanto, a *hipótese* de trabalho (para resolução do problema). Deve-se, também, apresentar o método (como será feito o estudo, quais as etapas de trabalho). Do ponto de vista da "escrita do artigo", a introdução é escrita *a priori* e retomada a *posteriori,* ao final do trabalho. Assim, num artigo inicia-se pela introdução e volta-se a ela ao final do processo.

   b. No *Desenvolvimento*, detalha-se o *método* (materiais e técnicas), incluindo os *autores*; as *teorias* escolhidas para estudar o problema. Portanto, retoma-se o problema a partir dos autores escolhidos para resolvê-lo, por meio dos *resultados* obtidos pela *análise* que os autores e o método proporcionaram ao se abordar o problema. Assim, os *resultados,* que devem ser escritos de forma objetiva e sucinta, decorrem da aplicação do *método.* Na apresentação dos resultados pode-se recorrer a gráficos, tabelas, figuras, etc., para conferir clareza em sua apresentação. Os resultados refletem, com clareza, como o autor (pesquisador) trabalhou para levantar os dados. Na *discussão* comentam-se os resultados obtidos pela via

interpretativa. Por fim, compara-se o que se conseguiu com a pesquisa realizada a trabalhos anteriormente publicados.

c. Na *Conclusão* (considerações finais) apresentam-se, de forma sintética, os resultados obtidos, alinhando-se os mesmos com os objetivos e contribuições que o estudo proporcionou. A conclusão não comporta citações, "deve conter: essencialidade, ou seja, apenas o que é essencial" (SANTOS, 2012, pág.165). Pode conter, também, sugestões para novos estudos. Trata-se, portanto, "da afirmação sintética da ideia central do trabalho" (MARTINS e TEÓPHILO, 2009, pág. 224).

d. *Verificação de congruência* – Ao terminar a produção do trabalho deve-se retomar os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais verificando a congruência entre os elementos, fazendo-se os ajustes que possam ser necessários.

3) **Elementos Pós-textuais:** Ao final do artigo os elementos pré-textuais (título, subtítulo, resumo e palavras-chaves) são apresentados em língua estrangeira. Apresentam-se também as *referências,* ou seja, a lista dos documentos utilizados na produção, a partir da norma NBR 6023 da ABNT. O *Apêndice* é um documento complementar escrito pelo autor, assim como o *Anexo* que é de outra autoria. Trata-se, pois, de documentos que ilustram, comprovam ou fundamentam o texto principal. Além destes, pode haver, também, um *glossário*.

CONSIDERAÇÃOES FINAIS

Neste trabalho abordou-se o artigo, sua estrutura e função como proposta mais adequada para a produção acadêmica na iniciação científica. O artigo científico, como o principal veículo de comunicação da comunidade científica, é elemento central da divulgação das pesquisas. Por sua concisão, possibilidade de cooperação na autoria, torna-se um instrumento potente para utilização como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), possibilitando maior coerência na otimização dos recursos acadêmicos, seja do ponto de vista humano, seja do ponto de vista intelectual, possibilitando, também, que

contribuições relevantes sejam divulgadas para além das bibliotecas das instituições de ensino, ao serem publicadas por veículos especializados.

REFERÊNCIAS

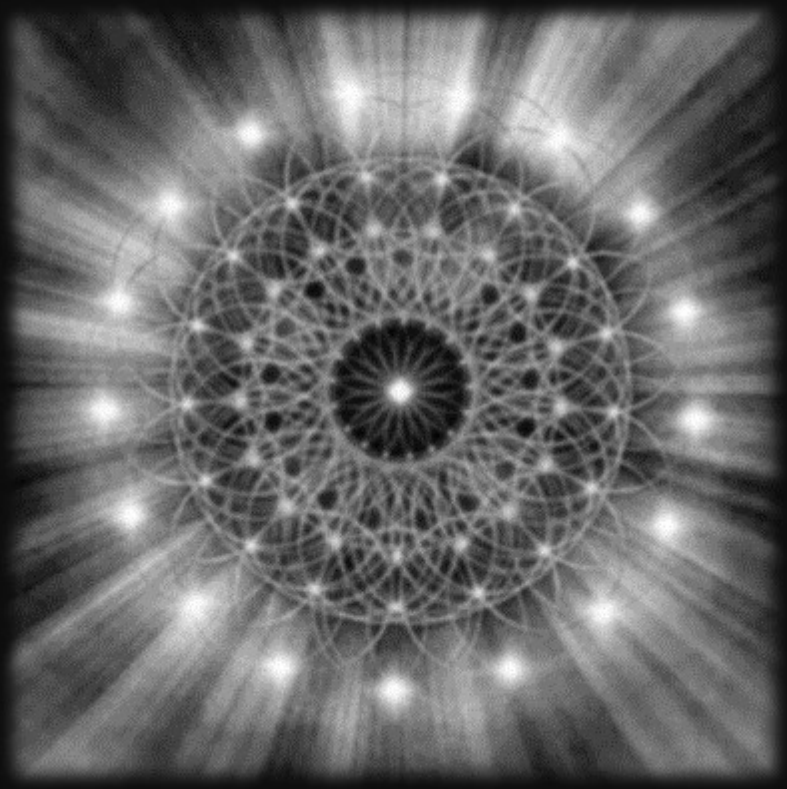
BERNI, LEV. Mediação Ativa Transdisciplinar para o diálogo entre Ciência e Saberes Tradicionais. In ECCO, C.; SILVA, R.F.N; QUADROS, E.G.; SIGNATES, L. ***Religião, Saúde e Terapias Integrativas***. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. v. 2.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. ***Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas.*** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, I. E. ***Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica***. 9.ed. Niterói: Impetus, 2012.

SEVERINO, A. J. ***Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para o trabalho didático-científico na universidade.*** 10.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVA, E.L.; MENEZES, E. M. ***Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.*** 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005.



APÊNDICES


Critérios Transdisciplinares de
Avaliação de Aprendizagem

APENDICE 1

ROTEIROS DE MEDITAÇÃO DOS APRENDIZES

ROTEIRO DE MEDITAÇÃO

AUTOR: José Carlos Carneiro Ribeiro
INSPIRAÇÃO: Tradição Chinesa
TÍTULO: Prática do Qigong

Qigong ou Chikung é um termo de origem chinesa que tem como objetivo estimular a prática de circulação de energia chamada Qi ou Chi. O Qigong está entre muitas práticas de concentração e movimentos suaves. Alguns especialistas acreditam, que haja milhares de estilos. Atualmente esta técnica aplica-se muito bem na redução de estresse e na melhoria da qualidade de vida. Ela promove flexibilidade e foco interno (concentração). Seus movimentos são suaves e sincronizados com a respiração, tornando assim uma prática semelhante ao Yoga

A prática matinal chamada (Zu Yen Su) que será descrita abaixo, desperta e conserva a juventude do rosto. Essa técnica, foi criada pelo Dr. Hu Yao Zhen médico e mestre de Qigong sua força desperta o yang qi, ou seja, a energia yang (vigor) que temos em nosso corpo. Deve ser praticada principalmente ao amanhecer de preferência sentado. Ela beneficia órgãos e vísceras do corpo, resultando com isso a conservação da juventude e beleza do rosto e dos sentidos.

Desenvolvimento da técnica:

1- Fazer o exercício pela manhã ao acordar
2- Assentar o Ki (Qi), massageando o vaso da concepção (VC) de cima para baixo a partir do centro do peito entre os dois mamilos (VC17) até o baixo ventre (VC4) na altura do umbigo. O exercício deve ser repetido 36 vezes.
3- Massagear em espiral entorno do umbigo 36 vezes nos dois sentidos. Palma direita sobre a esquerda indo no sentido horário para as mulheres, e palma esquerda sobre a direita massageando no sentido anti-horário para os homens.
4- Estabilizar o Qi colocando as duas mãos sobrepostas sobre o umbigo e direcionar a energia mentalmente para o MingMen também

chamado de portal da vida, que fica localizado nas costas na altura dos rins e depois focalizar no baixo ventre.

5- Esfregar as mãos vigorosamente até aquecer e em seguida fazer o mesmo com o polegar e indicador beneficiando assim, o pulmão e intestino grosso e depois o dedo mínimo e anular energizando coração e intestino delgado e triplo aquecedor, ou seja, a porção superior, média e inferior do corpo.
6- Agora friccionar os antebraços por dentro e por fora até aquecê-los bem durante 9 vezes.
7- Esfregar o rosto e as orelhas (banho seco) delicadamente até aquecer. Essa manobra, inclui também a cavidade auricular.
8- Bater os dentes com cuidado por 36 vezes. Em seguida, circular com a língua com movimentos amplos ao redor dos dentes e gengivas por 9 vezes para ambos os lados procurando acumular o máximo de saliva na boca, em seguida, bochechar a saliva para ativa-la por 36 vezes e sorver (engolir) a seguir por três etapas. Esta técnica é também chamada Shien Sui (engolir a saliva para alcançar a longevidade). Com este exercício, estimulamos os pulmões, intestino grosso, fígado e vesícula biliar.
9- Próxima etapa é unir o coração e rim, ou seja, PC8 (Lao Gong) e R1 (Yong Quan) e fazer com que os dois pontos que estão na palma das mãos, e consequentemente na sola dos pés sejam friccionados mutuamente, fazendo isso, o Qi circula imediatamente. Para isso, precisamos cruzar as pernas e unir a palma da mão na altura da eminência tenar, ou seja, a almofada do polegar e colocar na sola dos pés na altura do halúx, dedo maior do pé. Devemos friccionar com vigor 100 vezes no sentido do corpo.
10- Em seguida, ainda com as pernas cruzadas, massageie vigorosamente a face interna e externa das pernas por 9 vezes, estimulando assim os meridianos dos membros inferiores. Ativando os meridianos yin e yang das pernas.
11- E por último, dar chutes a partir do calcanhar por 9 vezes.

Webgrafia - https://www.youtube.com/watch?v=XDyC552Y4_

ROTEIRO DE MEDITAÇÃO

AUTOR: Paulo César Grandi
INSPIRAÇÃO: Tradição Rosacruz AMORC
TÍTULO: Meditação com Ascensão

MATERIAIS/RECURSOS: Local silencioso ou se houver preferência utilizar música apropriada em volume baixo, baixa iluminação, de preferência penumbra, cadeira com encosto de 90º e confortável; utilizar incenso suave se houver concordância de TODOS.

TEMPO ESTIMADO: entre 20 e 30 minutos.

ORIENTAÇÕES IMPORTANTES:

*A meditação com ascensão somente deve ser realizada se TODOS os participantes já tenham familiaridade com a prática ou já tenham um bom esclarecimento sobre a simplicidade do procedimento, pois, de outra forma, pode haver interpretações e conotações equivocadas.

* A finalidade é simplesmente intensificar um breve aprofundamento na introspecção de consciência gerando um sentimento de conexão com o TODO. Não sendo o propósito principal, pode ocorrer com algumas pessoas, em virtude de estarem em vibrações de muita pureza e amorosidade, no momento do aprofundamento, um insight mais prolongado, uma inspiração ou até mesmo um contato com o mais sagrado. Caso isso venha a ocorrer, diferentemente do que é proposto quando o objetivo é apenas a meditação em si, sem abrir os olhos ou se mexer, dedique toda sua **a**tenção para esse contato que geralmente **é** muito breve, contudo, tem um profundo poder, desde trazer um sentimento agradável, a solução para um problema e até um novo sentido para a existência.

* Antes de iniciar o processo de relaxamento de todas as partes do corpo faremos 3 respirações positivas, ou seja, inspirando lentamente, retendo o ar confortavelmente e exalando lentamente. Em seguida emitiremos o som OM por 3 vezes. Todo processo será completamente conduzido, para

que os participantes possam se entregar por completo no aprofundamento. O tom de voz será pausado e baixo. Haverá pausas breves e uma mais longa de poucos minutos no final. Orientar para que não percam a concentração nas pausas e que façam a respiração neutra (tempo igual de inspiração e exalação sem retenção de ar) de uma forma que os movimentos de inspirar e exalar sejam prolongados ao máximo, sem desconforto; para isso será de grande importância a ancoragem da concentração no movimento respiratório.

Procedimento de energização do corpo psíquico, com respirações positivas e emissão do som OM (em torno de 7 minutos):

Instruções iniciais: Quem vai conduzir solicita novamente para os participantes se posicionarem em seus assentos, de preferência na posição da tradição egípcia, ou seja, costas eretas bem apoiadas contra o encosto da cadeira, pés ligeiramente separados bem apoiados sobre o piso, mãos sobre as coxas com as palmas para baixo e para que fechem os olhos.

Vamos agora fazer três respirações positivas, inalando o ar pelo nariz, retendo confortavelmente o ar nos pulmões e exalando lentamente pelo nariz... Prontos... todos juntos pela primeira vez... inspirar... reter confortavelmente o ar nos pulmões... e exalar lentamente pelo nariz... Prontos... pela segunda vez... inspirar... reter confortavelmente o ar nos pulmões... e exalar lentamente pelo nariz... Prontos... Prontos... pela última vez... inspirar... reter confortavelmente o ar nos pulmões... e exalar lentamente pelo nariz...

Agora, energizados pelo ar, vamos emitir em uníssono por três vezes o som OM da maneira mais natural a quase plena voz, prolongando ao máximo o fonema M. Eu emitirei uma vez o som OM e logo após o faremos juntos por três vezes (entoar o som OM). **CONDUÇÃO DO SOM:** Prontos... todos juntos pela primeira vez... inspirar... OOOOOOOOoooooooMMMMMmmmmm... Prontos... pela segunda vez... inspirar... OOOOOOOOoooooooMMMMMmmmmm... Prontos... pela última vez... Inspirar... OOOOOOOOoooooooMMMMMmmmmm...

Procedimento de relaxamento e conscientização do corpo físico (10 minutos):

Agora que nosso corpo psíquico está energizado, inspirem normalmente e dirijam a consciência para a planta dos pés, sintam que a sola do pé direito vai se aquecendo mais e mais. Esse calor toma conta de todo o pé e vai relaxando todo o pé de uma forma muito agradável. Esse calor relaxante agora passa para o pé esquerdo... sinta o pé esquerdo relaxando... o calor agradável agora sobe pela perna direita...sinta toda perna direita relaxada... perna esquerda... joelho... coxas... sintam que os seus membros inferiores estão completamente relaxados... sintam os quadris... o baixo ventre... esse calor relaxante agora aquece toda sua caixa torácica... sintam todos os órgãos internos relaxados e funcionando com harmonia... o ritmo cardíaco vai diminuindo... e você está se sentindo cada vez com mais calma e relaxando completamente... o ritmo respiratório vai ficando cada vez mais lento e prolongado... Agora você sente esse calor relaxante na sua mão direita... relaxando todos os músculos até os tendões e ossos. Esse calor passa para mão esquerda... Braço direito e esquerdo... antebraços... Todos os seus membros superiores estão relaxados. Esse calor relaxante agora toma conta dos seus ombros… pescoço… maxilar inferior... solte e relaxe seu maxilar... sintam os dentes levemente encostando um no outro... sintam os músculos do rosto relaxando… as pálpebras estão suavemente fechadas... Essa energia relaxante envolve as orelhas… o couro cabeludo... Toda sua cabeça está completamente relaxada...

Procedimento de retorno da ascensão celestial (2 minutos):

Tomados de uma sensação de uma paz indescritível, sentimos que é o momento para regressar... lentamente começamos a retornar do universo... para o local onde estamos sentados... lentamente... Retornando lentamente... sintam seu corpo na cadeira... mexam os pés... as mãos... podem se espreguiçar… tomados de muita alegria e bem-estar abram os olhos e quem quiser pode abraçar e compartilhar sua energia com os colega

ROTEIRO DE MEDITAÇÃO

AUTORIA: Ricardo Barbosa
INSPIRAÇÃO: Meditação Laica
TÍTULO: O ritmo da vida

Começamos relaxando o nosso corpo e a nossa mente. Vamos nesse momento, sentir nossa presença aqui e agora.
Sinta a presença dos seus pés. O pé direito e o pé esquerdo. Sinta os dedos dos pés, a sola dos pés, até os calcanhares.
Sinta agora a presença dos tornozelos, direito e esquerdo.
Subindo pelas pernas, até os joelhos, direito e esquerdo.
Subindo passando pelas coxas, pelos quadris, das pernas.
Sinta a presença dos genitais, do baixo ventre, do abdômen, da base do tronco.
Sinta a presença dos seus órgãos vitais, sinta a presença da sua coluna, subindo vértebra por vértebra.
Sinta a presença das costas, do seu peito. Perceba o movimento das costas, perceba o movimento dos pulmões, e do seu coração batendo forte dentro do peito
Sinta a presença dos seus ombros, direito e esquerdo.
Sinta a presença das suas mãos, direita e esquerda. Sinta os seus dedos, as palmas das mãos. Sinta a presença dos punhos, dos antebraços, dos cotovelos até os ombros. Sinta a presença dos seus braços direito e esquerdo
Sinta a presença do seu pescoço, da garganta. Sinta o ponto onde o pescoço toca e sustenta a sua cabeça
Sinta a sua nuca, as orelhas, o maxilar, o queixo.
Sinta a presença dos lábios, dos dentes, da língua.
Sinta a presença do nariz, perceba o delicado entra e sair do ar fresco dessa manhã.
Sinta os seus olhos relaxados. Sinta as sobrancelhas relaxadas. Sinta sua testa relaxada.
Perceba o relaxamento do seu rosto.

Aqui e agora, perceba todo o seu corpo, perceba a sua imobilidade do seu corpo
Mas nessa imobilidade, perceba o ritmo interno e incessante do seu corpo imóvel, a vida que se manifesta na aparente imobilidade do seu corpo.
Sinta o movimento espontâneo dos seus pulmões. Como eles se expandem e delicadamente se contraem.
Sinta a corrente de ar que incessantemente transita pelo seu corpo.
Perceba a harmonia entre os seus dois pulmões.
Perceba a pequena pausa entre a expiração e a inspiração.
Sinta agora, as batidas do seu coração.
Sinta o movimento de pulsação do seu coração.
Sinta a corrente sanguínea que incessantemente percorre todos o seu corpo.
Perceba a força e ritmo do seu coração.
Perceba agora, a harmonia e a sintonia do movimento dos seus pulmões e do seu coração.
Perceba na pequena pausa entre o movimento da respiração, a batida do seu coração.
Inspira, bate, expira...
Perceba as correntes de ar, de sangue, de ar e sangue pelo seu corpo
Inspira, bate, expira...
Perceba a vida que corre e brinca incessantemente no seu templo.
Cheio de vida, cheio de amor, paz, tranquilidade, felicidade, retome lentamente a consciência do seu corpo.
Perceba novamente as suas pernas, os seus braços.
Sinta o frescor do ar, o tímido calor do amanhecer, faça movimentos suaves nos pés, nas mãos.
Abra os olhos delicadamente, se espreguice, acorde o corpo
Abrace seu colega e deseje um ótimo dia, aqui e agora

ROTEIRO DE MEDITAÇÃO

AUTOR: Celine Daniele Claro
INSPIRAÇÃO: Tradição Hindu
TÍTULO: *Trataka* Meditação com a Chama da Vela

Trataka é o nome em sânscrito para a prática de fixação do olhar, podendo ser na chama da vela, numa flor, no céu ou em quaisquer outras coisas que nos conecte a um estado ampliado de consciência levando-nos ao estado de **Presença**.

O fogo é um portal de entrada para o nosso interior. A mente se aquieta ao observar a chama da vela e aprofunda a nossa auto-observação.

Acenda uma vela e a coloque na distância de um metro perto de onde vai sentar-se em meditação e na direção da altura de seus olhos.

Sinta o seu corpo dos pés à cabeça, respire consciente e tranquilamente.

Se os seus olhos estiverem fechados, abra-os lentamente.

Olhe diretamente para o centro da chama da vela que está à sua frente.

Concentre-se na língua do fogo.

Concentre-se... não há nada além da chama da vela... não há nada além do fogo... não há nada além da dança do fogo.

Permita que a chama atraia o seu olhar... (5 minutos)

Se algum pensamento chegar... apenas observe... seja testemunha... não se apegue... concentre-se na chama da vela... na dança do fogo... (2 minutos)

Aprofunde a sua observação... foque a sua atenção na chama da vela... (2 minutos)

Perceba que às vezes você e o fogo se confundem... pensamentos, sentimentos e sensações passam pela chama da vela.... passam pelo fogo...

Esvazie toda a sua mente... deixe-se atrair e ser atraído pela chama... pelo fogo... pela dança do fogo... (3 minutos)

O fogo queima.... o fogo transmuta.... o fogo transforma... (1 minuto)

Lentamente afaste a sua mente do fogo... tome consciência do seu corpo... do lugar em que está... da sua presença.

E quando estiver ciente do aqui e agora, apague a sua vela.

Está feito.

APENDICE 2

SÍNTESE DAS FERRAMENTAS DE COACHING TRANSPESSOAL

	TIPO	Objetivo	Síntese	Indivual	Grupal
1	Relaxamento	Relaxamento corporal	• Técnica tensão relaxamento • Técnica apercepção do corpo	x	x
2	Meditação	Serenar a mente	• Concentração na respiração • Concentração no som	x	x
3	Visualização	Criação mental	• Organizar planejamento futuro • Limpar padrões do passado	x	x
4	Desenho Livre	Acessar padrões semiconscientes/incorsciente	• Desenho abstrato • Desenho figurativo • Folhas de diferentes tamanhos	x	x
5	Dança Circular	Integração grupal (extroversão) Integração pessoal (introversão)	• Danças Tradicionais • Danças Contemporâneas		x
6	Círculo da Palavra	Desenvolvimento da escuta; levantamento de expectativa; percepção de aproveitamento	• Sentar em círculo • Usar a palavra com "bastão"		x
7	Auto Avaliação	Ampliação da consciência de si mesmo	• Roteiro/ Livre • Escrito	X	
8	Desenho de Mandalas	Acessar padrões semiconscientes/incorscientes	• Folhas de diferentes tamanhos • Compasso / prato • Giz de cera, lápis de cor, etc.	x	x
9	Jornada com o Tambor	Acessar padrões semiconscientes/incorscientes	• Tambor / gravação de tambor	x	x
10	Flecha das Intensões	Lançar propostas para o futuro	• Galho de árvore • Linhas de diversas cores	x	x
11	Perfil Rei, Guerreiro, Mago, Amante	Perfil de atuação dos tipos jung	• Site Boog Consultoria • Livros Con-viver em Equipe	x	
12	Autobiografia	Rever história, levantamento de forças e fraquezas	• Setênios Steiner/ciclos HS Lewis	x	
13	Consulta oracular	Sondagem do inconsciente	• Tarot	x	
14	Mantras / Sons Vocálicos	Ativar energias eixo Self-Ego	• Diapasão	X	x

APENDICE 3

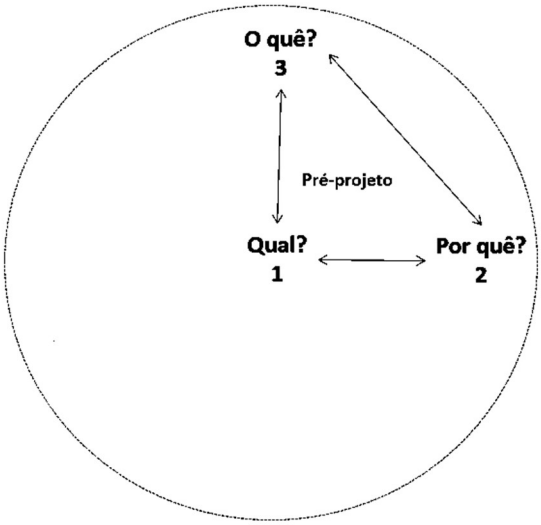
SÍNTESE DA MEDIAÇÃO ATIVA TRANSDISCIPLINAR

O CÍRCULO DO QUESTIONAMENTO CIENTÍFICO[84]

(Roteiro Transdisciplinar para o Projeto de Pesquisa)

Luiz Eduardo V Berni

Um trabalho científico sempre procura responder perguntas. As três principais que se alternam entre si são: Qual? Por quê? O quê? Se você conseguir responde-las todo o resto ficará muito fácil. Estas três perguntas se alternam entre si conforme o diagrama abaixo:



1.Qual?

(a) **TÍTULO DO PROJETO** – Este item é o início de seu projeto. Dê um título provisório para o mesmo, ao final do roteiro ele poderá

[84] Este trabalho tem sua inspiração inicial no "Decálogo da Pesquisa" do Prof. José Queiroz do Programa de Ciências da Religião (PUCSP)

sofrer alteração. O título revela a **essência do trabalho** pode ser de dois tipos: a) Título principal deve/pode ser chamativo; b) subtítulo é o título cientifico propriamente dito

2. Por quê?

(b) **INTRODUÇÃO**– Neste item você deve explicar a suas razões, ou seja, por que determinado assunto interessa a você. Trata-se de uma questão de **cunho pessoal**, portanto explique como o assunto toca você.

(c) **JUSTIFICATIVA -** Neste item você deve explicar a **contribuição social**, ou seja, por que pesquisar ou realizar um trabalho neste campo é importante do ponto de vista da instituição de "um novo paradigma" (transpessoal, transdisciplinar)

(d) **OBJETIVOS –** O objetivo reduz a justificativa a poucas palavras, é sempre iniciado com um verbo no infinitivo, portanto, revela qual será a **ação da pesquisa**. Os objetivos podem ser gerais e específicos.

3. O quê?

(e) **CAMPO/PERGUNTA/ PROBLEMA/ OBJETO –** Neste item você deve conseguir identificar com clareza o que deseja estudar **delimitando o campo**. Uma pesquisa sempre se inicia a partir de um **problema**, pois a realização do trabalho deve contribuir para solucioná-lo. A busca do pela elucidação do problema é sua **pergunta de pesquisa**. Um problema pode ser, por exemplo, a falta de informação sobre um determinado assunto, ou a falta de eficiência em executar um determinado comportamento, ação, etc. Assim sua pesquisa poderá contribuir para melhorar o nível de informação sobre um tema. A compreensão clara do problema traz em si o **objeto da pesquisa**.

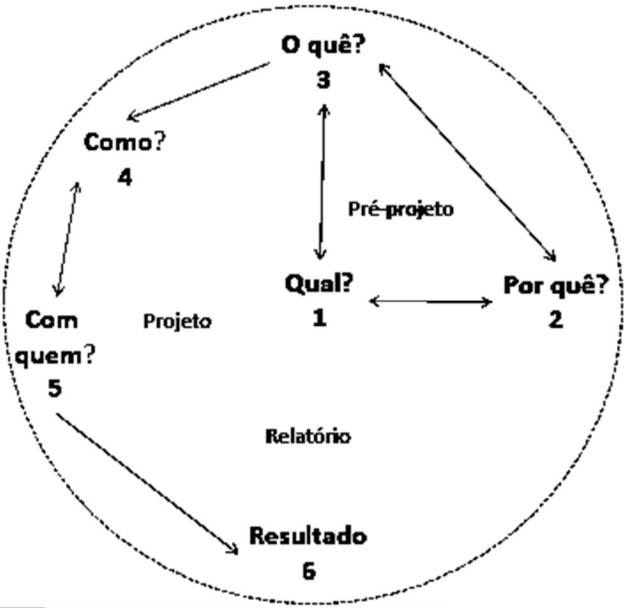
4. Como?

(f) **MÉTODO DE PESQUISA** – Neste item você deve apresentar o passo-a-passo de sua pesquisa, ou seja, a metodologia que utilizará para realizar o trabalho. O método é o **caminho lógico da pesquisa,** composto por um conjunto de **procedimentos intelectuais e técnicos**. Ou seja, como fará para coletar os dados e para verificá-los, além de estabelecer um **cronograma** de trabalho.

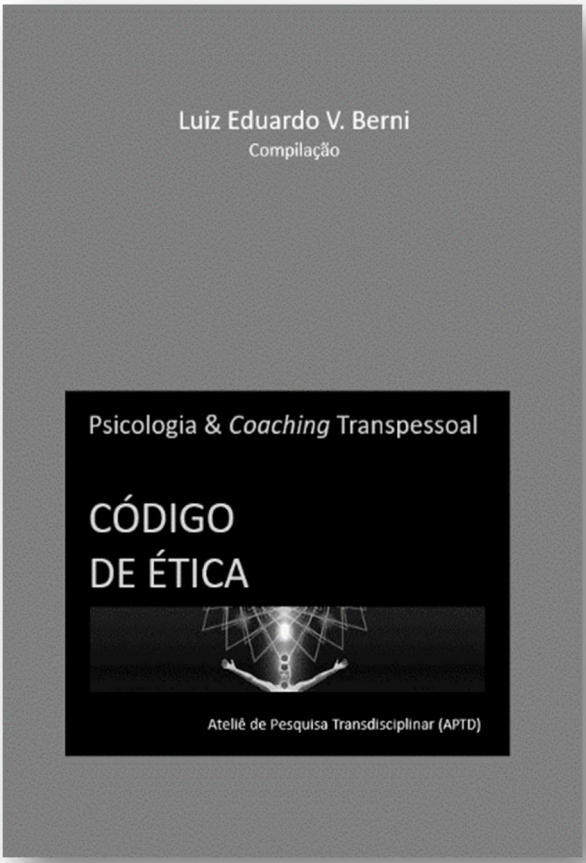
(g) **HIPÓTESE DE TRABALHO –** Neste item você deve fazer uma proposta de **como imagina que o problema poderá ser resolvido**. Procure se soltar aqui não tenha receio, pois a pesquisa é exatamente uma proposição que visa testar uma **hipótese para resolução do problema.** É claro que para isso você precisa estudar o problema para que sua hipótese seja coerente. A formulação da hipótese também decorrerá dos autores que irão fundamentar seu projeto. A hipótese é escrita numa frase assertiva.

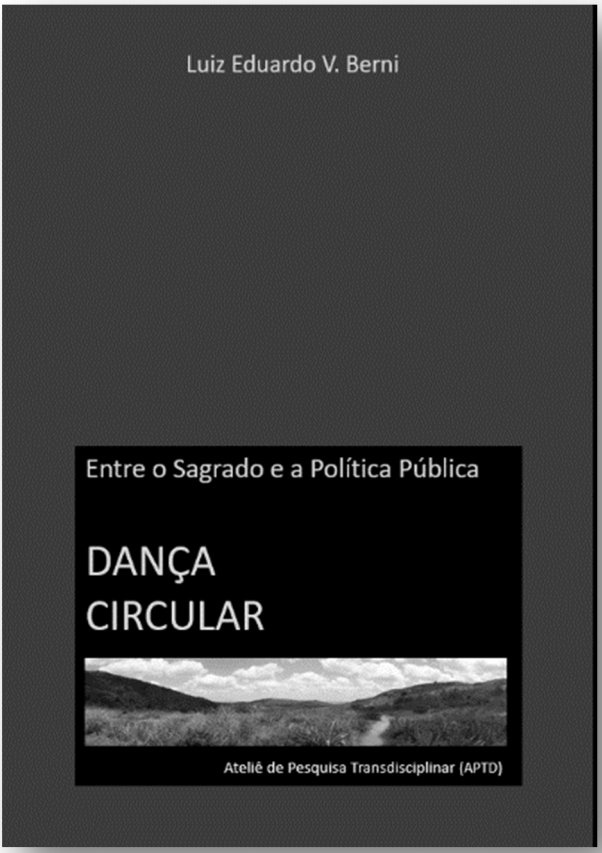
5. Com quem?

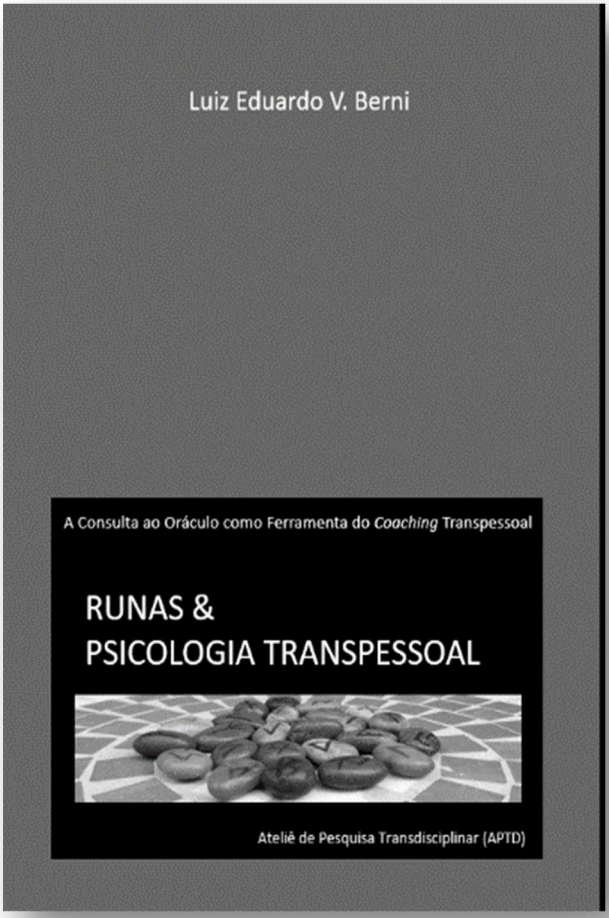
(h) **REFERENCIAL TEÓRICO** – Neste item você deverá citar quais **autores e obras com os quais vai dialogar** para resolver o problema, ou seja, aqueles que você pensa usar como referência teórica para seu trabalho. Talvez ao longo de sua pesquisa esse item possa ter acréscimos ou mesmo sofrer alterações. A definição de uma bibliografia ou de fontes onde um determinado assunto será pesquisado é fundamental para ajudar a dar forma num projeto.



O CÍRCULO TRANSDISCIPLINAR DA PESQUISA


Luiz Eduardo V. Berni
Compilação
Psicologia & *Coaching* Transpessoal
CÓDIGO
DE ÉTICA
Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD)


Luiz Eduardo V. Berni
Entre o Sagrado e a Política Pública
DANÇA
CIRCULAR
Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD)


Luiz Eduardo V. Berni
A Consulta ao Oráculo como Ferramenta do *Coaching* Transpessoal
RUNAS &
PSICOLOGIA TRANSPESSOAL
Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD)



Os autores são pesquisadores do Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar - APTD.
(da direita para a esquerda, de traz para frente) Nelson R. de Carvalho; Paulo César Grandi ; Adriana N. Abdala; Ricardo Barbosa; Luiz Eduardo Berni (orientador); José Carlos Ribeiro; Ana Maria de Queiroz; Kátia E. Freitas. de Lima; Celine Daniele Claro; Adelia Schlumpf

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-65-80507-00-9
9 786580 507009

APTD
Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar